

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Roldão Ribeiro Barbosa**

**DA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES AO CENTRO  
DE ESTUDOS SUPERIORES: UMA HISTÓRIA DA INSTALAÇÃO E  
CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM CAXIAS (1968-1994)**

TERESINA-PI

2011

**Roldão Ribeiro Barbosa**

**DA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES AO CENTRO  
DE ESTUDOS SUPERIORES: UMA HISTÓRIA DA INSTALAÇÃO E  
CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM CAXIAS (1968-1994)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes

Teresina – PI  
2011

Barbosa, Roldão Ribeiro

Da Faculdade de Formação de Professores ao Centro de Estudos Superiores: uma história da instalação e consolidação do ensino superior em Caxias (1968-1994) / Roldão Ribeiro Barbosa. \_\_ Teresina-PI, 2011.

292 p.: Il. Apêndices. Anexos.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes.

Dissertação (Mestrado) – UFPI / Programa de Pós-Graduação em Educação / Mestrado em Educação, 2011.

1. História da educação. 2. Formação de professor. 3. Ensino superior.

CDU 37(091)

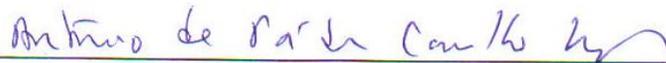
Roldão Ribeiro Barbosa

**DA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES AO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES: UMA HISTÓRIA DA INSTALAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO  
SUPERIOR EM CAXIAS (1968-1994)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Piauí, como exigência parcial para obtenção do título de  
Mestre em Educação.

Aprovado em 31 de agosto de 2011

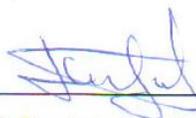
BANCA EXAMINADORA



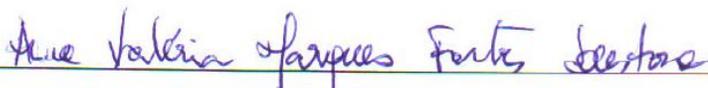
Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes (Orientador)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI



Prof. Dr. César Augusto Castro  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA



Prof. Dr. Luís Carlos Sales  
Universidade Federal do Piauí - UFPI



Profa. Dra. Ana Valéria M. Fortes Lustosa  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

A todos os agentes engajados na  
construção da história do Centro de  
Estudos Superiores de Caxias:  
Administrativos, Estudantes e  
Professores.

## AGRADECIMENTOS

Como toda ação de um agente requer esforço coletivo, agradeço a todos aqueles agentes pessoais e institucionais, individuais e coletivos que contribuíram sob qualquer forma para que essa dissertação fosse realizada, em particular:

O Deus, que tudo fez e possibilitou ciência ao homem para explicar sua obra.

O meu Pai, Francisco Ferreira Barbosa (*in memoriam*), que, antes de eu entender o *habitus* em Bourdieu, advertia-me, com senso prático, que “um padre surge em famílias religiosas”, isto é, certas funções exigem mais que vontade para exercê-las.

A minha Mãe, Maria José Ribeiro Barbosa, que, juntamente com meu pai, sempre apostaram na educação escolar como meio de emancipação dos pobres.

Os meus treze Irmãos/Irmãs, Oliveira, Maria Hildenêr, Maria da Saúde, Maria dos Remédios, Francisco Filho, Maria Natalete, Francisca, Paulo Henrique, Maria Goreth, Geraldo, Paulo César, Elizete (*in memoriam*) e Diana (*in memoriam*), com quem experimentei o processo de inculcação de um *habitus* familiar.

Os trinta e três agentes engajados na história do Centro de Estudos Superiores de Caxias e da Universidade Estadual do Maranhão que, tão generosamente, partilharam comigo as suas histórias de vida, em particular suas lembranças do tempo vivido na instituição: Manoel Ferreira Lima, Sílvia Maria Carvalho Silva, Raimundo de Abreu Sobrinho, Edmée da Costa Leite, Deusiano Bandeira de Almeida, Valquíria Araújo Fernandes Reverendo Sillas Marques Serra, Genival Costa e Silva, Francisca Araújo Silva, Maria de Fátima Gomes Pereira, Valdécio Inácio de Oliveira, Arthur Almada Lima Filho, Irmã Gemma de Jesus Carvalho, Maria de Fátima Costa Félix, Aluízio Bittencourt Albuquerque, José de Ribamar Cardoso, Paulo Coutinho, Maria de Fátima Alencar Rios, Dalva de Almeida e Silva, Raimunda Barros Borba, Édna Maria Guimarães Silva, Raimundo Luis Ferreira de Almeida, Jacques Inandy Medeiros, Francisco Limeira de Oliveira, José Ribamar Martins Filho, Francisco Zuilton Gonçalves vieira, Lélia de Oliveira Cruz, Lidinalva de Almada Coutinho, Agostinho Ribeiro Neto, Maria de Lourdes Araújo de Oliveira, José de Ribamar Farias, Francinaldo de Jesus Morais e Elizeu Arruda.

A Universidade Estadual do Maranhão, que me possibilitou fazer esse Mestrado.

Os funcionários da Divisão de Escolaridade do Centro de Estudos Superiores de Caxias, do Arquivo Público do Maranhão, da Agência do IBGE em Caxias e em São Luís, que colocaram os acervos dessas instituições à disposição dessa pesquisa.

O então diretor do Centro de Estudos Superiores de Caxias, Raimundo Luís F. Almeida, por me ter colocado à disposição o acervo da diretoria, sem restrição.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí por ter me dotado de instrumentais para a compreensão do fenômeno educativo, na pessoa dos docentes que ministraram as disciplinas necessárias para a acumulação do capital mínimo em crédito exigido pelo Mestrado: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria do Amparo Borges Ferro, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmem Lúcia de Oliveira Cabral; Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Glória Soares Barbosa Lima e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Valéria Marques Fortes Lustosa; Prof. Dr. Luís Carlos Sales; Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Vilani Cosme de Carvalho, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Antônia Edna Brito e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bárbara Maria Macedo Mendes.

O Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes, que me aproximou de Pierre Bourdieu para servir de base teórica no tratamento do meu objeto de pesquisa na perspectiva histórica, sem que eu abjurasse das crenças que se incorporaram em mim ao longo de mais de trinta anos de relação com a academia e o partido político.

À 17<sup>a</sup> Turma do Mestrado pelo espírito de companheirismo: Alan Kardec C. Sarmiento, Alci, Ana Gabriela N. Fernandes, Carlos Educardo G. Leal, Carlos José de S. Carneiro, Claudia Maria L. da Costa, Cledinalva Oliveira, Cristina C. de Araújo, Diane M. Feitosa, Eliene Maria V. de F. Pierote, Elillian B. e Silva, Fran-Clane S. Carvalho do Nascimento, Francisca dos S. Texeira, Gilmar A. da Silva, Jesus Assunção, Joaci, Juliana B. de Araújo, Lidenora Araújo, Lucimara (*in mempriam*), Lucineide Maria, Maria Genilda M. Cardoso, Samara Maria V. da Silva, Samara O. Silva, Simone C. de Oliveira e Maria do Perpétuo Socorro S. Castelo Branco.

A Samara Viana, a Juliana, a Socorrinha e a Ana Gabriela, companheiras de equipe. A Leila Raquel e a Cássia Elita, que me presentearam a revisão gramatical do texto; e a Elianrockson, Dênis e Hildenêr, pela colaboração na transcrição de entrevistas.

Minha esposa, Maria de Lourdes, e meus filhos, Gabriela, Raoni e Ernesto Augusto, que me motivaram até a aprovação na seleção dizendo como o poeta: "Tente! Tente outra vez!". E no decorrer do curso, diante das minhas limitações e dificuldades, dizendo com o eterno comandante Che Guevara: "Adelante, compañero. Hasta la victoria final!".

A razão e a razão de ser de uma instituição (ou de uma medida administrativa) e dos seus efeitos sociais, não está na “vontade” de um indivíduo ou de um grupo mas sim no campo de forças antagonistas ou complementares no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos *habitus* dos seus ocupantes, se geram as “vontades” e no qual se define e se redefine continuamente, na luta – e através da luta – a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais, previstos e imprevistos.

Pierre Bourdieu<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 12. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 81.

## RESUMO

BARBOSA, Roldão Ribeiro. **Da Faculdade de Formação de Professores ao Centro de Estudos Superiores**: uma história da instalação e consolidação do ensino superior em Caxias (1968-1994). 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

Esse estudo sobre o Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), compreendendo o recorte temporal de 1968 a 1994, diz respeito ao processo histórico de instalação e consolidação do ensino superior em Caxias, desde a criação da Faculdade de Formação de Professores, em 1968, pela Lei 2.821, enquanto autarquia com identidade jurídica própria, passando por sua incorporação à Federação das Escolas Superiores do Maranhão, à sua transformação em unidade de estudos de educação e centro de estudos superiores da Universidade Estadual do Maranhão, por força da Lei 5.921/94. A revisão bibliográfica e a construção do *corpus* documental possibilitaram a percepção de que a vida acadêmica do CESC teria relação com o fato de que, conforme as propriedades de um campo em Bourdieu, o CESC não tinha a configuração de um campo acadêmico. Daí o problema científico: Como o CESC se constituiu, se caracterizou e se situou como instituição do campo acadêmico maranhense e brasileiro no período de 1968 a 1994? A tentativa de resposta ao problema foi elaborada compreendendo os aspectos da institucionalização, da atuação dos agentes na interface com a realidade e da formação docente enquanto finalidade para a qual a instituição foi criada. O processo metodológico de construção histórica do objeto compreendeu pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica compreendeu revisão sobre: história do ensino superior no Brasil e no Maranhão; teorias da história; e o aporte teórico oferecido por Pierre Bourdieu, que serviu de pedra angular da construção da narrativa histórica do CESC. A pesquisa documental consistiu de consulta a fontes documentais pertinentes à instituição, tais como leis, decretos, estatutos, portarias, resoluções, relatórios, projetos, atas, fotografias, placa e convite de formatura, reportagens jornalísticas e entrevistas com trinta e três agentes que tiveram participação na vida do CESC ao longo do recorte temporal. E ao longo dos três capítulos da obra, construída sob os aspectos da institucionalização, da atuação dos agentes e da formação docente, perpassou uma reflexão tendo por base três conceitos centrais da obra de Bourdieu: campo, *habitus* e capital. A conclusão foi que, embora a instituição se configurasse em tudo como parte do campo acadêmico, de acordo com as propriedades elencadas por Bourdieu, os seus agentes, apesar de estarem preocupados com o cumprimento da finalidade para a qual foi criado o CESC, que era a de formar professores para a educação básica, ainda não estavam atentos ao seu caráter ou natureza de instituição universitária com a tríplice função de ensino, pesquisa e extensão, realizando entusiasticamente a função de ensino, esporadicamente a função de extensão e nunca a função de pesquisa, ainda devido a pouca internalização do *habitus* acadêmico.

**Palavras-chave:** História da Educação. Formação de professor. Ensino superior.

## ABSTRACT

BARBOSA, Roldão Ribeiro. **College of formation of teacher to the center of higher education**: a history of the installation and consolidation of higher education in Caxias (1968-1994). 251 f. Thesis (Master in Education) - University of Piauí, Teresina, 2011.

This study of the Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), including the time frame from 1968 to 1994, relates to the historical process of installation and consolidation of higher education in Caxias, since the creation of the Faculty of Teacher Training in 1968 by Law 2821, while local authority with its own legal identity, through their incorporation into the Federation of Schools of Maranhão, its transformation into unit studies and education center for graduate studies at the University of Maranhão State, pursuant to Law 5921 / 94. The literature review and the construction of the corpus of documents allowed the perception that the academic life of CESC would have related to the fact that, as the properties of a field in Bourdieu, the CESC was not setting an academic field. Hence the scientific problem: As the CESC was formed, was characterized and stood as an institution of academic fields and Maranhão in Brazil between 1968 and 1994? The tentative answer to the problem was developed comprising aspects of institutionalization, the activities of agents in the interface with reality while teaching and training purposes for which the institution was created. The methodological process of historical construction of the object understood bibliographical and documentary research. The literature review consisted of: history of higher education in Brazil and Maranhão, theories of history, and the theoretical approach offered by Pierre Bourdieu, who served as the cornerstone of the historical narrative of the CESC. The desk research consisted of consulting documentary sources relevant to the institution, such as laws, decrees, statutes, ordinances, resolutions, reports, projects, minutes, photographs, and an invitation card for graduation, news reports and interviews with thirty-three officers who had participation in the CESC during the time frame. And over the three chapters of the work, built on aspects of the institutionalization of the activities of agents and teacher training, passed over a reflection based on three central concepts of Bourdieu's work: field, habitus and capital. The conclusion was that although the institution is set to all as part of the academic field, according to the properties listed by Bourdieu, their agents, although they are concerned with the fulfillment of the purpose for which the CESC was created, which was to train teachers for basic education, were not yet aware of its character or nature of the university with the triple function of teaching, research and extension, enthusiastically performing the function of teaching, the extension function sporadically and never search function also due to poor internalization of academic habitus.

Keywords: History of Education. Formation of teacher. Higher education.

## LISTA DE SIGLAS

AAA	Associação Atlética Acadêmica
AAU	Associação Atlética Universitária
AEB	Anuário Estatístico do Brasil
APPSC	Associação Profissional de Professores Secundários de Caxias
APRUEMA	Associação dos Professores da UEMA
ASSUEMA	Associação dos Servidores da UEMA
CADES	Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CEE	Conselho Estadual de Educação
CEPE	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CFE	Conselho Federal de Educação
CESC	Centro de Estudos Superiores de Caxias
CESC	Centro de Estudos Superiores de Bacabal
CEUCA	Centro dos Estudantes Universitários de Caxias
CEUEMA	Congresso de Estudantes da UEMA
CONSUN	Conselho Universitário
COPEAVE	Comissão Permanente de Vestibular
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DAT	Diretório Acadêmico Tiradentes
DCE	Diretório Central dos Estudantes
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FEC	Faculdade de Educação de Caxias
FFP	Faculdade de Formação de Professores
FESM	Federação das Escolas Superiores do Maranhão
FFPEM	Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUM	Fundação Universidade do Maranhão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NUTEPE	Núcleo de Tecnologia e Pesquisas
PCCS	Plano de Carreira Cargo e Salário
PROCAD	Programa de Capacitação de Docentes
SEEDUC	Secretaria de Educação e Cultura
SINTEMA	Sindicato dos Trab. em Estab. de Ensino de 3°.Gr. do Est. do MA
SOMACS	Sociedade Maranhense de Cultura Superior
SUDEMA	Superintendência do Desenvolvimento do Maranhão
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIDE	Tempo Integral e Dedicção Exclusiva
UEEC	Unidade de Estudos de Educação de Caxias
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UM	Universidade do Maranhão
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Matrículas no ensino primário e secundário no Maranhão - 1968	26
Tabela 2. Estabelecimentos de ensino primário e secundário no Maranhão - 1968	27
Tabela 3. Corpo docente no ensino primário e secundário no Maranhão - 1968	27
Tabela 4. Matrículas no ensino primário e secundário em Caxias - 1968	28
Tabela 5. Estabelecimentos de ensino primário e secundário em Caxias - 1968	29
Tabela 6. Corpo docente do ensino primário e secundário em Caxias - 1968	30
Tabela 7. O ensino superior no Maranhão - 1968	32
Tabela 8. Matrículas por níveis de ensino no Maranhão – 1964 a 1970	33
Tabela 9. Matrículas por níveis de ensino no Maranhão – 1971 a 1991	34
Tabela 10. Pessoas com curso completo na área de ensino no Maranhão – 1960, 1970, 1980 e 1991	35
Tabela 11. Mapa das dependências utilizadas na FEC - 1977	61
Tabela 12. Acervo da Biblioteca Vespasiano Ramos - 1977	63
Tabela 13. Resultado do plebiscito da federalização da UEMA em 30.05.1985	76
Tabela 14. Situação discente nos cursos da UEEC – 1986 a 1989	99
Tabela 15. Resultados de vestibulares de 1970 a 1994.	223
Tabela 16. Concludentes das turmas de 1972 a 1994	225

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Instituições de ensino superior criadas no governo Sarney	25
Quadro 2. Professores da USP na FFPEM de Caxias de 1970 a 1971	46
Quadro 3. Corpo docente da FFPEM de Caxias em 1973	49
Quadro 4. Corpo docente da FEC em 1977	64
Quadro 5. Organização departamental na UEEC - 1982	93/4
Quadro 6. Docentes da UEEC por formação e qualificação - 1985	97/8
Quadro 7. Mapeamento da área da UEEC em 1990	100
Quadro 8. Professores da UEEC por departamento em 1990	101/02
Quadro 9. 1ª Diretoria do DAT – 1973	110
Quadro 10. Resultado de eleições estudantis do DCE, DAT E AAAC - 1986	135
Quadro 11. Resultado de Plebiscito na UEEC – 1993	149
Quadro 12. Matrizes curriculares dos cursos da FFPEM de Caxias, em 1970.	179/80

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reunião na FEC no Auditorium Leôncio Magno após 1973	48
Figura 2 – Resolução de 26.07.1974 que autorizou o funcionamento da FEC	50
Figura 3 – Reunião no Pavilhão B - 1973	52
Figura 4 – Construção do Pavilhão A, em 1973	52
Figura 5 – Pavilhão A inaugurado em 1974	53
Figura 6 – Reunião no Auditório Leôncio Magno em 1976	54
Figura 7 – Fachada da FFPEM de Caxias em 1973	55
Figura 8 – Planta de situação da FFPEM de Caxias em 1973	60
Figura 9 – Laboratório de Química e Biologia	62
Figura 10 – Laboratório de Física	62
Figura 11 – Oficina de Carpintaria	62
Figura 12 – Estudantes na oficina de carpintaria	62
Figura 13 – Biblioteca Vespasiano Ramos: administração e acervo - 1976	63
Figura 14 – Biblioteca Vespasiano Ramos: espaço dos consulentes - 1976	63
Figura 15 – Estudantes acampados à porta da Assembléia Legislativa - 1989	86
Figura 16 – Solenidade de posse da 1ª diretoria do DAT, em 1973	110
Figura 17 – Noite Folclórica na FEC - 1976	114
Figura 18 – Comissão do MEC em noite folclórica, em 1976, na FEC.	114
Figura 19 – Solenidade no Auditório da FEC - 1976	115
Figura 20 – Irmã Gema Carvalho em seu gabinete.	119
Figura 21 – Diretoria do DAT ladeando o novo diretor da UEEC - 1987	137
Figura 22 – Ato de posse de Joaquim como Coordenador da UEEC - 1987	149
Figura 23 – Capa de folheto da campanha plebiscitária - 1990.	144
Figura 24 – Ocupação da Reitoria da UEMA – 1993	151
Figura 25 – Chamada: Semana de G. Dias e Vespasiano Ramos - 1973	154
Figura 26 – Vespasiano Ramos	154
Figura 27 e 28 – Festa Folclórica pelo DAT – 1973	155
Figura 29 – Convite para a Festa dos Calouros da FEC em 21.04.1979	159
Figura 30 – 1ª Turma de Ciências da FFPEM de Caxias, em janeiro de 1970	181
Figura 31 – Turma do curso parcelado de Ciências em 1973	202
Figura 32 – Convite: 1ª colação de grau da FEC (21.01.1978) (anverso)	208
Figura 33 – Convite: 1ª colação de grau da FEC (21.01.1978) (verso)	209
Figura 34 – Placa de formatura da 1ª Turma de formandos de 1972-1977	210
Figura 35 – Vestibular de 1978: candidatos adentrando o prédio da FEC	212
Figura 36 – Vestibular de 1978: candidatos fazendo provas	212
Figura 37 – Segundo vestibular de 1983: candidatos adentrando a UEEC	220

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
2	<b>A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM CAXIAS</b>	21
2.1	<b>A educação escolar no Maranhão quando da criação de “uma Faculdade, na cidade de Caxias, para a formação de professores”</b>	25
2.2	<b>Da criação à instalação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias (1968-1971)</b>	36
2.2.1	O convênio com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP	41
2.2.2	A ação da Missão Docente da FFLCH da USP na FFPEM de Caxias	45
2.3	<b>Da FFPEM à FEC: da “solução caseira”, em 1971, ao reconhecimento e consolidação.</b>	48
2.4	<b>A UEEC no bojo da Universidade Estadual do Maranhão</b>	68
2.4.1	Uma transmutação nominal de FESM para UEMA	68
2.4.2	A crise na UEMA e as tentativas de federalização	70
2.4.3	Sobrevive a UEMA graças à luta de todos e à ousadia dos estudantes	81
2.5	<b>Organização e funcionamento da UEEC</b>	93
3	<b>OS AGENTES NA INTERFACE COM A REALIDADE</b>	106
3.1	<b>Processo sucessório de direção e relações de poder</b>	106
3.2	<b>Interação FFPEM/FEC/UEEC e comunidade</b>	152
3.3	<b>Qualificação do quadro docente</b>	167
4	<b>A FORMAÇÃO DOCENTE E O CESC</b>	172
4.1	<b>Motivações para ingresso e condições de permanência</b>	173
4.2	<b>O processo pedagógico</b>	179
4.3	<b>A relação ingressos-egressos</b>	200
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	228
	<b>REFERÊNCIAS</b>	232
	<b>APÊNDICES</b>	256
	<b>ANEXOS</b>	261

## 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo sobre o Centro de Estudos Superiores de Caxias - CESC, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, desde sua concepção inicial, apresentada na seleção para o Mestrado em Educação na UFPI em 2008, pretendeu ser história e memória da instalação e consolidação da primeira instituição de ensino superior em Caxias. Naquele ano, o CESC havia completado 40 anos de existência. O CESC teve sua criação autorizada pela Lei 2.821, de 23 de fevereiro de 1968, sancionada pelo Governador José Sarney,<sup>2</sup> com a seguinte ementa: “Autoriza o Poder Executivo criar uma Faculdade, na cidade de Caxias, para formação de professores e dar outras providências”.<sup>3</sup>

Tendo feito uma revisão bibliográfica e iniciado a construção do *corpus* documental foi verificado que as concepções de campo, *habitus* e capital, construídas por Pierre Bourdieu, poderiam ajudar a compreender o objeto da pesquisa, a instalação e consolidação do ensino superior em Caxias, considerando, inclusive, a utilização por outros pesquisadores, como Guiomar de Oliveira Passos,<sup>4</sup> desse referencial para a compreensão do ensino superior. Daí surgiu a intuição de que a inércia e a apatia no CESC estariam relacionadas com o seu processo de institucionalização e consolidação enquanto campo acadêmico, ou seja, teria a ver com o fato de o CESC ainda não se configurar como campo acadêmico na acepção de Pierre Bourdieu, para quem

---

<sup>2</sup> José Sarney foi Governador do Maranhão de 1966-1970. José Ribamar Ferreira de Araújo Costa nasceu na cidade de Pinheiro, Maranhão, em 24 de abril de 1930. Adotou o nome de Sarney em homenagem ao pai, Sarney de Araújo Costa. Formado em direito em 1954, quando ingressou na política como suplente do deputado federal pela UDN (União Democrática Nacional). Foi presidente da República de 1985 a 1990. Exerceu o mandato de senador de 1971 a 1985, pelo Maranhão, e de 1991 é senador pelo estado do Amapá, tendo sido nesses períodos, várias vezes, presidente do Congresso Nacional, sempre em partido de sustentação do chefe do executivo.

<sup>3</sup> MARANHÃO. Diário Oficial, a. 61, n. 39, f. 1, em 05 fev. 1968. A instituição recebeu as seguintes denominações ao longo de sua existência: Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio (FFPEM - 1968), Faculdade de Educação de Caxias (FEC - 1972), Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC - 1981) e Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC - 1994).

<sup>4</sup> PASSOS, Guiomar de Oliveira. Universidade brasileira e atitude de classe: a prática docente entre 1930 e 1960. 1997. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina.

PASSOS, Guiomar de Oliveira. A Universidade Federal do Piauí e suas marcas de nascer: conformação da Reforma Universitária de 1968 à sociedade piauiense. 2003. 302f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília

[...] un campo puede ser definido como una red o una configuración de relaciones objetivas entre posiciones. Estas posiciones están objetivamente definidas, en su existencia y en las determinaciones que imponen sobre sus ocupantes, agentes o instituciones, por su situación presente y potencial (*situs*) en la estructura de distribución de especies del poder (o capital) cuya posesión ordena el acceso a ventajas específicas que están en juego en el campo, así como por su relación objetiva con otras posiciones (dominación, subordinación, homología, etcétera).<sup>5</sup>

Portanto, os conceitos de campo, poder simbólico, capital cultural, capital simbólico, reprodução e *habitus* são recorrentes no desenvolvimento da dissertação.

Então foi formulado o seguinte problema científico: Como o CESC se constituiu, se caracterizou e se situou como instituição do campo acadêmico maranhense e brasileiro no período de 1968 a 1994?

Na tentativa de construir possíveis respostas à indagação acima, foram formuladas as seguintes questões norteadoras da pesquisa:

1ª questão: Como se processou a institucionalização e consolidação do CESC enquanto instituição de ensino superior?

2ª questão: Como os agentes do CESC atuaram na interface com a realidade?

3ª questão: Como o CESC, no processo de formação docente, enquanto campo acadêmico, mobilizou o seu capital acadêmico puro e capital acadêmico institucionalizado<sup>6</sup> para cumprir a sua missão institucional?

A instalação do CESC foi compreendida como parte de uma política de interiorização da educação superior no Maranhão e de formação de recursos humanos para a educação básica, no contexto da Mesorregião Leste Maranhense e em particular da microrregião de Caxias e do município de Caxias. Por se tratar fundamentalmente de uma memória, construída principalmente a partir de lembranças de acontecimentos vividos por diversos agentes do processo de construção e consolidação do Centro de Estudos Superiores de Caxias da

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *Uma invitación a la sociología reflexiva*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008, p. 134/135. "... um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Estas posições estão objetivamente definidas, em sua existência e nas determinações que impõem sobre seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação presente e potencial (*situs*) na estrutura de distribuição de espécies do poder (o capital) cuja posse ordena o acesso a vantagens específicas que estão em jogo no campo, assim como por sua relação objetiva com outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.) (tradução nossa).

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.

Universidade Estadual do Maranhão - CESC/UEMA, esse estudo se constitui em subsídio interessante para a compreensão da história da educação em Caxias e no Maranhão, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”, diz Walter Benjamin.<sup>7</sup>

A pesquisa teve por objetivo construir uma história da institucionalização e consolidação do CESC/UEMA (1968-1994) como instituição escolar do campo acadêmico destinada a formar professores para a educação básica no Estado do Maranhão.

Nessa perspectiva foram delineados como objetivos específicos:

1) Narrar o processo de institucionalização do ensino superior em Caxias, desde os primeiros movimentos de criação (1968), pelo então Governador José Sarney, a instalação pela “missão docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, os percalços (1970-1971), o reconhecimento (1977), a plenificação (1985) e a diversificação de finalidade (1994).

2) Narrar a atuação dos agentes na interface com a realidade, em processos sucessórios e nas atividades do CESC para a comunidade acadêmica e para a comunidade local;

3) Narrar o processo de formação docente no CESC/UEMA, observando a relação ingresso/egresso, a realização das funções precípua de uma instituição pedagógica e a qualificação de seus docentes.

O recorte temporal da pesquisa – 1968 a 1994 – corresponde a dois marcos temporais fundamentais na história do CESC/UEMA, que são: o primeiro, a sua criação em 1968, como Faculdade de Educação, com natureza de instituição formadora de professores, para o 1º ciclo do ensino médio (ginásio), depois estendendo-se para o 2º ciclo, com a plenificação; e o segundo, a diversificação de sua natureza, em 1994, quando passou a comportar cursos de outras áreas além da área de educação, a exemplo do curso de Enfermagem (1994), por força da reforma administrativa da UEMA (Lei 5.921, de 15 de março de 1994, e da Lei 5.931, de 22 de abril de 1994). Portanto, o recorte pesquisado corresponde à fase do CESC/UEMA como instituição exclusivamente voltada para a formação docente, ofertando cursos de licenciatura.

---

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 37

O processo metodológico de construção do objeto compreendeu três ações fundamentais interrelacionadas: revisão bibliográfica, construção de *corpus* documental e análise e discussão.

a) Através de uma **revisão bibliográfica** fez-se apropriação de base teórica constituída de conteúdo historiográfico, conceitos e teorias, enquanto instrumentais úteis para contextualização, compreensão e análise do objeto. Da historiografia é de bom alvitre ressaltar Anísio Teixeira<sup>8</sup> e Luiz Antônio Cunha,<sup>9</sup> além dos historiadores locais Mário Meireles,<sup>10</sup> Denei Fonseca<sup>11</sup> e Irmã Gemma Carvalho.<sup>12</sup> Houve a pretensão de tomar Pierre Bourdieu<sup>13</sup> para pedra angular desse edificação.

b) A **construção do *corpus* documental**, através de fontes documentais, hemerográficas, iconográficas e orais. As fontes documentais compreenderam leis, decretos, resoluções, portarias, ofícios, cartas, memorandos, requerimentos, relatórios, censos, anuários estatísticos, atas, manifestos, panfletos, etcétera, referentes ao CESC e à UEMA. As fontes hemerográficas eram constituídas pelos jornais Folha de Caxias (1964-1973), O Pioneiro (1974-1994), Diálogos do Alecrim (1973-1974), Vanguarda (1986-1987) e O Imparcial (1989). As fontes iconográficas consistiram de registros fotográficos diversos (eventos, pessoas, objetos, planta,

<sup>8</sup> TEIXEIRA, Anísio. *O ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1968*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

<sup>9</sup> CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade temporã: o ensino superior da Colônia à Era Vargas*. 3. ed. São Paulo: EdUNESP, 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade crítica: o ensino superior na república populista*. 3. ed. São Paulo: EdUNESP, 2007b

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior*. 2. ed. São Paulo: UNRSP, 2007.

<sup>10</sup> MEIRELES, Mário Martins. *O ensino superior no Maranhão; esboço histórico*. São Luís: UFMA, 1981.

<sup>11</sup> FONSECA, Denei Maria Cunha. *Prática pedagógica e realidade social: um estudo crítico sobre a experiência da Unidade de Estudos de Educação de Caxias*. São Luís, MA: UFMA/Secretaria de educação, 1985.

<sup>12</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. *A Faculdade de Educação de Caxias: a trajetória de muitas lutas e grandes vitórias*. Caxias, MA: Nova Expansão Gráfica e Editora, 2007.

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Seg. reimpr. da 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 7. Ed. Campinas, SP: Papirus, 1996

BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Alice Nogueira; CATANI, Afrânio. *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 2 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1999

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. O esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 61.

dependências e prédio), entre 1970 e 1987). As fontes orais consistiram de entrevistas feitas, na perspectiva da história oral,<sup>14</sup> com agentes que tiveram atuação no CESC e/ou na UEMA no período em recorte, na qualidade de aluno, de agente administrativo, de professor, de diretor de unidade e reitor, numa tentativa de construir a tessitura da história a partir de diferentes olhares, intentando “escovar a história a contrapelo”.

Ao todo 33 agentes contribuíram para a construção das fontes orais, dentre 92 levantados como os mais representativas dos quatro segmentos da comunidade universitária, nos diferentes tempos de desenvolvimento do CESC/UEMA, a saber: 12 estudantes; 08 administrativos; 08 professores; 06 gestores.<sup>15</sup> Porém, em se tratando de uma pesquisa histórica, o tamanho real da amostra<sup>16</sup> foi determinado pela extensão do recorte e o tempo disponível para a redação do trabalho. A composição da amostra considerou o grau de envolvimento dos agentes com a instituição e/ou tempo de permanência na mesma.

c) **Análise e discussão** perpassam todo o texto, ora pontuando elementos em textos e tabelas ora dialogando com os autores, em particular iluminando a produção com os conceitos de Pierre Bourdieu, interrogando as diferentes fontes, pois segundo Cardoso e Vainfas,

[...] um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. Ao debruçar-se sobre o documento, o historiador deve sempre atentar, portanto, para o modo através do qual se apresenta o conteúdo histórico que pretende examinar, quer trate de uma simples informação, quer se trate de ideias”.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> DELGADO, L. de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.; MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007; MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: contexto, 2007.

<sup>15</sup> Na lista de gestores consta o presidente da FESMA e um reitor porque os mesmos foram detentores de poder político e simbólico na relação com o CESC/UEMA.

<sup>16</sup> PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean *et al.* *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 154. A palavra amostra é tomada no seu sentido amplo que designa “o resultado de qualquer operação visando constituir o corpus empírico de uma pesquisa”, não tendo a precisão estatística como em pesquisa quantitativa.

<sup>17</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 18. reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 377.

Portanto, nesse momento é que se realizou o ofício propriamente do historiador, pois se fez a devida interrogação aos achados em vista das respostas às questões colocadas como problema, como questões norteadoras e objetivos.

O estudo intitulado **Da Faculdade de Educação ao Centro de Estudos Superiores (1968-1994): uma história da instalação e consolidação do ensino superior em Caxias** é composto de três capítulos: 1 A institucionalização do ensino superior em Caxias; 2 A atuação dos agentes na interface com a realidade; 3 O CESC como instituição de formação docente.

O primeiro capítulo, sobre a institucionalização do ensino superior em Caxias, rememora inicialmente um pouco do ensino superior no Maranhão; aborda em linhas gerais a educação escolar no Maranhão e em Caxias, quando da decisão de criar a instituição em 1968, e nos anos seguintes; descreve o processo de criação e instalação da instituição e todo o trabalho desenvolvido para que continuasse após o fim do convênio com a USP e fosse reconhecida e depois plenificados seus cursos.

O segundo capítulo, sobre a atuação dos agentes na interface com a realidade, narra e analisa os processos sucessórios de direção da instituição, nos vários momentos, bem como ações desenvolvidas para a instituição e para a comunidade do seu entorno.

No terceiro capítulo, sobre a formação docente na instituição, são expostos e analisados dados de ingressos e egressos na trajetória dos 26 anos da instituição, procurando responder à indagação sobre o cumprimento efetivo dos objetivos que nortearam sua criação.

Esse trabalho deseja ser um subsídio à construção da História da Educação em Caxias e à construção da História da Educação no Maranhão.

## 2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM CAXIAS

A instalação de cursos de nível superior no Brasil, assim como no Maranhão e nos demais pontos do Continente Americano, remonta ao período colonial, mas a organização na forma universitária, Segundo Luiz A. Cunha, foi temporã, tardia, um século após a independência.<sup>18</sup> A organização do ensino superior que se seguiu à era Vargas pouco tinha de universitária no sentido estrito, pois havia mais estudantes nas escolas isoladas e era voltada para a formação profissional, segundo o modelo napoleônico em contraposição ao modelo alemão do livre pensar humboldtiano.<sup>19</sup> Mas o modelo organizacional apresentado pela reforma universitária de 1968 era norte-americano, o qual subordinava a universidade à empresa capitalista.<sup>20</sup>

No Maranhão Colonial, o Convento do Carmo, dos padres Carmelitas (1727) e o Colégio Nossa Senhora da Luz, dos Jesuítas (1731), estavam “autorizados pelo papado a ministrarem cursos que outorgavam o grau de doutor aos que aí concluíssem seus estudos”.<sup>21</sup> Mas após a expulsão dos jesuítas em 1759, do Brasil e do Maranhão, não há registro de tentativas de implantação de ensino superior no Maranhão no Século XVIII e XIX.

O ensino superior [...] só ocorria através de concessão de bolsas para o estrangeiro que, por força da Lei 810 de 05 de maio de 1835, a Assembléia Provincial autorizava a Presidência à manutenção de três maranhenses pobres e talentosos na Europa, para estudos de Ciências Naturais.<sup>22</sup>

A trajetória do ensino superior no Maranhão foi recomeçada efetivamente a partir de 1918<sup>23</sup>, com a criação da Faculdade de Direito do Maranhão, em 28 de

<sup>18</sup> CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade temporã*. 3. ed. São Paulo: EdUNESP, 2007, p.15.

<sup>19</sup> \_\_\_\_\_. *A universidade crítica*. 3. ed. São Paulo: EdUNESP, 2007b, p. 17.

<sup>20</sup> \_\_\_\_\_. *A universidade reformada*. 2. ed. São Paulo: UNRSP, 2007, p. 13-22.

<sup>21</sup> SOARES, Ana Maria Saldanha de Castro. *O curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão: discurso e prática*. São Luís, MA: UFMA/Secretaria de Educação, 1984, p. 3; MARQUES, César Augusto. *Dicionário histórico e geográfico da Província do Maranhão*, 2. Ed. Rio: Seleta/Fonfon, 14970 apud MEIRELIS, Mário Martins. *O ensino superior no Maranhão: esboço histórico*. São Luís: UFMA, 1981, p.7.

<sup>22</sup> SOARES, Ana Maria Saldanha de Castro. *Ibidem*, p 3.

<sup>23</sup> MEIRELIS, Mário Martins. *O ensino superior no Maranhão: esboço histórico*. São Luís: UFMA, 1981, p.17-27; TÁJRA, Lêda M. C. *1º ciclo de estudos básicos da Universidade Federal do Maranhão*. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 2-27.

abril, sob a liderança de Fran Paxeco,<sup>24</sup> juntamente com Domingos Castro Perdigão e José Euzébio Carvalho de Oliveira.<sup>25</sup> Em 1919, Fran Paxeco e os médicos Luis Lobato Viana e Cesário dos Santos Veras, fundaram a Escola de Enfermagem, que não foi reconhecida. Em 1922, Luis Lobato Viana e Cesário dos Santos Veras criaram a Escola de Farmácia e Odontologia do Maranhão, com este curso adicionado só em 1925. Houve tentativa de criação da Faculdade de Medicina em 1929. Em 1932 foi criada a Escola de Agronomia do Maranhão, cujas atividades foram encerradas em 1939 pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Em 1941, o Ministério da Educação e Saúde fechou a Faculdade de Direito e a de Farmácia e Odontologia, no governo do Interventor Federal Paulo Ramos,<sup>26</sup> as quais foram reabertas e mantidas a partir de 1945 pela Fundação “Paulo Ramos”, de direito público, criada para manter o ensino superior no Estado, com as seguintes denominações: Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Luís (Decreto Federal 17.553, de 09.01.1945) e Faculdade de Direito de São Luís (Decreto Federal 17.558, de 10.01.1945). Tais faculdades, pela Lei Federal 1.254, de 04.12.1950, foram federalizadas pelo Presidente Gaspar Dutra, por interferência de Vitorino Freire.

A Fundação Paulo Ramos passou a mantenedora de uma Faculdade de Filosofia, para “concorrer para o aprimoramento da qualidade do magistério secundário, haja vista a decadência progressiva e alarmante do ensino do segundo grau(*sic*) que anualmente se demonstrava e confirmava nos exames vestibulares”.<sup>27</sup> Então, com o apoio da Igreja Católica, foi criada a Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão. O corpo docente foi metade indicado pela Academia Maranhense de Letras e metade pela Arquidiocese de São Luís. Em 15.08.1952 passaram a funcionar os cursos de Filosofia, Letras Neolatinas, Geografia e História e Pedagogia, sendo autorizados pelo Decreto 32.606, de 23.04.1953.<sup>28</sup>

Em 1948, a Igreja Católica criou a Escola de Enfermagem São Francisco de Assis, reconhecida pelo Decreto 30.628, de 11.03.1952, do Ministério da Educação

---

<sup>24</sup> Fran Pacheco era Cônsul de Portugal no Maranhão na época. Escritor e Consul de Portugal no Maranhão.

<sup>25</sup> José Euzébio Carvalho Oliveira foi Deputado Federal e Senador pelo Maranhão na Primeira República.

<sup>26</sup> Paulo Martins de Sousa Ramos foi interventor federal no Maranhão de agosto de 1936 a março de 1945.

<sup>27</sup> MEIRELES, Mário M. *O ensino superior no Maranhão: esboço histórico*. São Luís-MA: UFMA, 1981, p. 23.

<sup>28</sup> TÁJRA, Lêda Maria Chaves. *1º ciclo de estudos básicos da Universidade Federal do Maranhão*. São Luís: UFMA/SE, 1985, p. 18; MEIRELES, op. cit. 21-22.

e Cultura. Dom José de Medeiros Delgado,<sup>29</sup> Arcebispo de São Luís (1952-1963) pelo Decreto Episcopal n. 5, de 10.02.1953, criou a Escola Maranhense de Serviço Social que foi reconhecida pelo Estado por Lei 1.114, de 31.12.1953, passando a ser denominada de Escola de Serviço Social do Maranhão e depois Faculdade de Serviço Social do Maranhão, em 1960. Mas os ideais do arcebispo foram mais além.

Em 29.01.1955 o Arcebispo fundou a Sociedade Maranhense de Cultura Superior – SOMACS, que criou a Faculdade de Ciências Médicas, em 28.02.1957, autorizada em 03.07.1958 pelo Decreto n. 43.491 e reconhecida em 09.05.1966 pelo Decreto n. 58.364, da União. Em 18.01.1958 a Arquidiocese fundou a **Universidade do Maranhão**, integrada pelas instituições: Faculdade de Ciências Médicas, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Maranhão (da Fundação Paulo Ramos), Escola de Enfermagem São Francisco de Assis e Faculdade de Serviço Social, além da Rádio Educadora do Maranhão Rural Limitada, da Tipografia São José Limitada, Instituto de Líderes e da Escola Normal de Morros, tendo o Arcebispo como Chanceler da Universidade. Em 22.06.1961, pelo Decreto 50.832, foi reconhecida. O Governo do Estado cooperou doando o sítio “Sá Viana”, à margem esquerda da foz do Rio Bacanga, com 241 hectares, para a construção do *campus*.

A Universidade do Maranhão resultou de sonhos e tentativas malogradas, desde Sousândrade,<sup>30</sup> que propôs incluir na Constituição Estadual de 1892 a obrigação de criação da Universidade Atlântica, em São Luís, passando por D. Carmelo Mota<sup>31</sup> (1935-1944) e por Jorge Dino<sup>32</sup> (1955), mas depois vitoriosos na ação conjunta da sociedade civil e política, mediadas pela Arquidiocese.

Porém, depois dos esforços para construí-la, a Universidade do Maranhão entrou em dificuldades financeiras permanentes, cuja solução foi a sua transferência para a União, com a mediação do Governador José Sarney<sup>33</sup> (1966-1970), tendo o

---

<sup>29</sup> D. José Medeiros Delgado (1905-1988) foi arcebispo do Maranhão até 1952-1963 e do Ceará de 1963 a 1973.

<sup>30</sup> Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade (1833-1902), formado em Letras pela Sorbone, onde também cursou Engenharia de Minas, de 1871 a 1889 residiu nos Estados Unidos. No Maranhão foi presidente da Intendência Municipal de São Luís em 1889. Sua obra romântica foi esquecida e só resgatada a parti de 1960.

<sup>31</sup> Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890-1982) foi arcebispo do Maranhão de 1935 a 1944, quando criou o Colégio Marista e lutou pela restauração dos cursos superiores do Maranhão, na gestão do Interventor Paulo Ramos. Foi arcebispo de São Paulo de 1944 a 1974, sendo nomeado cardeal em 1946. Em São Paulo criou a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

<sup>32</sup> Deputado Federal Antônio Jorge Dino.

<sup>33</sup> FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres. (Orgs.). José Maria Cabral Marques. In: \_\_\_\_\_. *Memória de professores: histórias da UFMA e outras histórias*. São Luís; Brasília: UFMA; CNPq, 2005, p. 263.

Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) aceito e efetivado através da Lei 5.152, de 21.10.1966, que criou a **Fundação Universidade do Maranhão (FUM)** e aprovou seu Estatuto em Decreto 59.941, de 06.01.1967.<sup>34</sup>

A FUM, como um dos seus primeiros atos, em reconhecimento, concedeu a Castelo Branco o título de *Doctor honoris causa*, o qual, segundo Meireles,<sup>35</sup> ao receber o título, em solenidade de fundação da nova universidade, em 27.01.1967, disse: “É a primeira vez que o Governo Federal se une a uma unidade confessional para fazer surgir uma universidade”, ao que D. João Mota e Albuquerque<sup>36</sup> houvera dito: “A Universidade Católica se deixa morrer para dar vida a outra Universidade..., mas não pretendemos aplausos a este gesto de despojamento total”.

A preocupação da sociedade com a interiorização do ensino superior, mormente quanto à instalação de faculdades destinadas a formar professores, remonta ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, cujas teses, calcadas nos princípios do liberalismo democrático, advogavam a igualdade de oportunidades para todos. Mas o empenho para com a interiorização, enquanto política de governo, só foi se efetivando a partir da década de 1950, nas regiões Sul e Sudeste. E nas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste iniciou a interiorização na ditadura militar. Em verdade a interiorização do ensino superior é impulsionada pela política de expansão da rede pública de ensino fundamental e médio, que demandava professores com diplomas de licenciatura.

No Maranhão, a interiorização do ensino superior foi uma iniciativa do governo estadual, com a criação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias em 1968, com professores Universidade de São Paulo (USP). Depois, em 1972 a prefeitura de Imperatriz criou a Faculdade de Formação de Professores de Imperatriz, à semelhança de Caxias, com docentes da Universidade Federal do Paraná. Só na década de 1980 que o governo federal, através da Universidade Federal do Maranhão UFMA), empreendeu a interiorização do ensino superior no estado, nos municípios de Imperatriz, Codó, Bacabal e Chapadinha.

---

<sup>34</sup> À FUM foram anexadas as faculdades do governo federal, de Farmácia e Odontologia e de Direito, a particular de Ciências Econômicas e as faculdades da Universidade do Maranhão.

<sup>35</sup> MEIRELES, op. cit. p. 28-31.

<sup>36</sup> Dom João José da Mota e Albuquerque foi arcebispo do Maranhão de 1964 a 1984.

## 2.1 A educação escolar no Maranhão quando da criação de “uma Faculdade, na cidade de Caxias, para a formação de professores”<sup>37</sup>

O governador José Sarney, em 1966,<sup>38</sup> ao assumir, diagnosticou que faltava pessoal qualificado para tocar o projeto do “Maranhão Novo”, prometido na campanha eleitoral. Faltavam administradores, agrônomos, médicos e professores, principalmente,<sup>39</sup> algo já constatado pelo Censo de 1960.<sup>40</sup> O ensino médio (Ginásio e Colegial) estava entregue a professores leigos, pois havia só 113 graduados. Só dois eram diplomados em Administração, segundo José Maria Cabral,<sup>41</sup> o qual narra:

Numa reunião com os secretários, Sarney fez o seguinte comentário: ‘Puxa! Essa Universidade [do Maranhão] aí não sai com outros cursos necessários ao Maranhão, só tem essas carreiras tradicionais. Não tem Administração, Engenharia, Agricultura, Veterinária’. É verdade, não tinha, mas esse era um problema do Governo Federal. Como Sarney chegou a insistir no assunto, todo mundo se entusiasmou com a idéia. O secretário da Agricultura quis logo criar Medicina Veterinária e Agronomia; o secretário de Viação e Obras Públicas quis uma Escola de Engenharia. Esse entusiasmo havia começado quando saiu a Escola de Administração.<sup>42</sup>

Quadro 1 – Instituições de ensino superior criadas no Maranhão na gestão do Gov. José Sarney (1966-1970).

INSTITUIÇÃO	AUTORIZAÇÃO DA CRIAÇÃO	CRIAÇÃO	FUNCIONAMENTO	INSTALAÇÃO	RECONHECIMENTO
Escola de Administração Pública do Maranhão	Lei estadual N. 2.728 22.12.1966	Decreto estad. N. 3.494 03.03.1967	Resolução CEE N. 09 14.02.1968	02.03.1968	Decreto federal N. 73.252 04.12.1973
Escola de Engenharia do Maranhão	Lei estadual N. 2.740 08.06.1967	Decreto estad. N. 3.574 12.07.1967	Resolução CEE N. 06 04.12.1967	01.07.1968	Decreto federal N. 72.544 30.07.1973
Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias	Lei estadual N. 2.821 23.02.1968	Não há	Resolução CEE N.02 26.07.1974	06.01.1970	Decreto federal N. 81.037 15.12.1977
Escola de Agronomia do Maranhão	Lei estadual N. 3.003 03.11.1969	Decreto estad. N. 4.045 12.02.1969	Resolução CEE N. 26 26.08.1970	Não encontrada	Decreto federal N. 74.086 21.05.1974

Fonte: MEIRELES, 1981; TÁJRA, 1985; FONSECA, 1985.

<sup>37</sup> ESTADO DO MARANHÃO. Diário Oficial de 05.02.1968. Ementário da Lei N. 2821, de 23 de fevereiro de 1968, que autorizou o poder executivo a criar a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias.

<sup>38</sup> MEIRELES, op. cit. p. 25-27.

<sup>39</sup> MEIRELES, op. cit. p. 37.

<sup>40</sup> BRASIL. IBGE. Censo Demográfico de 1960: Maranhão-Piauí. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. 1ª parte.

<sup>41</sup> FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres. (Org.). Ibidem, p. 218.

<sup>42</sup> Idem e ibidem, p. 232.

Essa realidade constituiu-se em motivação para desencadear a criação de quatro faculdades:<sup>43</sup> a Escola de Administração Pública do Maranhão, a Escola de Engenharia do Maranhão, a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias e a Escola de Agronomia do Maranhão.

Em 1970, quando foi instalada a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias, o Censo Demográfico registrou no Maranhão uma população de 2.992.686 habitantes, sendo, 748.862 urbanos e 2.196.914 rurais, distribuídos em 16 microrregiões e 130 municípios (Anexo 1, f. 255 e 256).<sup>44</sup> Não sabia ler e escrever 60,30% da população maior de 15 anos, isto é, 982.141 pessoas.

Tabela 1 – Matrículas no ensino primário e secundário no Maranhão - 1968.

Esfera administrativa	Localização	Ensino		Ensino Secundário		Total Geral
		Primário	Ginásial	Colegial	Total	
Federal	Zona urbana	318	1.998	409	2.407	2.725
	Zona rural	3.843	-	-	-	3.843
Estadual	Zona urbana	62.014	4.883	1.795	6.678	68.692
	Zona rural	12.716	-	-	-	12.716
Municipal	Zona urbana	43.746	2.945	721	3.666	47.412
	Zona rural	153.127	-	-	-	153.127
Particular	Zona urbana	29.104	21.910	5.312	27.222	56.326
	Zona rural	5.499	-	-	-	5.499
<b>Total</b>		<b>310.367</b>	<b>31.736</b>	<b>8.237</b>	<b>39.973</b>	<b>350.340</b>

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968.

O ensino médio<sup>45</sup> já compreendia 140 estabelecimentos (Tabela 2) todos situados na zona urbana, com 39.973 matrículas (Tabela 1) das quais 27.222, isto é, 68,10% pertenciam à rede particular, que possuía 92 dos 140 estabelecimentos nesse nível. O ensino médio público, extensivo também aos municípios do interior, se restringia ao ciclo ginásial, estando o ciclo colegial restrito à capital.

<sup>43</sup> TÁJRA, Lêda M. C. 1º ciclo de estudos básicos da Universidade Federal do Maranhão. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 38-39; MEIRELIS, M. M. O ensino superior no Maranhão. São Luís: UFMA, 1981, p.17-27.

<sup>44</sup> BRASIL. IBGE. Censo Demográfico de 1970 – Maranhão. Rio de Janeiro: IBGE, 1973. As microrregiões homogenias, em substituição à divisão em zonas fisiográficas, são definidas como um “Agregado de unidades espaciais formando unidades maiores, segundo os critérios de atributos e lugares considerados, a identificação desse tipo de região seria o uso da matriz geográfica (lugares/atributos)”.

<sup>45</sup> SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO MARANHÃO. Departamento de Estatística. Anuário Estatístico do Maranhão – 1968, São Luís, v. 1, p. 439-68, 1968. Até antes da Lei 5.692/71, de Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus, o ensino médio compreendia dois ciclos: o ginásial e o colegial, compreendendo este os cursos científico, normal e técnico.

Tabela 2 – Estabelecimentos de ensino primário e secundário no Maranhão - 1968.

Dep. adm.	Localização	Nº de estabelecimentos			Nº de curso secundário			
		Primário	Nível Médio	Total	Ginasial	Gin./Col.	Colegial	Total
Federal	Zona urbana	4	5	9	5	-	7	12
	Zona rural	40	-	40	-	-	-	-
Estadual	Zona urbana	214	39	253	37	2	2	41
	Zona rural	153	-	153	-	-	-	-
Municipal	Zona urbana	154	4	158	1	1	2	4
	Zona rural	3.484	-	3.484	-	-	-	-
Particular	Zona urbana	232	92	324	64	20	34	118
	Zona rural	126	-	126	-	-	-	-
<b>Total</b>		<b>4.407</b>	<b>140</b>	<b>4.547</b>	<b>107</b>	<b>23</b>	<b>45</b>	<b>175</b>

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968.

A realidade educacional do Maranhão em 1968 exigia investimento na formação de professores, para os cursos primário e secundário. A ampliação de vagas escolares não se fez acompanhar da formação de docentes qualificados para os respectivos níveis, segundo o Anuário Estatístico do Maranhão (Tabela 1 e 2).

Tabela 3 – Corpo docente do ensino primário e secundário no Maranhão - 1968.

Esfera administrativa	Localização	Primário			Nível secundário			Total Geral
		Total	Normalistas	Ginasial	Colegial	Total	Formado em FCL	
Federal	Zona urb.	8	5	96	20	118	44	90
	Zona rur.	65	-	-	-	-	-	83
Estadual	Zona urb.	1.966	454	347	233	580	136	2.206
	Zona rur.	370	-	-	-	-	-	283
Municipal	Zona urb.	1.351	1.494	97	67	164	40	1.142
	Zona rur.	4.228	-	-	-	-	-	3.798
Particular	Zona urb.	990	270	1.170	702	1.872	481	2.455
	Zona rur.	158	2.401	-	-	-	-	204
<b>Total</b>		<b>9.136</b>	<b>2.401</b>	<b>1.710</b>	<b>1.012</b>	<b>2.722</b>	<b>701</b>	<b>10.261</b>

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968.

No ensino primário,<sup>46</sup> dos 9.136 docentes, 2.401 eram normalistas e 6.735, isto é, 73,71% eram leigos (Tabela 3). As escolas primárias da zona rural, via de regra constituídas de uma sala e com um único professor, totalizavam 3.803. E, das 2.401 professoras normalistas no estado, 1.000 concentravam-se na capital.

Os professores do ensino médio totalizavam 2.722; desses, apenas 701, isto é, 25,75% eram formados em licenciatura, na época as denominadas Faculdades de

<sup>46</sup> SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO MARANHÃO. Departamento de Estatística. Anuário Estatístico do Maranhão – 1969, São Luís, v. 1, p. 429-37.

Ciências e Letras, dos quais apenas 255 lecionavam nos municípios do interior, mas desses, 217 estavam no ensino particular e apenas 38 no ensino público.

Tabela 4 – Matrículas no ensino primário e secundário em Caxias - 1968.

Esfera administrativa	Localização	Ensino Primário	Ensino Secundário			Total Geral
			Ginásial	Colegial	Total	
Federal	Zona urbana	-	319	-	319	319
	Zona rural	-	-	-	-	-
Estadual	Zona urbana	-	298	-	298	298
	Zona rural	-	-	-	-	-
Municipal	Zona urbana	-	-	-	-	-
	Zona rural	-	-	-	-	-
Particular	Zona urbana	-	1.327	555	1.882	3.264
	Zona rural	-	-	-	-	-
<b>Total</b>		<b>8.650(*)<sup>47</sup></b>	<b>1.944</b>	<b>555</b>	<b>2.499</b>	<b>11.149</b>

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968.

\*Matrícula registrada no Anuário Estatístico do Maranhão de 1968 – ano base de 1967

Em 1968, já existiam 36 ginásios do Projeto Bandeirante funcionando no interior do Maranhão, com 2.748 matrículas, sobre as quais incidia a responsabilidade direta do governo estadual de providenciar professores formados em nível superior. Além do mais, 75% do corpo docente da rede estadual atuantes no nível médio eram normalistas ou leigos. Então, surge a necessidade de formar docentes com nível superior para lecionar no interior e a idéia de criar “uma Faculdade, na cidade de Caxias, para formar professores.

Nos anos de 1970 e 1971, a necessidade de corpo docente licenciado era maior que nos anos anteriores, pois o Censo de 1970 mostrava que o número de matrículas no ciclo ginásial havia passado de 39.973 para 63.328, por força do Projeto Bandeirante<sup>48</sup>, cujos ginásios já funcionavam em 91 municípios em 1971; do Projeto TV Educativa, que em 1970 passou a funcionar em circuito aberto de TV, atingindo 109 turmas de 1ª série e 43 turmas de 2ª série do ciclo ginásial, totalizando 6.000 alunos; e do Projeto Madureza que, em 1970, possuía 102 tele-salas em 20 locais de São Luís, Paço do Lumiar e São José de Ribamar.

Caxias, por sua localização, firmou-se, nos séculos XVIII e XIX e até metade do século XX, como o centro econômico e cultural mais importante do interior do

<sup>47</sup> SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO MARANHÃO. Departamento de Estatística. Anuário Estatístico do Maranhão de 1968 – ano base de 1967. No curso primário eram 5.359 matrículas urbanas e 3.291 rurais.

<sup>48</sup> BONFIM, Maria Núbia Barbosa. Do velho ao novo: política e educação no Maranhão. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 90-100.

Maranhão, daí derivando sua força política. Embora debilitado economicamente, a partir de 1960, ainda era a cidade do interior com maior número de escola de ensino primário e médio, inclusive ofertando cursos normal, científico e contabilidade.

Em Caxias, em 1968, a rede particular de ensino detinha 68,26% das matrículas no ciclo ginásial e 100% no ciclo colegial (Tabela 04). Dos oito estabelecimentos de ensino médio,<sup>49</sup> seis eram particulares e três públicos. Os cursos do ciclo colegial (Tabela 5) eram ofertados nas seguintes modalidades: técnicos de comércio (2), normal (3), científico (2). O curso científico foi criado em 1966, no Colégio Caxiense (misto) e no Colégio Diocesano (masculino). Antes, as famílias cujos filhos desejassem cursar o científico, após o ginásio, teriam que arcar com pesadas despesas em Teresina ou em São Luís ou em outras capitais.

**Tabela 5 – Estabelecimentos de ensino primário e secundário em Caxias - 1968.**

Depend. Adm.	Localização	Nº de estabelecimentos Primário e secundário			Nº de curso secundário			
		Primário	Ginásial	Total	Ginásial	Gin./Col.	Colegial	Total
Federal	Zona urbana	-	1	1	1	-	-	1
	Zona rural	-	-	-	-	-	-	-
Estadual	Zona urbana	10	2	12	2	-	-	12
	Zona rural	-	-	-	-	-	-	-
Municipal	Zona urbana	13	-	13	-	-	-	13
	Zona rural	44	-	44	-	-	-	44
Particular	Zona urbana	5	5	10	2	3	4	10
	Zona rural	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>		<b>72(*)</b>	<b>8</b>	<b>80</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>80</b>

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968.

\*Estabelecimentos registrados no Anuário Estatístico do Maranhão de 1968 – ano base de 1967

Em Caxias, no ensino primário, em 1967, dos 207 professores, 117 eram normalistas e professorandas, e, destas, só 02 atuavam na zona rural. Em 1968, dos 152 professores do ensino secundário (Tabela 6), apenas 125 estavam no efetivo exercício do magistério, dos quais apenas 38, isto é, 30,4% possuíam diploma de Faculdade de Ciências e Letras, isto é, de licenciatura.

<sup>49</sup> Colégio Caxiense (1935), Educandário São José (1937), Colégio Diocesano (1955), Escola Técnica de Comércio de Caxias (1958), Colégio Coelho Neto (1963), Colégio Gonçalves Dias da CNEC – Campanha de Nacional de Escolas da Comunidade (1963), Escola Normal Regional Mons. Frederico Chaves (1966), Ginásio Bandeirante “Duque de Caxias” (1968) e o Ginásio Orientado para o Trabalho (1968) – este inaugurado em 1969. O Colégio Gonçalves Dias da CNEC, da Companhia Nacional das Escolas da Comunidade, em Caxias era mantido parcialmente pelo Governo Federal.

Tabela 6 – Corpo docente do ensino primário e secundário em Caxias - 1968.

Esfera administrativa	Localização	Primário	Nível secundário		Total Geral	Formado em FCL
			Ginásial	Colegial		
Federal	Zona urbana	-	10	-	10	1
	Zona rural	-	-	-	-	-
Estadual	Zona urbana	99	31	-	31	3
	Zona rural	-	-	-	-	-
Municipal	Zona urbana	43	-	-	43	-
	Zona rural	48	-	-	48	-
Particular	Zona urbana	17	60	51	111	38
	Zona rural	-	-	-	-	-
Total		207(*)	101	51	152	42

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968.

\*Professores registrados no Anuário Estatístico do Maranhão de 1968 – ano base de 1967

Portanto, a carência de mão de obra qualificada para o magistério justificava a atuação da CADES<sup>50</sup> e de interiorização da formação de professores licenciados através de faculdade. Esses professores, na maioria do ensino médio particular, criaram, em 1967, com 94 associados, a Associação Profissional de Professores Secundários de Caxias (APPSC),<sup>51</sup> para defender os interesses da categoria.

O número de normalistas que se formavam<sup>52</sup> a cada ano nas quatro escolas normais em Caxias era insuficiente para a demanda escolar, principalmente na zona rural, dado o isolamento, as condições de alojamento e a remuneração ínfima e

<sup>50</sup> Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) foi criada pelo Presidente Getúlio Vargas em 1953, com o objetivo de difundir e elevar o nível do ensino secundário. De acordo com o Decreto nº 34.638, de 14 de novembro de 1953, que a criou, a CADES visava: a) Tornar a educação secundária mais ajustada aos interesses e possibilidades dos estudantes bem como às reais condições e necessidades do meio a que a escola serve, conferindo ao ensino secundário maior eficácia e sentido social; b) Possibilitar ao maior número de jovens brasileiros acesso à escola secundária. FOLHA DE CAXIAS, n. 255, de 27 de fevereiro de 1966, notícia: “Caxias distinguida no Curso (*sic*) de Aperfeiçoamento e Divulgação (*sic*) do Ensino Secundário (CADES). Caxias foi da cidade mais distinguidas este ano, no Curso de Aperfeiçoamento e Divulgação [Difusão] do Ensino Secundário (CADES), realizado em São Luís, no período de 17 de janeiro a 19 de fevereiro do ano em curso, o qual tem por finalidade capacitar, legalmente, professores para os ciclos ginásial e colegial”.

<sup>51</sup> FOLHA DE CAXIAS, de 1º de julho de 1967 divulga: “Edital”, convocando para reunião no Ginásio Caxiense sobre a conveniência de fundação da Associação dos Professores Secundaristas de Caxias em 30 de maio de 1967. O edital com data de 29.05.1967; FOLHA DE CAXIAS, n. 317, em 26.08.1967 notícia: “Empossada a 1ª Diretoria da APPSC” [Associação Profissional de Professores Secundaristas de Caxias]. “Teve lugar às 9,00 horas de ontem, no Ginásio Caxiense, a solenidade de posse da primeira Diretoria da ‘Associação Profissional dos Professores Secundaristas de Caxias’, a qual terá seu mandato em vigor pelo período de um ano. Referida diretoria é composta dos seguintes professores: Walter Emanuel Brito, presidente; Antônio Bezerra Filho, vice-dito; José Adelmo Guimarães, 1º secretário; Francisco de Assis Oliveira, 2º; Filomena Machado Teixeira, 1º tesoureiro; Oswaldo Alves, 2º; sendo o Conselho Fiscal da novel entidade constituído pelas professoras Lacy Assunção, Edna Silva Gonçalves, Edméa Assunção e Maria Viana Sobrinho. A FOLHA DE CAXIAS se fez representar no acontecimento em tela”.

<sup>52</sup> FESTA NA ESCOLA REGIONAL. Folha de Caxias, n. 330, de 25.12.1967. Notícia sobre colação de grau de normalistas paraninfadas por Profª Filomena Machado Teixeira.

pagamento irregular.<sup>53</sup> Portanto, 90 eram os professores leigos, isto é, 44,11%, os quais recebiam treinamento nas férias.<sup>54</sup>

Caxias é sede este ano do curso de Treinamento de Professoras Leigas patrocinado pelo MEC. O curso que será ministrado intensivamente em três etapas (janeiro, julho e dezembro) por supervisoras de Caxias, Codó, Rosário e Guimarães, contou com 70 alunas.

Em Caxias, as primeiras escolas públicas de nível médio, do ciclo ginásial, foram o Ginásio Bandeirante “Duque de Caxias”,<sup>55</sup> criado em 1968, e o Ginásio Orientado para o Trabalho, em 1969. A primeira escola de 2º grau foi o Centro de Ensino “Aluizio Azevedo”, criado em 1976.

Mas só em 1969 surgiram em Caxias os primeiros estudantes concludentes do 2º ciclo do ensino médio, na modalidade “Científico”, com possibilidades de disputar com êxito uma vaga no ensino superior, e, como, via de regra, eram jovens oriundos do campo econômico e político dominante, procuravam os cursos “nobres” em universidades públicas<sup>56</sup> em Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Fortaleza, Campina Grande e em João Pessoa, em Teresina ou em São Luís.

Esses jovens que faziam curso superior fora de Caxias criaram o Centro dos Estudantes Universitários de Caxias (CEUCA),<sup>57</sup> em 1967, com a finalidade

<sup>53</sup> SILVA, Francisca Araújo. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 08.04.2010. Disse que antes mesmo de concluir o Curso Normal a normalista já era contatada para assumir uma escola multisseriada no interior, mas a maioria já ficava apreensiva para terminar o interstício de dois anos da nomeação, a fim de requerer remoção para a sede, exceto aquelas que se apaixonavam com rapaz do interior que, via de regra, recaía no filho do proprietário. Mas disse que teve sorte de ir para Aldeias Altas onde havia mais facilidade de transporte para Caxias, que apesar de ser a sede do município, era apenas um povoado com umas dezenas de casas em 1965.

<sup>54</sup> FOLHA DE CAXIAS, 09.01.1966.

FOLHA DE CAXIAS, n. 374, p. 6, 01.08.1966.

<sup>55</sup> FOLHA DE CAXIAS, n. 374, de 1º de agosto de 1966, notícia: “1 de agosto de 1966\_Programas de atividades”, entre tais está o “Lançamento da pedra fundamental do Ginásio Estadual de Caxias...”, como parte do “Projeto Bandeirante”.

<sup>56</sup> FOLHA DE CAXIAS, n. 296, 03 de fevereiro de 1967 notícia: “Primeira Diretoria do Centro de Estudantes Universitários de Caxias”. Foi fundado em 14 de janeiro, visando abrir novos horizontes na classe estudantil de local, o qual é integrado pelos acadêmicos de Economia, Engenharia Mecânica, Administração, Engenharia Civil, Medicina, Filosofia e Matemática, filhos da burguesia local, que estudam em Brasília, Rio, Bahia, Fortaleza, Minas Gerais; FOLHA DE CAXIAS, n. 300, 15 de março de 1967 notícia: “Prof. Jackson Medeiros”, aprovado em vestibular para o Curso de Medicina Veterinária, no Rio de Janeiro; FOLHA DE CAXIAS, n. 306, de 21 de maio de 1967 notícia: “José Eduardo na Universidade do Brasil”, fazendo Faculdade de Direito; FOLHA DE CAXIAS, n. 308, de 03 de junho de 1967 notícia: “Universitários caxienses realizam contactos no Congresso Federal”, tentando viabilizar projetos de interesse do CEUCA (Centro Universitário de Caxias), mas não falam da possibilidade de instalação de uma Faculdade em Caxias.

<sup>57</sup> Idem. Folha de Caxias, n. 296; 300; 308.

recreativa e filantrópica, inclusive promoviam cursinhos preparatórios a exames de admissão ao ginásio para jovens carentes, nas férias, em janeiro, revelando disposição para exercitar a liderança no município, em vista da acumulação de capital político para participar do jogo político.<sup>58</sup>

Então, a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio (FFPEM) de Caxias, instalada em 1970, oferecendo três cursos de licenciatura curta, ainda não reconhecidos, passou a ser a opção para concludentes dos cursos científico, normal e de contabilidade, das camadas médias e populares.

Tabela 7 – O ensino superior no Maranhão – 1968

Cursos	Docentes		Exame vestibular de 1967			Matrículas		Aprovação nos cursos
	Qtde.	Tempo Integral	Vagas ofertadas	Inscritos	Aprovado	Início 1968	Final 1967	
Adm. Pública	6	1	60	66	60	60	-	-
Ciênc. Econôm.	22	-	50	110	102	212	116	105
Ciênc. Médicas	68	-	120	343	186	338	235	231
Direito	20	-	100	110	100	265	197	195
Enfermagem	19	3	50	11	14	49	29	29
Eng <sup>a</sup> . Civil	9	1	50	179	48	50	-	-
Farmácia	27	-	50	1	29	83	71	54
FCL(*)	57	-	250	105	129	358	290	244
Filosofia	25	-	-	-	-	79	62	57
Geografia	24	-	-	-	-	26	36	26
História	23	-	-	-	-	30	34	15
Letras	34	-	-	-	-	106	71	62
Pedagogia	27	-	-	-	-	117	87	84
Odontologia	28	-	50	10	34	94	77	72
Serviço Social	32	-	50	125	51	101	49	49
	288	5	830	1.060	753	1.610	1.064	979

FONTE: Anuário Estatístico do Maranhão de 1969 – ano base de 1968, p. 268-70.

\* Filosofia, Ciências e Letras.

NOTA: Em virtude de o exame vestibular ser unificado em algumas áreas e haver várias opções, os candidatos aprovados acima das vagas estabelecidas para determinado curso eram aproveitados em outro. Assim, houve mais candidatos aprovados que inscritos em Enfermagem, Farmácia, Filosofia, Ciências, Filosofia ciências e Letras e Odontologia.

O ensino superior do Maranhão (Tabela 7) ofertou 830 vagas para 10 cursos em 1968, das quais 77 não foram preenchidas. O curso de Filosofia, Ciências e Letras ofertou 250 vagas, mas teve procura só de 105 candidatos e preencheu 129 vagas, ficando 121 ociosas, isto é, 48,4%. Fenômeno idêntico foi verificado no vestibular do ano anterior, quando ofertou 150 vagas para 107 inscritos e foram preenchidas 74 vagas, ficando 76 ociosas, isto é, 50,66%.

<sup>58</sup> BOURDIEU. O poder simbólico. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p.190-194.

Em 1968,<sup>59</sup> na Microrregião Homogênea de Caxias, só havia estabelecimentos de ensino de nível médio (ginásio e colegial) em 6 dos 12 municípios que a compunham (Caxias, Codó, Coroatá, Itapecuru-Mirim, Parnarama e Timon), com 235 professores (10 federais, 52 estaduais e 173 particulares), dos quais só 52 eram formados em Faculdade de Ciências e Letras

A expansão do ciclo ginasial em 283,2% e do ciclo colegial em 271,5% (Tabela 8) em decorrência das ideias e projetos que a equipe de governo ia elaborando e desenvolvendo, denominados “Projetos Educacionais do Maranhão Novo”,<sup>60</sup> exigia pressa na formação de docentes, além do esforço do governo em promover a qualificação de professores leigos, de nível médio.

Tabela 8 – Matrículas por níveis de ensino no Maranhão de 1964 a 1970.

	MATRÍCULAS NO INÍCIO DO ANO POR NÍVEIS DE ENSINO							
	Primário		Ginásio	Colegial	Médio em geral		Superior	
	Público	Partic.			Público	Partic.	Público	Partic.
1964	144.845	31.427	14.278	3.935	3.830	14.383	241	435
1965	145.583	28.971	17.215	4.692	5.476	16.144	257	497
1966	200.810	33.447	21.898	5.463	7.181	19.730	301	596
1967	250.621	35.070	28.258	6.437	8.818	26.147	935	-
1968	275.764	34.603	31.641	8.180	11.687	28.134	1.610	-
1969	276.068	28.131	38.017	8.583	14.488	32.112	2.758	-
1970	327.519	25.282	40.439	10.686	16.754	34.371	2.411	-

FONTE: IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – 1966, 1967, 1969, 1970, 1971.

As matrículas cresceram 28,3% de 1968 a 1970, enquanto no mesmo período o total de professores só cresceu 8,3%, pois a UFMA só graduou em 1969 e 1970, respectivamente, 177 e 51 licenciados.

<sup>59</sup> SUDEMA. Superintendência do Desenvolvimento do Maranhão. Divisão Estadual de Estatística. *Anuário Estatístico do Maranhão – 1969*. São Luís-MA, v. 2, p. 247, 1969.

<sup>60</sup> BONFIM, Maria Núbia Barbosa. Do velho ao novo: política e educação no Maranhão. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 86-108. Projeto Bandeirante, que pretendia dotar cada município onde não houvesse o 1º ciclo ensino médio de um Ginásio Bandeirante; Projeto TV Educativa, para ministrar o ensino médio na capital no CEMA – Centro Educacional do Maranhão, que reunia centenas de salas de aula num mesmo lugar, com aulas transmitidas por televisão e o assessoramento de monitores; Projeto Madureza, que, no período noturno, ofertava ensino supletivo para a população detentora de curso primário maior de 15 anos, no período noturno, utilizando o mesmo sistema do Projeto TV Educativa; Projeto João de Barro, que consistia no atendimento escolar da zona rural com escola de uma só sala e um só professor; Projeto Centauro, que como uma “estrela brilhante” distribuía a luz do saber qualificando e formando professores para que os projetos tivessem continuidade, cuja principal agência formadora seria a Faculdade de Formação de Professores em Caxias.

Tabela 9 – Matrículas por níveis de ensino no Maranhão - 1971 a 1991.

	MATRÍCULAS NO INÍCIO DO ANO POR NÍVEIS DE ENSINO							
	1º GRAU			2º GRAU			1º e 2º grau	3º GRAU
	Público	Partic.	Total	Público	Partic.	Total	Total geral	
1971	353.460	55.586	409.046	5.131	9.244	14.375	423.421	3.692
1972	389.912	64.232	454.144	5.844	11.311	17.155	471.299	5.223
1973	426.349	75.912	502.261	7.278	13.340	20.618	522.879	5.558
1974	441.437	76.231	517.668	6.950	18.845	25.795	543.463	5.558
1975	464.537	78.300	542.837	7.020	23.647	30.754	573.591	6.282
1976	467.158	79.037	546.195	7.781	28.886	36.667	582.862	7.475
1977	536.198	81.011	617.209	11.001	30.108	41.109	658.318	7.525
1978	540.779	86.746	627.525	7.050	36.052	43.102	670.627	8.147
1979	578.502	93.396	671.898	10.825	37.836	48.661	720.559	9.776
1980	585.272	94.411	679.683	10.727	44.321	55.048	734.731	8.664
1981	626.561	105.088	731.649	14.133	39.296	53.797	785.446	8.610
1982	626.471	104.188	730.659	16.513	43.070	59.563	790.222	9.610
1983	682.282	101.185	783.467	19.882	35.644	55.526	838.993	9.017
1984	648.212	99.169	747.381	23.949	33.454	57.403	804.784	8.259
1985	694.170	103.574	797.744	24.608	39.346	63.954	861.698	8.073
1991	1.059.364	114.716	1.174.080	45.908	31.756	77.664	1.137.028	10.993 <sup>61</sup>

Fonte: 1972, 1973, 1974, 1975, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985 e 1986 e 1992 (\*) Matrículas realizadas no início do ano letivo.

O crescimento das matrículas públicas escolares em todos os níveis do ensino, de 1965 a 1970, continuou nos anos seguintes até 1985 (Tabela 9), pois o 1º grau público cresceu 96,3% e o particular 86,3%; o 2º grau público cresceu 379,5% e o particular 325,6%; e o ensino superior cresceu 118,6%.

Comparando matriculados (Tabelas 8 e 9) com diplomados em geral (Tabela 10), constata-se que de 1970 a 1990 as matrículas de 1º e 2º grau juntas cresceram 113,3%, enquanto a formação de professores cresceu 2.801,5%. Também comparando matriculados no ensino médio e diplomados em curso superior de professores, de 1970 a 1990, constata-se que as matrículas cresceram em 51,91% e o número de professores cresceu em 1.502,9%.

Pelo menos duas ilações podem ser extraídas da observação das tabelas: a) Quanto à relação vagas x aprovados no ensino superior (Tabela 7), nos “cursos nobres”<sup>62</sup> as vagas ofertadas foram preenchidas, exceto em engenharia Civil, denotando o afluxo de alunos das melhores escolas da capital, mas nos demais cursos, principalmente os de formação de professores, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, até o número de inscritos, em alguns cursos, foi inferior ao número de vagas, denotando o pouco interesse dos egressos do ensino médio para

<sup>61</sup> Depois de 1967, o ensino superior particular no Maranhão só ressurgiu em 1991, com 830 matrículas.

<sup>62</sup> Ciências Médicas, Direito, Economia e Engenharia civil.

com tais profissões, em especial a de professor; b) Quanto à relação entre expansão de matrículas no ensino médio e as matrículas no ensino superior (Tabelas 8, 9 e 10), verifica-se que, apesar da quantidade de formados ter crescido em 650,1% de 1970 para 1980 e de 1.602,9% de 1970 para 1990 a demanda de professores continuou sendo muito maior que a procura, apesar de que as matrículas em ensino superior cresceram 297,7% de 1970 para 1991.

Tabela 10 – Pessoas com curso completo na área de ensino no Maranhão - 1960, 1970, 1980 e 1990.

Cursos	1960	1970	1980	1991
Bacharelado e didática	146	409	-	-
Ciências e Estudos Sociais	-	-	193	359
-Geografia e História	19	-	-	-
-Geografia	-	-	202	477
-História	-	-	133	407
-História Natural/Ciências Biológicas	12	-	-	496
-Letras	64	-	627	1.084
-Filosofia	-	-	302	501
-Ciências	-	-	68	131
-Matem, física, química e desenho	16	-	21	325
-Física	-	-	38	112
-Biologia	-	-	16	130
-Química	-	-	9	66
-Pedagogia	-	-	1.002	2.292
Educação Física	2	4	74	240
Total em cursos superiores na área do ensino.	259	413	2.685	6.620
Normal ou pedagógico	1.883	5.333	20.252	55.540
Total Geral	2.142	5.546	22.937	62.160

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1960, 1970, 1980 e 1991.

NOTA: O CD/1970 só registra curso de Bacharelado e Didática, Educação Física e Normal ou Pedagógico.

Segundo o IBGE,<sup>63</sup> em 1970, do total de 1.905 pessoas que detinham curso superior no Maranhão, em 1970, 1.339 localizavam-se na capital; em 1980, do total de 11.941 que detinha o curso superior no estado, 9.098 situavam-se na microrregião de São Luís. Por isso, pode-se afirmar que a interiorização do ensino superior no Maranhão esteve nesse período muito aquém da necessidade, principalmente em se tratando de profissionais da educação. Inclusive, segundo a

<sup>63</sup> IBGE. Censo Demográfico – 1970; 1980. O Censo de 1991 não informa o total de pessoas com curso superior por microrregião e nem por município.

SUDEMA,<sup>64</sup> em 1967, dos 425 professores “diplomados por faculdade de ciências e letras” 357 localizavam-se na capital.

Esse foi o espaço de criação e desenvolvimento do Centro de Estudos Superiores de Caxias, como primeira política pública de interiorização do ensino superior no Maranhão, com a finalidade de prover a formação de docentes para as escolas ginasiais e colegiais para além do grande centro urbano.

## **2.2 Da criação à instalação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias (1968-1971)**

O Governo José Sarney (1966-1971) criou o Projeto Bandeirante com a meta de instalar ginásios em 94 municípios onde não havia o primeiro ciclo do ensino secundário. E o Projeto Centauro que visava a formação dos docentes necessários a essa expansão escolar, principalmente a realização de treinamentos rápidos. Mas a solução duradoura pensada foi a criação de uma instituição que formasse professores de primeiro ciclo do ensino secundário (licenciatura curta), com uma equipe itinerante para cobrir todos os municípios, em especial aqueles onde já havia Ginásio Bandeirante. Daí a ideia da Faculdade, segundo o então Secretário de Educação José Maria Cabral Marques:

Eu pensava na solução maior. Por isso, falei com o governador: Está tudo indo bem, mas isso é uma solução transitória. Se queremos realmente fazer a coisa séria, definitiva, temos que partir para graduar esses professores, e não habilitá-los apenas. Eu tinha tido conhecimento de uma experiência em Nazaré da Mata, Pernambuco, de onde tinha vindo D. Mota (o arcebispo metropolitano), que era bastante interessante, e consistia na formação de professores para o Primário e para o Secundário. Pensamos em criar uma Faculdade de Formação de Professores para o 1º Grau – inventamos esses termos –, e decidimos fazê-lo em Caxias. Sarney me perguntou: “Mas, rapaz, porque tu vais fazer logo em Caxias?”. Expliquei-lhe que era o local que apresentava melhores condições, porque tinha mais gente fazendo e se formando no 2º Grau, tinha uma população, digamos, mais culta do que qualquer outra cidade, de acordo com um levantamento que eu fizera. Caxias nos oferecia mais condições para a criação de uma faculdade lá. Não porque é a terra da minha mulher, não. Não tem nada a ver com isso. Além disso, dispomos lá de um bom terreno. Sarney quis saber o que eu pensava acerca do corpo docente, se lá existia gente capaz. Disse-lhe que, para fazer com gente de lá, não tinha, não. Mas que eu ia falar com o cônego José Ribamar Carvalho – na época em que ele era reitor da Católica, eu era o vice-reitor – porque éramos bons amigos e ele, depois foi reitor da Federal. O cônego Ribamar abriu-me as portas: “A casa é tua. E não conversa comigo não, vai logo direto ao Departamento de Educação”. E

<sup>64</sup> SUDEMA. Anuário Estatístico do Maranhão – 1968, São Luís, v. 1, p. 439-68, 1968.

eu fui, pensando que ia ser recebido com fogos, discursos, banda de música e muita gente acenando bandeirinhas. Só não me jogaram pedras, mas disseram que ir para Caxias era coisa de louco, que quer uma instituição de ensino superior lá era fantasia, que eu estava fantasiando a vida, que queria fazer promoção política de governo, sei lá. Não me disseram nesse português, mas, no fim, o que queriam me dizer era isso. Expliquei ao pessoal que estávamos provendo esses Ginásios com professores treinados, mas que isso era uma solução provisória e que era preciso ir logo preparando uma solução definitiva. Quanto à opção de Caxias, nós a tínhamos feito em função das condições que apresentava. Se fizéssemos na capital, ninguém ia para o interior nem vinha de lá. Daí a idéia de fazer em Caxias para, a partir de lá, se expandir por Bacabal, Imperatriz, Pinheiro. Pensávamos em fazer de Caxias um centro de irradiação. O fato é que tive de desistir [da parceria com a Universidade Federal do Maranhão].<sup>65</sup>

Portanto, daí surge e se materializa a ideia da Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio (FFPEM) de Caxias-MA<sup>66</sup>, criada pela Lei 2.821/68, com base na LDB 4.024/61, mas já nos termos da Lei 5.540/68, da reforma universitária que estava sendo engendrada, com a finalidade de formar professores, no menor tempo possível, em cursos de licenciatura curta, para lecionar no primeiro ciclo do ensino secundário<sup>67</sup>. Porém só foi instalada a faculdade em 1970<sup>68</sup>, com cursos regulares e parcelados em período de férias, sob a coordenação pedagógica da Missão Docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP.<sup>69</sup>

O termo de fundação da FFPEM foi a Lei 2.821 de 23/02/1968<sup>70</sup> sancionada pelo então Governador José Sarney, em ato solene, em Caxias, em 23 de fevereiro

<sup>65</sup> FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres. (Orgs.). *Ibidem*, p. 227/228.

<sup>66</sup> Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio (FFPEM), Faculdade de Educação de Caxias (FEC) e Unidade Estudos de Educação de Caxias (UEEC), foram as denominações recebidas pelo atual Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC) ao longo de sua existência.

<sup>67</sup> Segundo Carta de Intenção emanada da Secretaria de Educação de 09 de outubro de 1969, dirigida à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>68</sup> Em 06 de janeiro de 1970 são iniciadas as aulas, segundo Relatório nº 01, de autoria da Missão Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

<sup>69</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. *Faculdade de Educação de Caxias: uma trajetória de muitas lutas e grandes vitórias*. Caxias-MA: Expansão Gráfica, 2007.

<sup>70</sup> LEI N. 2821 de 23 de fevereiro de 1968.

AUTORIZA o Poder Executivo a criar uma Faculdade, na cidade de Caxias, para a formação de professores, e dá outras providências. Art. 1º. - Fica o Poder Executivo autorizado a criar uma Faculdade para a formação de professores – unidade educacional de natureza técnica e autárquica – na forma do Art. 85 da Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Parágrafo único – A Faculdade terá sede e foro na cidade de Caxias, neste Estado, e gozará de autonomia didática, administrativa e disciplinar. Art. 2º. - A administração da Faculdade, na forma a ser estabelecida em seu Regimento, será exercida pela: a) Congregação; b) Conselho Departamental; c) Diretoria. Art. 3º. - Compete à Faculdade: §1º - Por finalidades gerais: I – Educar: a) formar atitudes habituais compatíveis com as necessidades e aspirações individual e social; b) inculcar convicção dos princípios dos direitos humanos e de Justiça Social consubstanciados na Constituição Federal, na Carta da Organização dos Estados Americanos e na

de 1968,<sup>71</sup> no Auditório do Colégio Caxiense, com a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas locais e poucos populares.<sup>72</sup> Na ocasião, tomou posse a

---

Carta das Nações Unidas; c) comunicar princípios valorativos que assegurem como estilo de vida, o desenvolvimento de uma mentalidade de aperfeiçoamento pessoal e das instituições sociais, permanente e sistemático. II – Instruir: a) comunicar informações e conhecimentos; b) adestrar no manejo de técnicas; c) formar o pensamento lógico; d) criar hábitos de trabalho intelectual e de pesquisa; e) formar a inteligência prática. III – Formar para a vida adulta: a) orientar educacional e vocacionalmente, de acordo com os interesses e aptidões de cada um; b) preparar para a vida profissional; c) preparar para a vida de convivência familiar; d) preparar para a vida de convivência social; e) preparar para a vida política; f) preparar para a vida de consumidor de bens técnicos, institucionais e culturais. § 2º - por finalidades específicas: a) formar professores para cursos de nível médio, bem como para o exercício do magistério em nível superior; b) dar aos professores e estudantes ensejo de se especializarem em campos específicos de investigação ou técnica, conforme suas aptidões individuais; c) colaborar na generalização da alta cultura intelectual na região e no Estado; d) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituírem objeto do ensino ministrado. Art. 4º. - A Faculdade manterá cursos regulares de: a) Pedagogia, b) ciências, c) Letras, d) Ciências Sociais. § 1º - Outros cursos poderão ser criados, de acordo com a legislação vigente. § 2º - A instalação de cursos fora da sede, em outros municípios do Estado, dependerá de parecer prévio da Secretaria de Educação e Cultura e autorização do Governador do Estado em exposição de motivos apresentada pelo Diretor. Art. 5º. – Os cursos regulares terão ciclo básico e ciclo profissional e as disciplinas poderão ser lecionadas sucessiva ou simultaneamente. Art. 6º. O período letivo será semestral e o Regimento da Faculdade fará adoção e regulará o sistema de crédito para promoção nas disciplinas dos cursos. Art. 7º. – O cargo de Diretor da Faculdade é privativo de professor universitário com notória capacidade e experiência ao setor administrativo, e sua escolha pelo Governador do Estado far-se-á na forma como dispuser o Regimento. Parágrafo Único – O regimento da Faculdade deverá ser aprovado pelo Poder Executivo em ato próprio. Art. 8º. Fica incluído no Quadro Único dos Funcionários Civis do Poder Executivo o cargo de Diretor, em comissão, símbolo 1–C, destinado à Faculdade de que trata esta Lei. Art. 9º. – Fica o Poder Executivo autorizado a criar as funções gratificadas necessárias à execução desta Lei. Art. 10º. – A Faculdade manterá pessoal docente, técnico e administrativo, que será constituído de: a) funcionários públicos requisitados na forma da legislação observados, no que couber, as disposições do Estatuto do Magistério vigente; b) pessoal contratado segundo as normas estabelecidas pela Legislação do Trabalho. Parágrafo Único – Na contratação do pessoal docente serão [...] superior e outras leis aplicáveis. Art. 11º. – Na estrutura dos órgãos estaduais, a Faculdade fica vinculada à Secretaria de Educação e Cultura. Art. 12º. – Para as despesas de instalação e de início de funcionamento, no ano em curso, fica o Poder Executivo autorizado a abrir um crédito especial de NCr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros novos), com recursos provenientes da receita do corrente exercício. Art. 13º. – Para manutenção da Faculdade, a lei orçamentária estadual consignará, anualmente, recursos sob a forma de dotação global. § 1º. – Mediante proposta apresentada pelo Diretor da Faculdade, ouvido previamente o conselho Departamental, o orçamento será submetido à aprovação do Governador do Estado. § 2º. – A dotação orçamentária destinada à Faculdade será creditada, mensalmente, em conta especial, no Banco do Estado do Maranhão dentro dos limites das cotas trimestrais a ela destinadas e do esquema de desembolso aprovado pelo Poder Executivo. Art. 14º. – O controle contábil e financeiro dos recursos da Faculdade, sem prejuízo da competência específica do Tribunal de Contas do Estado, será exercido por um conselho de curadores. Parágrafo Único – A constituição e as atribuições do Conselho de Curadores serão estabelecidos no Regimento da Faculdade. Art. 15º. O Poder Executivo no prazo de 30 (trinta) dias regulamentará a presente Lei. Art. 16º. – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (§) Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente Lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Exmo. Senhor Secretário de Educação e Cultura, a faça publicar, imprimir e correr. (§) Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em São Luís, 23 de fevereiro de 1968, 146º. Da Independência e 78º, da República. (§) JOSÉ SARNEY. (§) José Maria Cabral Marques.

<sup>71</sup> Essa Lei foi publicada como encarte separado do Diário Oficial datado de 05/02/1968, o que induz a pensar que existiu alguma razão de ordem legal para tanto, que se desconhece, pois é incoerente uma lei ser publicada antes de ser sancionada, uma vez que a sanção é o nascimento e a publicação no diário é o registro, pois é inconcebível que alguém seja registrado antes de nascer. E no Diário

primeira diretoria da FFPEM de Caxias assim constituída: Dr. Raimundo Nonato Medeiros (diretor), Cônego Aderson Guimarães Júnior (vice-diretor), Reverendo Sillas Marques Serra (secretário), Norma Varão Rocha (auxiliar de secretário) e Sílvia Maria de Carvalho Silva (auxiliar de bibliotecária).

O Art. 3º dizia que a instituição tinha por *finalidades gerais* (§ 1º) educar, instruir e formar para a vida adulta; e, por finalidades *específicas* (§ 2º),

a) formar professores para cursos de nível médio, bem como para o exercício do magistério em nível superior; b) dar aos professores e estudantes ensejo de especializarem em campos específicos de investigação ou da técnica, conforme suas aptidões individuais; c) colaborar na generalização da alta cultura intelectual na região e no Estado; d) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituírem objeto do ensino fundamental.<sup>73</sup>

Havia adequação entre objetivos específicos e o que dizem as leis 4.024/61 e a 5.540/68, mas na prática, havia uma inadequação entre o executado pela Secretaria de Educação e os termos da Lei 2821/68. Os traços essenciais da Lei 5.540, da Reforma Universitária de 28/11/1968, já estão na Lei 2.821, de criação da FFPEM em 23/02/1968, quanto à estruturação dos cursos em ciclo básico e ciclo profissional (Art. 5º); o período letivo semestral e o sistema de crédito (Art. 6º). Para isso ocorrer dois decretos-leis<sup>74</sup> alteraram a LDB 4.024/61, antecipando a Lei da Reforma Universitária, inclusive instituindo a departamentalização e extinguindo a cátedra. Pedagogia, Ciências, Letras e Estudos Sociais<sup>75</sup> (Art. 4º) eram os cursos regulares a serem mantidos pela Faculdade devendo iniciar em janeiro de 1970, mas o curso de Pedagogia só foi instalado em 1973.

No tempo entre a criação da FFPEM de Caxias e a sua instalação, em 05/01/1970<sup>76</sup>, o Secretário Estadual de Educação<sup>77</sup> apresentou à Universidade

Oficial, a. LXI, n. 35, p. 1, de 24/02/1968, expõe em sua capa essa manchete: “Poder Executivo autorizado a criar Faculdade em Caxias”.

<sup>72</sup> O Prof. Aluizio Bitencourt Albuquerque, em discurso proferido em 23 de fevereiro de 2008 na comemoração dos 40 anos do Centro de Estudos Superiores de Caxias, informou que naquele ato tão magnífico havia pouquíssimos populares, inclusive o auditório estava quase vazio.

<sup>73</sup> ESTADO DO MARANHÃO. Diário Oficial, 05/02/1968.

<sup>74</sup> Cf. Decreto-Lei 53/18/11/1966 e Decreto-Lei 252/28/02/1967 apud GERMANO, 2000, p. 124; ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 217.

<sup>75</sup> Porém a Lei 2.821/68 nomeia um curso de Ciências Sociais, o que induz a inferir que por força da Lei 5.540/68 o curso previsto para ser de Ciências Sociais foi transmutado para Estudos Sociais.

<sup>76</sup> SALUM, Isaac Nicolau; MORAES, Alexandre Eduardo Dias de; AB’SABER, Aziz Nacib. Carta-Relatório Nº 01, de 09 de janeiro de 1970. Diz: “Nesse dia 5, às 19 e 30 (horas), os Profs. Alexandre e Salum iniciaram os seus cursos, dando cada um duas horas de aula à noite a turmas incompletas, de cerca de 20 alunos de cada uma...”

Federal do Maranhão – UFMA,<sup>78</sup> sem sucesso, uma proposta de convênio com a mesma, pois o projeto demandava docentes experientes. Então, depois se dirigiu à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), cujo diretor, Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, deu apoio entusiástico à proposta da Secretaria de Educação, cuja Carta-Proposta era datada de 09/10/1969. E o Convênio foi assinado em 24/11/1969, conforme relatou Cabral:

Um dia, voltei ao governador: “Olhe, governador, em relação aquela nossa idéia, não deu para superar a dificuldade, mas eu tenho outra mais maluca ainda. Se o senhor concordar, a gente vai arriscar”. Ele perguntou: “E o que quê é?” Disse-lhe que estava pensando em pedir apoio ao Governo ou à Universidade de São Paulo. “Mas porque a Universidade de São Paulo?” quis saber. Disse a ele que lá existia uma equipe muito boa. Sabia porque já examinara. O diretor, apesar de ser um homem de idade, parecia-me ser uma pessoa dinâmica, com a cabeça muito jovem. “Garanto que ele vai querer fazer estas coisas arriscadas e altamente perigosas”. Procurou saber o que eu queria, e eu solicitei dele autorização para viajar, passagens e diárias. Passei um *retemec* – naquele tempo, este era o nome de um serviço de rádio entre as universidades – para o diretor da Faculdade de Filosofia, ciências e Letras, Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, dizendo que gostaria de fazer uma visita, de fazer uma proposta de convênio com a Faculdade, mas, de propósito, fui muito pouco explícito sobre meus objetivos. Falei, em linhas gerais, do convênio, porque gostaria de ir lá, pessoalmente, tratar com eles. Marcou o dia e a hora, fui e coloquei todas aquelas idéias de jovem que quer mudar o mundo. Conte a história do Ginásio Bandeirante, como a gente estava fazendo, e ele começou a se empolgar. Falei do nosso projeto para Caxias, das dificuldades encontradas. Ele falou: “Isso é muito bom, muito bonito, gostei muito da idéia, mas nós temos que ir para a Congregação. Você tem coragem de ir?” Repliquei-lhe: “A mim não vai faltar coragem. Só o fato de vir de São Luís para cá, sem conhecer o senhor, arriscando a ouvir um não seu, atesta que tenho coragem. Além do mais, fico feliz por o senhor me ter aberto as portas aqui, mostrando a máxima boa vontade e um interesse incomum. E, aí, vai entender a história do Ginásio Bandeirante. Primeiro, a idéia de que nós estávamos entrando no interior, a idéia de bandeiras, de bandeirante; e bandeirante é paulista. Os paulistas foram os primeiros bandeirantes. E eu espero que São Paulo queira ajudar os irmãos mais pobres”. Ele riu e afirmou: “Está apelando!” Retorqui: “É, a gente também apela, não é?” Fomos para a Congregação, e eu contei lá a mesma história. Empolguei-me mais ainda com o negócio. Tanto que afirmei que, se tivesse o aval do diretor naquela hora, íamos mandar brasa. O Prof. Dr. Aziz Ab’Saber (que foi, posteriormente, presidente da SBPC), renomado geógrafo, foi o primeiro a se pronunciar: “Estou apoiando esse projeto, porque conheço o Maranhão andando e sobrevoando, e o Maranhão está precisando de ajuda, senhor diretor. Sou o primeiro candidato a ir para essa tal faculdade”. E, então, um a um, todos os professores da Congregação levantaram-se, seguindo o exemplo do Dr. Ab’Saber. Vieram muitos ensinar, até o diretor e sua mulher.

---

<sup>77</sup> FONSECA, Denei Maria cunha. Prática pedagógica e realidade social. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 44.

<sup>78</sup> A Universidade Federal do Maranhão havia sido criada em 1967, estando ainda em processo de estruturação.

Só vinham doutores lecionar em Caxias. Sofri muitas críticas, porque, segundo falavam, não prestigiei a prata da casa. E eu ia improvisar com o improvisado? Eu queria formar gente com alta qualidade. Diziam assim: “Ah! Mas pessoal de São Paulo...”. Afirmei-lhes que era preciso que soubessem que o pessoal de São Paulo esta ensinando os nossos professores lá com lata velha, com pedaço de arame, a fazer instrumentos para ensinar. (...) Agora, era uma loucura, porque na realidade, era uma aventura. Os professores vinham de avião de São Paulo para São Luís ou para Teresina. Para Caxias, iam de caminhonete.

[...] infelizmente não tomou a direção que desejávamos, qual seja a de ser uma faculdade com sede em Caxias e itinerante nos seus cursos pelo interior do Estado.

Para a manutenção dos professores paulistas, firmou-se um convênio com a Prefeitura de Caxias, garantindo-lhes casa com todos os itens necessários numa residência, inclusive com empregados.<sup>79</sup>

Nessa fala, José Maria Cabral defendeu a não interveniência política de José Sarney com o então Gov. de S. Paulo Abreu Sodré, para que o convênio acontecesse, mas só a determinação do compromisso acadêmico, a vontade da FFLCH/USP em ajudar e as condições de possibilidades oferecidas pelo Governo do Maranhão para a execução do projeto, inclusive com remuneração de cada professor com Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros)<sup>80</sup> por um mês de trabalho. Mas os professores encaravam o convênio enquanto missão patriótica, segundo a narração da fala de Aziz Ab'Saber por José Maria Cabral.

### *2.2.1 O convênio com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*

No termo do Convênio, firmado entre a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão e a FFLCH da USP,<sup>81</sup> esta afirmava ter condições para atender à proposta formulada e faria empenho nesse atendimento por força de seus objetivos,<sup>82</sup> os quais não foram enunciados, mas, em mais de dois relatórios

<sup>79</sup> FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres. (Org.). *Ibidem*, p. 228/230.

<sup>80</sup> No câmbio comercial para compra, em janeiro de 1970 U\$ 1,00 valia Cr\$ 4,350 e em 25 de janeiro de 2011, U\$ 1,00 vale R\$ 1,67. Cr\$ 3.000,00 equivalia, no câmbio de janeiro de 1970, a U\$ 689,65 (seiscentos e oitenta e nove dólares e sessenta e cinco centavos), que convertido hoje, 25/01/2011, em Real seriam aproximadamente R\$ 1.151,71 (hum mil cento e cinqüenta e um reais e setenta e um centavos).

<sup>81</sup> Nos documentos ora é denominada Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e ora Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, fato que expressa o então momento de turbulência porque passa a Faculdade da “Maria Antônia” quando a Ditadura Militar agiu contra ela, a fim de que perdesse o que ela considerava sua identidade subversiva.

<sup>82</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO. CONVÊNIO em 24/11/1969. Em 19 de novembro o Secretário de Educação do Estado do Maranhão, Dr. José Maria Cabral Marques, manda telegrama ao Diretor Eurípedes Simões de Paula, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, dizendo: “COMUNICO VOSSIA ESTAREI AHI DIA 24

elaborados ao final de cada disciplina, os professores insistiam que não poderiam fracassar no projeto, pois se tratava de uma experiência pioneira:

A natureza e os objetivos da Faculdade que aqui se está criando não são idênticos aos de outras Faculdades que se improvisam e pululam no Sul do País. É uma Faculdade modesta que prepara os futuros professores secundários do Estado. É Estadual e não visa lucro; visa a preparar pessoas não para desambientá-las da sua região, levando-as assim a sentirem necessidade de procurar centros mais cultos, de ordenados mais atraentes.<sup>83</sup>

Ao encarar o convênio enquanto missão,<sup>84</sup> a instituição cooperadora transpareceu ainda o “ideal histórico”,<sup>85</sup> tão comum na comunidade universitária da FFLCH da USP, naqueles tempos que lhe valeram duras perseguições por parte da Ditadura Militar, num período de recrudescimento da caça aos “comunistas” e “subversivos” que se estendeu de 1964 a 1969, provocando-lhe irreparáveis prejuízos acadêmicos, morais e materiais<sup>86</sup>.

A Carta-Proposta informava: “O Governo do Estado do Maranhão criou uma Faculdade, no município de Caxias, com a finalidade de formar professores de ensino médio – primeiro ciclo”.<sup>87</sup> Mas o art. 3º, § 2º, alínea “a” das finalidades específicas da FFPEM de Caxias, determinava que a instituição formasse professores para o nível médio e para o magistério superior. E a FFLCH da USP respondeu positivamente ao Termo de Convênio (Anexo 04)<sup>88</sup> assinado pelas partes.<sup>89</sup>

---

(NOVEMBRO) FIM ASSINAR CONVENIO PT ROGOLHE NESSA OCASIÃO FORNECERME BIBLIOGRAFIA MATERIAIS PARA AQUISIÇÃO LIVROS BIBLIOTECA FACULDADE CAXIAS”.

<sup>83</sup> SALUM, Isaac; AB’SABER, Aziz Nacib; MORAIS, Alexandre Eduardo Dias. Carta-Relatório nº 02, 26/01/1970.

<sup>84</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO. MARQUES, José Maria Cabral. Carta ao Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, em 09/10/1969.

<sup>85</sup> E apesar do convênio ter sido celebrado no período do processo de “caça às bruxas” na USP, não há entre os sujeitos da pesquisa quem opine que o rompimento abrupto do referido convênio por parte do Governo do Maranhão se deva a algum receio de estarem financiando a transplantação de um foco da “subversão” para interior do Maranhão, haja vista que nenhum dos integrantes da “missão” tinha nome na lista de censurados, pois os “subversivos” do sistema que lá existiam já haviam sido expurgados e a velha FFCL, nascida pujante nos idos de 1934, havia sido dividida, originando, oxalá por “meiose”, a Faculdade de Educação.

<sup>86</sup> GERMANO, José Willington. *Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 108-112.

<sup>87</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO. Carta Proposta de José Maria Cabral Marques ao Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, em 09/10/1969.

<sup>88</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO. Termo do Convênio em 24 de novembro de 1969. São Luís-MA.

<sup>89</sup> Em 19 de novembro o Secretário de Educação do Estado do Maranhão, Dr. José Maria Cabral Marques, manda telegrama ao Diretor Eurípedes Simões de Paula, da Faculdade de Filosofia,

Há contradição no termo do “convênio” ao propor à USP formar professores em licenciatura curta para atender ao 1º ciclo do nível médio (curso ginásial), e ao criar expectativa nos alunos de que poderiam cursar mestrado e doutorado. Mas, na tentativa de superar essa contradição e motivar egressos do ensino médio a valorizarem a FFPEM de Caxias, ao invés de procurarem formação em outros centros, tanto a Coordenadora do “Projeto Maranhão”, na USP, Profª. Dra. Amélia Americano Domingues de Castro, quanto o Diretor da FFLCH da USP, Prof. Eurípedes Simões de Paula, pessoalmente e em carta-relatório, alertaram o Diretor da FFPEM, o Coordenador do Projeto Centauro e o Secretário Estadual de Educação, para a necessidade de adicionar mais um ano aos cursos, a fim de torná-los licenciatura plena, razão pela qual alentavam sonhos nos alunos.

Havia um temor de que o projeto da FFPEM de Caxias pudesse sofrer interrupção, o qual foi evidenciado quando, às “vésperas” da posse do novo governador (08.03.1971), Pedro Neiva de Santana<sup>90</sup>, foi assinado, em São Luís, pelo Prof. José Maria Cabral e pelo Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, um termo aditivo ao convênio entre a Secretaria de Educação e Cultura e a FFLCH da USP,<sup>91</sup> mantendo todas as cláusulas do convênio de 1969 e prorrogando o prazo de vigência do mesmo para 1974.<sup>92</sup> Mas como a partir de abril o governador não liberou mais recursos para o projeto, alegando insuficiência de verbas, não houve

Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, dizendo: “COMUNICO VOSSIA ESTAREI AHI DIA 24 (NOVEMBRO) FIM ASSINAR CONVENIO PT ROGOLHE NESSA OCASIÃO FORNECERME BIBLIOGRAFIA MATERIAIS PARA AQUISIÇÃO LIVROS BIBLIOTECA FACULDADE CAXIAS”.

<sup>90</sup> O novo governador tomou posse em 31 de março de 1971.

<sup>91</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO. Ofício nº 03/71, de 05.03.1971. Propõe a renovação do convênio com a FFLCH da USP para continuidade do Projeto da Faculdade.

<sup>92</sup> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO. TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO ENTRE A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA E A FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. (§) Aos oito dias do mês de março do ano de mil novecentos e setenta e um, nesta cidade de São Luís capital do Estado do Maranhão o secretário de Educação e Cultura, representado pelo seu titular dr. JOSÉ MARIA CABRAL MARQUES e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, resolvem, de comum acordo celebrar o presente termo aditivo ao Convênio celebrado em janeiro de 1970, na forma das cláusulas e condições seguintes: CLÁUSULA PRIMEIRA – OBJETIVO: Ficam mantidas todas as cláusulas constantes ao Convênio inicial celebrado em janeiro. CLÁUSULA SEGUNDA – PRAZO: O prazo será de dois anos a contar de janeiro de 1972 à igual data em 1974. E porque tenham acordado firmam as testemunhas abaixo o presente termo aditivo, em quatro vias, de igual teor, para um ó efeito, uma das quais será entregue ao representante da faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e as demais ficarão em poder da Secretaria de Educação e Cultura. (assinaturas) Dr. José Maria Cabral Marques – Secretário de Educação e Cultura. Prof. Eurípedes Simões de Paula – Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. TESTEMUNHAS: uma assinatura inidentificável e outra de Euda Batista da Silva.

continuidade da missão da USP, cujo trabalho cessou, com o último grupo, em maio de 1971.

Diante dessa alegação o Prof. Genival Costa e Silva<sup>93</sup>, instado a apresentar alternativas de solução ao Governo, apresentou as três sugestões seguintes:

- 1 - Aumento da verba, uma vez que a despesa era maior que a receita.
- 1 - Rescisão do Convênio e continuar a Faculdade funcionando com os Professores Auxiliares e completando o quadro, através de contratação de pessoal.
- 2 - Dispensa dos Professores Auxiliares para continuação do Convênio com a USP, devendo esta opção ser feita em último caso.<sup>94</sup>

Como o Governador optou pela segunda sugestão, as atividades da FFPEM de Caxias foram continuadas a partir de agosto de 1971, somente com os professores auxiliares e com bacharéis contratados para serem professores, residentes em Caxias, com formação em Direito, Engenharia, Medicina, Farmácia, Odontologia, Agronomia, sem experiência de magistério. Porém, como esse arranjo provocou indignação e manifestação da parte de alunos, que viam uma diferença entre o ensino ministrado pelos professores auxiliares e improvisados e o ensino ministrado pelos docentes da USP, foram contratados professores que lecionavam na Universidade Federal do Maranhão – UFMA e na Universidade Federal do Piauí – UFPI, como relatou em carta a aluna Anecy:

Quanto à Faculdade, as coisas estão meio (ou muito) desandadas. O novo diretor, ao assumir, encaminhou ao Secretário de Educação uma exposição de motivos, apresentando-se com condições de continuar o curso intensivo (o nosso) com outros professores, sem a cooperação da USP e daí, o convênio foi suspenso. Houve muitos e veementes protestos dos alunos e o clima daí para cá não tem sido bom. De maio do ano passado [1971] até hoje passaram a dar aula os professores auxiliares que o senhor conheceu e mais outros: padres, advogados, engenheiros foram improvisados professores, diga-se de passagem sem nenhuma experiência didática e o resultado é que os alunos frustrados passaram a assistir às aulas com o espírito de crítica e rejeição e os resultados são sempre, em tais circunstâncias, negativos. Acredite o sr. que tem-se chegado ao cúmulo de assistir aula em que o professor usa no retroprojeter trabalhos que nós fizemos com os professores da USP, dizendo ser seu. A maioria se limita a escolher assuntos e escalar os alunos para fazerem as explicações, o

<sup>93</sup> Novo diretor da FFPEM de Caxias, em substituição ao Cônego Aderson, que havia falecido em novembro de 1970.

<sup>94</sup> Apud FONSECA, Denei Maria Cunha. Prática pedagógica e realidade social: um estudo crítico sobre a experiência da Unidade de Estudos de Educação de Caxias. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 49; COSTA E SILVA, Genival. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, na sua residência, em Teresina, em 22.07.2008.

essencial é preencher uma carga-horária de qualquer maneira. O Francês foi cortado de nosso curso e as duas etapas que já fizemos quer a direção simplesmente não tomar conhecimento e nega-se a dar os créditos a que temos direito. Todos são obrigados a estudar Inglês, mesmo que tenham optado pelo Francês. Este ano começou o curso normal [regular] de 3 anos e há muitos alunos. Também a Secretaria de Educação assinou um convênio para um curso parcelado do qual fazem parte os professores dos Ginásios Bandeirantes de várias cidades do interior e recebem aulas durante as grandes férias (dezembro a março). Para estes dois cursos foram contratados professores das Universidades do Maranhão e do Piauí para completar o quadro docente.<sup>95</sup>

Esses alunos viram se desfazer os sonhos de mestrado e doutorado na USP implícito no convênio. Mas, segundo os ex-alunos Deusiano Bandeira e Edmée Leite, numa tentativa de coibir protestos de alunos, o então Diretor convocou os descontentes para uma reunião, a portas fechadas, na sala do laboratório de Biologia e Química, aos quais leu o Decreto-Lei 477/69,<sup>96</sup> tratando-os como subversivos, restando aos mesmos calarem sob pena de expulsão.<sup>97</sup>

### 2.2.2 A ação da missão docente da FFLCH da USP na FFPEM de Caxias

A missão docente da FFLCH/USP na FFPEM de Caxias aconteceu de janeiro de 1970 a maio de 1971, sob a Coordenação Pedagógica da FFCLH da USP, na pessoa da Prof. Dra. Amélia Americano Domingues de Castro, com a participação dos seguintes professores<sup>98</sup> signatários de Carta-Relatório:

<sup>95</sup> MARQUES SERRA, Anecy Calland. Carta dirigida ao Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, em Caxias, 28.02.1972. Caxias-MA: Acervo da Direção do CESC/UEMA, 2010.

<sup>96</sup> BRASIL. Decreto-Lei nº 477, de 26.02.1969. Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Diário Oficial da União – D.O.U. de 26.02.1969. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/>

126092/decreto-lei-477-69. Acesso em: 25.01.2011. Esse Decreto-Lei determinava: “Art. 1º comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado e estabelecimento de ensino público ou particular que: I – Alicie ou incite à deflagração de movimento que tenha por finalidade a paralisação de atividade escolar ou participe desse movimento. IV – conduza ou realize, confeccione, imprima, tenha em depósito, distribua material subversivo de qualquer natureza. § 1º As infrações definidas neste artigo serão punidas: II – Se se tratar de aluno, com pena de desligamento, e a proibição de se matricular em qualquer outro estabelecimento de ensino pelo prazo de três (3) anos”. Foi revogado pela Lei nº 6.680/79.

<sup>97</sup> ALMEIDA, Deusiano Bandeira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 25.03.2010; LEITE, Edmée da Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 24.03.2010.

<sup>98</sup> Essa classificação obedece à ordem de permanência para a docência na FFPEM de Caxias.

Quadro 2. Professores da USP na FFPEM de Caxias, de 1970 a 1971.

Nº Ord.	PROFESSOR	DISCIPLINA
01	Dr. Isaac Nicolau Salum	Letras
02	Dr. Aziz Nacib Ab'Saber	Geografia
03	Dr. Alexandre Eduardo Dias de Moraes	Ciências
04	Dr. José Carlos Garbuglio	
05	Dr. Massaud Moisés	Literatura Portuguesa
06	Dr. Erasmo d'Almeida Magalhães	Letras
07	Dr. Vilma Vasconcelos Maia	Biologia
08	Dr. Aldo Janotti	História Medieval
09	Dr. Aylton Brandão Joly	Botânica
10	Dr. Geraldina Porto Witter	Psicologia da Educação
11	Ms. José Sebastião Wlter	História do Brasil
12	Dr. Vincenzo R. Rochicchio	Cartografia
13	Dra. Ana Lia Amaral de Almeida Prado	Língua Latina
14	Dr. Leopoldo Magno Coutinho	Fisiologia Vegetal e Ecologia
15	Dr. Douglas Teixeira Monteiro	Sociologia
16	Dr. Italo Caroni	Língua Francesa
17	Dr. Antônio Rocha Penteado	Geografia do Brasil
18	Dra. Amélia Domingues de Castro	Didática
19	Dra. M <sup>a</sup> Regina R. Simões de Paula	Fund. de Ciências Sociais
20	Dra. Hilda Regina Ferreira	Prática de Ensino em Ciências
21	Dra. Nina Atuko Mabuchi	Francês
22	Dr. Eurípedes Simões de Paula	História Antiga
23	Dr. Uacury de Assis Bastos	História Moderna
24	Dr. Antonio da Silveira Mendonça	Língua Latina
25	Dra. Erika Schlenz	Zoologia
26	Dr. Bernardo Isslor	Prática de Ens. de Estudos Sociais
27	Dr. João Teodoro d'Olim Marote	Prática de Ens. de Port. e Francês
28	Dr. Yassuko Hosoume	Iniciação à Física
29	Dr. Joubbran	Língua Inglesa
30	Dra. Winifred Kera Stevens	Língua Inglesa
31	Dra. Sônia Maria Aparecida Siqueira	Ciências
32	Dr. Edson Ferreira dos Santos	Estudos Sociais

Fonte: Cartas-Relatórios. Arquivos da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Só um professor não possuía título de doutorado, segundo alguns currículos encontrados no acervo da diretoria do CESC/UEMA e na internet. E para auxiliá-los no acompanhamento das atividades docentes, foram contratados os seguintes graduados: Conceição de Maria Menezes Ramos (Pedagogia), Isani Leitão Machado (Letras), Valquíria Pereira de Araújo Silva (Letras) e Januário Francisco Megale<sup>99</sup> (Ciências Sociais).

Isaac Nicolau Salum, Aziz Nacib Ab'Saber e Alexandre Eduardo Dias de Moraes idealizaram o registro da atuação dos docente em cartas-relatorios, expressando-se ao diretor da FFLCH da USP, Eurípedes Simões de Paula:

<sup>99</sup> A partir de meado de 1970 passou a ser Secretário da FFPEM.

1- Julgamos que seria de grande utilidade para o cabal cumprimento desta missão da FFLCH da USP em Caxias encaminharmos a Vossa Excelência e, por seu intermédio à nossa colega, Profa. Amélia Americana Domingues de Castro, Coordenadora dos trabalhos, e aos colegas que virão suceder-nos, cartas-relatórios periódicas, que exponham nossas experiências, nossas dificuldades, e o que estamos fazendo, e que ofereçam sugestões aos nossos sucessores, a fim de que o seu trabalho seja mais eficiente que o nosso, que é pioneiro.

2- A fim de dar maior autenticidade às informações, estas cartas irão assinadas pelos três atuais integrantes da missão da nossa Faculdade e pelo Diretor da Faculdade de Ciências e Letras de Caxias, Revmo. Cônego Aderson Guimarães Júnior, delas ficando cópias com cada um dos seus signatários e enviando-as uma cópia à Secretaria da Educação e Cultura deste Estado.<sup>100</sup>

Sempre que um professor ou grupo de professores chegava em São Luís era costume avistar-se com o secretário Estadual de Educação, Prof. José Maria Cabral ou seu substituto, mesmo quando a chegada acontecia por Teresina, pois o retorno se dava por São Luís, segundo as cartas-relatórios, o qual fazia uma exposição do Projeto Centauro e ouvia as impressões e sugestões dos professores. E, logo depois, ou normalmente no dia seguinte, viajavam para Caxias, seja em caminhonete, dirigida pelo Prof. José Maria Cabral ou Prof. Ivo Anselmo, ou de avião “teco-teco”. Chegando em Caxias sempre havia uma recepção da parte do Diretor, Cônego Aderson, e do vice, Revdo. Sillas. E da estada, inicialmente em hotel e depois na “Casa do Professor”, sempre disseram os professores que nada ficou a desejar. E do povo de Caxias, em geral, todos ressaltavam a hospitalidade. Todos os membros da “Missão” não se cansavam de tecer elogios à recepção calorosa oferecida pelo Cônego Aderson Guimarães Júnior e pelo Reverendo Sillas Marques Serra, diretor e vice-diretor, respectivamente, bem como o empenho para que todas as solicitações dos professores fossem atendidas para bem desempenharem o trabalho docente.

Ao chegar ao fim a participação da FFCL da USP, em maio de 1971, a fim de que a perspectiva de uma instituição de ensino superior não sucumbisse em meio às disputas do campo político local e estadual, a lógica da realidade impôs uma “solução caseira”.

---

<sup>100</sup> SALUM, Isaac Nicolau; AB’SABER, Aziz Nacib; MORAIS, Alexandre Eduardo. Dias de. Carta-relatório de 26.01.1970.

### 2.3 De FFPEM à FEC: da “solução caseira”, em 1971, ao reconhecimento e consolidação.

Quando o Cônego Aderson Guimarães faleceu, coube ao Revdo. Sillas Marques Serra, na condição de vice-diretor, dirigir a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias até ser nomeado o novo diretor, o Pastor Genival Costa e Silva, em março de 1971.

Figura 1 – Reunião na Faculdade de Educação de Caxias, no *Auditorium* Leônicio Magno, 1974(?).



Fonte: Arquivos da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Genival, presumindo encontrar algumas resistências por ser evangélico, uma vez que Caxias era tradicionalmente católica, buscou consenso, visitando o bispo diocesano, Dom Luís da Cunha Marelím, e demais autoridades de destaque em Caxias, e, na sua gestão, sempre que havia um evento na FFPEM os convidava, oferecendo sempre lugar de honra para o clero, em especial o bispo diocesano. Essa prática se tornou tradição, pois a presença de eclesiásticos e demais autoridades na FFPEM era uma constante. Essa procura do consenso só conheceu limites na crise da suspensão do convênio com a USP em agosto de 1971.

Após o convênio com a FFLCH da USP, para compor o quadro docente da FFPEM de Caxias, aos professores auxiliares juntaram-se profissionais dos ramos de direito, engenharia, medicina, farmácia, odontologia, economia, domiciliados em Caxias e professores que exerciam o magistério na UFPI. Isso garantiu a continuidade do projeto, mesmo com as deficiências de um corpo docente sem titularidade igual à dos professores da USP, e respaldou à direção ofertar vagas nos cursos regulares de Ciências, Estudos Sociais e Letras para 1972.

Mas, ainda em 1973, estudantes de Letras da primeira turma reclamavam que, por falta de um só professor de Literatura Inglesa, ainda não haviam terminado o curso iniciado em janeiro de 1970<sup>101</sup>, embora no início da gestão do diretor Hélio Benévolo Nogueira (1973-1975) o quadro de professores da FFPEM<sup>102</sup> já estivesse composto por 17 professores (9 licenciados e 8 bacharéis): Ciências - 6, Estudos Sociais - 4, Letras - 4 e 3 que atendiam demandas comuns aos três cursos.

Quadro 3 – Corpo docente da Faculdade de Formação de Professores de Caxias (FFPEM) – 1973

Nº	Professor	Letras	Ciências	Estudos Sociais	Graduação
01	Francisco Flores Freitas		x		Eng <sup>a</sup> Civil – Bel.
02	Jadhriel José de A. Carvalho		x		Eng <sup>a</sup> Civil – Bel.
03	Wilson Egídio dos Santos		x		Farmácia – Bel.
04	Hélio Benévolo Nogueira	x	x	x	Direito – Bel.
05	Antônio Máximo da Silva		x		Eng <sup>a</sup> Civil – Bel.
06	Roberto Gonçalves Freitas		x		Direito – Bel.
07	Almir Bezerra Lima			x	Geologia – Bel.
08	Glória de M <sup>a</sup> R. Nunes Almeida		x		Odontologia – Bel.
09	Francisco M. Damasceno	x	x	x	Filosofia – Lic.
10	Fernando Spagnolo	x	x	x	Filosofia – Lic.
11	Arlindo Fernandes de Oliveira	x	x	x	Filosofia – Lic.
12	Genival Costa e Silva	x			Letras – Lic.
13	Antônio José e Silva Rego	x			Letras – Lic.
14	Isani L. Machado	x			Letras - Lic.
15	Iracilde Maria de M. Fé Lima			x	Geografia – Lic.
16	M <sup>a</sup> das Dores B. da Silva			x	História - Lic.
17	Valquíria Pereira Araújo e Silva	x	x	x	Letra – Lic.

Fonte: Jornal Diálogos dos Alecrim, n. 01, 1973 e Arquivo do CESC/UEMA.

Nesse período, em vista da racionalização de recursos humanos e financeiros, que reclamavam onerosos para o erário público, o governo estadual fez

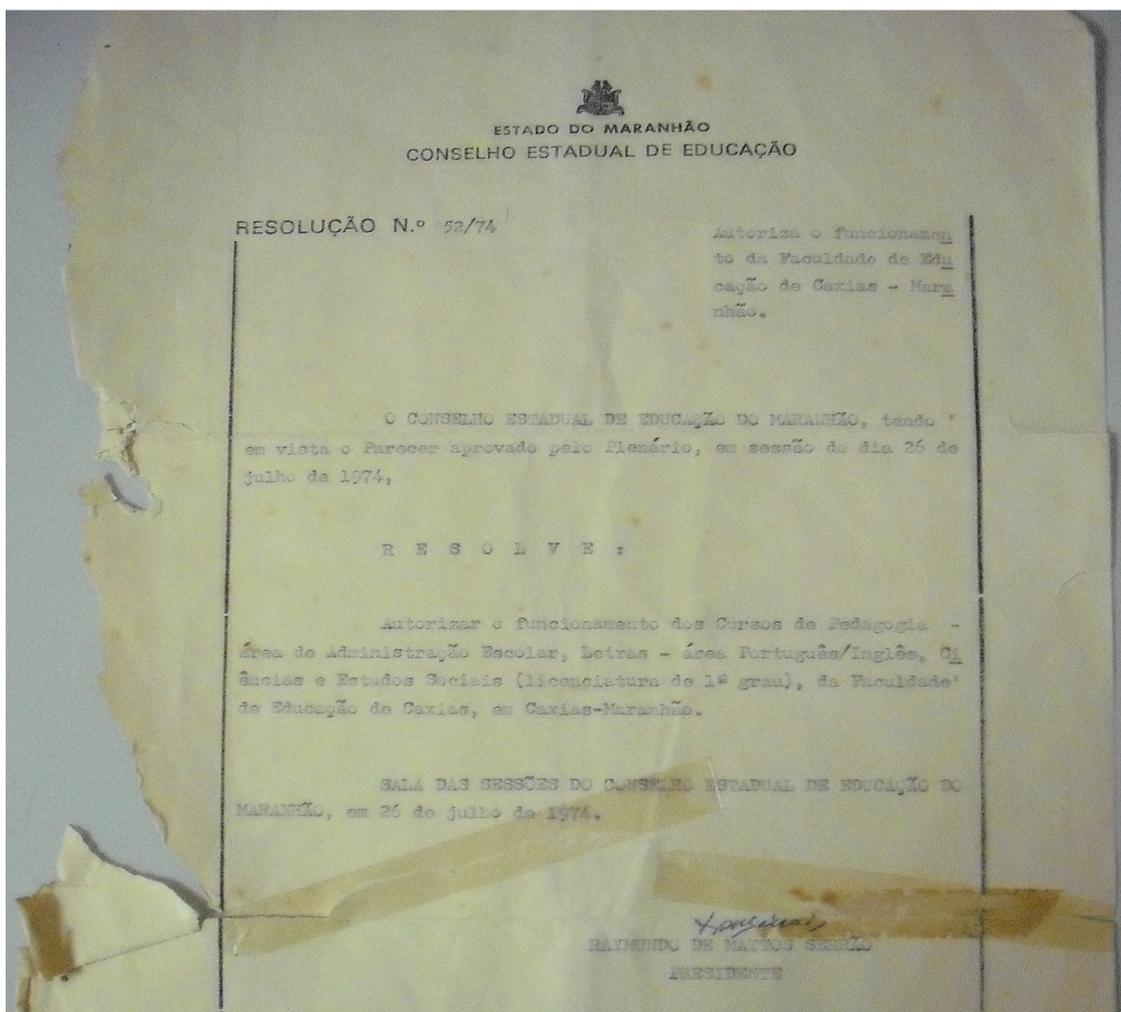
<sup>101</sup> FOLHA DE CAXIAS, n. 515, em 25.03.1973.

<sup>102</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, n. 01, em 01.05.1973. Jornal do Diretório Acadêmico Tiradentes, da Faculdade de Formação de Professores de Caxias ou Faculdade de Educação de Caxias.

aprovar a Lei n. 3.260, de 22.08.1972 que institui a Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM<sup>103</sup>, com a finalidade de coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior no Maranhão, nos seguintes termos: “Art. 4º - A Federação congregará: I – a Escola de Engenharia do Maranhão; II – a Escola de Administração do Estado do Maranhão; III – a Escola de Agronomia do Maranhão; IV – a Faculdade de Educação de Caxias”.<sup>104</sup>

Mas para que a FFPEM, já então denominada Faculdade de Educação de Caxias - FEC pudesse efetivamente, de direito, ser congregada à FESM teria que estar legalizada, como suas congêneres, o que não aconteceu.

Figura 2 – Resolução de 26.07.1974 que autorizou o funcionamento da FEC



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

<sup>103</sup> DIÁRIO OFICIAL [DO] ESTADO DO MARANHÃO, São Luís-MA, 29 ago. 1972.

<sup>104</sup> Por força dessa lei a FFPEM de Caxias foi denominada Faculdade de Educação de Caxias (FEC).

Apesar de a Lei N. 2.821 de 23 de fevereiro de 1968, de criação da FEC, haver determinado que em até 30 dias, a partir daquela data, a respectiva lei fosse regulamentada, o funcionamento da FEC só foi autorizado, pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), em 26 de julho de 1974, através da Resolução n. 52.<sup>105</sup> Com a autorização do CEE, após a aprovação do estatuto da FESM, em 1974, a FEC passou a figurar como membro da Federação sem restrição.

Para viabilizar o reconhecimento da FEC, desde 1972 teve início as providencias dos requisitos necessários: o Prefeito Municipal, Marcelo Tadeu de Assunção, atestou seu funcionando normal;<sup>106</sup> foi removido o Ginásio Bandeirante Duque de Caxias para outro prédio da Prefeitura de Caxias;<sup>107</sup> o Governador Pedro Neiva de Santana cedeu o prédio do Ginásio Bandeirante para funcionar a FEC.<sup>108</sup>

Para dar à FEC mecanismos de funcionamento e feições de instituição de ensino superior, o diretor Hélio Nogueira expediu a Portaria 13, de 11 de junho de 1973, instituindo os departamentos e o Conselho Departamental, de acordo com a Lei 5.540/68, com as denominações dos cursos ofertados na FEC. O diretor da FEC, Hélio Nogueira,<sup>109</sup> recebeu aplausos da comunidade por tais medidas administrativas que resultaram em melhorias, tais como: iluminação fluorescente, telefones, bebedouros elétricos e a criação dos departamentos, para coordenar as atividades acadêmicas. Foram eleitos, por votação direta para chefes dos departamentos, os professores: Arlindo Fernandes Oliveira – Departamento de Estudos Sociais; Valquíria Pereira de Araújo e Silva – Departamento de Letras; Wilson Egídio dos Santos – Departamento de Ciências.

Os estudantes elogiaram a “BIBLIOTECA DE CARA NOVA”: “Assumi as funções de bibliotecária nossa grande batalhadora Sílvia. Temos certeza que lá, sua atuação será tão eficiente como tem sido até hoje, sempre incansável em dar sua generosa parcela de contribuição para o bom andamento de nossa Faculdade”.<sup>110</sup>

---

<sup>105</sup> MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Resolução N. 52/74. Diário Oficial do Estado do Maranhão. s/n 28.07.1974.

<sup>106</sup> CAXIAS. Prefeitura Municipal. Declaração [de funcionamento da Faculdade], em 14.01.1972.

<sup>107</sup> CAXIAS. Secretaria Municipal de Educação. Ginásio Duque de Caxias do Projeto Bandeirante. Declaração [de acordo de transferência do prédio], em 25.02.1972 1972.

<sup>108</sup> ESTADO DO MARANHÃO. Resolução, de 28.09.1973. Diário Oficial, São Luís-MA, 04 out. 1973.

<sup>109</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caxias-MA, n. 01, em 01.05.1973.

<sup>110</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caxias-MA, n. 01, em 01.05.1973.

Figura 3 – Reunião no corredor do Pavilhão B, em 1973.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Nota: Evidenciadas a presença de clérigos: Mons. Clóvis, Pe. J. Mendes e Irmã Zenir, antes de 1974.

O espaço físico insuficiente se constituía numa das maiores preocupações da nova administração da FEC e dos professores e estudantes, pois muitas vezes as aulas e reuniões aconteciam nos corredores. Desse modo, a notícia da construção de novo pavilhão e demais salas de aulas gerou expectativas durante todo o ano de 1973.

Figura 4 – Construção do Pavilhão A, em 1973.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

NOVO PAVILHÃO: MAIS SALAS DE AULA. “Muito em breve começarão as obras de construção de mais um pavilhão em nossa sede. Funcionará nele: Diretoria, vice-Diretoria, Secretaria, Contadoria, Diretório Acadêmico, Almoarifado, Arquivo, Conselho Departamental, congregação, Sala de Professores. E, ainda, haverá um AUDITORIUM de mais de 20 metros, com capacidade para quase 500 cadeiras. Prá valer!<sup>111</sup>

Figura 5 – Pavilhão A, inaugurado em 1974,



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008

Nota: Construído e inaugurado em 1974, na gestão de Dr. Hélio Nogueira.

NOVO PAVILHÃO – JANEIRO. A construção do novo pavilhão já muito adiantada, deverá estar pronta em janeiro. E haverá festa na inauguração. A equipe sabe de tudo. Fala-se em churrasco e baile. Tá!.

Vai ser um prédio bacaníssimo: até ar condicionado. O auditório será forrado com gesso ou madeira trabalhada. E murais nas paredes. Tá, bicho! O Governador Pedro Neiva de Santana aprovou exposição-de-motivos da diretoria e liberou mais verba. E o pessoal trabalha dia e noite. O Mundico Santos, construtor, só vive lá, reclamando, exigindo, bronqueando. O Prof. Jadhriel Carvalho, supervisor-técnico, antes de entrar na aula, percorre as obras e examina tudo. Tá, bicho!<sup>112</sup>

<sup>111</sup> Idem, nº 02, em 07. Jul./set. 1973.

<sup>112</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caxias-MA, n. 03, em out./dez. 1973.

O terceiro pavilhão, que foi inaugurado em 1974,<sup>113</sup> abrigando auditório, três departamentos, divisão de escolaridade e diretoria, desocupou espaços do primeiro e do segundo pavilhão, gerando salas de aula e ampliando o espaço da biblioteca, que funcionava em uma sala de aula.

Figura 6 – Reunião no *Auditorium* Leôncio Magno, em 1976.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008

Há egressos que, de passagem pelo CESC, apreciam rever o *Auditorium* Leôncio, o qual se constitui para eles um lugar de memória<sup>114</sup> por excelência dos tempos da Faculdade, pois evoca lembranças de debates, de encenações, de aulas e da colação de grau, produzindo uma sensação de continuidade.

<sup>113</sup> O PIONEIRO, n. 316, p. 15, em 18.05.1975. Na gestão do diretor Sillas Marques Serra (1975-1976) constou a iminente construção de um quarto pavilhão, com seis salas conforme documento transcrito a seguir, mas que não prosperou: FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE PROFESSORES – EDITAL – TOMADA DE PREÇOS Nº 001/75. A Faculdade de Educação de Caxias, Estado do Maranhão, torna público e convida as firmas interessadas, a participarem da TOMADA DE PREÇOS 001/75, para a construção de um PAVILHÃO com seis (6) salas de aulas, cujo Projeto se encontra afixado na portaria da F.E.C., na Praça Duque de Caxias. (...) Caxias (MA), 12 de maio de 1975. Prof. Rev. Sillas Marques Serra – Diretor em Exercício.

<sup>114</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: La problemática de los lugares. Disponível em: < <http://comisionporlamemoria.chaco>>. Acesso em: 08.08.2011.

Figura 7 – Fachada da FFPEM de Caxias em 1973.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008

A fachada do CESC de 1994 quase nada mudou em relação a 1973, não fosse a construção de mais um pavilhão. Essa arquitetura nunca é lembrada, a não ser com certo constrangimento, como expressou Raimundo Luís Almeida:

As recordações não são muitos agradáveis considerando que na época, a vista, o prédio em si era deprimente. Os corredores eram mata coados, cimento bruto. As salas de aula que outrora foram de ladrilho vermelho, a maioria delas tinha só a metade ou menos da metade e algumas delas tinha esporadicamente um ladrilho aqui e outro acolá, tava no chão como se fosse terra batida como nas casas aterradas. A poeira, você varria os basculantes, as janela de corrediças tinha que ter cuidado pra puxar com certo cuidado para não cair por cima de você. Os quadros, você pegava um bastão giz e começava a escrever, já consumia o bastão de giz todo, porque era muito poroso. A cantina era praticamente inexistente.

Então professor, não há uma coisa que chame a atenção, que despertasse algum tipo de orgulho, algum tipo de sentimento que enaltecesse a si e ao próprio centro.

É apenas um sentimento, não de desprezo nem sem dar muita importância pra tudo que ali está. Então, eu não tenho nenhuma recordação que eu seja capaz de lembrar com satisfação, a não ser as conversas com os colegas.

Ali tá muito longe, na minha concepção, de denotar, demonstrar uma universidade. Para mim uma Universidade é como se fosse uma catedral, pois a arquitetura deveria ser diferenciada, bonita.<sup>115</sup>

<sup>115</sup> ALMEIDA, Raimundo Luís Ferreira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 19.03.2010.

Apesar de não poucos egressos se referirem positivamente à contribuição do CESC para seu êxito na vida profissional, a imagem do prédio do CESC não contribuía positivamente para a valorização da imagem da instituição. Possivelmente, como sugere Raimundo Luís, se o CESC tivesse traços de uma catedral ou de um palácio grego, teria maior valor simbólico.<sup>116</sup>

A respeito da administração de Hélio Nogueira, a Prof<sup>a</sup> Denei<sup>117</sup> fez a seguinte apreciação: “Sob a gestão do Dr. Hélio Nogueira, a Faculdade sofreu uma série de medidas que visavam a melhoria em sua organização. Assim, as instalações físicas foram ampliadas com a construção de mais um pavilhão, com auditório e dependências administrativas”.

Por Resolução de 21 de setembro de 1973, foi aprovada, pelo Conselho Departamental da Faculdade a criação do Curso de Pedagogia,<sup>118</sup> autorizado a funcionar com a habilitação em Administração Escolar. Com o vestibular<sup>119</sup> foram preenchidas 80 vagas no curso parcelado<sup>120</sup> de Administração Escolar, abrangendo 36 municípios, com aulas iniciadas em 02 de janeiro de 1974. Foram contemplados com bolsas de estudo 70 alunos. Também a FEC fez vestibular em 06.01.1974 ofertando 200 vagas para os cursos regulares de Letras, Estudos Sociais, Ciências e Pedagogia – habilitação em Administração Escolar (50 para cada curso).

O Decreto n. 5.285, de 19 de fevereiro de 1974, que instituiu o Estatuto da FESM,<sup>121</sup> ressaltado pelo Regimento da FESM, aprovado em Reunião do Conselho Federativo em 25 de maio de 1974, afirmava:

Art. 1º - A Federação das Escolas Superiores do Maranhão, instituída nos termos da Lei número 5.260 de 22 de agosto de 1972 e do Decreto número 5.285, de 11 [19] de fevereiro de 1974, que aprovou seu Estatuto, destina-se a coordenar, supervisionar, congregar e integrar estabelecimentos isolados de ensino superior.

Art. 4º - A Federação, que terá duração indeterminada e gozará de autonomia didática, acadêmica, administrativa e financeira congregará: I – a

<sup>116</sup> SALES, Luis Carlos. O valor simbólico do prédio escolar. Teresina-PI: EDUFPI, 2000, p. 242-249.

<sup>117</sup> FONSECA, Denei M<sup>a</sup> C.. Prática pedagógica e realidade social. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 54.

<sup>118</sup> CARVALHO, Irmã Gemma Carvalho. Faculdade de Educação de Caxias. Caxias-MA: Expansão Gráfica, 2007, p. 63 e 64; FONSECA, Denei Maria Cunha. Prática pedagógica e realidade social. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 55.

<sup>119</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caxias-MA, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>120</sup> A primeira turma de curso parcelado, iniciado em janeiro de 1972, foi concluído em dezembro de 1973, com previsão de entrega dos certificados em julho de 1974; a segunda turma, também de Letras, Estudos Sociais e Ciências, que ingressou em janeiro de 1973, já está assistindo aulas, as quais são constituídas de professores e diretores de Ginásio Bandeirante e Grupo Escolar de mais de 40 municípios, como indicador peremptório de superação da crise do fim do convênio com a USP.

<sup>121</sup> MARANHÃO. Diário Oficial, de 08.03.1974.

Escola de Engenharia do Maranhão; II – a Escola de Administração do Estado do Maranhão; e III – a Escola de Agronomia do Maranhão. § 1º - Faculdade de Educação de Caxias será incorporada logo que for oficialmente reconhecida.<sup>122</sup>

O Regimento da FESM, aprovado pelo Decreto nº 5.503, de 31 de dezembro de 1974,<sup>123</sup> admitia a incorporação da FEC à FESM, para facilitar o reconhecimento.

Porém, após o Secretário de Educação do Estado, Pedro Dantas da Rocha Neto, fazer ao governador, em ofício n. 07/75, de 06.01.1975, um relatório de considerações e sugestões sobre funcionamento e situação jurídica da FEC, houve agilização do seu processo de reconhecimento.

Foram essas as considerações:

- 1 - A Escola foi criada pelo Executivo estadual somente em 1971, embora houvesse autorização legislativa de 1968.
- 2 - Funcionou de 1969 até 1970 sem regime jurídico definido, sem o seu quadro de pessoal criado e na secretaria da Educação não existe documentação alguma a respeito da vida funcional dos seus diretores.
- 3 - O Decreto Estadual que a cria, determina a abertura (no quadro do Estado), do cargo em comissão símbolo 1-C de Diretor. Apesar da terminação legal, pela qual a Faculdade deveria ser criada, sob a forma de autarquia, persistiu, ainda assim, a existência do cargo de Diretor 2-C, conforme Lei delegada de 1970.
- 4 – A Lei delegada nº. 64, que reorganizou administrativamente a Secretaria da Educação, extinguiu o cargo de Diretor, até então existente. O atual diretor, portanto está nomeado para um cargo não existente.

Sendo essas as sugestões:

- 1 - Tornar sem efeito o ato que nomeou o atual Diretor, Prof. HÉLIO BENÉVOLO NOGUEIRA.
- 2 - Designar pessoa para, temporariamente, assumir a diretoria da Faculdade e promover levantamento da documentação existente.
- 3 - Seria objetivo desta fazer a apresentação a Vossa Excelência, de anteprojeto de Lei, reestruturando a FEC, criando sob a forma de autarquia e reorganizando, no seu âmbito, o quadro de pessoal.
- 4 - O Regimento Interno da mesma Faculdade não satisfaz à sua finalidade e apresenta-se confuso, contraditório e omissivo.
- 5 - Seria promovida nesta fase a reintegração completa e total da FEC à Federação das Escolas Superiores. Esta integração não prejudicaria a FESM e, no entanto, beneficiaria a Faculdade de Caxias, porque evitaria a indefinição da vinculação à hierarquia do sistema estadual de educação.<sup>124</sup>

<sup>122</sup> MARANHÃO. Diário Oficial, São Luís-MA, 04 out. 1974.

<sup>123</sup> MARANHÃO. Diário Oficial de 09.01.1975.

<sup>124</sup> Apud FONSECA, 1985, op. Cit., p. 56 e 57.

O Governador Pedro Neiva de Santana acatou as considerações e sugestões do relatório do Secretário de Educação e, em 09 de janeiro de 1975, em ato contínuo<sup>125</sup>, demitiu o diretor Hélio Benévolo Nogueira e nomeou como seu substituto Sillas Marques Serra (1975-1976), ao arrepio do Estatuto da FEC e da FESM, intencionalmente, para que se justificasse no tempo devido a demissão deste e a criação do cargo de diretor da FEC, que existia apenas informalmente, pois nunca houvera sido criado por lei, para que a FEC fosse incorporada à FESM.<sup>126</sup>

Questionou Fonseca o relato do Secretário de Educação: “Não denotaria essas considerações e sugestões do Sr. Secretário uma possível perda de controle do Estado sobre a FEC, pela ‘indefinição da vinculação à hierarquia do Sistema Estadual de Educação’, cujas medidas eram um meio de garantir este controle?”<sup>127</sup>

Esta solução técnico-burocrática, para facilitar o processo de reconhecimento da FEC pelo MEC, foi compreendida pela comunidade acadêmica de Caxias como ingratidão<sup>128</sup> para com alguém tão correto e zeloso no exercício da função de diretor, que havia prestado relevantes serviços à instituição. Inclusive estudantes e professores da época lembram que Hélio Nogueira (1973-1975) era um cidadão probo e à esquerda, tendo feito, na antevéspera de sua demissão, um inflamado discurso crítico que feriu o brio da elite política local.<sup>129</sup>

O Gov. Pedro Neiva de Santana, firme em sua decisão de resolver, antes do final de seu governo,<sup>130</sup> os problemas que mais impediam o reconhecimento da FEC, tendo nomeado Arthur de Almada Lima Filho como presidente da FESM, em janeiro de 1975, solicitou a este diligência para acelerar a incorporação da FEC à FESM e, conseqüentemente, o reconhecimento daquela.

Mas a medida facilitadora do processo de reconhecimento pelo CFE, que era a incorporação da FEC à FESM, aconteceu graças a um arranjo elaborado por

---

<sup>125</sup> Diário Oficial [do Estado do Maranhão], n. \_\_\_\_, de 10 de janeiro de 1975.

<sup>126</sup> ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias, 28.01.2010.

<sup>127</sup> Idem. Ibidem, p. 57.

<sup>128</sup> FONSECA, Denei Maria Cunha. Prática pedagógica e realidade social. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 57.

<sup>129</sup> ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 28.01.2010.

<sup>130</sup> O último dia do governo de Pedro Neiva de Santana foi 15 de março de 1975.

Arthur Almada Lima Filho com anuência do Gov. Oswaldo da Costa Nunes Freire (1975-1979), conforme relatou o mesmo.<sup>131</sup>

... o governador, sendo eu presidente da FESM, me procurou e determinou que eu diligenciasse a incorporação da Faculdade de Educação de Caxias. Mas por uma decisão de Conselho exigíamos primeiro o reconhecimento. E para isso uma comissão veio a Caxias e fez uma exposição sobre algumas dificuldades, de modo que aconselhou que o governador encaminhasse um projeto de lei incorporando a Faculdade à Federação. Mas o governador não aceitou a proposta, pois achava que ia ser um trabalho muito demorado, pois teria que ser votada na Assembléia, algo que envolvia interesses políticos. Então ele me fez entender que havia muitos interessados na presidência da FESM e que era melhor procurar outra maneira. Aí eu propus... Até não sei se me penitencio de ter cometido essa falsidade na minha carreira. O governador me tinha muito respeito... E eu lembrei a ele que ele me conhecia como homem, um juiz muito sério, protetor da lei, talvez até exageradamente, mas que só havia um recurso: desconhecer a lei. Então o Conselho Federativo baixaria um ato declarando incorporada a Faculdade de Educação de Caxias. Mostrei a ele que isso era ilegal, que era contrario a lei, mas só o governo do estado poderia anular esse ato. Mas se seu governo estava de acordo, a coisa correria tranquilamente. E o governador aceitou imediatamente essa proposta, de modo que o Conselho se reuniu e nós baixamos esse ato: incorporamos a Faculdade de Educação de Caxias à Federação das Escolas Superiores do Maranhão. No entanto, essa incorporação teve alguns probleminhas, porque a nomeação de diretor teria que obedecer ao regimento da FESM, o que é natural em toda instituição de ensino superior, inclusive o diretor tem que ser professor e só pode ser professor da instituição quem tenha curso superior, infelizmente não era o caso de Caxias.<sup>132</sup> E apesar dos apelos do Senador Alexandre Costa, meu amigo particular e amigo da minha família, que pessoalmente me procurava pra resolver esse problema, me telefonava constantemente, o Revdo. Sillas foi demitido e Irmã Gemma Carvalho foi nomeada.

No Regimento Unificado da FESM, aprovado pelo Parecer 1.034, de 17.04.1975, já constava a FEC. Então, em maio de 1975, foram enviados o Prof. Francisco Freitas Bastos, diretor da Faculdade de Engenharia do Maranhão, e a Prof<sup>a</sup> Marly Mousinho, Secretária de Educação, para, juntamente com o diretor da FEC, estudar as possibilidades imediatas para o reconhecimento da FEC,<sup>133</sup> inclusive considerando a solicitação feita, em fevereiro, pelo diretor Sillas Marques

<sup>131</sup> ALMADA LIMA FILHO, Arthur. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias – IHGC, em 09.03.2010.

<sup>132</sup> O Revdo. Sillas Marques Serrafoi guindado à função de diretor, por interesses políticos locais, contrariando o Regimento Interno da Faculdade que exigia que o diretor fosse professor da instituição, e para ser professor da instituição tinha que ter curso superior. Sillas, embora tenha freqüentado o Curso de Estudos Sociais, iniciado em 1970, ainda não era titulado e não era professor da instituição, mas apenas agente administrativo.

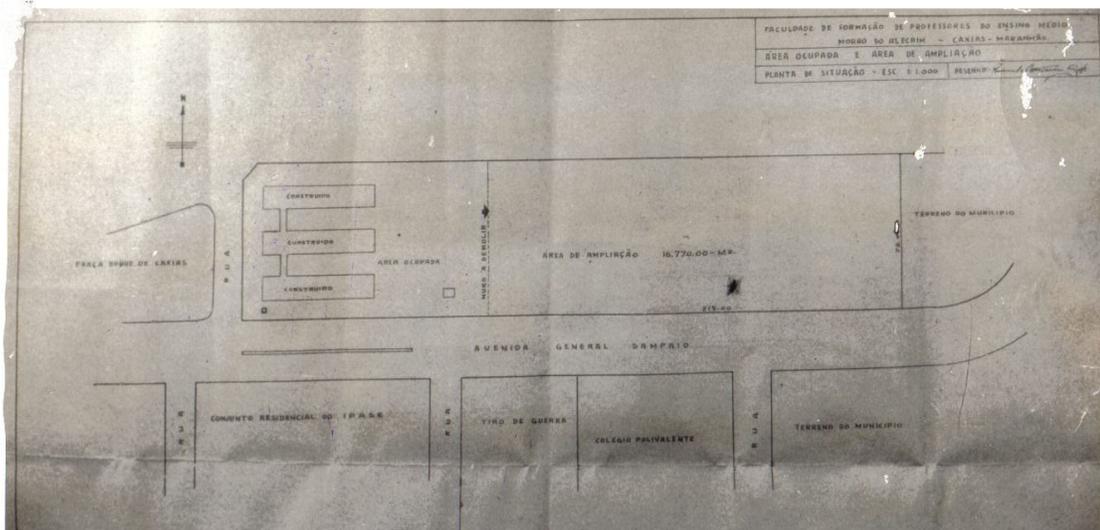
<sup>133</sup> O PIONEIRO, n. 314, p. \_\_, em 01.05.1975

Serra (1975-1976)<sup>134</sup> para que o Estado doasse à FEC o prédio onde a mesma funcionava, pois o CFE exigia que a instituição tivesse dependências e instalações próprias, para proceder ao reconhecimento da mesma.

Como resultado desse estudo, o Estado celebrou, em 1975, com a FESM, representada por seu presidente Arthur Almada Lima Filho (1975-1978), um contrato de comodato, cedendo as instalações onde funcionava a FEC à FESM, que havia assumido a condição de mantenedora daquela.

Também em 03 de abril de 1976 a Congregação da FESM aceitou que a FEC ficasse subordinada ao seu Regimento Unificado.<sup>135</sup> E, em 18.11.1976 o Município de Caxias, através do Prefeito José Ferreira de Castro, fez com a FEC, representada por sua diretora, Irmã Gemma de Jesus Carvalho (1976-1983), o Contrato nº 601, de anfitese ou aforamento, da área de 16.458m<sup>2</sup> no Morro do Alecrim, de acordo com a Lei nº 617 de 18.09.1968,

Figura 8 – Planta de situação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio - Caxias-MA – 1973.



Fonte: Arquivos da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

A distribuição do espaço físico da FEC, em 1976, quando do parecer do CFE, era a seguinte (Tabela 11, f.61).

<sup>134</sup> FACULDADE de Educação de Caxias. Ofício n. 05, de 24.02.1975. Arquivo da diretoria do CESCUEMA, 2010.

<sup>135</sup> FONSECA, Denei Maria Cunha. Prática pedagógica e realidade social. São Luís-MA: UFMA, 1985, p. 57.

<sup>135</sup> Idem. Ibidem, p. 57.

Tabela 11 – Mapa das dependências utilizadas na FEC em 1977.  
DEPENDÊNCIAS UTILIZADAS (M²).

Serventia	Edifício 1	Edifício 2	Edifício 3
Sala de aula	216,00	270,00	-
Sala de Professores	-	-	36,00
Laboratório/Oficina	54,00	-	-
Secretaria	-	-	34,50
Diretoria	-	-	27,00
Biblioteca	95,00	-	-
Auditório	-	-	286,00
Depósito	25,00	4,50	-
Almoxarifado	-	-	24,00
Diretório	-	-	36,00
Contabilidade	-	-	27,00
Arquivo	-	-	7,00
Cantina	-	22,50	-
Área de Circulação	259,50	318,50	146,50
Sanitários	-	54,00	14,00
<b>TOTAL</b>	<b>649,50</b>	<b>669,50</b>	<b>638,00</b>

Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

No Parecer n. 964/77, de 09.03.1977, do CFE pertinente ao reconhecimento dos cursos de Pedagogia, Letras, Ciências e Estudos Sociais da FEC, o relator Conselheiro Antônio Martins Filho fez as seguintes observações:

**Quanto às condições materiais.** Há que lastimar duas deficiências. Uma oficina por modesta que fosse, mas que possibilitasse o treino dos alunos na construção de pequenos aparelhos, às vezes rudes, dependem os futuros professores para demonstração de fenômenos naturais aos iniciantes em Ciências.

A segunda deficiência é a falta de possibilidade de contato com a natureza. Não há um terrário, ou aquário, biotério ou caixa para guardar um anfíbio ou mamífero. Não se vê uma planta ou qualquer outro ser vivo nos laboratórios.

**Biblioteca.** A Biblioteca está instalada numa área total de 94,34 m², dos quais 33,64m² destina-se ao acervo e 60,70 m² são ocupados pela sala de leitura. Seu horário de funcionamento é das 14,00 às 22,00 horas, com capacidade de atender 50 leitores por turno. Os periódicos são em nº de 10. São 1.901 títulos e 4.031 exemplares. É assistida em seus aspectos administrativos por uma bibliotecária e um auxiliar, contando ainda com um datilógrafo e um servente. Observação do parecerista: “Em termos de espaço físico e mobiliário a biblioteca está bem servida. Apenas é de se notar que a sala de leitura se confunde com a do acervo. Embora a que existe esteja quase que totalmente catalogada e disposto nas estantes, é pobre a quantidade e a qualidade.

**Controle Administrativo e Acadêmico.** O controle de freqüência do pessoal administrativo é feito mediante utilização do livro de ponto. O pessoal docente tem seu controle através do diário de classe. O sistema de controle curricular adotado é o regime de créditos, observada a exigência de pré-requisitos.

O CFE, após constatar que a direção da FEC havia sanado as irregularidades e deficiências expostas nas observações do Parecer n. 964/77, em 04.08.1977, através do conselheiro B. P. Bittencourt, emitiu o Parecer 2.111/77, que garantiu o reconhecimento dos cursos de Pedagogia, Letras, Ciências e Estudos Sociais, com os seguintes comentários:

1 – Quanto aos Laboratórios, comprova a Faculdade com demonstrativo que foi adquirido o Conjunto de Física e o conjunto didático de laboratórios de Biologia.

Figura 9 – Laboratório de Biologia e Química e Figura 10 – Peças Física



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

2- A Faculdade tomou providências para instalação de uma oficina com o seguinte material: - Banca de carpintaria, - Formão, - Serrote, - Plaina, - Alicata para eletricidade, - Chave de fenda pequena, - Chave de fenda média, - Brocas para madeira, - Ferro de soldar elétrico, - Besouro elétrico, - Brocas para ferro, - Torquês, - Lima triangular.

Figura 11 – Oficina de Carpintaria.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Figura 12 – Estudantes operando na Oficina em 1976



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

3- Foi ampliado o acervo bibliográfico, sua dependência e organização, foram tomadas as seguintes providências: doações do Instituto Nacional do Livro (216 títulos e 456 exemplares), aquisição da mantenedora (141 títulos e 456 exemplares), etc.

Tabela 12 – Acervo da Biblioteca Vespasiano Ramos em 1977.

Curso	Título	Volume
Licenciatura em Letras	1.152	2.059
Licenciatura em Ciências	852	2.257
Licenciatura em Estudos Sociais	806	1.693
Licenciatura em Pedagogia	871	1724
Periódicos	107	-
Publicações	170	281
<b>TOTAL</b>	<b>2.537</b>	<b>5.854</b>

Fonte: Parecer n. 964/77, de 09.03.1977 / Arquivos do CESC/UEMA, 2010.

O maior desafio à administração da FEC foi a constituição de um corpo docente para dar prosseguimento ao objetivo da instituição de formar professores para prover à demanda de docentes no segundo ciclo do ensino de 1º grau. Seis anos e meio depois já havia um corpo docente que sinalizava para uma perspectiva acadêmica, pois, em outubro de 1977, seis professores do quadro já estavam cursando mestrado.<sup>136</sup> Mas, desses, apenas dois permaneceram na instituição: Arlindo Fernandes de Oliveira e Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira. Não foi encontrado mais registro de professores cursando mestrado até 1994, ano limite do recorte temporal dessa pesquisa.

Figura 14 – A Biblioteca Vespasiano Ramos: espaço dos consulentes - 1976.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Figura 13 – Biblioteca Vespasiano Ramos: parte administração e acervo - 1976.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Quadro 4. Corpo docente da Faculdade de Educação de Caxias – FEC em 1977

Nº Or	PROFESSORES	CURSOS NOS QUAIS LECIONAM				
		Ciências	Pedagogia	Letras	Estudos Sociais	Graduação/ Pós-graduação
01	Jadhriel J. de A. Carvalho	x				Bel.Engª.Civil
02	Almir Bezerra Lima	x				Bel.Geologia
03	Francisco de Assis Souza	x				BelBioquímik
04	Maria de Nazaré Silva	x		x	x	BelPsicologia
05	Luis Almeida Teles	x	x	x	x	BelDireito
06	Paulo Leitão Machado	x			x	Bel Engª.Civil
07	Eunice Alves e Silva	x	x	x		Lic. Letras
08	Bruno Tarocco	x		x	x	Lic. Filosofia
09	Fco. Maximiano Damasceno	x	x	x	x	Lic. Filosofia
10	Antônio José Dumbra	x				Lic. Biologia
11	Fco. de Souza Batista	x				BelAgronomi
12	Wilson Egídio dos Santos	x				BelFarmácia
13	Ronaldo R. A. M. de Oliveira	x	x	x	x	BelDireito
14	Isa Maria dos Santos	x	x	x	x	L.Pedagogia
15	Vania Mª de Abreu Leite	x	x	x	x	L.Pedagogia
16	José Henrique de C. Paiva	x	x			Bel.Engª civil
17	Arlindo Fernandes Oliveira		x	x	x	Lic. Filosofia
18	Mª de Fátima Costa Félix		x			L. Pedagogia
19	Fernando Spagnolo		x	x	x	Lic. Filosofia
20	Mª Gemma de J. Carvalho		x	x		Lic. Letras/P.
21	Berilo Souza de Araújo		x			Bel.Economia
22	Cláudio Melo		x	x	x	Lic Sociologia
23	Valquíria Araújo F. Oliveira			x		Lic. Letras
24	Antônio Carlos N. Carvalho			x		Lic. Letras
25	Genival Costa e Silva			x		Lic. Letras
26	Antônio José e Silva Rego			x	x	Lic. Letras
27	Josias Carneiro da Silva				x	Lic. História
28	Iracilde Mª. de M. Fé Lima				x	Lic Geografia
29	Mª das Dores B. da Silva				x	Lic. História
30	Mª Zilmair Soares Negreiros				x	Lic.Geografia
31	Aluizio Bittencourt Albuquerque					BelBioquímik
32	Francisca Maria de Oliveira					Lic.Geografia
33	Odilon Teixeira de Melo					Bel. Química
34	Rui Araújo Azevedo					Bel.Economia
35	Wilson Martins de Souza					Bel.Geologia

Fonte: Arquivos da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Quando do parecer final do CFE, em 1977, o quadro docente da FEC, ampliado em mais de 100% em relação a 1973, era composto por 18 bacharéis e 17 licenciados, quando havia 8 bacharéis e 9 licenciados. E no que pese o rigor do CFE, este avaliou todos com currículo suficiente para o exercício das funções docentes em cursos de licenciatura, pois era a regra no ensino superior de então.

O processo de reconhecimento dos cursos da FEC teve a seguinte tramitação: O Decreto nº 79.884/77,<sup>137</sup> de 27.06.1977, da Presidência da República, autorizou o funcionamento dos cursos de Ciências, de Estudos Sociais e Letras; o

<sup>137</sup> BRASIL. O Decreto nº 79.884/77. Diário Oficial da União, n. 121, p. 02, de 28.06.1977

Parecer n. 2.111/77, de 04.08.1977, do CEF, foi favorável ao reconhecimento dos respectivos cursos pelo Governo Federal; e, finalmente, o Decreto 81.037/77, de 15 de dezembro de 1977, do Presidente da República, que:

Concede reconhecimento aos cursos de Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar de 1º Grau, de Letras, de Ciências e de Estudos Sociais, todos com licenciatura curta de 1º Grau, ministrados pela Faculdade de Educação de Caxias, mantida pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM.<sup>138</sup>

Assim, o primeiro decênio de criação da FEC foi coroado com a vitória do seu reconhecimento pelo MEC, possibilitando aos seus egressos das turmas concludentes de 1972 a 1977 serem diplomadas. Essa notícia foi aguardada com muita apreensão, apesar de já vir sendo divulgada gradativamente, desde a autorização, em junho de 1977, passando pelo parecer final do CFE:<sup>139</sup>

CFE reconheceu agora os diversos cursos da FEC.  
Caxias está de parabéns com o reconhecimento oficial, pelo Conselho Federal de Educação, de nossa Faculdade de Educação, conforme o Parecer nº 2011 do CFE, de data recente.  
Assim, a FEC tem legalizado os seus Cursos de Letras, Ciências, Estudos Sociais e Pedagogia, solucionando o problema de diplomação de centenas de alunos já formados pela mesma.

Uma atitude “premiadora” foi a promoção de trinta e dois professores auxiliares à condição de titulares, sem a exigência da titulação acadêmica correspondente como pré-requisito, semelhante ao que aconteceu na UFPI à época. Essa violação da regra de ascensão profissional constante no Regimento da FESM,<sup>140</sup> feito em conformidade com o que a Lei determinava para faculdades,

<sup>138</sup> Apud FONSECA, 1985.

<sup>139</sup> O PIONEIRO, 18.09.1977

<sup>140</sup> ESTADO DO MARANHÃO. Regimento da Federação das Escolas Superiores do Maranhão. Diário Oficial, São Luís-MA, p. 14, 04/10/1974. “TÍTULO IV: DO CORPO DOCENTE. Art. 32 – O Corpo Docente da Federação será constituído do pessoal das unidades congregadas e do que for admitido, de acordo com as necessidades de ensino, pesquisa e extensão. Art. 33 – O Corpo Docente se regerá pela Consolidação das Leis do Trabalho e pelas disposições legais concernentes ao magistério superior. Art. 34 – O Corpo Docente será organizado em carreira compreendendo as seguintes categorias: I – Professor Titular; II – Professor Adjunto; e III – Professor Assistente. Art. 35 – Para iniciação nas atividades do ensino superior serão admitidos Auxiliares de Ensino por prazo limitado, sujeitos à legislação trabalhista. § 1º - Os Auxiliares de Ensino serão contratados na forma da Lei, mediante seleção a ser regulamentada pelo Conselho Federativo. § 2º - A seleção de que trata o parágrafo anterior poderá ser feita mediante prova escrita e didática; em caso de empate a decisão será adotada por títulos. Art. 36 – Os Professores Assistentes serão admitidos por concurso público de títulos e provas. § Único – Para inscrição em concurso para Professor assistente o

federações e universidades públicas brasileiras, numa atitude de desvalorização do capital institucionalizado e do capital simbólico, pois a ascensão às categorias de titular, adjunto e assistente ocorreu, como se confundissem o público com o privado.

Dessa conquista diz Irmã Gemma:

Para coroar o ano de 1978, um fato de grande relevância veio agraciar os professores da Faculdade de Educação de Caxias. Trata-se da Resolução nº 004/1978 – CF, do Conselho Federativo das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, que mediante o DECRETO nº 81.037, de 15 de dezembro de 1977 “reconheceu a Faculdade de Educação de Caxias” e deliberou em reunião de 31 de janeiro de 1978, “classificar na categoria de Professor Titular, assegurando-lhes todos os direitos inerentes a esse cargo na carreira do Magistério Superior, os Professores constantes na relação dos Pareceres nº 904/77 e 2.111/77, do Conselho Federal de Educação.<sup>141</sup>

Após o reconhecimento, a luta da comunidade acadêmica da FEC foi a de transformar os cursos de licenciatura curta para plena, cujo primeiro esforço foi um abaixo-assinado entregue ao então Deputado João Castelo Ribeiro Gonçalves, recém-nomeado para governador do Maranhão,<sup>142</sup> cuja resposta telegrafada foi publicado em matéria de O Pioneiro:<sup>143</sup>

**Licenciatura Plena na Faculdade de Educação.**

Respondendo a um abaixo assinado de centenas de formandos pela Faculdade de Educação de Caxias, solicitando seu máximo interesse na criação do Curso de Licenciatura Plena na dita Faculdade, a fim de dar condições aos mesmos para que continuem as suas diversas especializações aqui mesmo, em nossa terra, o deputado federal João Castelo Ribeiro Gonçalves, nosso conterrâneo e futuro governador do Estado, vem de telegrafar a um dos signatários, a Profa. Auredulce Silva, nos seguintes termos: “Acuso recebimento abaixo assinado 24 agosto sobre Curso Licenciatura Plena PT Peço transmitir demais signatários documento terei prazer examinar assunto próximo ano farei possível ajudá-lo. Abraços”.

---

candidato deverá apresentar diploma de pós-graduação da mesma área a que pertencer o Departamento. Art. 37 – Os Professores Adjuntos serão admitidos mediante consultas de títulos, ao qual só poderão concorrer Professores Assistentes. Art. 38 – O provimento do cargo de Professor Titular será feito mediante concurso público de títulos e provas, a que só poderão concorrer Professores Adjuntos ou portadores de diplomas de doutorado. Art. 39 – Caberá à superintendência de Ensino regulamentar os concursos do magistério e promovê-los em coordenação com as unidades, mediante autorização da Presidência da Federação, obedecendo às exigências legais e regimentais. Art. 40 – A federação poderá organizar uma Comissão Permanente de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva, na forma da legislação em vigor, a juízo do Conselho Federativo, em face das exigências de ensino, pesquisa e extensão.

<sup>141</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Op. cit. 2007, p. 120.

<sup>142</sup> João Castelo foi eleito, via “Colégio Eleitoral” estadual, para um mandato de 15 de março de 1979 a 15 de março de 1983.

<sup>143</sup> O PIONEIRO, n. 429, p.12, em 01.10.1978.

Em 1980, a direção da FEC encaminhou à FESM relatórios e demais documentos necessários à transformação dos cursos de **Pedagogia** – habilitação em Administração Escolar –, de **Estudos Sociais** – habilitação em Geografia e História –, de **Ciências** – habilitações em Matemática, em Física, em Química e em Biologia –, e de **Letras** em licenciatura plena.<sup>144</sup> Mas só em 1981, após o presidente da FESM, Francisco de Bastos Freitas, visitar a FEC em maio,<sup>145</sup> para tratar da plenificação dos cursos, os projetos dos mesmos foram enviados para o MEC.

A Faculdade de Educação de Caxias, em 1980, além da preocupação com a estrutura formal da instituição, estava atenta à estrutura material, em termos de equipamentos eletrônicos modernos, para a implementação do processo de ensino-aprendizagem (aparelhagem de som, retroprojeto, projetor de slides, projetor de cinema e gravador), uma vez que havia a sinalização do Superintendente de Administração,<sup>146</sup> para quem foi enviada uma relação do que existia e do que necessitava à instituição,<sup>147</sup> bem como justificativa para a ampliação de espaço físico.<sup>148</sup>

Segundo Irmã Gemma Carvalho,<sup>149</sup> os pleitos foram prontamente atendidos pelo Governador João Castelo, como relata:

<sup>144</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 048/80-GO. Em 28.03.1980, a diretora da Faculdade encaminha ao Superintendente da FESM relatórios e demais documentos necessários para viabilização da Licenciatura Plena dos cursos de Pedagogia, Letras, Geografia, História, Matemática, Física, Química [e Biologia]. Arquivo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

<sup>145</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, p. 03, em 20.05.1981: “Presidente da FESM na FEC”. O Presidente da Federação das Escolas Superiores do Maranhão, dr. Francisco de Bastos Freitas, para tratar da transformação dos cursos para duração plena.

<sup>146</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 100/80-GD. Em 30.06.1980 a diretora da Faculdade encaminha ao Superintendente Administrativo da FESM um levantamento dos equipamentos existentes na FEC e das necessidades aquisitivas e das obras a serem efetuadas e materiais a serem adquiridos em caráter de urgência.

<sup>147</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Em 30.06.1980, é encaminhada RELAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS A SEREM ADQUIRIDOS EM CARÁTER DE URGÊNCIA: 1 – 01 amplificador Delta – 120 watts, com um toca-discos e 03 microfones; 02 – 02 retroprojetores “3M” mod. 66/220; 03 – 01 tela de projeção Plastilux (grande); 04 – 02 projetores de slides “Monimax”; 05 – 01 projetor de cinema FUJI sonoro; 06 – 01 gravador DECK Cassete CCE.

<sup>148</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Em 30.06.1980 é encaminhada relação de OBRAS A SEREM EFETIVADAS NA FEC EM CARÁTER DE URGÊNCIA. 01 – Construção do muro ao redor da FEC; 02 – Construção do Restaurante Universitário; 03 – Colocação de piso de cerâmica nas duas áreas de circulação da FEC – 572m<sup>2</sup>; 04 – Colocação de azulejos nas paredes das salas de aula e outras dependências – 358 m<sup>2</sup>.; 05 – Construção de 03 salas de aula; 06 – Reparo nas paredes da sala onde funciona a Biblioteca.

<sup>149</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Faculdade de Educação de Caxias: uma trajetória de muitas lutas e grandes vitórias. Caxias-MA: Expansão Gráfica e Editora, 2007, p. 131 e 146.

Nesse ano de 1980, iniciaram-se os trabalhos de ampliação da Faculdade, com a construção de oito salas, melhoria da Biblioteca, reforma para atender às secretarias e área esportiva.

Tratava-se de um pedido da Direção da Faculdade ao Sr. Governador do Estado que, imediatamente, determinou a iniciação das obras, sendo acompanhadas pelos técnicos da Secretaria de Planejamento e Obras.

Após essa ampliação, com a adição de 8 salas, a área ocupada por salas de aula passou de 486m<sup>2</sup> para 866m<sup>2</sup>, resolvendo-se a falta de espaço para desenvolver as atividades docentes,<sup>150</sup> passando de 9 para 17 salas.

## **2.4 A UEEC no bojo da Universidade Estadual do Maranhão.**

A partir da Lei 4.4400/81 a FESM foi feita UEMA e a FEC foi feita Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC). Essas mudanças eram apenas formais, pois a UEMA praticamente continuou funcionando à semelhança da FESM e a UEEC à semelhança da FEC. Mas no quesito autonomia, a UEMA ganhou e a UEEC perdeu. Porém, como a pretensão da UEMA em ser universidade implicava mais recursos, que o governo se recusava investir, ficou o sentimento de que a UEMA era inviável. Então, a UEMA entrou em crise de “ser ou não ser” universidade, a qual foi superada graças ao empenho de todos, em particular dos estudantes.

### **2.4.1 Uma transmutação nominal de FESM para UEMA**

O processo de transformação da Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM) em Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) teve início em fevereiro de 1981, quando a Secretaria de Estado da administração apresentou um anteprojeto de modernização administrativa da FESM, com a seguinte justificativa:

ESTADO DO MARANHÃO.  
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO.  
Coordenação de Modernização Administrativa.

---

<sup>150</sup> Ressalve-se que o expediente de aulas da FEC era de 16 às 22 horas, ficando o espaço ocioso a manhã inteira e parte da tarde. Após essa ampliação, outra só vai ocorrer no ano 2000, por força da “A Greve de Abril”, dos estudantes reclamando espaço físico.

Anteprojeto de modernização administrativa da Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM. Fevereiro de 1981.

#### JUSTIFICATIVA.

A Federação das Escolas Superiores do Maranhão nasceu ao constatar-se a necessidade de agregar as unidades de ensino superior anteriormente isoladas, buscando a integração e otimização do uso dos recursos disponíveis.

A necessidade de interiorizar o ensino superior e atender a demanda de determinados setores da economia, orientou o Governo no sentido de criar novas unidades no interior maranhense e na capital.

A atuação da FESM como elemento catalisador não conduziu ao atingimento dos objetivos que justificaram a sua criação em virtude da inadequação de sua estrutura, que somente conseguiu a concentração das atividades adjetivas sem, contudo assumir o processo de liderança das funções substantivas.

A crescente procura ao Ensino Superior no Estado, dado o aumento populacional e o nível de desenvolvimento da região, impõe mudanças substanciais, tanto na área institucional, quanto nas áreas estrutural, comportamental, funcional e de comunicações da FESM, objetivando sua eficácia.

A tomada de consciência dessa realidade gerou no Governo do Estado definição política de proceder a um estudo global visando a transformação da FESM em Universidade Estadual, gerando a necessidade de montar-se uma estrutura administrativa capaz de interagir a transformação. (ESTADO DO MARANHÃO. SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO, 1981)<sup>151</sup>

Em decorrência desse anteprojeto o Governador João Castelo Ribeiro Gonçalves (1979-1982), em 30 dezembro de 1981, por força da Lei 4.400/81, transformou a FESM em UEMA. Mas só teve sua autorização em 25 de março de 1987. Sua natureza e finalidade foram expressas nos artigos abaixo:

ESTADO DO MARANHÃO. Lei 4.400/30.12.1981. DISPÕE sobre a transformação da Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, EM Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, cria cargos em comissão, e dá outras providências. Diário Oficial

#### CAPÍTULO I – DA NATUREZA E FINALIDADE.

Art. 1º - A Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, criada pela Lei nº 3.260, de 22 de agosto de 1972, fica transformada, na forma da presente Lei, em Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Art.2º - A Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, vinculada à secretaria de educação, é uma autarquia de natureza especial, com autonomia administrativa, didático-científica, financeira e disciplinar.

Art. 3º - A Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, tem as seguintes finalidades:

I – oferecer educação de nível superior, formando profissionais técnicos e científicos, tendo em vista os objetivos nacional, regional e estadual;

<sup>151</sup> Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

- II – dinamizar a produção científica e a renovação do conhecimento humano, através da pesquisa voltada, sobretudo, para a realidade regional;
- III – promover a participação da comunidade nas atividades de cultura, ensino e pesquisa;
- IV – organizar a interiorização do ensino superior, através da criação de cursos, notadamente de agronomia e medicina veterinária para fazer face à peculiaridade do mercado de trabalho regional.<sup>152</sup>

Todo campo possui suas leis próprias, que regulam o jogo. A UEMA, enquanto instituição do campo acadêmico tinha suas regras. Então, segundo Pierre Bourdieu,<sup>153</sup> como o estado é o resultado do processo de unificação de campos sociais diversos, conseqüentemente concentra um conjunto de recursos materiais e simbólicos que lhe possibilitam regular o funcionamento dos diferentes campos, seja por meio de intervenções financeiras e/ou de intervenções jurídicas, como é o caso das instituições superiores públicas que são financiadas pelo estado e reguladas por um estatuto sancionado por decreto pelo estado.

#### 2.4.2 A crise na UEMA e as tentativas de federalização.

A primeira tentativa de descarte da UEMA pelo Governo do Estado aconteceu em sua forma embrionária de FESM, em 1974, ao querer transferir as escolas de Administração, de Engenharia, de Agronomia e a Faculdade de Educação de Caxias para a UFMA, com a mediação do MEC, segundo Arthur de Almada Lima Filho (1974-1977).

O secretário de economia do governo argumentava que devia dedicar mais recursos à área de ensino fundamental, pois entendia que estávamos desviando recursos para o nível de ensino superior. Por isso fez tramitar no MEC um processo requerendo o ajuntamento dos cursos da FESM aos da UFMA. Então o Ministério da Educação designou uma comissão para vir a São Luis estudar *in loco* esse problema da fusão das duas instituições e houve muitas reuniões na Federação e na Universidade. A última reunião foi na Federação, a qual eu presidi. Na presença do MEC eu propus, evidentemente ouvindo meus assessores, que, como metodologia do trabalho, primeiro nós conhecêssemos o diagnóstico das duas instituições para que a Comissão do MEC e nós conhecêssemos juntamente. Ao fazer a exposição dos nossos cursos, dissemos que estavam regulares, pois os cursos estavam autorizados e reconhecidos. Apenas dois não estavam reconhecidos, mas estavam em processo de reconhecimento, tramitando, que era Engenharia Mecânica e o de Veterinária. Na ocasião o representante do reitor, o vice-reitor, lembrou que havia quatro cursos da

<sup>152</sup> Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

<sup>153</sup> BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 51.

Federação em Caxias que não eram reconhecidos. E eu recorri ao texto da Lei que instituiu a Federação dizendo que lá estava dito que a Faculdade não reconhecida seria incorporada depois de reconhecido. Portanto nós não tínhamos nada contra isso. O problema era da Secretaria de Educação. Já a Universidade [Federal do Maranhão] estava com muitos cursos sem reconhecimento. E a ponto de haver dentre seus formandos, com cursos não reconhecidos, já ministrando aula na própria Universidade. Isso foi um trabalho muito grande. Depois passamos para o patrimônio. Provamos que nosso patrimônio era forte, muito bom e o da Universidade estava ainda em discussão porque o Governo do Estado havia doado a área do Bacanga pra instalar o campus da Universidade. Enfim, o Ministério da Educação resolveu que naquela oportunidade não era oportuno e nem conveniente a incorporação das duas universidades, que cada uma procurasse definir seus objetivos e suas estratégias, etc. de maneira que aguardassem oportunidade no futuro. Mas a Federação se desdobrou em Universidade e se desenvolveu tanto que nem se tratou mais. Ninguém pensou mais nisso. Só muito tempo depois, no governo de Luiz Rocha.<sup>154</sup>

A narrativa evidencia uma divergência de interesse entre o campo acadêmico, a FESM, e um campo político, o Governo. Nessa primeira tentativa de dissolução dessa instituição de ensino superior mantida pelo Estado não havia concordância entre o Governo e a FESM, cujo presidente gozava de prestígio no campo do poder político, haja vista que era juiz de carreira, embora afastado da função por força do regime militar, e filho de desembargador influente. Mas, nessa relação de força, o campo acadêmico embrionário sobrepujou um grupo do Governo que queria extingui-lo, garantindo a continuidade da FESM.

Mas, em 1984, volta novamente a tentativa de descartar a UEMA por parte do Governo do Estado, por considerá-la muito onerosa. Então, o Governador Luiz Coelho Rocha, em carta à então Ministra da Educação Esther Ferraz, propôs a encampação da UEMA pelo Governo Federal.

#### ESTADO DO MARANHÃO. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS.

São Luís – Maranhão. Em 30 de janeiro de 1984.

SENHORA MINISTRA,

Atendendo ao que preceitua a Lei nº 5.540/68 em seu artigo 5º que prevê deverem os estabelecimentos de ensino superior, sempre que oportuno, transformarem-se em Universidade, e, considerando a experiência acumulada de 10 anos de funcionamento da Federação das Escolas Superiores do Maranhão, o Governo do Estado, nos termos da Lei 4.400 de 30.12.1981 transforma essa Federação em Universidade estadual, mantendo-a com recursos próprios do Estado.

<sup>154</sup> LIMA FILHO, Arthur Almada. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em 09.03.2010 no IHG de Caxias.

Esses recursos representam 9,4 % da dotação orçamentária do Estado para educação, em 1984, o que vem acarretando sérias dificuldades, diante da situação de precariedade econômica atravessada pelo Maranhão. O Estado vem envidando todos os esforços para diminuir a taxa de analfabetismo, que atinge um índice em torno de 50% da população adulta e para oferecer escolaridade a um contingente assustador de crianças marginalizadas do sistema escolar, atualmente mais de 600.000 (seiscentos mil). Assim sendo, qualquer distribuição de recursos para a área e não aplicados na educação básica terá reflexos restritivos sobre esta.

Por outro lado, sabe-se que a falta de recursos financeiros para arcar com despesas de ensino superior não significa ausência de necessidades do funcionamento dessa instituição de ensino no Estado, uma vez que os cursos oferecidos, que são na sua maioria de natureza técnica instrumental, não se superpõem aos oferecidos pela Universidade Federal. Atente-se ainda para o fato da implantação de grandes projetos industriais na região, a exigir pessoal qualificado para os seus quadros.

Diante dessa problemática, Sra. Ministra, cumpre-nos recorrer a Vossa Excelência, solicitando que sejam viabilizados estudos no sentido de federalizar a Universidade estadual do Maranhão e esclarecendo que repassaremos ao MEC todas as instalações físicas e equipamentos da referida entidade. Estamos certos de que medida desse teor possibilitará a manutenção de um padrão de qualidade requerida para cursos de nível superior e concorrerá para que se continue preparando profissionalmente o jovem maranhense, responsável em futuro próximo pela gestão sócio-econômica e política do nosso Estado.

LUIS ALVES COELHO ROCHA.  
GOVERNADOR DO ESTADO.<sup>155</sup>

A resposta positiva à carta chegou, no final do Governo do Presidente Gal. João Batista Figueiredo, em 1985. Então, logo que José Sarney tomou como Presidente da República, a tentativa de federalização chegou com força, para ser decidida às pressas, mas os membros da comunidade exigiram uma discussão antes de tomar uma decisão, através de um plebiscito. Naquele momento, o Diretório Acadêmico Tiradentes, da UEEC, lançou um manifesto:

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – DAT. SOBRE A FEDERALIZAÇÃO DA UEMA.

Como é do conhecimento de todos desta Unidade que antes era Federação e que agora por um processo político envolvendo MEC e Secretaria de Educação e o Governo, hoje se encontra mergulhada nos mais variados problemas. Que vai desde a pontualidade do ônibus e os baixos salários dos professores à ausência e falta de manutenção dos laboratórios.

Isto constata que a UEMA hoje não passa de uma escola transmissora de conhecimentos abstratos.

Os estudantes desta Unidade, em momento algum, deixaram de reconhecer a problemática, sendo nós os primeiros a definir com clareza a falência da UEMA. Diante desta problemática, já conhecida por nós, se junta um fato que vem se polarizando: Um requerimento do governador do Estado,

<sup>155</sup> ROCHA, Luís Coelho. Carta enviada à Ministra da Educação Ester Ferraz. Arquivos da Diretoria do CESC/UEMA, 2010. Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

enviado ao MEC, solicitando que fosse efetuado por uma comissão estudos sobre a Federalização da UEMA.

No dia 30 de abril, foi realizado um debate no R.U. da UEMA (São Luís) sobre Federalização, com professores, alunos e funcionários. Esteve presente da nossa Unidade os professores Fátima Félix, Denei e Mirian/ do corpo discente Áurea Regina – Presidente do D.A.T. A discussão em si foi bastante válida para conhecermos a seriedade do problema, infelizmente tivemos que ver e ouvir a incompreensão e a pertinência de um professor que surgiu com uma proposta alienante, para que ali houvesse um plebiscito. A rejeição desta proposta foi esmagadora, sendo aprovada a proposta do D.C.E. Que fosse feito uma comissão composta por estudantes, professores e funcionários, envolvendo Caxias e Imperatriz. Com o objetivo de levar uma discussão mais profunda com todos da comunidade Universitária, promovendo debates, simpósios e encontros para que depois se deliberasse em favor ou contra da Federalização. Cabe a nós, estudantes desta Unidade nos mobilizarmos nas discussões sobre a Federalização.

Não devemos defender a Federalização como um milagre que venha ocorrer, na verdade está contribuindo para que a Educação não seja prioridade do Governo, também não podemos nos posicionarmos (sic) contra sem antes discutirmos o verdadeiro motivo desta mudança. Os prós e os contra.

Saudações Universitárias. D.A.T.

Assina.: Áurea Regina dos Prazeres Machado.<sup>156</sup>

Lutas e disputas tomaram conta da comunidade universitária da UEMA,<sup>157</sup> não em torno da produção simbólica, enquanto o seu objeto próprio, mas quanto à decisão da UEMA existir ou não existir como instituição do campo acadêmico. Nesse caso, agentes apenas desejaram sobreviver à instituição, algo impossível, uma vez que é a relação dialética entre ambos que os sustentam. Mas o pensamento dominante foi que a UEMA fosse federalizada, contanto o professor/servidor tivesse seu salário garantido e melhorado, e que o aluno tivesse um diploma com maior valor simbólico.

No dia do Plebiscito, 30.05.1985, o DAT emitiu a seguinte “Moção de Esclarecimento”.<sup>158</sup>

#### **MOÇÃO DE ESCLARECIMENTO**

Sabemos que hoje enfrentamos vários problemas de diversas ordens na UEMA, surge um novo problema que não deixa de ser um dos mais importantes, basta que trata do interesse e do destino de toda comunidade universitária – FEDERALIZAÇÃO.

<sup>156</sup> DAT. Manifesto sobre a Federalização da UEMA. Maio de 1985. Acervo do Diretório Central dos Estudantes “Paulo Freire” do CESC/UEMA, 2010.

<sup>157</sup> Nessa época a UEMA estava criada pela Lei 4.400/30.12.1981, mas ainda precisava ser autorizada pelo MEC, algo que só aconteceu em 1987.

<sup>158</sup> MOÇÃO DE ESCLARECIMENTO emitida pelo DAT – Diretório Acadêmico Tiradentes no dia 30.05.1985 sobre a federalização da UEMA. Acervo do DCE Paulo Freire do CESC/UEMA, 2010.

Federalização é o ato pelo qual uma entidade de natureza privada ou mesmo pública, estadual ou municipal, passa para domínio da União.

Existem diversas maneiras de se fazer esta transferência, é neste ponto que não podemos abrir mão, isto é, não se pode dar espaço para que esta transformação seja feita por pessoas que não se identificam com os problemas da UEMA.

Enfrentamos como sempre um problema muito sério de isolamento(sic) entre São Luís e Caxias. A comissão que foi formada não teve a menor consideração com os alunos, professores e funcionários desta Unidade, no decorrer de um mês não deram a menor satisfação, não nos avisaram das reuniões que lá foram feitas, não mandaram subsídios para que aqui se levantasse uma discussão geral sobre a Federalização.

Fomos praticamente surpreendidos com a presença do professor O[...] de São Luís(sic) no dia 28 deste, que nos trouxe uma síntese dos trabalhos realizados em Pról(sic) da Federalização da UEMA, cujo trabalho não teve participação da comunidade universitária de Caxias pela falta de consideração e de um certo modo um descompromisso com todos que aqui se encontram.

Se o resultado for Federalização ficaremos com as seguintes perguntas: Emcampanção?(sic) Uma nova Universidade? Universidade Autárquica? etc.

A realidade é que, hoje, haverá um plebiscito na UEMA – São Luís, Caxias e Imperatriz, será decidido “SIM ou NÃO” para a federalização sem termos conhecimento reais sobre o assunto de extrema importância para os nossos destinos. Nós, consideramos a falta de comunicação dessa comissão para conosco uma forma de nos izolarmos(sic) dessa discussão, e repudiamos este ato de Negligência.

Alertamos a todos a realidade dos fatos, não queremos justificar mas esclarecer o porque(sic) do silêncio sobre o assunto: Federalização.

Cabe a cada um de nós decidirmos Sim ou Não para a Federalização diante dos fatos.

D.A.T

Saudações Universitária(sic)

O pronunciamento do D.A.T., apesar de parecer uma avaliação à federalização e um lamento pelo fato de a comunidade da UEEC não ter participado dos debates, revela a existência de uma disputa de espaço de poder entre os *campi* da UEMA, inclusive com predomínio do *campus* de São Luís.

Mas um relatório-síntese dos trabalhos<sup>159</sup> prévios aos debates realizados nos dias 28 e 29 daquele mês, preparatórios ao plebiscito realizado em São Luís, Caxias e Imperatriz, que deliberou pela federalização<sup>160</sup> da UEMA, informou que houve reuniões: com o Reitor da UFMA, o qual pesou que era viável; com o Secretário de Educação do Estado, que ratificou o desejo de federalização pelo

<sup>159</sup> UEMA. SÍNTESE DOS TRABALHOS REALIZADOS EM PROL DA FEDERALIZAÇÃO DA UEMA. São Luís, 24 de maio de 1985. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

<sup>160</sup> Nas discussões veiculavam que a FEDERALIZAÇÃO poderia consistir na transformação da UEMA em universidade federal ou na incorporação dos cursos, patrimônios e recursos humanos da UEMA à Universidade Federal do Maranhão. Mas das duas a que se apresentava mais factível seria a federalização por incorporação, a qual foi assimilada e aceita no plebiscito.

Governador e que esperava um documento da UEMA para reforçar seu pedido junto ao Governo Federal; com o Representante do MEC – Ministério da Educação e Cultura; com integrantes da Universidade Federal da Paraíba, cujos professores e funcionários informaram que não haviam perdido nada em sua experiência de federalização; e com o Reitor da UEMA, Jacques Inandy Medeiros, o qual informou que a UEMA estava recebendo menos de 1/5 dos 5% do orçamento do Governo que constava em sua rubrica.

Conforme Ata de Apuração do Plebiscito,<sup>161</sup> na UEEC votaram 21 professores, 28 funcionários e 129 alunos, totalizando 178, dos quais 169 votaram a favor da federalização, isto é, 94,94%, 7 contra, isto é, 3,93%, e 2 em branco, isto é, 1,13% em branco; na UEMA, incluindo todos os *campi*, votaram 193 professores, 339 funcionários e 1.229 alunos, totalizando 1.761 votantes (Tabela 13)

---

<sup>161</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Ata de apuração do Plebiscito. Em 30.05.1985. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Tabela 13 – Resultado geral do Plebiscito da federalização em 30.05.1985 na UEMA

UNIDADES DE ESTUDOS	TOTAL DE VOTANTES	OPÇÕES DE VOTO							
		SIM		NÃO		BRANCO		NULO	
		QTDE.	%	QTDE.	%	QTDE	%	QTDE.	%
UNID. VET.	227	227	100	0	0	0	0	0	0
UNID. ENG.	436	431	98,85	2	0,46	0	0	3	0,69
UNID. ADM.	184	175	95,11	7	3,81	1	0,54	1	0,54
UNID. AGRON.	188	187	99,50	1	3,17	0	0	0	0
UNID. BÁSICO	63	60	95,24	2	3,17	0	0	1	1,59
UNID. ADM. GERAL	200	192	96,00	6	3,00	1	0,50	1	0,50
UNID. CAXIAS	178	169	94,94	7	3,93	2	1,13	0	0
UNID. IMPERATRIZ	285	279	97,89	5	1,76	1	0,35	0	0
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>1.761</b>	<b>1.720</b>	<b>97,67</b>	<b>30</b>	<b>1,70</b>	<b>5</b>	<b>0,28</b>	<b>6</b>	<b>0,35</b>

FONTE: Relatório final pró-federalização apresentado ao Governador Luís Rocha após 30.05.1985.

Poucas vozes foram favoráveis à continuidade da UEMA, enquanto projeto com repercussão cultural, econômico e político para o Maranhão. Tal comportamento fez brotar a ilação de que os agentes que povoavam a UEMA não a percebiam enquanto instituição viável do campo acadêmico, com relativa autonomia, em disputa com outros campos, em vista da realização da missão de reprodução social.

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo (cada categoria de interesses implica na indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.<sup>162</sup>

A prática indicou que, além de não haver eleito os objetos de disputa, o corpo docente da UEMA não estava, em sua maioria absoluta, dotada de *habitus* acadêmico-científico ou até nem se deu conta de pertencer ao campo acadêmico.

O plebiscito, enquanto instrumento de busca de legitimidade em decisão que pressupõe posições conflituosas, demonstrou a disposição não continuidade da UEMA que impregnava a comunidade universitária. Depoentes afirmaram que as condições de funcionamento da UEMA, em termos materiais e operacionais, eram tão precárias que só pouquíssimas pessoas acreditavam na sua sobrevivência. Uma das explicações para os 97,67% (Tabela 13) em favor da federalização é que professores, funcionários e estudantes tinham a perspectiva de que seriam recebidos pela UFMA como filhos legitimados, com os mesmos direitos e deveres lá vigentes.

Arthur Almada Lima Filho, ex-diretor da FESM, quanto à quase unanimidade da comunidade em favor da federalização da UEMA e à não consumação da mesma, foi enfático:

---

<sup>162</sup> BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

Os professores aceitariam porque passar para o regime da Universidade Federal significaria uma remuneração melhor etc. Só que a Universidade [Federal] não podia aceitar porque no sistema da Universidade [UFMA] você tem que ser primeiro Auxiliar.

Nós que fomos fundadores de escola, todos foram logo considerados Titulares. Então a Universidade [UEMA] se retraiu. Não! Tem que ter especialização, tem que ter curso de mestrado, tem que ter não sei o que. Aí a Universidade [UFMA] não concordava com isso. Mas eu sempre mantive a fé que a Universidade Estadual era, ela é uma alavanca de progresso para o estado. Não com essas orientações políticas que tivemos ultimamente. Esses reitores que entravam e queriam serem políticos, deputados. (LIMA, 2010)<sup>163</sup>

No processo de negociação da federalização, o Governo Estadual solicitou da comunidade universitária um documento para apresentar ao Governo Federal, que reforçasse os argumentos em favor da federalização. Então foi elaborado um relatório,<sup>164</sup> por uma comissão composta de professores, alunos e funcionários escolhidos em assembléia em 30.04.1985, contendo os resultados do Plebiscito de 30.05.1985 e um diagnóstico da situação real da UEMA naquele momento. Na apresentação desse documento ao Governador estava afirmado que a instituição, apesar de estar então com 12 anos de existência, nunca tinha conseguido atingir seus objetivos expressos, em decorrência do caos financeiro:

Se fizermos uma análise apurada dos dados levantados, mesmo reconhecendo os esforços dos nossos dirigentes, como foi no início deste item, chegaremos a uma situação dramática, começando pelas edificações mal conservadas, instalações sanitárias precárias, remuneração de professores e funcionários que não condizem com o bom desempenho de suas funções e a própria situação financeira da instituição, carente de recursos, cujos dados contidos no quadro abaixo, bem mostram essa realidade e que no limite do absurdo, se

poderia até prever o ano em que a Universidade deixaria de existir.

Não estamos fantasiando. Não queremos apenas resolver nossos problemas de ordem financeira. Preocupamo-nos sim, com os destinos de uma instituição, apta a contribuir sobremaneira com o desenvolvimento de nossa região, carente da formação de líderes através do ensino, pesquisa e extensão.

A solução Sr. Governador, para a mudança da situação acima descrita está em vossas mãos.

Apenas houve as seguintes reivindicações:

<sup>163</sup> ALMADA LIMA FILHO, Arthur. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em 09.03.2010 no IHG de Caxias.

<sup>164</sup> UEMA. RELATÓRIO SOBRE O ESTADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Elaborado, a pedido do governo estadual para dar maior respaldo ao preito da “federalização” junto ao governo federal, após o Plebiscito de 30.05.1985.

1) Que a federalização ocorra preferencialmente através da transformação da estrutura Estadual para o âmbito Federal. Nesse caso os cursos que compõem a atual UEMA, passariam a formar uma nova Universidade Federal no Maranhão; 2) Que na transformação, sejam resguardados todos os direitos adquiridos pelos professores e servidores, no que diz respeito às suas categorias funcionais; 3) Que sejam garantidos aos alunos o direito de complementarem os cursos já iniciados na UEMA e na UFMA simultaneamente; 4) Que as deliberações envolvendo os interesses dos três segmentos da Universidade, sejam sempre tomadas com observância dos princípios democráticos, na sua plenitude; 5) Que a nova estrutura ofereça todos os meios possíveis para a obtenção de melhoria do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.<sup>165</sup>

O Relatório (Anexo 2) solicitado foi entregue ao Governador, que o passou ao MEC e este o repassou à UFMA. Então, como nenhuma solução concreta acontecia, em abril de 1986, diante da insatisfação geral da comunidade universitária, as entidades representativas dos três segmentos da UEMA – ASSUEMA, APRUEMA e DCE –, em Assembléia Geral, decretaram “Greve Geral pela Federalização”, a qual durou vinte dias, o suficiente para sensibilizar a sociedade maranhense e oportunizar uma discussão quanto à situação difícil por que passava a UEMA, para que as autoridades estaduais e federais tomassem uma decisão quanto à federalização.

A UFMA analisou o Relatório e se posicionou favorável à absorção da UEMA, mas ponderou, quanto ao corpo docente, que seus membros seriam incorporados observando-se a relação entre função e titulação, isto é, tal como determinava as regras do seu estatuto; quanto ao corpo técnico-administrativo, que fossem submetidos a concurso público; quanto ao corpo discente, que seriam providenciadas as compatibilizações curriculares necessárias. Então, diante de tais exigências, houve um recuo do corpo docente e do técnico-administrativo em relação à federalização, pois ficou claro o fim de alguma vantagem para si.

Continuando a crise, uma solução emergencial para a situação da UEMA, diante da impossibilidade de federalização, foi o Programa de Apoio à Educação Superior no Maranhão<sup>166</sup>, cujo projeto foi aprovado pela Resolução nº 052/86 – CONSUN-UEMA, em 19 de agosto de 1986, com a justificativa da necessidade do aprimoramento do ensino superior no Estado e integração da Universidade com a

---

<sup>165</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Relatório Pró-Federalização da UEMA. São Luís-MA, 1985. Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

<sup>166</sup> Programa criado pela CAPES/MEC e proposto à UEMA, a qual o aprovou para ser executado no período de 1986 a 1988.

comunidade. O objetivo geral era “Melhorar quantitativamente o ensino, a pesquisa e a extensão em âmbito da Universidade”. E por objetivos específicos:

1 - Fixar o pessoal docente e administrativo no campus; 2 -- Desenvolver a extensão universitária; 3 - Apoiar os projetos de pesquisa que estão em andamento; 4 - Aumentar a participação efetiva da UEMA na comunidade maranhense; 5 - Intensificar o desenvolvimento dos recursos humanos; 6 - Incentivar e apoiar grupos emergentes docentes e discentes no desenvolvimento de novas pesquisas.

Com esse projeto o MEC investiria Cz\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de cruzados) na melhoria do ensino, pesquisa e extensão na UEMA, até que a federalização se efetivasse. Contudo, ele só funcionou até meados de 1987, pois o capital financeiro repassado foi insuficiente, ao ponto de, no final, professor, funcionário e bolsista ficarem com três meses de trabalho prestado não pago.<sup>167</sup>

Segundo Jacques Medeiros,<sup>168</sup> esse Programa de Apoio à Educação Superior no Estado do Maranhão era dirigido exclusivamente à UEMA, como uma espécie de bonificação distribuída a professores e estudantes por projetos elaborados e desenvolvidos, uma vez que não havia como reajustar os salários ao ponto de se equiparar à Universidade Federal do Maranhão, após o fracasso do intento de federalização. Mas, quando as verbas do programa esgotaram, em 1987, a greve de professores e servidores veio como uma força de espiral comprimida, parando a Universidade a partir do dia 02 de abril em todos os *campi*.<sup>169</sup>

Porém, em 1989 voltou a discussão sobre a federalização. Foi constituída uma comissão, composta pelo Secretário de Educação do Estado, pelo Reitor da UFMA e pelo Reitor da UEMA, a qual reapresentou ao Presidente da República, José Sarney, o documento acima referido, atualizado com a denominação de “COMISSÃO DO DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA UFMA PARA ESTUDOS SOBRE A EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NO ESTADO (ABSORÇÃO DA UEMA)”. Mas essa tentativa não prosperou, pois sujeitos integrantes dos três segmentos (estudantes, funcionários e professores) já haviam compreendido que a

---

<sup>167</sup> ASSUEMA. Associação dos Servidores da Universidade Estadual do Maranhão. “Unificação – UEMA/UFMA: uma luta que já dura 12 anos...” Manifesto lançado em 29.09.1988.

<sup>168</sup> MEDEIROS, Jacques Inandy. Minhas lembranças da UEMA. Entrevista – 2ª parte – concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 13.12.2010.

<sup>169</sup> D.A.T. DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Manifesto dos estudantes da UEMA à comunidade. Em Caxias, 09 de abril de 1987. Acervo do DCE “Paulo Freire” do CESC/UEMA em 2010.

federalização como transformação em Universidade Federal ou como absorção da UEMA pela UFMA não era bom para o desenvolvimento do estado do Maranhão.

#### 2.4.3 Sobrevive a UEMA graças à luta de todos e à ousadia dos estudantes.

A crise na UEMA perpassou os anos de 1985 a 1989, sem que nada tivesse sido feito para solucioná-la. Ouviu-se um silêncio entrecortado de poucos barulhos altivos<sup>170</sup>, até que retorna a discussão da federalização com o nome de “absorção” da UEMA pela UFMA. Os estudantes manifestaram sua percepção da realidade no seguinte poema de Agostinho Neto<sup>171</sup>.

#### O BONDINHO DA UEMA<sup>172</sup>

É tudo por um sonho azul / que fora concreto, decrépito, comovido, Elétrico / Trap, trep, trep, trap... / vem de lá para cá num vai e vem / Era um encanto, tremendo balanço / esse Trem.

Re re, ptché, trep, trap, ptché re re... / O que era doce acabou / E o encanto se finou / E num canto ali ficou / ...e tudo a minha mente imaginou. / O bondinho adormecido, sonha / a pesadelos dos homens que o exterminaram / à tintas para o descaso / de mais 1 (um), mais 1000 (mil) já contados casos / trapa, trep, trap,... / Barulha a engrenagem, toda vida na UEMA / amassando a verdade e o belo / amassando o saber / amassando o futuro, os projetos / No Paulo VI, tudo mal, malacabado / estirpado, aconchavado, desviado / ... e nesses trilhos o bondinho ainda anda, corre e não se ca tudo mal, malacabado / estirpado, aconchavado, desviado / ... e nesses trilhos o bondinho ainda anda, corre e não se cansa.

Trap, trep, trep, tché, trap,... / Num vai e não vêm / Só desvios de bens / Tira daqui, tira dacolá / Tem um bocaco, passa prá cá. / ... e nesses trilhos o Trem continua / e vai atrás, que tem muito mais, / Trem Brasil, trem central, Trem capitalista, / trem monopolista, / Trem cargueiros de humanos! / E tudo para pranto calado / o bondinho está lá, jogado fora de si, / fora de rota, está fora de todo o caos, fora de tudo! / ... e os estudantes, tem sido mais 1,2 / e mais vezes acomodados humilhados / E trap, trep, trep, trap, ptché,... / E a “UEMA” tem andado muito, muito MARCHA A RÉ.

A “absorção”, em 1989, voltou através de OF. GR. Nº 236/89,<sup>173</sup> originário do Gabinete do Reitor, dirigido a José Sarney, assinado pelo Secretário de Estado da Educação (SEEDUC), pelo Reitor da UFMA e pelo Reitor da UEMA, ao qual foi anexado o “Documento pró Absorção da UEMA pela UFMA” (Anexo 3).

<sup>170</sup> Greve dos professores e servidores desencadeada em abril de 1987 e apoiada pelos estudantes, a qual foi encerrada em 29 de maio, em Assembléia Geral, após a nomeação do interventor Reitor Pró-Tempore Prof. Dr. Warwick Estevam Kerr.

<sup>171</sup> Vice-presidente do DEC UEMA, acadêmico de Mecânica.

<sup>172</sup> SOLTE A VOZ, DCE-UEMA, a. 1, n. 1, abr. 1989, p. 4.

<sup>173</sup> Acervo do DCE Paulo Freire do CESC/UEMA, 2010.

## ESTADO DO MARANHÃO

OF. GR. Nº 236/89-MR.

Em 14 de abril de 1989

Ao Excelentíssimo Senhor

Doutor JOSÉ SARNEY

DD. Presidente da República – Brasília – DF.

Senhor Presidente,

A unificação do ensino superior no Estado do Maranhão tem-se constituído um permanente debate do meio universitário, com representações inclusive de natureza política. Nesse sentido, algumas tentativas já foram registradas em épocas anteriores, visando concretamente a absorção da Universidade Estadual pela Universidade Federal do Maranhão.

Um processo dessa natureza requer estudos aprofundados por parte das instituições diretamente envolvidas e, da parte do Ministério da Educação, análises específicas relativas não somente às implicações de ordem acadêmica, mas sobretudo aquelas que se referem à quantificação orçamentária, acrescentando-se a vontade política que expressa a melhoria dos níveis de desenvolvimento estadual, no campo específico da educação superior.

Em atendimento a diversos apelos, sobremaneira em reconhecimento à situação de dificuldades por que tem passado a Universidade estadual, iniciativas conjuntas foram tomadas pelas duas instituições, com vista à realização de estudos preliminares, capazes de viabilizar o almejado processo de unificação.

Através de um Grupo de Trabalho instituído pelas duas universidades e Secretaria de Educação do Estado do Maranhão foram realizados estudos cujas indicações possibilitaram a elaboração do incluso documento denominado “SUBSÍDIOS À UNIFICAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO MARANHÃO: Absorção dos cursos da UEMA pela UFMA”.

Contém o documento um conjunto de questões preliminares acerca da absorção, uma síntese histórica e um sumário diagnóstico das duas instituições, além de critérios para a apreciação dos custos, que poderão subsidiar a tomada de decisão pelo MEC, no que concerne às repercussões financeiras. O documento destaca ainda a complementaridade das atividades que compõem o universo das duas IES, tendo em vista a inexistência de superposição de cursos.

Diante do exposto, e ouvido o Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Maranhão, que se mostrou favorável ao prosseguimento dos entendimentos, vimos submeter o presente estudo à consideração de Vossa Excelência e ao Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação.

Na certeza de interesse que nosso pleito irá despertar em seu espírito sensível de maranhense, cujo amor acendrado à terra-berço tem sido tão exhaustivamente comprovado, aguardamos de Vossa Excelência a aprovação do que se pede, oportunidade em que queremos apresentar-lhe os nossos melhores protestos de elevada consideração e apreço.  
[Assinam:]

Prof. João Pereira Martins Neto  
Secretário de Educação

Prof. Jerônimo Figueiredo  
Reitor da UFMA

Prof. Joaquim César dos Santos  
Reitor da UEMA.

Em 1989, a situação que vivia a UEMA era por demais crítica, a qual continuava a funcionar, segundo Agostinho Neto,<sup>174</sup> apenas por força do espírito de abnegação de professores e funcionários. Inclusive a UEMA perdeu alguns de seus melhores quadros para outras instituições. Mas a luta pela federalização não era mais unanimidade na comunidade universitária, pois fora substituída pela luta em favor da autonomia financeira da UEMA, com garantia constitucional. Então, bastou que as três instituições representantes dos três segmentos da UEMA – DCE, ASSUEMA e APRUEMA – convocassem para luta em favor da Emenda Popular 171/89, que daria autonomia à UEMA, para que houvesse a adesão de todos.

A bandeira era a defesa da Autonomia da UEMA, mediante a aprovação, na Assembléia Constituinte, de 7,5 % do orçamento do Estado do Maranhão para despesa com ensino superior. Portanto, a comunidade universitária passou a ter o entendimento de que a finalidade de uma universidade estadual era promover o desenvolvimento do Maranhão, segundo a expressão de Agostinho Ribeiro Neto:

Essa foi uma luta que teve um ponto comum: inserir na Constituinte Estadual do Maranhão o percentual de 5%, para a educação superior. A UEMA parou de comum acordo: reitoria, professores, funcionários e alunos. Então essa bandeira unificou todos os segmentos da UEMA. (...) Essa luta para a gente conseguir a aprovação dessa emenda dava conseqüência a tudo que a gente pensava de autonomia. E o grande mote da luta foi a “autonomia”, porque conseguindo-se autonomia conseguia-se tudo. E só se consegue autonomia acadêmica e administrativa com autonomia financeira, pois o resto é balela. Então todos convergiam para isso. Paramos a UEMA pelos 7,5%, que era o projeto inicial. Gastão Vieira e a Conceição Andrade tiveram um papel importante. O Gastão para fazer a ponte com o Governo e a Conceição para articular parte da bancada de oposição. O nosso contato maior foi com a Conceição, Parou toda a UEMA. Houve consentimento absoluto. (...) Foi uma paralisação consensual. Foi uma prática institucionalizada. Então a gente ficou fazendo paredão em frente à Assembléia. Fizemos um placar com o nome de todos os deputados. Naqueles que iam aderindo nós íamos colocando SIM. Então, na prática, passamos mais de quinze dias acampados. Foi um movimento fortíssimo. A presença de muitos estudantes da UEMA, da UFMA e dos colégios de ensino médio. Houve êxito! Mas impuseram um filtro, isto é, fora das despesas ordinárias só teria dinheiro para a UEMA dentro dos 5% se tivesse projeto.(...) Nós entendíamos que a luta maior era aprovar a consignação dos 5%, e que depois a gente conseguiria o resto...<sup>175</sup>

<sup>174</sup> RIBEIRO NETO, Agostinho. Minhas lembranças da UEMA – Universidade Estadual do Maranhão. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, em 19.11.2010.

<sup>175</sup> RIBEIRO NETO, Agostinho. Minhas lembranças da UEMA – Universidade Estadual do Maranhão. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, em 19.11.2010.

Os estudantes, conduzidos pelo DCE, juntamente com dirigentes da APRUEMA e da ASSUEMA, direcionados por uma visão estratégica, aproveitaram o momento oportuno da Assembléia Estadual Constituinte. Foram às ruas e à Assembléia Legislativa do Maranhão e apresentaram a Emenda Popular 171/89, pertinente à educação e, em particular, à UEMA, cujo texto abaixo foi entregue em 14 de abril de 1989.

**DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES – DCE  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA.**

PROPOSTAS À CONSTITUINTE ESTADUAL  
Emenda Popular 171/89.

Art. – O poder público deve: I – difundir o ensino em todos os graus obedecendo os princípios de gratuidade, acesso e permanência na escola, pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e de liberdade educacional; II – Promover a gestão democrática de ensino público, na forma da Lei; III – Valorizar os profissionais de ensino garantindo, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos. Art. – O estado aplicará, anualmente, nunca menos de 25% da sua receita resultante de impostos, compreendendo a proveniente de transferência, na manutenção e desenvolvimento do ensino. Parágrafo Único – Deste montante, 18% será aplicado no ensino de 1º e 2º graus, e 7% ao ensino superior mantido pelo Estado. Art. – As instalações de ensino superior mantidas pelo Estado gozarão de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, obedecerão ao princípio de indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Art. – O Estado apoiará financeiramente as atividades universitárias de pesquisa e extensão, nas áreas de ciências e tecnologia, através de formação de recursos humanos, concessão de meios e condições especiais de trabalho, voltados predominantemente a solução dos problemas regionais. Parágrafo Único – Para estas finalidades, o Estado destinará 5% de sua receita orçamentária.(sic). Art. – Nos dez primeiros anos da promulgação da Constituição, o poder público desenvolverá esforços de modo a estender suas unidades de ensino superior às cidades de maior densidade populacional do Estado. São Luís, 14 de abril de 1989.<sup>176</sup>

Então, para fazer valer o pleito, em Assembléia Geral realizada em 04 de setembro de 1989, houve a decisão unânime por greve até que a emenda fosse apreciada e votada favoravelmente, cujo comunicado fizeram ao reitor da UEMA em carta a ele dirigida, conforme texto seguinte:

<sup>176</sup> DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES – DCE. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA.

*Propostas à constituinte estadual.* Emenda Popular 171/89. Acervo do DCE “Paulo Freire” do CESC/UEMA, 2010.

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA UEMA – APRUEMA,  
DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UEMA – DCE  
ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DA UEMA – ASSUEMA.

São Luís, 04.09.1989.

Magnífico Reitor,

Informamos Vossa Magnificência que em Assembléia Geral Extraordinária realizada em 01.09.89 [1989], os segmentos dos Professores, Servidores e Alunos, decidiram conjuntamente paralisar as atividades da UEMA, até que a Emenda Popular 171/89, do interesse da Universidade, seja analisada pela Assembléia Legislativa.

Contamos com a compreensão e apoio de Vossa Magnificência.  
Atenciosamente, [assinam:]

Prof. João de Deus Silva – Pres. da APRUEMA,  
Agostinho Neto p/ Jerry Abrantes, Pres. DCE  
Valber Tomé, Pres. da ASSUEMA.<sup>177</sup>

“A LUTA DA UEMA CONTADA EM VERSO. A UEMA E A CONSTITUIÇÃO,” foi um poema que sintetizou o que representava a UEMA para a sociedade maranhense, em particular os agentes do campo político e do campo acadêmico, na perspectiva de sensibilizar as autoridades que tinham o poder de fazer viver e de fazer morrer a Universidade Estadual do Maranhão. Foi declamado em frente à Assembléia Legislativa do Estado do Maranhão, durante a greve iniciada em 04 de setembro de 1989.

**A UEMA E A CONSTITUIÇÃO<sup>178</sup>**

Nestes versinhos de pé-quebrado  
Ora certos outros remendados  
Quero contar prá você  
Porque a UEMA não deve morrer

Universidade nascida da abnegação  
Do maranhense ilustre desta nação  
Espere, vou contar prá você  
Porque a UEMA não quer morrer

[Educação], Veterinária, Agronomia, Engenharia e Administração  
Cursos essenciais para o nosso Maranhão  
É por isso que eu afirmo prá você  
Que a UEMA não pode morrer

<sup>177</sup> A UEMA E A CONSTITUIÇÃO. Acervo do Diretório Central dos Estudantes “Paulo Freire” no CESC/UEMA. Agosto de 2010.

<sup>178</sup> Idem. Agosto de 2010.

Sem briga, sem confronto, nem confusão  
 É fundamental a UEMA na Constituição  
 Só queremos a compreensão dos deputados  
 Para colhermos bons frutos, como resultado.

Tentamos na temática, gabinete e sistematização  
 Até uma emenda popular levantamos com dedicação  
 Mas o relator, insensível, limita nosso espaço  
 E todo nosso esforço, redundando em terrível fracasso

Continuaremos na luta com inteligência  
 Até uma incorporação buscamos, como sobrevivência  
 Entretanto estamos convencidos de uma IDÉIA  
 Que a nossa solução está aqui na ASSEMBLÉIA

Nossa mobilização haverá de sensibilizar  
 Governador, Senadores, Deputados e quem mais colaborar  
 Só queremos garantir, a EMENDA, nessa AUTONOMIA  
 Para uma Universidade digna, competente e sadia

Autonomia prevista na EMENDA POPULAR  
 Que aqui e agora haveremos de ressuscitar  
 Pois nenhuma instituição que quer se impor  
 Poderá ficar, hoje ou sempre, ao sabor seja lá de quem for

Para encerrar uma solicitação necessária  
 Senhores deputados, levem nossa EMENDA À PLENÁRIA  
 Ganha o ENSINO, A PESQUISA e a EXTENSÃO  
 Ganha a UEMA, sobretudo o querido Maranhão.

Figura 15 – Estudantes acampados à porta da Assembléia Legislativa do Estado do Maranhão. Do jornal Imparcial, 14.09.1989.



Fonte: Acervo do DCE "Paulo Freire" do CESC/UEMA, 2010.

Estudantes, professores e técnico-administrativos acamparam em frente à Assembléia Legislativa. Na tentativa de obter a adesão dos deputados constituintes à Emenda Popular 171/89, montaram um grande painel à vista de todos que passavam. A vitória foi alcançada quando a Constituição Estadual do Maranhão, promulgada em 05 de outubro de 1989, incorporou, no artigo 272, a Emenda Popular dos 5% do orçamento estadual para a educação superior.<sup>179</sup>

Dentre todos os agentes, os estudantes foram protagonistas por excelência porque ousaram pensar essa via de autonomia da UEMA e iniciaram o movimento, suplantando a postura de sobrevivência à Universidade. O artigo 272 da Constituição Estadual nunca foi regulamentado, mas sempre é evocado como referência para todas as reivindicações dos segmentos da UEMA. E a luta dos estudantes continuou em favor das eleições diretas para reitor e demais cargos de direção, culminando com a campanha do DCE pela abstenção, nas eleições de 1990, bem como pela Estatuinte,<sup>180</sup> em favor de novo estatuto para a UEMA.

Com base na conquista histórica dos 5% do orçamento do estado, foi possível à APRUEMA e à ASSUEMA reivindicarem do poder executivo, ainda em 1990, com maior firmeza, remunerações compatíveis com a exigência do labor universitário, embora tenham conseguido apenas reposições salariais parciais. Mas em 1991 foram às ruas o corpo docente e o técnico-administrativo em defesa de um Plano de Carreira, Cargo e Salário cuja reivindicação se arrastava há uma década, isto é, desde 1982, como noticiou o jornal O Pioneiro:

A comunidade universitária da Universidade Estadual está realizando um grande movimento em prol dos Planos de Carreira, Cargo e Salários do Grupo Técnico e Administrativo e do Grupo Magistério Superior, que deverá ser apreciado pelo Poder Legislativo nos próximos dias. Vários contatos com autoridades políticas estão sendo mantidos no sentido de solicitar adesões ao pleito.

---

<sup>179</sup> MARANHÃO. Constituição Estadual do Maranhão, de 05.10.1989. **Art. 220** – O Estado e os Municípios aplicarão, anualmente, vinte e cinco por cento, no mínimo, de sua receita de impostos, inclusive o proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino, na forma da Constituição Federal.

**Art. 272** – A Universidade Estadual do Maranhão goza de autonomia didático-científico, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerá ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Parágrafo único – A lei de diretrizes orçamentárias consignará percentual nunca inferior a vinte por cento dos recursos constitucionais previstos no art. 220 desta Constituição, em apoio às atividades do ensino superior público estadual.

<sup>180</sup> A Estatuinte não aconteceu, mas em 1994 o Estatuto da UEMA foi reformulado com a participação de todos os segmentos universitários.

Na Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC), foi formada uma Comissão composta por professores, estudantes e funcionários, que deverão contactar políticos locais.

Em sua mensagem [Legislativa] o ex-governador afirma aos deputados que os projetos de Lei nºs. 010 e 011, datados de 06/03/91dizia respeito à instituição do Estatuto do Grupo Magistério Superior criado pela Lei nº 4.558 de 19/12/83, e do Plano de Carreiras, Cargos e Salários do Pessoal Técnico-Administrativo da UEMA. João Alberto afirma da importância do papel dessa instituição com participação no processo de desenvolvimento do Estado.

Citou ainda, João Alberto, que para concretizar os objetivos inerentes àquela instituição é indispensável sua autonomia didática, científica e patrimonial, bem como uma política salarial que crie condicionamentos básicos para que seu corpo funcional esteja motivado e efetivamente comprometido com os reais objetivos da Universidade.<sup>181</sup>

Em junho de 1991, dada a morosidade com que o poder legislativo e o executivo foram conduzindo a apreciação do PCCS diante da reivindicação dos trabalhadores da UEMA, estes foram realizando vários atos em prol dessa causa, em consonância com a Constituição Estadual, como, por exemplo, paralisação acompanhada de passeata até o Palácio dos Leões, onde foi entregue documento ao chefe de gabinete do governador reivindicando urgência na implantação do PCCS. Nessa luta, os servidores contaram com o apoio de suas duas entidades representativas: o Sindicato dos Trabalhadores de Estabelecimentos de Ensino de 3º. Grau do Estado do Maranhão (SINTEMA) e a Associação dos Servidores da UEMA (ASSUEMA). E na UEEC a expectativa dos funcionários era muito grande, haja vista a Constituição Estadual consignar 5% do orçamento do estado para o ensino superior, o que possibilitaria arcar com as despesas do PCCS.<sup>182</sup> Todos, professores e funcionários, estavam apreensivos, pois os salários eram irrisórios, e temiam pelo futuro da UEMA.<sup>183</sup>

O mês de julho chegou e com ele nenhuma solução para seus salários; então, os servidores da UEMA, professores e técnico-administrativos, entraram em greve a partir do dia 08, reivindicando a aprovação do PCCS<sup>184</sup>, conforme reportou O Pioneiro:

<sup>181</sup> UNIVERSIDADE VAI À LUTA. *O Pioneiro*, n. 804, p. 01, em 30 mar. 1991.

<sup>182</sup> O PIONEIRO, n. 813, p. 01, em 03 jun. 1991.

<sup>183</sup> O PIONEIRO, n. 814, p. 03, em 08 jun. 1991.

<sup>184</sup> Na UEMA a luta pela aprovação do PCCS dos servidores da UEMA teve início no Governo João Castelo, concomitantemente à luta do PCCS dos professores que foi sancionada antes de João Castelo renunciar para ser candidato em 1982, mas aqueles só tiveram uma vitória efêmera no final do Governo Bayma que sucedeu João Castelo, cuja Lei foi derogada pelo Governo Luís Rocha, por considerá-la impraticável. E em 1991 novamente os servidores insistiram, mas novamente tiveram a discussão do PCCS adiada.

Desde 1989 estes servidores vêm lutando pela implantação do PCCS, quando participaram de diversas atividades para incluírem na Carta Magna do estado a autonomia desta instituição de Ensino Superior.

Através de emenda popular à Constituição a UEMA foi agraciada com sua autonomia didático-científico e administrativo-financeira, após garantir um indexador orçamentário a seu favor na ordem de 5% da arrecadação do Estado.

Deste percentual garantido daria para gerir o ensino, a pesquisa e a extensão, bem como os PCCS dos servidores e docentes daquela entidade. O repasse deste indexador orçamentário, até o momento não vem sendo realizado deixando a instituição sem perspectivas e com os funcionários e professores com os salários mais baixo do país em nível de IES.

Os servidores da UEEC estão todos integrados nas decisões que forem deliberadas em assembléia, unindo forças para [que] o PCCS seja aprovado.<sup>185</sup>

Após cinco dias da deflagração da greve na UEMA em São Luís, professores e técnico administrativos da Unidade de Estudos de Educação de Caxias decidiram pela greve. Caxias fez sua adesão à greve lançando manifesto justificador à comunidade das razões do ato. Eis a seguir a íntegra do mesmo.

#### **Manifesto à população caxiense<sup>186</sup>**

Esgotados todos os meios de negociação com as autoridades competentes pela aprovação do Plano de Cargos e Salários da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), os professores e funcionários da Unidade de Estudos de Educação de Caxias (Faculdade de Caxias) em assembléia realizada no dia de ontem [12.07.91] decidiram aderir à greve deflagrada pelas categorias, em São Luís, em assembléia ali realizada dia onze, com a participação da administração superior da UEMA.

Não é um ato de irresponsabilidade a deflagração de uma greve em pleno período de realização do 2º Vestibular de 1991 e encerramento do 1º período letivo.

Decidimos pela greve tendo em vista o descaso dos governos pelo cumprimento da Constituição Estadual no que se refere à autonomia administrativa e didático-científico da Universidade. Assim a UEMA não tem cumprido satisfatoriamente com o compromisso da melhoria da qualidade de ensino e das atividades de pesquisa e extensão, entre outras razões pela acentuada defasagem salarial de que são vítimas professores e funcionários. Por exemplo, um professor Titular (final de carreira) percebe aproximadamente Cr\$ 30.000,00<sup>187</sup> mensais e os funcionários, de todos os níveis, percebem um salário mínimo mensal.

Exigimos do governo estadual o cumprimento das disposições garantidas à Universidade Estadual do Maranhão – UEMA pela Constituição de 1989, para que possamos cumprir com os objetivos a ela inerentes, isto é, oferecer à sociedade serviços de excelente qualidade na área de ensino, pesquisa e extensão.

Esperamos a solidariedade e apoio da população caxiense à nossa causa, para que juntos possamos construir uma Universidade atuante, autônoma e comprometida com as transformações sociais, econômicas e

<sup>185</sup> UEMA EM ESTADO DE GREVE. *O Pioneiro*, n. 818, p. 01, 06.jul. 1991.

<sup>186</sup> O PIONEIRO, n. 819, p. 01, 13.jul. 1991. Acervo da ACL em 2010.

<sup>187</sup> Em 01/07/1991 o valor do salário mínimo era de Cr\$ 17.000,00 (dezessete mil cruzeiros).

políticas, contribuindo assim para o desenvolvimento científico e cultural do nosso Estado.

Funcionários e Professores da UEEC.  
[Em 13 de julho de 1991]

Por conta da greve deflagrada em 08.07.1991 o segundo vestibular da UEMA foi adiado por tempo indeterminado, pois o Prof. Joaquim Gusmão da Comissão Permanente de Vestibular – COPEAVE não via a possibilidade de realizar as provas fora do espaço da UEMA e com pessoal de fora trabalhando na fiscalização das provas.<sup>188</sup>

A comunidade da UEMA na UEEC, até o final de julho, continuava mobilizada fazendo assembléias, panfletagens, passeatas, atos públicos e contatos com autoridades para que a greve tivesse um desfecho favorável e o mais breve possível, e o Comando de Greve informava:

Segundo o comando de greve da UEEC, apenas 30% deste indexador orçamentário [conforme artigo 272 da Constituição Estadual do Maranhão, na ordem de 5% da arrecadação tributária do Estado] será utilizado com despesas de pessoal, sendo uma quantia ínfima e que o restante, 70% será suficiente para que a UEMA cumpra com seus objetivos perante a sociedade.

... diversos contatos estão sendo mantidos com entidades classistas, políticos e a sociedade em geral para que todos sejam sensibilizados quanto ao movimento paredista, enfocando o lado formal da greve que é para colaborar [com] um direito garantido por lei.

Assembléias, panfletos, contatos com autoridades e atos públicos vem sendo formas de atuação do comando de greve da UEMA e da UEEC sendo o ato público uma das manifestações de contato com a comunidade caxiense. Professores, funcionários e alunos estiveram nas praças Panteon e Gonçalves Dias levando suas reivindicações ao conhecimento da sociedade.<sup>189</sup>

Em agosto<sup>190</sup>, há quase um mês do início da paralisação, professores e funcionários da UEEC/UEMA aguardavam firmes uma decisão do governo pela aprovação do PCCS, com o apoio da comunidade que considerava justo o movimento, pois o que estava sendo solicitado era apenas o cumprimento da Constituição Estadual.<sup>191</sup> E, quando o Procurador do Estado, Rachid Maluf, emitiu parecer positivo ao parecer jurídico solicitado pelo Governador Edison Lobão, como condição para que ele enviasse o PCCS para à Assembléia Legislativa, o Comando

<sup>188</sup> UEMA PODE ADIAR VESTIBULAR. *O Pioneiro*, n. 819, p. 05, 13. jul. 1991.

<sup>189</sup> UEEC **LUTA PELOS PCCS**. *O Pioneiro*, n. 821, p. 05, 27. jul. 1991

<sup>190</sup> OS PROFESSORES E DEMAIS SERVIDORES DA UFMA – Universidade Federal do Maranhão estão em greve reivindicando reposição salarial. *O Pioneiro*, n. 824, p. 07, 17. ago. 1991.

<sup>191</sup> UEEC CONTINUA EM GREVE. *O Pioneiro*, n. 822, p. 01, 03. ago. 1991.

de Greve, confiante de que o sucesso do movimento seria garantido pela permanente mobilização, reforçou a tática dizendo:

O comando de greve está confiante nos resultados, uma vez que a própria Constituição do Estado assegura a autonomia da UEMA, o que poderá vir atender as expectativas dos professores e funcionários.

A partir desta semana, toda a comunidade universitária da UEMA está concentrando-se na porta do Legislativo, com intenções de sensibilizar as lideranças políticas do Estado em prol deste pleito.<sup>192</sup>

Findou agosto e a solução do PCCS caminhava a passos lentos, mas caminhava, e os professores e técnico-administrativos continuavam firmes na mobilização,<sup>193</sup> porém setembro chegou com sinais de que a luta estaria perto de ser coroada de êxito, como foi noticiado:

A greve dos professores e funcionários da Universidade Estadual do Maranhão poderá findar [a greve com] uma proposta do Conselho Universitário (CONSUN), órgão máximo de deliberação daquela instituição, que irá convocar o Conselho de Curadores, órgão máximo de deliberação financeira para avaliar um plano único de salários para a Universidade.

“Caso o Conselho de Curadores não se reúna até uma terceira convocação, o CONSUN aprovará o Plano e autorizará a elaboração da folha de pagamentos da UEMA sob os moldes do novo Plano e enviará para liberação pela Secretaria de Fazenda do Estado.

Servidores e professores da UEMA acreditam que esta seja uma luz para que finde a greve que já fazem mais de dois meses. Afirmam também, como o governo se negue a efetuar o pagamento, o caso será encaminhado à Justiça. A Universidade será respaldada pela Constituição do Estado sendo que o governo se negue a cumprir suas obrigações, enfatizam os grevistas.<sup>194</sup>

Como resultado dessa campanha salarial de 1991, o Governador Édson Lobão, com base no Art. 272, Parágrafo único, da Constituição Estadual, enviou Mensagem Legislativa<sup>195</sup> e “Projeto de Lei” do Plano de Cargos e Carreiras – PCCS do Grupo Ocupacional do Magistério Superior, da UEMA, acompanhado da Mensagem Legislativa Nº 044/91, datada de 15 de outubro de 1991, o que significava o início de uma progressiva melhoria das condições de trabalho na

<sup>192</sup> PCCS DA UEMA VÃO PARA A ASSEMBLÉIA. *O Pioneiro*, n. 823, p. 05, 10. 08. 1991.

<sup>193</sup> SERVIDORES ESTADUAIS TERÃO PLANO DE CARGOS E SALÁRIOS. *O Pioneiro*, n. 826, p. 01, em 31.08.1991.

<sup>194</sup> PROPOSTA DO CONSUN PODERÁ ENCERRAR GREVE DA UEMA. *O Pioneiro*, n. 828, p. 01, 14. set. 1991.

<sup>195</sup> ESTADO DO MARANHÃO. PODER EXECUTIVO. Mensagem Governamental Nº 044/91. São Luis-MA, 15 de outubro de 1991, dirigida pelo Governador Édson Lobão ao Presidente da Assembléia Legislativa, Antônio Carlos Braide. Enviando Projeto de Lei para implantar o Plano de Cargo e Carreiras do Grupo Ocupacional Magistério Superior-MAS.

UEMA, apesar da espiral inflacionária que dominou na economia brasileira até junho de 1994.<sup>196</sup> Mas o PCCS do grupo ocupacional de Técnicos e Administrativos não foi protelado até corrigir as irregularidades quanto ao processo de admissão.

Finalmente, a greve<sup>197</sup> acabou junto com o mês de setembro, porque houve ganhos, mesmo que parciais, para técnico-administrativos<sup>198</sup> e para professores, para uns mais e para outros menos, conforme as defasagens salariais.<sup>199</sup>

Após essa greve de quase 90 dias não se teve notícia de outra até 1994, apesar da defasagem salarial a partir de 1992, não obstante as reposições por força de lei federal. Nessa época, um professor substituto, na categoria Auxiliar I, com 40 horas/aula, recebia em torno de dois salários mínimos,<sup>200</sup> então, era comum, como forma de incentivo para continuar a lecionar na instituição, o Coordenador da UEEC – Prof. Mamede Chave – alterar o contrato para TIDE.<sup>201</sup>

Após a luta salarial, a UEMA passou por turbulência administrativa, com intenso conflito entre o movimento estudantil e a gestão do Reitor Cléber Mendes, cujo desfecho foi sua deposição, assumindo, como interventor o Secretário de Administração e Planejamento do Estado, Luciano Moreira.<sup>202</sup>

Na gestão de Luciano Moreira, por força da Lei nº 5.921, de 15 de março de 1994 e 5.931, de 22 de abril de 1994, houve a reforma administrativa da UEMA.<sup>203</sup> As marcas dessa reforma repercutiram na UEEC na mudança de seu nome para

<sup>196</sup> O Plano Real instituído pelo Governo Federal em 1º de julho de 1994 significou o fim da corrosão dos salários pela inflação. Então, a partir daí as lutas empreendidas pela APRUEMA foi no sentido de equiparar os salários dos professores da Universidade Estadual do Maranhão aos salários da Universidade Federal do Maranhão, por exemplo.

<sup>197</sup> ACONTECENDO/UEMA. *O Pioneiro*, n. 830, p. 03, 28. set. 1991.

<sup>198</sup> O corpo técnico e administrativo não teve seu PCCS sancionado pelo governador, obtendo apenas reajuste salarial, situação que nunca foi resolvida pelos sucessivos governantes, tendo a categoria feito paralisação para esse fim em 2010, com duração de mais de dois meses (abril a junho).

<sup>199</sup> ACONTECENDO/VOLTA. *O Pioneiro*, n. 831, p. 05, 05. out. 1991. Noticiou o jornal: “O Reitor Kleber Silva fez o que pode no sentido de solucionar o impasse em que resultou na paralisação da Universidade Estadual. A questão salarial que precisa ser resolvida é a principal reivindicação dos professores e funcionários da UEMA.” Sem ter suas reivindicações atendidas pelo governo do Estado, como pretendiam, os funcionários e professores da Universidade Estadual reiniciaram seus trabalhos nesta semana. O índice de aumento salarial oferecido pelo governo, contempla, os funcionários com 40 por cento de reajuste, enquanto os professores foram contemplados com índices que variam entre 90 e 350 por cento.

<sup>200</sup> O salário mínimo fixado pelo Governo Federal em 01.05.1992 era de Cr\$ 230.000,00 e o U\$ 1,00 valia Cr\$ 2.612,80. Portanto, o salário mínimo valia U\$ 88,02 que convertido para Real em 06.06.2011, na cotação de U\$ 1,00 = R\$ 1,58, equivaleria a R\$ 139,07. Então o ordenado do professor substituto Auxiliar I era de 278,14 ou no máximo próximo do valor do salário mínimo de 2011, isto é, R\$ 545,00.

<sup>201</sup> Eu, Roldão Ribeiro Barbosa, e Eliézer Moreira César fomos testemunhas desse arranjo.

<sup>202</sup> O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 4028 [428], p. 01, em 05-12.11.1993.

<sup>203</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (PORTAL). Institucional: histórico. Disponível em: <<http://WWW.uema.br/PAUEMA.ASP>>. Acesso em: 03.12.2010.

Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), o que abriu a possibilidade de oferecer mais cursos além dos de licenciatura; na transformação da função de coordenador de unidade para diretor de centro; na criação da função de diretor de curso; e estabeleceu diretrizes para o funcionamento de departamentos, direção de curso e direção de centro.

## 2.5 Organização e funcionamento da UEEC

Sendo a FESM transformada em UEMA em 30.12.1981,<sup>204</sup> houve em seguida, em 13.01.1982, a reestruturação departamental da UEEC, constituindo-se de cinco departamentos: Planejamento e Administração, Pedagogia, Letras, Estudos Sociais e Ciências (Quadro 5).

Quadro 5 – Organização departamental da UEEC – Unidade de Estudos de Educação de Caxias em 1982.

DEPARTAMENTOS	Nº ORDEM	PROFESSORES	TITULAÇÃO ACADÊMICA	CATEGORIA FUNCIONAL
Planejamento e Administração	01	Gemma M <sup>a</sup> de Jesus Carvalho	Graduação	Titular
	02	Bruno Tarocco	Graduação	Titular
	03	Berilo de Sousa Araújo	Graduação	Titular
	04	Maria de Fátima Costa Félix	Mestre	Titular
	05	Isa Maria dos Santos	Graduação	Auxiliar
	06	Isaura Silva	Graduação	Auxiliar
	07	Mirian Santos de Sousa	Graduação	Auxiliar
	08	Maria de Fátima M. Alencar	Graduação	Auxiliar
Pedagogia	09	Arlindo Fernandes Oliveira	Mestre	Titular
	10	Fco. Maximiano Damasceno	Mestre	Titular
	11	Vânia Maria de Abreu Leite	Graduação	Titular
	12	José de Ribamar Cardoso	Graduação	Auxiliar
	13	Walquíria de Jesus F. Farias	Graduação	Auxiliar
	14	Denei Ma. Cunha Fonseca	Graduação	Auxiliar
	15	Célia Cunha Pereira	Graduação	Auxiliar
Letras	16	Antônio José e Silva Rego	Graduação	Titular
	17	Antônio Carlos N. Carvalho	Graduação	Titular
	18	Eunice Alves e Silva	Graduação	Titular
	19	Genival Costa e Silva	Graduação	Titular
	20	Valquíria Araújo F. Oliveira	Graduação	Titular

<sup>204</sup> GOVERNO CRIA A UNIVERSIDADE ESTADUAL.. *O Pioneiro*, n.550, p. 06, em 03.01.1982: "Em solenidade no auditório da Biblioteca da Cidade Universitária Paulo VII, o Gov. João Castelo sancionou no dia 30.12.1981 o Decreto Lei 4.400 que transforma a Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM) em Universidade Estadual do Maranhão, que era um sonho há muito tempo aspirado por todos. O então presidente da FESM, Prof. Francisco de Souza Bastos Freitas, passou à condição de Reitor.

	21	Luís Carlos de Faria	Graduação	Auxiliar
	22	Sílvia Teresa P. Clark	Graduação	Auxiliar
	23	Maria Anecy Calland L. Serra	Graduação	Auxiliar
Estudos Sociais	24	Cláudio Melo	Graduação	Titular
	25	Arthur Almada Lima Filho	Graduação	Titular
	26	Josias Carneiro da Silva	Graduação	Titular
	27	Luís Almeida Teles	Graduação	Titular
	28	Maria Zilmair S. Negreiros	Graduação	Titular
	29	Dalva de Almeida e Silva	Graduação	Auxiliar
	30	Sílvia Ma. Carvalho Silva	Graduação	Auxiliar
	31	Ma. da Conceição Bezerra	Graduação	Auxiliar
	32	Inês Pereira Maciel	Graduação	Auxiliar
	Ciências	33	Aluizio B. Albuquerque	Graduação
34		Francisco de Assis Sousa	Graduação	Titular
35		Odilon Teixeira de Melo	Graduação	Titular
36		Wilson Egidio dos Santos	Graduação	Titular
37		Aldino Lima de Sousa	Graduação	Auxiliar
38		Joaquim Ribeiro S. Neto	Graduação	Auxiliar
39		Mamede Chaves e Silva	Graduação	Auxiliar
40		Regina Morais S. Campos	Graduação	Auxiliar
41		Wilson Martins de Sousa	Graduação	Auxiliar
42		Edmée da Costa Leite	Graduação	Auxiliar
43		Willames F. Maciel	Graduação	Auxiliar

Fonte: Acervo do documental da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Dos 43 professores da UEEC, 21 eram titulares, quando havia apenas 4 mestres e nenhum doutor, e os demais compreendiam a categoria auxiliar (Quadro 5). Essa foi uma premiação oferecida quando a FEC foi reconhecida que, como direito adquirido, continuava contrariando o Estatuto da UEMA que dizia:

Art. 5º - Para ser Professor Titular é necessário ter o Grau de Doutor ou título de Livre Docente, ou ser professor Adjunto da Instituição, devendo sempre ser aprovado em concurso público de Títulos e Provas.

Art. 6º - Para ser Professor Adjunto é necessário ser docente do quadro e possuir Grau de Doutor ou Mestre, ou ser aprovado em concurso público de acordo com o art. 4º e seu Parágrafo Único, ressalvados os termos do inciso II do art. 14.

Art. 14 – A Progressão Vertical ocorrerá das seguintes maneiras:

I – por titulação acadêmica, quando atendidas as exigências previstas nos artigos 5º, 6º e 7º deste Decreto;

II – por tempo de serviço, quando o Professor do quadro completa 8 (oito) anos de efetivo exercício do magistério em cada categoria funcional exceto adjunto.

Portanto, a criação da UEMA provocou muitas mudanças na organização e funcionamento das escolas e faculdades que compuseram a FESM, em conformidade com o seu Estatuto e Regimento Interno, como por exemplo: os

cursos de licenciatura curta de Caxias e de Imperatriz foram autorizados a providenciar a complementação para “licenciatura plena”,<sup>205</sup> o coordenador de unidade passou a ser escolhido pelo reitor mediante lista triplíce de candidatos mais votados por funcionários, alunos e professores de forma paritária.<sup>206</sup> E dentre os dirigentes da UEEC, Bittencourt afirma: “[...] este que vos fala, foi o primeiro diretor dessa Faculdade eleito, em Caxias em 1983.” E prossegue:

Durante nossa campanha para diretor desta faculdade, em nossas propostas levadas à comunidade, consta o compromisso de transformação dos cursos de curta duração em cursos de licenciatura plena, pois víamos nessa possibilidade um avanço extraordinário dessa instituição, no sentido de atender à grande demanda de professores para o ensino 2º grau, até porque a faculdade de licenciatura curta não atendia mais às nossas necessidades.<sup>207</sup>

Mas a plenificação dos cursos de licenciatura era condição *sine qua non* para que a Universidade Estadual do Maranhão fosse autorizada, como ocorreu pelo Decreto 94143 de 25 de março de 1987, e reconhecida. Mas, para tanto, lembrou-se emocionado o Prof. Aluízio Bittencourt:

Devo dizer que logo que nós assumimos nomeamos uma comissão para elaborar os projetos de licenciatura plena. A Profª. Sílvia [Carvalho] integrou a presidência, praticamente fez sozinha o trabalho dos cursos de História e Geografia. Naquela época poucos acreditavam e ela arregaçou as mangas e fez. Profª. Valquíria com seus colegas de departamento liderou a equipe da elaboração do projeto do curso de Letras. Os professores de Pedagogia também fizeram o mesmo... Não vou citar os nomes porque foram vários. E de Ciências ficou com o Prof. Joaquim e a Profª. Edmée elaborando o do curso de Matemática. De Biologia: nós tínhamos um quadro de professores muito pequeno com o de Física, Matemática e Química. Nós tivemos a valiosa ajuda do Prof. Ivo Anselmo Hohn.<sup>208</sup>

De fato, a Comissão enviou em tempo hábil os projetos pedagógicos dos cursos em vista da plenificação, conforme as exigências do CFE; então, em 03 de

---

<sup>205</sup> CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UEMA. O Pioneiro, n.581, p. 03, 07.11.1982. ‘CONSUN aprovou projeto de resolução que autoriza a complementação dos Cursos de Licenciatura das Faculdades de Caxias e de Imperatriz. Agora o processo será encaminhado ao Conselho Estadual de Educação para autorizar o funcionamento.

<sup>206</sup> Cada segmento correspondia a 1/3 do eleitorado.

<sup>207</sup> BITTENCOURT, Aluízio. Discurso por ocasião da comemoração dos 40 anos de criação do CESC/UEMA, em 23.02.2008.

<sup>208</sup> BITTENCOURT, Aluízio. Discurso por ocasião da comemoração dos 40 anos de criação do CESC/UEMA, em 23.02.2008.

julho de 1985, o MEC expediu a Portaria nº 502<sup>209</sup>, publicada no Diário Oficial de 04.07.1985, com seguinte resolução:

Art. 1º - É autorizada a conversão, por via de plenificação, dos cursos de Letras, Estudos Sociais, Ciências e Pedagogia, Licenciatura de 1º grau, ministrados pela Faculdade de Educação de Caxias – mantida pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão, em cursos, respectivamente de Letras, com habilitações em Português e Inglês e respectivas literaturas; de Estudos Sociais, habilitações em História e Geografia; de Ciências, habilitações em Matemática, Física, Química e Biologia, licenciaturas plenas, e de Pedagogia, habilitação em Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º grau, permanecendo as licenciaturas de 1º grau dos cursos de Letras, Ciências e Estudos Sociais como tronco comum.

Esse fato foi comemorado por todos, pois significou uma mudança qualitativa na UEEC da maior importância,<sup>210</sup> pois igualou os diplomas de licenciatura da UEMA aos demais do Brasil, acabando de vez com a esquia da juventude caxiense de classe média, frequentadora de escola particular de nível médio, que procurava fazer licenciatura em outras localidades. As autoridades educacionais da UEEC não pouparam palavras na imprensa para externar o contentamento diante da Portaria nº 502/85:

Licenciatura Plena na Faculdade local. Após demorado trabalho iniciado logo depois do reconhecimento a nível de Licenciatura Curta pelo Conselho Federal de Educação (CFE), dos cursos da Unidade de Estudos de Caxias (UEEC), agora o Conselho Estadual de Educação (CEE), deu parecer favorável à ampliação de referidos Cursos a nível de Licenciatura Plena, coroando assim de êxito uma antiga e justa aspiração não só dos caxienses que já concluíram algum Curso na Faculdade de Educação local, mas também de toda nossa comunidade e de cidades próximas, tais como Aldeias Altas, Codó e até mesmo Teresina.

Para que isso viesse a acontecer foi necessário um trabalho insistente de professores, chefes de Departamento da Faculdade caxiense e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como um todo, destacando-se a atuação constante do coordenador da UEEC (Unidade de Estudos de Educação de Caxias) prof. Aluizio Albuquerque, com o apoio irrestrito do reitor da Universidade, nosso conterrâneo Jacques Medeiros, os quais através do Pro-Reitoria de Planejamento, tendo à frente Dr. Celso Lago

<sup>209</sup> BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Portaria Nº 502/ 03.07.1985. Diário Oficial de 04.07.1985; FOLHA UM, n. 04, em 19.07.1985.

<sup>210</sup> LICENCIATURA PLENA: Vestibular 86 na Faculdade de Educação de Caxias. *O Pioneiro*, n. 671, p. 10, 07. 12. 1985. Grande vitória vem de ser alcançada pelo diretor da Faculdade de Educação local, prof. Aluizio Bittencourt Albuquerque ao anunciar oficialmente a realização do primeiro Exame Vestibular para Licenciatura Plena em Caxias, de 26 a 29 de janeiro de 86, vitória esta que vem de cima, do nosso conterrâneo Jacques Inandy Medeiros, reitor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e naturalmente do nosso governador, dr. Luís Alves Coelho Rocha<sup>210</sup>. As inscrições para os cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática, Física, Química e Biologia acontecerão de 09 a 20 de dezembro de 1985.

com sua assessoria, trabalharam até a conclusão do projeto, inclusive junto aos membros do CEE.

Agora falta pouco: apenas o parecer final do CFE, em cujo empenho muito se destaca a secretária estadual da Educação, Profa. Leda Tajra, tudo fazendo crer que já poderemos contar com o funcionamento da Licenciatura Plena em nossa cidade, preparando oficialmente professores até para o 2º Grau ainda agora no segundo semestre do ano em curso.<sup>211</sup>

Diante dessa nova realidade dos cursos de licenciatura plena, todos os departamentos foram instados pela direção da UEEC a fazer levantamento de seus recursos humanos e materiais e respectivas carências, fazendo um prospecto para 1986 a 1989. O quadro docente de 1985, que estava defasado em relação a 1982, quando havia 43 professores (Quadro 5), só possuía 33 professores (Quadro 06) e necessitava de mais 29.

Quadro 6 – Docentes da UEEC/UEMA, em 1985, por departamento, formação e qualificação.

DEPARTAMENTO	N. Ord.	PROFESSOR	FORMAÇÃO	QUALIFICAÇÃO
PEDAGOGIA E PLANEJAMENTO	01	Francisco Maximiano Damasceno	Filosofia	Mestrado
	02	Vânia Maria de Abreu Leite	Pedagogia	Especialização
	03	Arlindo Fernandes de oliveira	Filosofia	Mestrado
	04	Maria de Fátima Alencar	Pedagogia	Especialização
	05	Denei Maria da cunha Fonseca	Pedagogia	Especialização
	05	José de Ribamar Cardoso	Filosofia	Licenciatura
	07	Izaura Silva	Pedagogia	Especialização
	08	Mirian Sousa	Pedagogia	Especialização
	09	Isa Maria Santos	Pedagogia	Mestrado
	10	Berilo de Sousa Araújo	Economia	Especialização
LETRAS	11	Antônio Carlos Nunes de Carvalho	Letras	Especialização
	12	Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira	Letras	Mestrado
	13	Genival Costa e Silva	Letras	Especialização
	14	Eunice Alves e Silva	Letras	Especialização
	15	Maria Anecy Calland Marques Serra	Letras	Especialização
	16	Antônio José e Silva Rego	Letras	Especialização
	17	Bruno Tarocco	Filosofia	Especialização
ESTUDOS SOCIAIS	18	Cláudio Melo	Ciências Sociais	Especialização
	19	Dalva de Almeida e silva	Direito	Bacharelado
	20	Josias Carneiro da silva	Ciências Sociais	Especialização
	21	Maria da Conceição Rodrigues Bezerra	História	Especialização
	22	Sílvia Maria Carvalho Silva	Geografia	Licenciatura
	23	Maria Zilmair Soares Negreiros	Geografia	Licenciatura

<sup>211</sup> O PIONEIRO, n. 655, p. 04, em 01.04.1985

CIÊNCIAS	24	Aluízio Bittencourt de Albuquerque	Bioquímica	Especialização
	25	Aldino Lima de Sousa	Matemática	Especialização
	26	Edmée da Costa Leite	Matemática	Especialização
	27	Francisco de Assis Sousa	Bioquímico	Especialização
	28	Joaquim Ribeiro de Sousa Neto	Matemática	Especialização
	29	Mamede Chaves e Silva	Química	Bacharelado
	30	Regina Moraes Santiago Campos		
	31	Wilson Martins de Sousa	Geologia	Especialização
	32	Wilson Egídio dos Santos	Odontologia	Bacharelado
	33	William Fernandes Maciel	Agronomia	Bacharelado

Fonte: Relatório dos departamentos em 1985. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Em resposta imediata e emergencial à reivindicação de professores, o Coordenador da UEEC, em 17 de outubro de 1985, através do Ofício nº 123/85,<sup>212</sup> solicitou ao Reitor da UEMA a realização de concurso público<sup>213</sup> para 29 professores. Mas em resposta a essa solicitação foram admitidos, sem concurso, os seguintes professores: Luís Faustino, Joseane Maia, Manoel Barradas, Ângela Vasconcelos, Raimunda Celestina, Eldenice Costa e Silva, Maria Salomé, Alcides Nascimento, Maria do Carmo Paiva, Josafá Ribeiro dos Santos, Carmelita Freitas dos Santos, Milton Rios e Zuilton Vieira.

Não fosse o gargalo do vestibular, que impediu que as vagas oferecidas fossem preenchidas, a UEEC não teria desenvolvido os cursos de licenciatura plena somente com mais 13 professores. Apesar do aumento do interesse da comunidade local pelos cursos da UEEC após a plenificação, uma vez que se equiparavam a qualquer um de qualquer parte do País, pois a licenciatura curta era a primeira hipótese para indiferença dos jovens caxienses em relação aos cursos oferecidos na UEEC, continuou o fenômeno do pequeno índice de aprovados no vestibular, principalmente caxienses.

Esses dados da situação discente nos cursos de licenciatura da UEMA e em particular da UEEC (Tabela 14) provocam estranheza diante da realidade educacional do Maranhão do final da década de oitenta e início da década de noventa, em que mais de 80% dos professores do 2º grau só tinham o 2º grau, que impunha a necessidade urgente de formação de professores de nível superior.

<sup>212</sup> UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. OFÍCIO Nº 123/85 – COORD. UEEC, 17.10.1985.

<sup>213</sup> Passaram-se 10 anos para haver o primeiro concurso público na UEMA em outubro de 1995. E a mesma solicitação foi feita pelos departamentos de Letras, Estudos sociais e Ciências.

**Tabela 14 – Situação discente nos cursos da UEEC entre 1986 a 1989.**

ANO/ PERÍODO	PEDAGOGIA		LETRAS		HISTÓRIA		GEOGRAFIA		TOTAL	
	Matr.	Concl.	Matr.	Concl.	Matr.	Concl.	Matr.	Concl.	Matr.	Concl.
1986.1	109	-	99	-	41	-	44	-	293	-
1986.2	104	-	93	-	57	-	49	-	303	-
1987.1	110	-	90	-	59	-	49	-	308	-
1987.2	126	-	105	10	63	-	52	-	346	10
1988.1	126	17	93	02	64	04	50	-	333	23
1988.2	109	05	99	02	56	09	46	02	310	18
1989.1	112	-	95	-	62	-	56	-	325	-

Fonte: Relatório da comissão verificadora do MEC para o reconhecimento dos cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática, Física, Química e Biologia. Acervo documental da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Na UEEC havia duas entradas por ano, oferecendo a cada semestre 160 vagas. Portanto, de 1986 a 1989.1, isto é, ao final de sete semestres, deveria ter havido 1.120 matrículas.<sup>214</sup> No entanto, essa expectativa esteve frustrada, a exemplo dos cursos de Pedagogia, Letras, História e Geografia (Tabela 14). E essa realidade foi mantida por 12 anos, de 1980 até 1991, quando, em 1992, as autoridades da UEMA resolveram baixar a nota de corte para 10% por matéria, ficando as salas cheias como ficavam até 1979.

Quanto ao registro dos cursos, de 1989 a 1991, houve empenho da coordenação da UEEC e de seus respectivos departamentos em favor do reconhecimento dos cursos. Para tanto, foram apresentados relatórios à comissão verificadora do MEC que serviram de base aos pareceres 361/91, 704/91<sup>215</sup>; 702/91<sup>216</sup>, 634/91<sup>217</sup> e 498/92<sup>218</sup>.

Quanto ao espaço físico, conforme Relatório da Comissão Verificadora<sup>219</sup> de 1990, nesse ano a UEEC/UEMA possuía um terreno medindo 16.458m<sup>2</sup>, com

<sup>214</sup> As vagas por semestre eram assim distribuídas: 40 – Pedagogia, 40 – Letras, 20 – História, 20 – Geografia, 10 – Matemática, 10 – Física, 10 – Química e 10 – Biologia.

<sup>215</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 03 de dezembro de 1991. Reconhecimento do Curso de Letras

<sup>216</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 05 de dezembro de 1991. Reconhecimento do Curso de História.

<sup>217</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 11 de novembro de 1991. Reconhecimento do Curso de Geografia.

<sup>218</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 02 de setembro de 1992. Reconhecimento da habilitação Matemática do Curso de Ciências.

<sup>219</sup> UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Cursos de Pedagogia. Relatório da Comissão Verificadora para o reconhecimento do curso de Pedagogia ministrado em Caxias-Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA, 1990. Note-se a evolução da

2.560m<sup>2</sup> de área construída e de 2.326m<sup>2</sup> de área útil, aumentado em relação ao relatório de 1977 em 1.007m<sup>2</sup>, corroborando a informação de Irmã Gemma de que teria construído 8 salas em 1980,<sup>220</sup> mesmo havendo solicitação em 1985 para mais 29 salas de aula. Mas há que ressaltar que a UEEC funcionava em 1987 no horário de 18 às 22:30 horas, tendo passado a partir de então a funcionar no horário de 16 às 22:30 horas, ficando ociosos os horários da manhã e de metade da tarde.

Quadro 7 – Mapeamento da área útil da UEEC/UEMA em 1990.

SERVENTIA	PAVILHÃO 1	PAVILHÃO 2	PAVILHÃO 3	TOTAL
Escolaridade	62,40m <sup>2</sup>			62,40m <sup>2</sup>
Gabinete	26,40m <sup>2</sup>			26,40m <sup>2</sup>
Sala dos Departamentos	96,00m <sup>2</sup>			96,00m <sup>2</sup>
Sala de Xérox	2,85m <sup>2</sup>			2,85m <sup>2</sup>
Auditório	270,00m <sup>2</sup>			270,00m <sup>2</sup>
Sanitários	14,33m <sup>2</sup>	324,20m <sup>2</sup>		338,53m <sup>2</sup>
Área de Circulação	116,64m <sup>2</sup>	324,20m <sup>2</sup>	381,60m <sup>2</sup>	822,44m <sup>2</sup>
Sala de Aula		320,00m <sup>2</sup>	293,40m <sup>2</sup>	613,40m <sup>2</sup>
Sala do Professor		35,70m <sup>2</sup>		35,70m <sup>2</sup>
Cantina		50,88m <sup>2</sup>		50,88m <sup>2</sup>
Almoxariefado		17,40m <sup>2</sup>		17,40m <sup>2</sup>
Biblioteca			116,10m <sup>2</sup>	116,10m <sup>2</sup>
Diretório Acadêmico			26,10m <sup>2</sup>	26,10m <sup>2</sup>
Laboratórios			108,80m <sup>2</sup>	108,80m <sup>2</sup>
<b>SUB-TOTAIS</b>	<b>588,62m<sup>2</sup></b>	<b>813,38m<sup>2</sup></b>	<b>924,00m<sup>2</sup></b>	<b>2.326m<sup>2</sup></b>

Fonte: Relatório da comissão Verificadora, 1990. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Segundo Relatório Anual de 1991<sup>221</sup>, a Biblioteca Vespasiano Ramos possuía um acervo de 5.070<sup>222</sup> títulos de livros e 12.825 exemplares, 318 títulos de periódicos, 100 títulos de folhetos e 24 materiais especiais.

Como os professores engajados no curso de Pedagogia davam o direcionamento pedagógico da UEEC, vale ressaltar o que foi visto e registrado pela

---

área construída da UEEC: 1970 (FFPEM) - 1.319m<sup>2</sup>; 1974 (FEC) – 1.956m<sup>2</sup>; e 1990 (UEEC) – 2.560,34m<sup>2</sup>.

<sup>220</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Faculdade de Educação de Caxias. Caxias-MA: Nova Expansão Gráfica e editora, 2007, p. 129. Mas uma dúvida se instala: Se quando a FEC foi reconhecida existiam 486m<sup>2</sup> de sala de aula, isto é, 9 salas de 54m<sup>2</sup>, e a Irmã Gemma diz em seu livro que em 1980 o Gov. João Castelo fez construir mais 8 salas de aula, isto é, acrescentou mais 432m<sup>2</sup>, não é possível que em 1990 só existissem 610m<sup>2</sup> de sala de aula, como afirmou o Relatório da Comissão Verificadora do MEC, mas 918m<sup>2</sup>.

<sup>221</sup> ARAÚJO, Leonice Assunção. Relatório Anual de 1991 da Biblioteca Vespasiano Ramos da UEEC/UEMA. Caxias-MA, 1991.

<sup>222</sup> Em 1977 a Biblioteca estava instalada numa área de 94,34m<sup>2</sup>, com 1.901 títulos e 4.031 exemplares; em 1983

Comissão Verificadora do MEC no Parecer 361/91, pertinente ao curso de Pedagogia:

PROCESSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO. Antes do início de cada semestre letivo, os professores realizam e participam de uma Semana Pedagógica, quando são discutidos vários assuntos pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem, a serem colocados a nível de planejamento e execução. Além do planejamento, elaborado durante a referida Semana, são abordadas outras questões, ou sejam, calendário escolar, resoluções do CEPE e outra que se fazem necessárias. RECURSOS MATERIAIS – Equipamentos e materiais didáticos: salas de aula devidamente equipadas tanto a nível de mobiliário escolar como de material didático; máquina de escrever e de calcular; carteiras, mesas, estantes; retroprojetor de transparências; sala de professores com mobiliário adequado; máquina Xerox, onde são xerocopiados textos, a serem trabalhados em sala de aula; quadro de giz em perfeito estado; mapas e globos atualizados; bastante material de consumo. O reitor aprovou projeto de instalação de Sala-Ambiente para iniciação à prática docente.<sup>223</sup> A Biblioteca possui um acervo de 12.308 volumes, cujo acervo específico para o Curso de Pedagogia é de 660 títulos com 2.700 exemplares.

Quadro 8 – Professores da UEEC por departamento em 1990.

DEPARTAMENTO	Nº	PROFESSOR	FORMAÇÃO	TITULAÇÃO
Planejamento	01	Berilo Souza de Araújo	Bel. Economia	Especialização
	02	Bruno Tarocco	Bel. Filosofia	Especialização
	03	Isaura Silva**	Lic. Pedagogia	Especialização
	04	Mirian Santos de Sousa**	Lic. Pedagogia	Especialização
	05	Angela Maria Vasconcelos de Souza	Bel. Economia	Graduação
Pedagogia	06	Arlindo Fernandes de Oliveira	Bel. Filosofia	Mestrado
	07	Fco. Maximiano Damasceno	Bel. Filosofia	Especialização
	08	Isa Maria dos Santos	Lic. Pedagogia	Mestrado
	09	Denei Maria Cunha Fonseca**	Lic. Pedagogia	Especialização
	10	José de Ribamar Cardoso	Lic. Filosofia	Graduação
	11	Vânia Maria de Abreu Leite	Lic. Pedagogia	Especialização
Letras	12	Antônio Carlos Nunes Carvalho	Lic. Letras	Especialização
	13	Antônio José e Silva Rego	Lic. Letras	Especialização
	14	Eunice Costa e Silva	Lic. Letras	Especialização
	15	Genival Costa e Silva	Lic. Letras	Especialização
	16	Valquíria Araújo Fernandes	Lic. Letras	Mestrado
	17	Joseane Maia Santos Silva	Lic. Letras	Especialização
	18	Eldenice Costa e Silva Santos	Lic. Letras	Especialização
	19	Raimunda Celestina	Lic. Letras	Especialização
	20	Maria Salomé Lima Veloso	Lic. Letras	Especialização
	21	Maria Anecy Calland M. Serra	Lic. Letras	Especialização
	22	Josias Carneiro da Silva	Lic. História	Especialização

<sup>223</sup> CRUZ, Lélia de Oliveira. Minhas Lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em 23.03.2010. A sala-ambiente para o curso de Pedagogia, cujo projeto foi montado pela Coordenação e o corpo docente do curso, e que foi aprovado pelo Reitor, nunca existiu, pelo menos desde 1992, quando iniciei o magistério superior na UEMA

Estudos Sociais	23	Dalva de Almeida e Silva	Bel. Direito	Graduação
	24	Francisco Alcides do Nascimento	Lic. História	Mestrado
	25	Maria Zilmair Soares Negreiros	Lic. Geografia	Especialização
	26	Manoel do Nascimento Barradas	Lic. Geografia	Especialização
	27	M <sup>a</sup> da Conceição Rodrigues Bezerra	Lic. História	Especialização
	28	Manoel de Jesus Barros Martins	Lic. História	Especialização
	29	Maria do Carmo Bezerra Paiva	Lic. História	Especialização
	30	Josafá Ribeiro dos Santos	Lic. Geografia	Especialização
Ciências	31	Edmée da Costa Leite	Lic. Matemática	Especialização
	32	James Dean de O. Araújo	Lic. Educação Física	Especialização
	33	Wilson Egidio dos Santos	Bel. Odontologia	Graduação
	34	Wilson Martins de Souza	Lic. Geologia	Especialização
	25	Aluizio Bittencourt Albuquerque	Bel. Bioquímica	Especialização
	36	Francisco de Assis Sousa	Bel. Bioquímico	Graduado
	37	Aldino Lima de Sousa	Lic. Matemática	Graduado
	38	Carmelita Freitas dos Santos	Lic. Ciências Biológicas	Especialização
	39	Joaquim Ribeiro de Sousa Neto	Lic. Matemática	Especialização
	40	Luiz Faustino da Silva	Lic. Matemática	Especialização
	41	Mamede Chaves e Silva	Bel. Químico Industrial	Especialização
	42	Milton José Pacheco Rios	Bel. Químico Industrial	Especialização
	43	Antônio José Lélis Bezerra	Bel. Engenharia Civil	Especialização
	44	Francisco Zuilton Gonçalves Vieira	Bel. Agronomia	Graduado
	45	Tais Maria Matos Brito	Lic. Matemática	Graduada
	46	Antônio José Sousa Paiva	Bel. Engenharia Civil	Graduado
	47	William Fernandes Maciel	Bel. Agronomia	Graduado

Fonte: Projeto de reconhecimento das licenciaturas plenas. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Em 1991, a Comissão Verificadora do MEC examinou *in loco* as condições de funcionamento dos cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática, Física, Química e Biologia, concluindo com parecer favorável ao reconhecimento, pelo Conselho Federal de Educação, inicialmente do Curso de Pedagogia, causa esta que já se avizinhava como vitoriosa.<sup>224</sup>

Após a apresentação de relatório favorável da Comissão Verificadora do MEC, das condições do Curso de Pedagogia, em 1991 o Conselho Federal de Educação deu parecer favorável ao reconhecimento do referido curso e dos demais (Letras, História, Geografia, Matemática, Física, Química e Biologia).

<sup>224</sup> CFE RECONHECE CURSO DE PEDAGOGIA DA UEEC. *O Pioneiro*, n. 819, p. 01, 13.jul. 1991. Em resposta aos diversos contatos mantidos pelo coordenador da UEEC, professor Mamede Chaves e Silva, com o Ministro da Educação, houve a conquista do reconhecimento do Curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Estadual em Caxias. Um dos cursos mais concorridos desta Unidade de Ensino Superior, a cada ano vem graduando Pedagogos com habilitação em Administração Escolar de 1º grau, estendendo-se agora ao 2º Grau. Graças aos esforços do coordenador daquela Unidade, este pleito já está concretizado, tendo ainda grandes chances de reconhecimento, pelo Conselho Federal de Educação, dos demais cursos oferecidos pela UEEC. Conforme Mamede Chaves, isto não será difícil acontecer e seus esforços neste sentido irão continuar.

Mas esse quadro de professores da UEEC/UEMA (Quadro 8) sofreu baixa em mais de 30% entre 1990 e 1991, ficando deficitário em vista do desenvolvimento dos cursos de licenciatura plena. É que para os mestres que já estavam na instituição há 10 ou 15 anos, e tendo pesados encargos familiares a serem honrados, diante dos salários aviltantes que eram pagos, só restava a resignação ou a saída da UEEC para a capital ou outro lugar, quando obtinham êxito em concurso, como foi lamentado pela sociedade através do jornal *O Pioneiro* no início de 1990:

As professoras Izaura Silva e Miriam Ribeiro estão de parabéns. Ambas acabam de ser aprovadas em concurso realizado pela Escola Técnica Federal do Maranhão (núcleo de Imperatriz) a 20 de dezembro próximo passado, sendo para os cargos em Técnica Assuntos Educacionais (Miriam) e Orientação Educacional (Izaura). Por outro lado, Caxias sofrerá a falta de uma vez de dois de seus melhores professores que colaboraram com a Educação, atuando em estabelecimentos de ensino, inclusive na Universidade Estadual na UEEC, que ficará com seu quadro docente desfalcado.<sup>225</sup>

Nessa época, com a saída dessas duas professoras, completou-se o desmonte de uma equipe pedagógica que se constituía desde 1976, norteando a prática docente e imprimindo em docentes e discentes como que um sistema de disposições interiores que impulsionava a prática comprometida do magistério na UEEC e nas demais instituições escolares de Caxias, da qual fizeram parte também as professoras Maria de Fátima Costa Félix e Denei Maria da Cunha Fonseca. Inclusive, segundo depoentes, essas professoras da UEEC costumavam exortar os alunos das primeiras turmas de licenciatura plena para que levassem muito a sério os estudos, pois seriam eles que dariam continuidade àquele trabalho em breve, pois os futuros professores seriam recrutados entre os melhores egressos.

Então, como, entre 1990 e 1991, o quadro de professores (Quadro 8) já havia sofrido redução em mais de 30%, pois mais de 20 professores haviam mudado de instituição ou desistido da UEMA ou aposentado ou falecido, os chefes de departamento passaram a convidar alunos recém graduados para ministrar aulas como professor substituto. Dessa geração de filhos da UEEC/UEMA houve M<sup>a</sup> de Lourdes Oliveira Paula, Cacilda Figueiredo Nery Aguiar, M<sup>a</sup> Lucia Aguiar Teixeira, Raimundo Luís Ferreira de Almeida, etc.

---

<sup>225</sup> PROFESSORAS caxienses aprovadas em Concurso. *O Pioneiro*, n. 751, p. 04, em 15 a 30, 01. 1990.

Ao perceber limites nos novos docentes, alunos fizeram reclamações e protestos em favor de concurso ou de processo seletivo público,<sup>226</sup> prática que passou a vigorar a partir de maio de 1992, em seletivo para os departamentos de Pedagogia, Letras, Estudos Sociais e Ciências, tendo então ingressado os seguintes egressos da UEEC: Cléia M<sup>a</sup> Lima Azevedo, Isabel Dolores Leão Brito, Rosane Lopes e Silva, Marinalva Aguiar Teixeira, Raimunda Barros Borba, Francisco Portela Moraes, Manoel Euba Neto, Francisco Limeira de Oliveira, Paulo Afonso Amorim, José de Ribamar Coimbra, etc. Esse processo conferiu autoridade ao professor egresso da UEEC, que passou a ingressar no campo acadêmico por sua competência didática e científica provada.

Em 1993, após a criação do curso de Enfermagem e Obstetrícia na Unidade de Estudos Superiores de Bacabal (CESB), a ideia da criação de um curso de Enfermagem na UEEC estava bastante sedimentada. Então, o coordenador da UEEC<sup>227</sup> nomeou uma comissão para elaborar o Projeto do Curso.<sup>228</sup>

Segundo o Prof. Aluizio Bittencourt,<sup>229</sup> o projeto, elaborado e entregue ao Coordenador da UEEC no tempo previsto, foi apresentado na reunião do – Conselho Universitário (CONSUN),<sup>230</sup> após apreciado e aprovado na reunião do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE) através da Resolução 012/94.<sup>231</sup> Mas, por causa de disputas políticas internas e externas, que resultaram nas demissões do Prof. Cléber Mendes do cargo de Reitor da UEMA, em outubro de 1993, e do Prof. Mamede Chaves do cargo de Coordenador da UEEC, em julho de 1994,<sup>232</sup> e por falta de articulação com forças políticas locais e estaduais dominantes, apesar de criado em

<sup>226</sup> O processo seletivo constava de duas etapas: prova escrita e prova didático-oral. E a titulação exigida era a compatível com as disciplinas a serem lecionadas.

<sup>227</sup> UNIVERSIDADE IMPLANTARÁ CURSO DE ENFERMAGEM EM CAXIAS. *O Pioneiro*, Caxias-MA, n. 409, p. 01, em 26.06-02.07.1993. Acervo da Academia Caxiense de Letras e Acervo da Diretoria do CESC, 2010.

<sup>228</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Portaria nº 008/93 – COORD/UEEC. Em 17.06.1993. O Coordenador da UEEC, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE: Art. 1º - Nomear os professores Aluizio Bittencourt de Albuquerque, Deusiano Bandeira de Almeida e Francisco Limeira de Oliveira para elaborarem o Projeto de Criação do curso de ENFERMAGEM e sua implantação nesta Unidade de Estudos. Parágrafo Único – Fica determinado o prazo de 30 (trinta) dias para a conclusão do referido trabalho a contar da vigência desta Portaria. Art.2º - Esta Portaria entra em vigor nesta data. DÊ-SE CIÊNCIA E CUMPRÁ-SE. Coordenação da Unidade de Educação de Caxias em Caxias – MA, 17 de junho de 1993.<sup>228</sup>

<sup>229</sup> ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 02.02.2010.

<sup>230</sup> UEEC PODERÁ OFERECER NOVOS CURSOS. *O Pioneiro*, Caxias-MA, n. 4037, p. 02, em 05-11.02.1994.

<sup>231</sup> PIRES, César Henrique Santos. Uma universidade para o Maranhão. São Luís-MA, 1995, p. 40.

<sup>232</sup> Prof. Mamede Chave e Silva foi sucedido pelo Prof. Luís Faustino

1994, o curso de Enfermagem só foi instalado em 2002, contrariando as expectativas criadas na comunidade em quase dez anos.

Em 1992, o Governo do Estado assinou com a UEMA um convênio para elaboração e execução do Programa Capacitação de Docente (PROCAD), para graduar 85% dos professores da rede pública estadual, que eram leigos, o qual foi posto em funcionamento a partir de janeiro de 1993, não tendo sido mais elaborado sob a responsabilidade da UEEC, embora fosse comandado pela Prof<sup>a</sup>. Vânia Maria de Abreu Leite, requisitada pela reitoria para elaborar e coordenar o PROCAD.

Com a criação e implantação em 1993, no Campus Paulo VI da UEMA, em São Luís, dos cursos de licenciatura em Letras, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia e Pedagogia, a UEEC perdeu em definitivo a posição de elaboradora e coordenadora de projetos educacionais do governo estadual e federal no estado, tendo diminuído a importância estratégica que possuía desde 1970<sup>233</sup>, tempo evocado com certa nostalgia pelos professores fundadores e os mais antigos.

Numa observação à distância do CESC (como passou a ser denominada a UEEC, que era chamada FEC, que foi criada como FFPEM de Caxias), constata-se que o mesmo sofreu com a UEMA (que embrionariamente era FESM), o processo de institucionalização de um campo acadêmico que, a exemplo dos demais, não aconteceu sem disputas externas e internas. Pois, segundo Bourdieu, “Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”.<sup>234</sup> Os agentes (as escolas, as faculdades e seus dirigentes) foram criando o espaço, o campo, todos provocando maiores ou menores transformações, dando à instituição do campo acadêmico denominado UEMA, ou à sua unidade chamada CESC, uma estrutura de relações objetivas definidoras do papel dos seus agentes. No conjunto da UEMA, o CESC, em 1994, teve seu papel redefinido, o qual foi diversificado, pois, a partir de então, passou a comportar a área de saúde além da de educação.

Portanto, tendo narrado a institucionalização do CESC, enquanto unidade da UEMA como instituição do campo acadêmico, necessário se faz narrar a história dos agentes na interface com a realidade.

---

<sup>233</sup> Elaboração e execução de projetos demandados pelas políticas de formação e qualificação de recursos humanos da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão. Agora apenas executa os projetos elaborados pelo CECEN – Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais de São Luís.

<sup>234</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 22/23.

## 4 OS AGENTES NA INTERFACE COM A REALIDADE

Em 1968, quando o Gov. José Sarney assinou o Decreto de criação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias - FFPEM, em ato contínuo nomeou a sua 1ª Diretoria, escol hida pelo Prefeito Aluizio Lobo, assim constituída: Diretor – Dr. Raimundo Nonato Medeiros;<sup>235</sup> Vice-Diretor – Côn. Aderson Guimarães;<sup>236</sup> Secretário – Revdo. Sillas Marques Serra;<sup>237</sup> Auxiliar de Secretário – Norma Varão Rocha,<sup>238</sup> e Auxiliar de Bibliotecário – Sílvia Maria de Carvalho Silva.<sup>239</sup>

### 3.1 Processo sucessório de direção e relações de poder

Em 1969, houve pleito eleitoral para prefeito e vereador, tendo Rado. Medeiros se licenciado para disputar a prefeitura de Caxias contra o candidato Dr. Marcelo Tadeu de Assunção, que era apoiado pelo prefeito Tenente Aluizio de Abreu Lobo. Em dezembro, após ter sido derrotado, Dr. Medeiros, ao voltar ao cargo, tomou conhecimento de sua exoneração, tendo sido nomeado para o cargo de diretor, o Cônego Aderson Guimarães.<sup>240</sup> Cônego Aderson era unanimidade na cidade e mantinha ótimas relações com o Prefeito Aluizio Lobo e com quem o sucedeu. As Cartas-Relatórios dos professores da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FFLCH da USP não pouparam elogios à sua inteligência aguçada e ao seu

<sup>235</sup> Dr. Medeiros, médico renomado em Caxias e sociólogo, na segunda metade da década de 1960, que, seguindo a tradição familiar, ligava-se à educação e nutria, juntamente com outros ilustrados da cidade, o desejo de criar em Caxias uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nos moldes das preconizadas no Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931. A família Medeiros produziu uma linhagem de professores respeitadíssimos em Caxias, desde o início do Século XX, os quais foram responsáveis pela formação de muitas gerações da elite política e econômica local. O Prof. José Medeiros foi fundador da Escola Normal de Caxias e um dos membros fundadores do Colégio Caxiense, a instituição de ensino do 1º ciclo (Ginásio) secundário mais antigo de Caxias.

<sup>236</sup> O Cônego Aderson Guimarães Júnior, era padre vigário da Paróquia de N. S. de Nazaré em Caxias, no bairro Trezidela, faleceu em 1º de novembro de 1970, em Porto Rico, nos Estados Unidos, quando lá fazia um curso promovido pela USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), a qual financiava projetos do Ministério de Educação e Cultura, desde o Governo João Goulart, mas principalmente nos Governos Militares com a Ditadura de 1964.

<sup>237</sup> O Reverendo Sillas Marques Serra era pastor da Igreja Presbiteriana de Caxias, desde o início da década de 1950, destacando-se como eloqüente orador por ocasião das datas cívicas.

<sup>238</sup> Tanto a família Varão quanto a família Carvalho eram de classe média alta, e prestavam serviços a empresas privadas e desenvolviam comércio e pecuária até final da década de 1950 e início da de 1960.

<sup>239</sup> FONSECA, 1985, op. cit. p. 43.

<sup>240</sup> SERRA, Sillas Marques. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.07.2008.

empenho por providenciar de tudo o necessário para os docentes desincumbirem-se bem das tarefas durante a estada em Caxias.<sup>241</sup> Mas, em 01 de novembro de 1970, o Cônego, inesperadamente, faleceu,<sup>242</sup> tendo Sillas Marques Serra assumido interinamente o cargo de diretor, logo preenchido pelo Pastor Genival Costa e Silva.

O Pastor Genival assumiu a função de diretor num momento crítico, tendo que superar duas dificuldades: a primeira dizia respeito à substituição de um padre muito querido na cidade na função de diretor, cuja tática foi se encontrar com todos os segmentos da sociedade caxiense e depois chamá-los sempre para eventos na Faculdade; a segunda foi referente do fim do convênio com a USP e a providência quanto à contratação de professores locais para dar prosseguimento ao projeto, pois havia a possibilidade de fechamento da Faculdade, segundo Genival Costa e Silva:

243

O outro governador não quis dar continuidade. O Pedro Neiva não quis mais honrar o contrato dos paulistas. Eu acredito mesmo que se não fosse isso [a solução caseira] a vaca teria ido para o brejo [a Faculdade teria sido fechada]. A minha vantagem é que eu era de Caxias tinha o apoio do senador Alexandre Costa e do deputado João Castelo, que tinham apoio de José Sarney. Não fazia proselitismo político nem religioso. Quando cheguei houve aqueles que não queriam aceitar.

Olhe, eu fui pego de surpresa. Quando cheguei a Caxias encontrei, como disse, dificuldades. Encontrei dificuldades do pessoal saindo e o governador dizia não ter dinheiro e queria fechar a Faculdade, pois o projeto não era dele, mas do Sarney. Pedro Neiva queria fechar e a minha luta foi de não deixar fechar. Tudo o que eu apresentava ele contava dificuldade, a desculpa que davam é que não tinha dinheiro.

O diretor Prof. Genival, para os alunos descontentes, foi omissos, pelo fato de não ter lutado para garantir a continuidade do convênio com a USP, ao relegar essa opção a “último caso”, mas há outros que o consideram herói, pelo fato de ter procurado solução alternativa para não deixar a Faculdade fechar, como era a inclinação do governo. Mas Genival, ao apresentar soluções alternativas ao governo e se inclinar pela solução caseira, isto é, dar continuidade ao projeto com os professores auxiliares já contratados e com a contratação de graduados existentes na cidade de Caxias para compor o quadro docente, provou grande competência

<sup>241</sup> MAIA, Vilma Vasconcelos; JANOTTI, Aldo. Carta-Relatório de 03.04.1970, folha 3.

<sup>242</sup> DEPARTAMENTOS DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Telegrama. 06.11.1970. “LAMENTO COMUNICAR FALECIMENTO CONEGO ADERSON DIA PRIMEIRO PORTO RICO SDS SILLAS SERRA”.

<sup>243</sup> COSTA E SILVA, Genival. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em sua residência, no bairro Parque Piauí, em Teresina-PI, em 22.07.2008.

administrativa, uma vez que tinha pouco tempo na administração de interesses do campo do poder. Era uma questão de resistir ou render-se, pois, segundo Almada Lima,<sup>244</sup> existia uma disputa no campo do poder político no estado, inclusive houve quem propusesse a transferência da faculdade para Bacabal.

As investidas externas pelo controle da FFPEM de Caxias por agentes do campo do poder político local em disputa eram frequentes. Por três vezes Genival Costa e Silva foi ameaçado de perder sua função. Na primeira vez Manoel Ferreira Lima<sup>245</sup> se recusou a entregar a chave da sala da Diretoria ao Promotor de Justiça de Caxias, Dr. Amandino, afirmando: “Eu recebi essa chave do Prof. Genival e eu recebi a ordem dele de só entregar ao Prof. Genival. Então, me desculpe, mas eu não entrego não”. Na segunda vez a bibliotecária Sílvia Maria Carvalho Silva,<sup>246</sup> organizou um abaixo-assinado em favor da permanência dele como diretor, o qual foi levado por Sílvia Carvalho e Raimundo Abreu Sobrinho a Genival pela madrugada, para que o mesmo certificasse a aprovação de sua administração pela comunidade ao Secretário de Educação. E na terceira vez, Raimundo de Abreu Sobrinho<sup>247</sup>, conhecido por Raimundão<sup>248</sup>, relatou assim:

Carlito Mendes, assessor de Magno Bacelar, Secretário de Educação, veio de terno e gravata para receber a Faculdade da mão do Genival. E Genival se esmoreceu achando que devia entregar. Aí os professores, já contratados da casa, se juntaram e um disse: “Você não tem nada que entregar. Você não veio pedir. Você não é um filho de fora da casa que veio pra cá. Você é filho de Caxias que mandaram buscar lá fora; veio com família e tal e assumiu isso aqui. Eles que venham pra cá que eu to pronto pra o que der e vier”, palavra de Jadhriel Carvalho. O certo é que o Genival encorajou-se com as palavras do Jadhriel e dos outros da equipe que estavam novatos como o Wilson Egídio, o Padre Damasceno e outros de Teresina.

<sup>244</sup> ALMADA LIMA, Arthur de. Minhas lembranças dos CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 09.03.2010.

<sup>245</sup> LIMA, Manoel Ferreira. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em sua residência, no bairro Nova Caxias, em Caxias-MA, em 18.02.2010. Manoel Ferreira Lima, apelidado pelo Cônego Aderson de Bibelô, é o mais antigo funcionário do CESC/UEMA, em atividade desde 1969, na função de vigilante, inicialmente, e zelador, depois. Não sabe ler nem escrever. Também tem completado 40 anos de atividade instituição. Ainda não se aposentou na expectativa de ser beneficiado com o PCCS – Plano de Carreira, Cargo e Salário do servidor da UEMA.

<sup>246</sup> SILVA, Sílvia Maria Carvalho. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em sua residência, no bairro Ponte, em Caxias-MA, em 19.03.2010.

<sup>247</sup> ABREU SOBRINHO, Raimundo de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, no Centro de Estudos Superiores de Caxias, em 19.03.2010.

<sup>248</sup> Raimundão é funcionário do CESC/UEMA, na função motorista, desde 24 de novembro de 1970. Portanto, em 2010, completa 40 anos de serviços prestados à instituição. Ainda não se aposentou na expectativa de ser beneficiado com o PCCS – Plano de Carreira, Cargo e Salário do servidor da UEMA.

A entrevista concedida por Dr. Jadhriel Carvalho<sup>249</sup> ao jornal Diálogos do Alecrim confirma o nível de tensão na disputa do poder na Faculdade:

Nossa Faculdade tem progredido e se firmado no conceito regional. É uma experiência que demonstrou ser válida. É preciso que mantenha o mesmo ritmo de progressão material e cultural. Infelizmente, os maus políticos continuam de olho na Faculdade, tentando alterar sua tranqüilidade, com objetivos personalistas.

A autorização para funcionamento e o reconhecimento da Faculdade devem constituir o objetivo dos homens públicos bem intencionados, em oposição aos maus políticos, antes referidos, cujos propósitos, tentando substituir dirigentes, são inconfessáveis.

Mas Genival Costa e Silva foi substituído como consequência da acomodação de interesses das forças em disputa no grupo que tinha o controle do campo político estadual, mas não por disputas internas na FFPEM. Portanto, em 16 de janeiro de 1973<sup>250</sup> o Gov. Pedro Neiva de Santana, em ato contínuo, exonerou Genival Costa e Silva do cargo em comissão de diretor da FFPEM e nomeou, para o mesmo cargo, Hélio Benévolo Nogueira<sup>251</sup>, mas aquele continuou professor da instituição. E, para o cargo de vice-diretor, foi nomeado Arlindo Fernandes de Oliveira, através da Portaria 1138/19.09.1973<sup>252</sup>.

O novo diretor procurou criar uma estrutura que imprimisse à FFPEM, a partir desse ano denominada Faculdade de Educação de Caxias (FEC), uma feição de instituição de ensino superior, pois criou os departamentos de Ciências, de Estudos Sociais, de Letras<sup>253</sup> e o de Pedagogia,<sup>254</sup> o conselho da faculdade e os conselhos departamentais. Hélio Nogueira, reconhecido historicamente como um diretor democrático, orientou e deu apoio aos estudantes no processo de instalação do Diretório Acadêmico Tiradentes (DAT)<sup>255</sup>, cuja primeira diretoria<sup>256</sup> foi empossada em abril de 1973 (Quadro 9).

<sup>249</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, do Diretório Acadêmico Tiradentes, da Faculdade de Formação de Professores de Caxias, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>250</sup> MARANHÃO. Diário Oficial, n. 14, de 19.01.1971.

<sup>251</sup> Hélio Benévolo Nogueira era advogado. Faleceu na década de 1980.

<sup>252</sup> MARANHÃO. Diário Oficial, de 25.09.1973.

<sup>253</sup> FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO DE CAXIAS. Portaria nº 13/73, de 11 de junho de 1973. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

<sup>254</sup> FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO DE CAXIAS. Portaria nº 23/73, de 21 de setembro de 1973. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

<sup>255</sup> A razão do nome do diretório certamente não foi uma homenagem ao Marte da Independência do Brasil, mas porque a maioria dos estudantes eram de Teresina, aludia ao time de futebol Tiradentes mantido pela Polícia Militar do Piauí. Por isso, quando retornou em 2003, após sua transformação em Coordenação do DCE da UEMA em Caxias em 1994, recebeu o nome o nome de DCE Paulo Freire.

<sup>256</sup> Diálogos do Alecrim, Caxias-MA, n. 01, p. 02, em 01.05.1973.

Quadro 9 – 1ª Diretoria do Diretório Acadêmico Tiradentes da Faculdade de Formação de Professores de Caxias em abril de 1973

<b>CARGO</b>	<b>NOME</b>
Presidente	Osvaldo Alves Silva
1º Vice Presidente	Vanda
2º Vice Presidente	Eldenora Pereira dos Reis
1º Secretário	José Ribamar Marques
2º Secretário	Carmelita Freitas dos Santos
Orador Oficial	Luís Coelho Sales
2º Orador	Orisa Dias Carneiro
<b>DIRETORES</b>	
- Esporte	Antônio Chaves Lopes Bezerra
- Cultural	Área Maria Lopes Leão
- Relações Públicas	Marcos Pierre
- Financeiro	Sother Douville Brito
<b>EQUIPE DO JORNAL</b>	Luís Sales, Vanda Kós, Conceição Assunção, M <sup>a</sup> do Carmo Noieto e Marcos Pierre.

Fonte: Jornal "Diálogos dos Alecrim", n. 01, maio/jul. 1973.

Figura 16 – Solenidade de posse da 1ª diretoria do D.A.T., em 1973.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Nota: Da esquerda para a direita identifica-se dois vereadores do MDB, Rogério e José Barros, também presidente da UCES, o diretor Hélio Nogueira e o Prof. Wilson Egídio em pé.

O DAT, em editorial do primeiro e do terceiro número do jornal Diálogos do Alecrim, acentua a preocupação com o reconhecimento da Faculdade de Formação de Professores de Caxias.

F.F.P.: AUTORIZAÇÃO PRÁ AGORA. “A Assembléia Legislativa, ao reiniciar os trabalhos, apreciará mensagem do Gov. Pedro Neiva de Santana, que reestrutura nossa Faculdade. Seu nome mudará para Faculdade de Educação de Caxias. E terá licenciatura plena”. Essa medida visa preparar para a autorização.<sup>257</sup>

O DAT estabelecia boas relações com a direção da FEC, inclusive fortalecendo sua hegemonia que crescia *pari passu* com as benfeitorias que iam sendo oferecidas, num regime de colaboração. Mas também o DAT. exercia certa vigilância sobre o comportamento dos colegas e de professores através de elogios ou críticas, como foi evidenciado várias vezes no conteúdo do Diálogos do Alecrim.

O jornal O Pioneiro,<sup>258</sup> acompanhando a manchete “Faculdade de Educação tem novo diretor”, dizia:

O Governador Pedro Neiva de Santana vem de assinar ato designando, em caráter interino, novo diretor para a Faculdade de Educação de Caxias, cuja posse, até o momento de encerramento desta página, ainda não se havia efetuado.

O novo escolhido que responderá agora pela Direção da nossa Faculdade, será o dr.(sic) Sillas Marques Serra, pastor-chefe da Igreja Presbiteriana local e mestre também de reconhecidos méritos.

Hélio Nogueira era conhecido em Caxias como um cidadão sério e de pensamentos à esquerda. Foi demitido por ter feito um discurso criticando o campo do poder político local, e, em respeito ao Estatuto da FEC<sup>259</sup> deu posse ao seu vice, Prof. Arlindo, ao invés do Revdo. Sillas Marques Serra.<sup>260</sup>

<sup>257</sup> Diálogos do Alecrim, jornal do Diretório Acadêmico Tiradentes, da Faculdade de Formação de Professores de Caxias, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>258</sup> O Pioneiro, n. 303, p. 01, em 12.01.1975

<sup>259</sup> O estatuto determinava o diretor da Faculdade de Educação de Caxias deveria ser alguém portador de diploma de curso superior reconhecido pelo MEC e deveria pertencer aos quadros do magistério da Faculdade, dois requisitos não preenchidos pelo Revdo. Sillas Marques Serra, que havia feito curso superior na FEC, que não era reconhecida ainda, e era só funcionário administrativo, embora houvesse assumido interinamente a direção da Faculdade quando da morte do Cônego Aderson em 1º de novembro de 1970.

<sup>260</sup> Mas o Regimento Interno da Faculdade e o Estatuto da FESM determinava que só poderia ascender ao cargo de diretor quem fosse professor da instituição e, inclusive, fosse portador de título de graduação, exigências que Sillas Marques Serra não atendia. Talvez essa fosse a razão do gesto de Hélio Benévolo Nogueira.

O novo diretor tornou público que estava respaldado por agentes importantes, inclusive da esfera federal, ao mostrar à reportagem de O Pioneiro<sup>261</sup> dezenas de mensagens de congratulações recebidas pela assunção ao cargo, inclusive do então Ministro da Educação Ney Braga, numa demonstração de que tinha capital político necessário para dirigir a instituição.

Não sabia o Revdo. Sillas Marques Serra que a sua nomeação fazia parte de um plano no processo de legalização da FEC, como supõe Denei Maria da Cunha Fonseca: “Ao que parece, uma situação irregular foi ‘reparada’ com uma ilegal, cuja ilegalidade seria usada como justificativa para a deposição, em 1976, do Diretor agora nomeado”<sup>262</sup>. E Arthur Almada Lima chama para si a urdidura dessa tática (cf. p. 58/59 ).

O Revdo. Sillas Marques Serra, no exercício da função e missão que lhe foi designada de “resgatar, em curto prazo, toda a documentação referente à Faculdade, desde a sua fundação, e dar continuidade ao processo de regularização, junto aos órgãos federais”<sup>263</sup>, manifestou preocupação por manter boas relações com as autoridades constituídas, a exemplo do prefeito municipal de Caxias, José Ferreira de Castro, que patrocinou o transporte da caravana de estudantes da Faculdade de Educação de Caxias (FEC) para participarem dos Jogos Estudantis Universitários em São Luís. Inclusive o Diretor da FEC:

Presidindo a turma de universitários caxienses, também se encontra na Capital o diretor da Faculdade de Educação, dr.(sic) Sillas Marques Serra, que, por sua vez, já programou para o mês de junho próximo vindouro o Torneio “Prefeito José Castro”, a ser realizado em nossa cidade e contando com a participação de Faculdades de S. Luís.<sup>264</sup>

A Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho, conhecida então pelo nome religioso de Irmã Clemens, teve seu nome cogitado para diretora, segundo Dr. Arthur Almada Lima Filho, quando estava sendo engendrado o processo de incorporação da FEC à FESM, como já foi referido anteriormente, pois era o nome apresentado, pelo Senador Alexandre Costa e pelo ex-prefeito Aluizio Lobo, com condições de assumir a direção da FEC, mas estava impedida pelo Estatuto da FESM, porque não

<sup>261</sup> O PIONEIRO, n. 311, p. 10, em 16.03.1975

<sup>262</sup> FONSECA, Denei Maria da Cunha. Op. cit., 1984, p. 58.

<sup>263</sup> CARVALHO, Irmã Gemma Maria de Jesus. Faculdade de Educação de Caxias: uma trajetória de muitas lutas e grandes vitórias. Caxias, MA: Nova Expansão Gráfica, 2007, p. 69.

<sup>264</sup> O PIONEIRO, n. 317, p. 05, em 25.05.1975.

era professora da instituição. Então, por força do plano referido acima, Irmã Clemens foi convidada pelo presidente da FESM, Dr. Arthur Almada Lima para compor o quadro de pessoal da Faculdade de Educação de Caxias na qualidade de professora, o que aconteceu em março de 1976. Quando julho chegou, como era previsto no plano tático (cf. f. 59), Sillas Marques Serra foi demitido em 12 de julho e, em ato contínuo, o Gov. Nunes Freire nomeou para Diretora da FEC, a Irmã Gemma,<sup>265</sup> depois de consultá-la sobre sua disposição para o exercício do cargo, a qual narra em seu livro:

Ainda no 1º semestre/76 foi enviada à PRESIDÊNCIA DA FESM a lista sêxtupla para DIRETOR “PRO TEMPORE” da faculdade de Educação de Caxias e na escolha saiu o nome da Profª IRMÃ MARIA GEMMA DE JESUS CARVALHO, nomeada em 12 de julho pelo exmo. Sr. Governador do Estado – Dr. Osvaldo da Costa Nunes Freire. Naquela ocasião, Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho encontrava-se em Manaus, participando do Congresso Nacional de Educação. Anteriormente, fora consultada e aceitou mais esse desafio para servir à educação de Caxias.<sup>266</sup>

O jornal O Pioneiro<sup>267</sup> noticiou: “Irmã Clemens<sup>268</sup> na Diretoria da Faculdade”, cujo ato de posse teve as alocações da Profª Maria das Dores Batista Silva (Didô), do aluno Rômulo Ascheffeemburgo Freire Moura, do Revdo. Sillas Marques Serra e de Maria Gemma de Jesus Carvalho.

Irmã Clemens. Nós nos despedimos do Reverendo Sillas como excelente Diretor. Aprendemos muito com ele, aprendemos, sobretudo a ser humanos, sorrir, compreender, perdoar, reconhecer valores, trabalhar de maneira a não relevar credo, posição social, naturalidade ou nacionalidade, o que é tão difícil dentro do misto de bons e maus momentos que sempre surgem no dia a dia do trabalho. OBRIGADA, REVERENDO SILLAS! Seremos sempre bons amigos e grandes amigos e isso nos envaidece e conforta.

Irmã Clemens,...

Nós estamos aqui e lhe apresentamos os votos de boas vindas. A senhora foi um dos nossos professores e sabe que aqui há de tudo. Aqui há compreensão, trabalho, amor, idéias luminosas, desencontro de idéias, bem-querenças, aceitações, não aceitações, sorrisos, lágrimas, palavras de estímulo, vontade de acertar e, sobretudo isso, há aqui GENTE e essas reações são próprias de Gente que tem inteligência, vontade de trabalhar, ajudar, de crescer, de ser entendida, correspondida. Há acima de tudo um

<sup>265</sup> MARANHÃO. Diário Oficial, em 22.07.1976

<sup>266</sup> CARVALHO, Maria Gemma de Jesus, op. cit., 2007, p. 77.

<sup>267</sup> O Pioneiro, p. 12, em 01.08.1976.

<sup>268</sup> Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho tinha por codinome Clemens, pois a congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas, seguia a mesma tradição de muitas congregações e ordens religiosas que, desde a Idade Média, cujos membros trocavam seus nomes de nascimento por outro.

senso de responsabilidade individual e profissional, e essa gente a recebe hoje e confia no seu trabalho, na sua maneira de administrar realmente. Seja bem-vinda.<sup>269</sup>

A nova diretora, quando da inspeção da Faculdade de Educação de Caxias por uma Comissão do MEC, em 1976, dentro da lógica estrutural da economia das trocas simbólicas, promoveu “Uma noite folclórica”, para prestigiar as autoridades do Conselho Federal de Educação, como noticiou a imprensa local.<sup>270</sup>

No dia 22 de novembro esteve fazendo apresentação de “Lenda das 7 Cidades”, “Reisado” e “Cavalo Piandó”, um grupo folclórico teresinense, no auditório da Faculdade de Educação de Caxias, acompanhado do Secretário de Educação do Estado do Piauí. Foi uma forma de a diretora Irmã Clemens de Carvalho homenagear a Comissão de Inspeção do MEC, formada por professores de outros Estados do Brasil, que se encontravam inspecionando a Faculdade, com vista à sua equiparação [reconhecimento].

Figura 17 – Noite folclórica para a Comissão do MEC, em 1976, na FEC.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Figura 18 – Comissão do MEC em noite folclórica, em 1976, na FEC.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008.

O veredicto dessa Comissão de Inspeção do MEC era muito importante para a Faculdade de Educação de Caxias, porque a instituição precisava ser percebida pela comunidade enquanto detentora de capital simbólico.

<sup>269</sup> SILVA, Maria das Dores Batista. Discursos proferido pela Prof<sup>a</sup> Maria das dores Batista Silva (Didô) saudando o diretor que saía e a diretora que entrava, em 26 de julho de 1976. In: O Pioneiro, p. 12, em 01.08.1976.

<sup>270</sup> O PIONEIRO, n. 372, p. 08, em 24.11.1976

Arthur Almada Lima parecia configurar-se àqueles agentes indivíduos que, segundo Bourdieu, pelo volume de seu capital simbólico, determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso.<sup>271</sup> Deixou a presidência da FESM, em dezembro de 1976, sendo sucedido por José Mariano dos Santos.

Figura 19 – Solenidade de despedida de Almada Lima da presidência da FESM, no Auditório da FEC, em 1976.



Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Nota: Arthur Almada Lima ladeado por Irmã Gemma e Dom Luís Marelím apresenta José Mariano dos Santos como novo presidente da FESM. Pe. Damascena faz discurso. Vê-se a Irmã Zenir, diretora do Colégio Diocesano, e à sua direita a Prof<sup>a</sup> Fátima Félix. Ao lado do bispo um representante estudantil.

Pois, dado ser dono de capital cultural e político reconhecido por seus pares na sociedade, tornava-se uma referência com poder simbólico determinante. Inclusive, a então diretora Irmã Gemma manifestou gratidão a Arthur Almada Lima Filho pelo empenho do mesmo em manter e legalizar a FEC. E dele diz:

Na direção da Federação das Escolas superiores do Maranhão foi uma presença amiga e um incentivador dinâmico na busca do fortalecimento das Unidades, oferecendo-lhes todo o suporte necessário para o aperfeiçoamento humano, social, tecnológico e financeiro. Houve momento que membros do 1º escalão do Governo Pedro Neiva de Santana insistiam no fechamento da FESM, querendo que suas Unidades integrassem a Universidade Federal do Maranhão, alegando deficiências

<sup>271</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2004, P. 24.

nos cursos, incapacidade de manutenção, falta de aparelhos especiais. Dr. Almada Lima foi uma voz firme e sensata, rebatendo todas as críticas injustas e infundadas.

Evidentemente, esse fato transformou-se numa batalha renhida e séria, vencida com a presença da COMISSÃO DO MEC que vistoriou as duas instituições e nesse confronto a FESM foi superior, com suas Unidades quase todas reconhecidas e dotadas de laboratórios sofisticados com uma tecnologia de ponta, evitando assim o seu fechamento e encerrando definitivamente essa insistente discussão.<sup>272</sup>

À nova conjuntura da FEC, integrada de fato e de direito à FESM, era necessária a adequação do órgão de representação estudantil à nova realidade, por isso o DAT. convocou uma Assembléia Geral Extraordinária.<sup>273</sup> Nessa época o movimento estudantil era um apêndice da instituição de ensino superior, que tinha que se adequar às suas normas, por força do regime militar que havia usurpado a autonomia do movimento estudantil, a partir de 1964.

Também, na existência da FEC/UEEC, o DAT sempre teve a prerrogativa de receber rendas provenientes de aluguéis e taxas, respectivamente, da cantina e da emissão de carteiras,<sup>274</sup> segundo prestação de contas de 1976 e de 1986. Essas prestações de contas anuais eram feitas ao Conselho FEC que as aprovava ou as rejeitava.<sup>275</sup> De sua aprovação dependia os repasses para a conta do DAT.

Dessa forma, a direção da FEC mantinha o controle do D.A.T., inclusive sobre seus próprios equipamentos, como foi manifestado pelo presidente Sebastião

<sup>272</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Faculdade de Educação de Caxias: uma trajetória de muitas lutas e grandes vitórias. Caxias-MA: Expansão Gráfica e Editora, 2007, p. 85/86.

<sup>273</sup> O DIA, edição de 22 de agosto de 1976. O Sr. Presidente do Diretório Acadêmico Tiradentes - DAT, da Faculdade de Educação de Caxias, tendo em vista os processos de reformulações estatutárias, e atendendo aos dispostos no Estatuto convoca, todos os associados em pleno gozo dos seus direitos sociais, para Assembléia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia 25 do corrente, às 20:00 horas em 1ª convocação e às 20:00 horas e 40 minutos em 2ª convocação, para que se possa fazer a promulgação das novas normas administrativas do respectivo Diretório Acadêmico. Caxias-Ma, 21 de agosto de 1976. Gilberto Mendes Feitosa - [Presidente]. Manoel Sudário Messias - Secretário-Geral.

<sup>274</sup> Em 1976, no 1º semestre, foram emitidas 172 carteiras e no 2º semestre 264 carteiras, no valor de Cr% 10,00 (dez cruzeiros).

<sup>275</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 07/80. Em 24.03.1980, a diretora da Faculdade comunica ao Presidente do Diretório Acadêmico Tiradentes, que a prestação de contas de 1979 foi aprovada pelo Conselho Departamental da FEC. Inclusive informando que o DAT dispõe de Cr\$ 25.145,25.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Diretório Acadêmico Tiradentes. Ofício n. 060/80. Em 24.03.1980, o Presidente do DAT envia ofício à diretora da Faculdade solicitando a liberação dos recursos restantes para a compra de material esportivo e construção da área da cantina. Assinado por Sebastião de Jesus assunção Couto (Presidente).

Couto, em 1980, em correspondências<sup>276</sup>. E, no caso do D.A.T., havia uma dependência total, como disse o ex-presidente Paulo Coutinho:

O DAT era vinculado à direção da Faculdade. Ou seja as ações do DAT tinham que ser levadas à apreciação da direção da Faculdade para poder fazer alguma coisa. Você não podia fazer nada, tomar nenhuma atitude em desacordo com a direção. Até esse período o Diretório recebia uma verba da direção. Era uma forma de vincular o diretório à direção.<sup>277</sup>

Essa prática era comum em todas as instituições de ensino superior, pois essas entidades eram consideradas, pelo regime militar como espaços de inoculação do vírus da subversão. E na FEC não era diferente, pois os estudantes entrevistados foram unânimes em afirmar que lá sempre pairou suspeitas de que existiam agentes do Departamento Especial da Ordem Pública e Social (DEOPS) infiltrados, travestidos de professor e de aluno, em vista do controle do campo acadêmico, enquanto espaço de reprodução social e de legitimação do poder.

Possivelmente, por se tratar de um sub-campo estratégico do poder, pois é no campo das instituições escolares que é assegurada a reprodução do poder, na acepção de Bourdieu,<sup>278</sup> que o Governador João Castelo, recém empossado em 15.03.1979, anulou, por uma resolução de 23.03.1979,<sup>279</sup> o ato de nomeação da Profª Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho como diretora da FEC, feito pelo governador anterior em 06.02.1979. Mas, em ato contínuo o governador substituiu tal resolução por outra,<sup>280</sup> com data idêntica, nomeando Irmã Gemma novamente.

<sup>276</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Diretório Acadêmico Tiradentes. Ofício n.0013/80. Solicita à diretora da Faculdade liberação do sistema de som de propriedade do Diretório, o qual foi adquirido em 1978.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 090/80-GO. Em 17.06.1980, a diretora da Faculdade passa ao presidente do Diretório Acadêmico Tiradentes equipamentos de som de propriedade do mesmo, conforme solicitação feita.

<sup>277</sup> COUTINHO, Paulo Afonso da Silva. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Teresina-PI, 22.07.2008.

<sup>278</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 30.

<sup>279</sup> MARANHÃO. Poder executivo. Diário Oficial, em 09.04.1979. O Governador, João Castelo Ribeiro Gonçalves nomeia a professora Irmã Gemma de Jesus Carvalho diretora da Faculdade de Educação de Caxias por um período de quatro anos. O Governador do Estado do Maranhão, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE: Tornar sem efeito o ato de 06.02.79 que nomeou a Professora IRMÃ MARIA GEMMA DE JESUS CARVALHO para o cargo de Diretora da Faculdade de Educação de Caxias, com mandato de 4 (quatro) anos, em conformidade com o Art. 30, § 2º do Regimento Unificado da Federação das Escolas superiores do Maranhão. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, EM SÃO LUIS, 23 DE MARÇO DE 1979, 157º DA INDEPENDÊNCIA E 90º DA REPÚBLICA. Assinam: João Castelo R. Gonçalves e Raimundo ...

<sup>280</sup> MARANHÃO. O Governador do Estado do Maranhão, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE: Nomear a Professora IRMÃ MARIA GEMMA DE JESUS CARVALHO para exercer o cargo de Diretor da Faculdade de Educação de Caxias, com mandato de 4 (quatro) anos, de

Em 04 de abril de 1979, Irmã Gemma tomou posse na função de Diretora da FEC, em São Luís, em presença do Presidente da FESM e membros do Conselho, assinando o seguinte termo:

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO.

Termo de compromisso assinado por Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho, em São Luís, em 04 de abril de 1979.

Aos quatro dias do mês de abril do ano de mil novecentos e setenta e nove na Sala de Reunião da Federação das Escolas Superiores do Maranhão, precisamente às dez horas, compareceu a Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho declarando que vinha prestar o juramento, digo, compromisso legal de bem servir o Estado no Cargo de Diretor da Faculdade de Educação de Caxias, para o qual foi nomeado por ato do Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, datado de 23 de março de 1979, conforme Art. 30, parágrafo 2º do Regimento Unificado da Federação das Escolas Superiores do Maranhão, com mandato de quatro anos. Presentes os Senhores: Dr. José Trajano BRANDÃO MARTINS, Assessor de Planejamento da FESM; DR. JOAQUIM CÉSAR DOS SANTOS, Presidente da COPEAVE; DR. JOSÉ RAIMUNDO DOS SANTOS MUNIZ, Presidente “Pro Tempore” da Federação. São Luís, 04 de abril de 1979.<sup>281</sup>

Por conta da nomeação de Irmã Gemma a comunidade se rejubilou:

Mestres e alunos da Faculdade de Educação de Caxias prestaram à noite da última segunda-feira, dia 9, significativa homenagem à religiosa Maria Gemma de Jesus Carvalho (Irmã Clemens Carvalho) ...pela sua recente nomeação em definitivo para a Direção daquela unidade da Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), cargo que aliás já vinha exercendo ‘pro-tempore’.

Portadora de um *Curriculum Vitae* dos mais ricos em nossa terra, o ato do governador João Castelo Ribeiro Gonçalves conservando a diretora do Colégio São José na Direção da Faculdade de Educação de Caxias, foi bem aceito por todos e aplaudido por unanimidade.<sup>282</sup>

Irmã Gema exercia o poder na FEC de duas formas, como convinha, segundo Bourdieu,<sup>283</sup> a uma instituição científica: o poder político, que é o poder institucional e institucionalizado, enquanto diretora, e o poder de prestígio pessoal,

---

conformidade com o Art. 30, § 2º do Regimento Unificado da federação das Escolas superiores do maranhão. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, EM SÃO LUÍS, 23 DE MARÇO DE 1979, 157º DA INDEPENDÊNCIA E 90º DA REPÚBLICA. Assinam: João Castelo R. Gonçalves e Raimundo M. ...

<sup>281</sup> FEDERAÇÃO DAS AESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Termo de compromisso assinado por Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho, em São Luís, em 04 de abril de 1979.

<sup>282</sup> O PIONEIRO, em 15.04.1979: “Irmã Clemens Carvalho e a Direção da Faculdade de Educação de Caxias”.

<sup>283</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit. 2004, p. 35.

de reconhecimento pelos pares e pela comunidade, construído no exercício da diretoria do Colégio São José e como freira capuchinha dedicada à educação. Mas não se descuidava do fortalecimento desse poder na direção da FEC através da mídia local, que noticiava os eventos da instituição, inclusive seu natalício<sup>284</sup> comemorado pela comunidade acadêmica, demonstrando a sua aceitação.

Figura 20 – Irmã M<sup>a</sup> Gemma de Jesus Carvalho em seu gabinete.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Segundo o ex-aluno Paulo Coutinho,<sup>285</sup> Irmã Clemens era zelosa no cumprimento da ordem estabelecida e correspondia às expectativas do governador, pois estava vigilante quanto ao controle da instituição; inclusive, quando da eleição da nova diretoria do DAT, não escondia sua preferência pela candidata Erlinda Bittencourt<sup>286</sup> que, por pouco, não foi eleita presidente. Portanto, disse:

Então, quando fizemos a nossa chapa, a Erlinda era a candidata da freira, da direção da Faculdade, pois tinha o interesse que o DA ficasse vinculado a ela. A disputa foi acirrada e por pouco a gente não perdeu. Na realidade eu saí nas salas e disse dos objetivos que a agente ia desenvolver, que eram:

<sup>284</sup> O PIONEIRO, em 19.08.1979: “Irmã Clemens Carvalho”. “Transcorrerá no próximo dia 15 o aniversário natalício da educadora Maria Gemma de Jesus Carvalho (irmã Clemens Carvalho), diretora da Faculdade de Educação de Caxias e do Colégio São José”.

<sup>285</sup> Ex-aluno da FEC de 1978 a 1979 e de 1981-1982. Foi presidente do DAT. em 1979.

<sup>286</sup> Erlinda Bittencourt, de família tradicional de Caxias e ex-aluna do Colégio São José das Irmãs Missionárias Capuchinhas no qual Irmã Gema era diretora, era aluna do curso de Letras.

1. Valorizar o diálogo entre o alunado e a direção da escola, porque o DAT tinha interesse de estabelecer uma porta de abertura para negociação, até, se fosse o caso, ser ouvido na hora de contratar os professores.
2. Estabelecer um processo de relação interpessoal entre nós de Teresina e os alunos de Caxias, porque tinham um *rem-rem-rem*, e também com o pessoal de São Luís.<sup>287</sup>

Uma vez eleita a diretoria do DAT, Paulo Coutinho disse que todos os membros teriam se prontificado a somar esforços para realizar os objetivos propagados, mas ‘na hora H’, o presidente ficou sozinho, e apontou alguns pontos negativos verificados durante a sua gestão:

- *Falta de confiança do alunado.* O alunado tinha medo porque pensava que a diretora era tudo. Ele pensava que não iríamos atingir os objetivos porque ela ia impedir. Como nós tínhamos colocado que tínhamos que negociar, o meu primeiro passo foi me aproximar da freira, porque as pessoas diziam que ela era fechada, para estabelecer um elo de confiança. Eu me identifiquei como um ex-seminarista e como ela era religiosa houve uma abertura e ela abriu as portas.

- *Era um consenso exagerado.* As pessoas recebiam tudo pronto. As pessoas tinham temor de divergir. A direção da escola dizia e todo mundo aceitava.

- *A falta de comprometimento por parte do alunado* em fazer daquela unidade de educação o centro de referência de educação na região, pois a maioria estava ali simplesmente para receber um diploma, só preocupada em assistir aula, fazer prova e receber um diploma. Preocupação de fazer daquilo um centro de referência de educação.

- *O corpo docente com dificuldade técnico –pedagógica*, mas era de boa a excelente qualidade, porque o nosso professor não estava acostumado a fazer plano de curso, plano de aula, a usar recursos audiovisuais. Eu me recordo que tive divergência em História da Educação com o finado Pe. Cláudio. Eu divergi e perguntava: a sua aula esta situada em que ponto do programa? Não existia um comprometimento de um ensino de qualidade. Era feito! Tudo bem, era feito. Até porque a gente não sabia como era feito o processo seletivo!<sup>288</sup>

À falta de confiança, ao consenso exagerado e falta de comprometimento do alunado e à dificuldade técnico-pedagógica do professorado se somava a falta de preocupação em relação aos resultados por parte da direção, de professores, em vista da melhoria da instituição, como ele via acontecer na instituição onde trabalhava na época.

Então, encerrado o período ou ao final do ano letivo deveria existir uma retroalimentação, para ver o que foi positivo e o que foi negativo. Não acontecia. Encerrava o período letivo havia somente a exposição dos

<sup>287</sup> COUTINHO, Paulo Afonso Silva. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Teresina-PI, em 22.07.2008.

<sup>288</sup> COUTINHO, Paulo Afonso Silva. Ibidem, 22.07.2008.

resultados [de notas] e marcava-se curso de férias. Não existia uma atenção com os resultados. Eu não sei se hoje, mesmo com essa avaliação do MEC, já há essa preocupação.

Na verdade, Paulo Coutinho tinha uma preocupação em torno daquilo que Bourdieu chama de capital simbólico<sup>289</sup> da instituição/curso e dos indivíduos, pois queria que o resultado final do seu empenho diário de se sacrificar no deslocamento de 70 km de Teresina para Caxias, toda noite indo e voltando, fosse compensado com um diploma com credibilidade, com valor de capital cultural, isto é, com poder de reconhecimento de competência pela comunidade. Então o capital simbólico auferido pelo aluno da FEC conferiria a este certa proeminência sobre outros que não o detivesse, e o sinal distintivo ou indicador seria o diploma autenticado pela FEC.

Irmã Gemma lembra-se do ano de 1980 como de turbulências e vitórias. As turbulências decorreram da mudança de direção da FESM, que redundou em atraso do vencimento do pessoal docente e administrativo e falta de material de consumo e outros equipamentos e de recursos para custeio de despesas simples, acarretando transtorno no funcionamento da instituição, apesar da busca do diálogo para atenuar as cobranças de todos os setores. Essa fase crítica está assim dita:

A insatisfação gerou problemas, também com o Diretório Acadêmico que não se conformava com essa situação de insegurança e dificuldade, sendo necessário muito diálogo para aparar as arestas do inconformismo.

A Direção não cedeu às exigências radicais dos estudantes nem temeu as ameaças que eram desferidas contra as autoridades. Venceu o Bom senso.

A Biblioteca deixou de receber os livros exigidos pela fiscalização e alguns professores com carga horária de 16 horas semanais recebiam apenas 12 horas. Tudo isso resultava num desgaste irritante, colocando, enfim, toda a Direção numa posição constrangedora e desconfortável.

A situação que se vivia era de risco e bastante tumultuada. Entretanto, a Direção jamais perdeu o equilíbrio e a esperança para reverter esse quadro.<sup>290</sup>

Nesse ponto, o poder instituído prevaleceu sobre o poder do reconhecimento, sobrepondo-se a coerção da autoridade ao diálogo, pois “A Direção não cedeu às exigências radicais dos estudantes, nem temeu as ameaças que eram desferidas contra as autoridades. Venceu o bom senso”.<sup>291</sup>

<sup>289</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 26

<sup>290</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Op. cit., 2007, p. 128/129.

<sup>291</sup> Ibidem, p. 128.

Nesse período que vai de 1979 a 1981/1982, que coincide com parte do período da “abertura política”, já começava a haver algumas manifestações de liberdade de expressão e associação na sociedade brasileira e no espaço escolar universitário em particular. E os estudantes da FESM também se movimentavam, haja vista que fizeram um primeiro congresso, em 1980, e, em 1981, realizaram, em Imperatriz, o II Congresso Estudantil da FESM,<sup>292</sup> que contou, inclusive, com a presença de quatro estudantes da Faculdade de Educação de Caxias. Nesse encontro, o campo da oposição se fez presente através do Deputado Haroldo Sabóia, debatendo com os estudantes, dentre outros temas, a transformação da FESM em UEMA.

Na cidade de Caxias, a Associação dos Professores do Maranhão (APEMA), de cuja diretoria da seção local cinco professores pertenciam aos quadros da FESM lotados na FEC, promoveu o I Seminário Municipal de Professores,<sup>293</sup> no dia 21 de novembro de 1981, conclamando os professores organizados à luta. Concluído o evento, foi feito um balanço publicado na imprensa:

Balanço – I Seminário Municipal de Professores em Caxias.

Sob a responsabilidade e orientação da APEMA – Associação de Professores do Estado do Maranhão e apoio da CPB – Confederação dos Professores do Brasil foi realizado com pleno êxito, o I Seminário Municipal de Professores em Caxias, no dia 21.11.1981. A APEMA, em Caxias, passou de 26 para 200 sócios.

Foi criado o Núcleo da APEMA em Caxias, cuja diretoria está assim constituída: Sidney da Costa Rocha – Presidente, Sillas Marques Serra – Vice-Presidente, Aluizio Bittencourt Albuquerque – 1º Secretário, Edna Silva Gonçalves – 2ª Secretária, Mamede Chaves e Silva – 1º Tesoureiro, Maria de Fátima Alencar – 2ª Tesoureira, Izaura Silva – Coordenadora Geral do

<sup>292</sup> O PIONEIRO, n.547, p. 8, 19.11.1981: “FESM Realizou Congresso em Imperatriz”. Realizou-se em 11 a 15 de novembro o II Congresso Estudantil da Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), congregando universitários de Imperatriz, 100 de São Luís, 6 de Carolina, do curso de Extensão de Férias, e 4 da Faculdade de Educação de Caxias. “Fez presença no conclave o deputado Haroldo Sabóia e dos diversos interesses da classe ali debatidos destacou-se o da transformação da FESM em Universidade Estadual”.

<sup>293</sup> O PIONEIRO, n.547, p. 11, 19.11.1981: “PROFESSOR CAXIENSE – CONVITE”. “A Associação de Professores do Maranhão – APEMA – tem a honra de convidar todos os professores de Caxias para o I SEMINÁRIO DE PROFESSORES nesta cidade a ser realizado no dia 21/11/81, tendo início às 08 (oito) horas com a elogiosa presença da Diretoria da APEMA de São Luís.

Convictos de que o professorado de Caxias aspira ao fortalecimento de sua classe, contamos com a participação de todos. Agradecemos: Professor Sidney da Costa Rocha e Professor Sillas Marques Serra

Professor Amigo, Lembre-se: - O professor é agente transformador da sociedade; - O magistério é a classe mais antiga, mais numerosa e mais forte do mundo; - A classe, juridicamente unida, estará apta à solução de seus problemas e defesa de seus interesses. Seja sócio da APEMA – Associação de Professores do Maranhão – e entre para a história de sua terra”.

Núcleo. O conselho Fiscal ficou formado pelos professores: Edmée Assunção, Joaquim Ribeiro e Iara de Araújo.<sup>294</sup>

E no interior da FEC/FESM um bloco de professores, entendendo a educação como um espaço de disputa do poder, como campo de forças, na perspectiva de acumular forças, procurava estabelecer relações com os professores do ensino de 1º e 2º grau. Isso denota que entenderam na prática, como assinala Bourdieu,<sup>295</sup> que o campo do poder é um campo de forças em luta para conservar ou transformar esse campo de forças, numa relação entre os detentores de diferentes poderes (político, cultural, social e econômico), conscientes de que detinham uma quantidade de capital cultural e capital político que precisava ser poupado e aumentado.

Irmã Gemma assevera:

A classe política assistia, sem intrometimento, ao que acontecia no Morro do Alecrim. Não buscou vantagens nem atrapalhou o que de bom se fazia no campo do magistério superior. Foi, portanto, coesa e despretensiosa, dando-nos o assentimento para que se ultimassem, sem turbulência, o reconhecimento da Faculdade de Educação de Caxias.<sup>296</sup>

Mas há evidências de interferência na escolha dos diretores da FEC, de 1968 a 1983, de uma forma ou de outra, sofreram a intromissão do campo do poder político local. Então conclui-se que a FEC, até 1983, não se constituía em instituição campo com poder autônomo, na acepção de Bourdieu:

Dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução. Inversamente, a heteronomia de um campo manifesta-se, essencialmente, pelo fato de que os problemas exteriores, em especial os problemas políticos, aí se exprimem diretamente.<sup>297</sup>

Mas, apesar da heteronomia do campo, todos os diretores, de uma forma ou de outra, eram detentores de poder social e simbólico, pois todos possuíam capital

<sup>294</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, p. 11, 13.12.1981

<sup>295</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit. 2004, p. 23.

<sup>296</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Op. cit. 2007, p. 153.

<sup>297</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004, p. 22.

social e gozavam do reconhecimento da comunidade, configurando-se ao seguinte conceito de Pierre Bourdieu:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (...) O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado.<sup>298</sup>

Medeiros detinha capital social e científico, na condição de médico, cientista social e mestre em Sociologia; Aderson Guimarães detinha capital científico, religioso e social, pois era formado em Filosofia e em Teologia, era vigário paroquial, diretor do Colégio Diocesano e detinha prestígio na comunidade; Genival Costa e Silva detinha capital religioso e científico, pois era pastor evangélico batista e era licenciado em Letras e bacharel em Direito; Hélio Nogueira detinha capital social, na condição de advogado respeitado, e científico, na condição de bacharel em Ciências Jurídicas; Sillas Marques Serra detinha capital social, religioso e científico, respectivamente, na condição professor no ensino médio, de pastor presbiteriano e formação superior (mas seu capital científico foi contestado por falta de diploma oficial de Filosofia); e Maria Gemma de Jesus Carvalho detinha capital social, científico e religioso, pois detinha prestígio na comunidade, como diretora do Colégio São José, tinha formação acadêmica em Pedagogia, em Teologia e em Letras Neolatinas, além de ser freira capuchinha.

Mas, apesar da heteronomia, a consciência estrutural e estruturante de um campo acadêmico se manifestava nos agentes pessoais preocupados com a função social da UEEC, quando em 1982 realizaram o “1º Seminário sobre o papel da Unidade de Estudos de [Educação] de Caxias na comunidade”,<sup>299</sup> pois inquietava o baixo número de alunos aprovados no vestibular para a UEEC, cujas causas precisavam ser identificadas. No “II Seminário sobre o papel da UEEC na

<sup>298</sup> BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Alice Nogueira; CATANI, Afrânio. Pierre Bourdieu: escritos de educação. 2 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1998, p. 67.

<sup>299</sup> REALIZANDO NOVO SEMINÁRIO NA ANTIGA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. O Pioneiro, n.564, p. 06, 22/23.05.1982. Maria de Fátima Costa Félix nessa época era mestre em educação pela UNICAMP, tendo posteriormente feito doutorado, também na UNICAMP.

comunidade”, foram extraídas, juntamente com os dados de uma pesquisa<sup>300</sup> realizada nas escolas de ensino fundamental e médio de 12 municípios do entorno da instituição, as seguintes conclusões: as pessoas que exercem as funções de professores, diretores e supervisores não estão qualificadas para tanto e os cursos de licenciatura curta não despertam interesse.<sup>301</sup> Mas o papel da UEEC na comunidade era objeto das preocupações de um pequeno grupo de professores<sup>302</sup> fixados em Caxias e, via de regra, engajados no movimento sindical<sup>303</sup>, que se empoderavam através da participação em eventos<sup>304</sup> e despertavam para uma *consciência de campo*, isto é de que era preciso entrar no jogo, a fim de interferir na realidade da universidade, em vista de sua transformação, cujo indicador foi a participação ativa no processo eleitoral de 1983, na disputa das direções da UEEC e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que até 1981 denominada FESM.

Maria de Fátima Costa Félix diz que, após aquele trabalho na Coordenação Pedagógica da Faculdade de Educação de Caxias (FEC), no período de 1976 a 1978, cursou Mestrado na Universidade de Campinas (UNICAMP), de 1979 a 1982, e, ao concluí-lo, foi-lhe proposto que ingressasse logo no doutorado, como que, segundo a mesma, “para se livrarem de uma presença questionadora e incômoda”.<sup>305</sup> Mas como tinha consciência de que ficar muito tempo distante da sua realidade não seria benéfico ao seu trabalho intelectual, resolveu dizer não. E

<sup>300</sup> “PAINEL/PESQUISA *O Pioneiro*, n.575, p. 06, 15.09.1982.. Com o objetivo de verificar a necessidade de qualificação dos professores e diretores em exercício na rede estadual de ensino, as professoras da Faculdade de Educação de Caxias Fátima Félix, Miriam Santos, Izaura Silva e Fátima Alencar desenvolvem uma pesquisa diagnóstica”.

<sup>301</sup> FONSECA, Denei Maria Cunha. Prática pedagógica e realidade social: um estudo crítico sobre a experiência da Unidade de Estudos de Educação de Caxias. São Luís-MA: UFAMA/SEEDUC, 1985.

<sup>302</sup> ROSAR, Maria de Fátima Costa Félix. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010. Movimento histórico, porque não aconteceu num passe de mágica, pois foi plantado, germinado, nascido, regado e crescido ao longo dos anos progressos da UEEC (12 a 14 anos) e, principalmente, intencionado a partir de 1976, quando a Prof<sup>a</sup> Maria de Fátima Costa Félix assumiu a Coordenação Pedagógica, foi iniciada a formação de um núcleo de professores que ia se afinando em torno de um ideal de educação e de universidade crítica, à qual juntaram-se, em 1977, o Prof. Aluizio Bittencourt, a Prof<sup>a</sup> Mirian Sousa, o Prof. Joaquim Ribeiro Neto, a Prof<sup>a</sup> Isaura Silva, em 1978, a Prof<sup>a</sup> Denei Maria Cunha Fonseca e a Prof<sup>a</sup> Maria de Fátima Machado Alencar, em 1979, que se reuniam semanalmente para estudar teorias educacionais, refletir sobre a realidade educacional e planejar ações concretas junto à comunidade, inclusive executar projetos, dando suporte ao trabalho pedagógico envolvendo professores de todos os cursos.

<sup>303</sup> Participavam da diretoria do núcleo local da APEMA – Associação de Professores do Estado do Maranhão os professores Aluizio Bittencourt Albuquerque, Maria de Fátima Alencar, Isaura Silva, Joaquim Ribeiro de Sousa Neto. *O PIONEIRO*, n.\_\_\_\_, p. 11, 13.12.1981

<sup>304</sup> *O Pioneiro*, n.5\_\_\_\_, p. 03, 20.06.1982, notícia que um grupo de 09 professores da Faculdade de Educação de Caxias participou do evento..

<sup>305</sup> FÉLIX ROSAR, Maria de Fátima Costa Félix. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

chegando então na UEEC não mais foi chamada para a Coordenação Pedagógica, mas foi nomeada para o Departamento de Planejamento.

No departamento, então, eu percebia que eu poderia ter um papel de liderança no conjunto da Faculdade porque, como ele justamente carregava todo conteúdo que é próprio da formação de professores e como esse conteúdo teria que enriquecer e provocar as áreas específicas, nós poderíamos ter talvez uma função de liderança, mesmo diante do que foi colocado para a formação de jovens. Isso nos motivou a criar um estudo de formação coletiva para além daquilo que se fazia anteriormente. A proposta que nós fizemos foi de um programa de estudo coletivo, para que todo professor, de todos os cursos, então convidados a participar, pudessem, justamente, se assenhorear de um conteúdo que [eu] trazia do mestrado e que me sentia na obrigação de socializar. Porque eram justamente 79, 80,81, em que estava justamente no momento de evidência da produção, efervescência na produção de um novo pensamento na área de educação, já aí o pensamento filiado à perspectiva crítica, com os estudos que estavam postos no programa de pós-graduação, sobretudo da UNICAMP, da USP, da PUC do Rio de Janeiro naquela época, da PUC de São Paulo daquela época. Eram instituições que estavam dando vazão no processo de disseminação da perspectiva marxista, de estudos de Gramsci, estudos Marx etc. (...) A partir daí nós conseguimos criar esse programa de estudos coletivos e os professores que desejavam aderiram, foi interessante que aderiram justamente professores dos vários departamentos. Os que se interessaram eram mais ou menos 17, 20 professores. Então nós passamos a ter seções semanais que aconteceria mais frequentemente aos sábados, estudos a partir dos textos. Então virou um grupo que foi se classificando mais nesse processo de estudo e debate coletivo ao mesmo tempo.<sup>306</sup>

O Estatuto da UEMA, de 1982, elaborado com base na Lei 4.400/30.12.1981, determinava que os reitores fossem nomeados pelo governador mediante escolha em lista sêxtupla formada através de eleição direta com participação paritária de todos os segmentos da comunidade universitária, e que os coordenadores de unidade de estudos fossem nomeados pelo reitor dentre os nomes inclusos em lista tríplice de professores indicados em processo eleitoral igual. Como os mandatos expiravam no primeiro semestre de 1983, na articulação para a lista sêxtupla de reitoráveis da UEMA, Maria de Fátima Félix, por vontade do “Coletivo de Estudos”, participou como candidata da articulação<sup>307</sup> para composição da lista sêxtupla alternativa, obtendo maioria de votos em Caxias, entre todos os segmentos, e em São Luís, entre os estudantes.<sup>308</sup>

<sup>306</sup> Ibidem.

<sup>307</sup> Inclusive participaram dessa articulação, compondo a lista tríplice como candidatas também os professores Waldir Maranhão Cardoso e Saturnino.

<sup>308</sup> Idem. “Eu havia participado de uma chapa que se propôs justamente fazer um grupo que disputaria a reitoria da UEMA. E aí nessa época o reitor era Jacques Inandy Medeiros e nós que formamos a chapa dos 6 que era uma chapa de 5 professores e eu era a única professora da chapa justamente esse grupo passou a ser visto com certa resistência pela administração superior.

Tendo o grupo “Coletivo de Estudos”, denominado pejorativamente pelos adversários internos de “elite pensante”,<sup>309</sup> tomado conhecimento do pleito do prefeito junto ao governador para que nomeasse para a coordenação da UEEC alguém vinculado ao seu grupo político, montou uma estratégia para evitar que a UEEC se tornasse objeto de troca de favores político-eleitorais locais junto ao Governo Estadual. Lançou, como candidatos para compor a lista tríplice, os professores Aluizio Bittencourt Albuquerque, Maria de Fátima Costa Félix e Joaquim Ribeiro de Sousa Neto para serem levados à apreciação da comunidade para comporem a lista tríplice. Mas o nome escolhido pelo grupo para Coordenador da UEEC era o do Prof. Aluizio Bittencourt, assumindo os demais o compromisso de renunciar à lista tríplice tão logo a mesma fosse homologada pelo Conselho Universitário (CONSUN) após o pleito. E todo o grupo saiu à cata de voto de funcionários, estudantes e professores com um manifesto contendo as propostas no qual havia um chamamento: VOTE ASSIM – ALUÍZIO, FÁTIMA E JOAQUIM!

Também um outro grupo, simpático ao prefeito municipal, ciente de que o reitor estava disposto a zelar pela integridade do Estatuto da UEMA, também montou tática semelhante: lançou como candidato e para fechar a lista tríplice, os professores Valquíria Araújo Fernandes, Wilson Egídio dos Santos e Sílvia Maria Carvalho Silva. E quando os votos foram apurados havia sido registrada uma vitória esmagadora dos candidatos do bloco “Coletivo de Estudos”. Aluizio Bittencourt Albuquerque foi empossado, conforme noticiou O Pioneiro:

---

<sup>309</sup> SILVA, Sílvia Maria Carvalho. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 19.03.2010. “... quando cheguei lá na faculdade eu percebia que tinha clareza lá que existiam o grupo de cima e o grupo de baixo. (...) Era grupo de cima e grupo de baixo porque os professores se dividiam em torno de lideranças. (...)o que caracterizava era a condição dos grupos que se formavam, naquele tempo se formava os grupos em torno de Mirian, de Joaquim, da Fátima Felix, da Isaura que formava aquele grupo todo fechado que se nominava e se denominava dentro da instituição como a “elite pensante”, para você ver o sentimento que permeava o espírito das pessoas que faziam a instituição na época, que se auto nomeava um grupos de elite que eu acho que talvez até as pessoas nem se sentissem como tal. (...)então ficava os outros aqui, a Valquíria, Aluizio, a Dalva não sei quem mais eu encontrei por lá eram os de baixo, aí é que eu fui entender: ah rapaz eram os debaixo mesmo agora que eu entendi eu sou do grupo dos de baixo e depois com a continuação fui percebendo que havia um grupo de cima, que tinha um pouco mais de prestígio diante da diretora que era Irmã Clemens na época, aí isso criou por muito tempo um sentimento de divisão, de disputa no interior da faculdade que só trouxe prejuízos. (...) Agora não resta dúvida que esse grupo que era chamado de cima era um grupo realmente pensante, isso aí não se tira o mérito deles, não se tira, desse mérito de ser pensante, de propor algo em relação, em torno da formação de professores, não se pode tirar o mérito deles não, tanto é que depois a Fátima sai para fazer doutorado, mas isso perdura até hoje.

Tomou posse no último dia 21, em São Luís no cargo de diretor da Faculdade de Educação de Caxias o dr. Aluizio Bittencourt Albuquerque, após ser eleito para o cargo pelo voto direto da comunidade universitária caxiense, tendo sido seu nome aprovado pelo governador Luiz Rocha e sua nomeação ter sido assinada pelo reitor da Universidade Estadual do Maranhão, Dr. Jacques Inandy Medeiros.<sup>310</sup>

Esse grupo desenvolveu a extensão quando viabilizou, junto ao MEC,<sup>311</sup> via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), um Projeto de Integração da UEEC à Comunidade, que desenvolvia, junto aos professores da rede pública escolar municipal e estadual em Caxias, um trabalho de qualificação da prática docente, através da concessão de uma bolsa que possibilitava ao professor envolvido adquirir material impresso para se atualizar, o qual funcionou até 1988, em seis escolas de ensino fundamental e no Centro de Ensino Médio Aluizio Azevedo. Esse trabalho, juntamente com a ação sindical, potenciou o corpo docente a participar da primeira greve dos professores da rede estadual. Mas quase desfechava em demissão de uma parte considerável das lideranças do movimento por parte do governo estadual, segundo o relato a seguir:

Isso foi resultado da nossa inserção enquanto o grupo da faculdade, enquanto bloco constituído da Faculdade<sup>312</sup>, também na história da organização sindical dos professores da rede pública. Como nós entendíamos que era impossível se dissociar a prática pedagógica da prática política, envolvemo-nos na reorganização do sindicato dos professores da rede pública. Isso foi justamente nos valendo de ter com eles um diálogo em vários níveis: nível pedagógico, nível político. E nesse tempo houve uma articulação muito orgânica entre a Faculdade e a rede de escola pública do ensino de 1º e 2º grau, que possibilitou termos alcançando a sindicalização de quase todos, ter conseguido fazer a primeira greve, com 100% de paralisação em todas as escolas da rede pública e ter também ficado como alvo do foco do governo, que aí, a época, nos ameaçou de punição coletiva o nosso grupo.

O Aluizio Bittencourt estava na diretoria da Faculdade e foi chamado pela reitoria da UEMA, que tinha recebido uma comunicação do governo do estado, que na época era o Luiz Rocha, dizendo que esse grupo, se não deixasse de se envolver nessas questões seria mesmo demitido o grupo inteiro. À época a Leda Tájera<sup>313</sup> deu a notícia que esse decreto existia mesmo, na mesa do governador para demitir todos os professores que estavam envolvidos nessa situação. Porque na época o então prefeito José Castro, justamente, colocou na mão dele todas as informações a nosso respeito, dizendo o quanto nós éramos líderes desse processo. Aí foi uma

<sup>310</sup> DR. ALUÍZIO ALBUQUERQUE na Direção da Faculdade. *O Pioneiro*, n. 604, em 24.07.1983.

<sup>311</sup> Programa de Integração da Universidade com a Escola Pública financiado pelo FNDE e proposto pelo MEC.

<sup>312</sup> Nota-se nos discursos dos vários sujeitos nos seus níveis diversos e ao longo do tempo a permanência da denominação "Faculdade" para se referir à Unidade de Estudos de Educação de Caxias e ao Centro de Estudos Superiores de Caxias.

<sup>313</sup> Secretária de Estado da Educação do Maranhão, de 1983-1987, no governo de Luiz Rocha.

historia muito interessante porque nós estávamos justamente dando um curso, eu particularmente, em Codó quando fui chamada ao telefone para dizer que isso estava acontecendo, que eu apressasse meu retorno, que precisávamos discutir juntos que estratégia daria certo. Ai eu retornei de Codó. Aí nos reunimos. Naquele momento o grupo se reuniu na casa da Prof<sup>a</sup> Izaura. Alguns tinham a idéia de que deveríamos fazer uma grande manifestação nesse sentido para poder dizer: vocês não podem nos demitir. Eu disse, não. Acho que essa não deve ser a estratégia nesse momento. Eu acho que seria melhor se nós fizéssemos uma ligação para a Secretaria de Educação dizendo: se formos demitidos não sairemos da cidade. Nós, se demitidos, vamos até ganhar mais prestígio, porque a cidade nos respeita e nos reconhece. Então acho que talvez primeiro fosse melhor se fizéssemos um telefonema, aí a gente vai fazendo uma graduação estratégica a realizar. Se isso não surtir efeito, então nós vamos fazendo um acirramento no confronto. Mas aquele telefonema acabou surtindo efeito, porque ai ela compreendeu que talvez devesse mesmo convencer o governador a suspender essa ação. O fato é que três dias depois ela deu uma devolutiva por telefone dizendo que por enquanto estava suspensa a ação de demissão, o decreto não seria publicado, mas recomendava que nós fosséssemos mais prudentes, que não fôssemos dali pra frente novamente à praça etc.

Eu conto esses episódios pra que você entenda o contexto dessa história da Faculdade na cidade, para que também fique claro como foram se produzindo essa e outras histórias de maior integração à ordem ou de menor integração à ordem. Era justamente 83, 84, nós poderíamos dizer que aqui em Caxias nós estávamos sofrendo uma repreensão brutal, porque nós fomos pra Praça fazer uma manifestação e toda Praça foi cercada por toda policia que foi colocada pela administração municipal, nos cercando lá na Praça e etc. e eu dizia: não é possível, nós temos aqui um atraso de 20 anos. Quando está se iniciando a distensão política em nível do País, nós estamos sofrendo aqui uma repressão mais forte. Porque era 84, que tinha passado toda repreensão da ditadura. Então aqui se reproduzia de forma mais extemporânea aquilo que tinha ocorrido em nível nacional.

Nós não fomos demitidos. O sindicato foi tomando os seus caminhos, mas em certa medida depois foi perdendo força. Eu me desloquei para o doutorado. Eu não era a pessoa mais importante, mas eu era digamos uma provocadora de processos, junto com os outros, no sentido do convencimento de que não se podia depor as armas, de que o combate não deveria ser só no nível pedagógico, mas no nível político, simultaneamente, etc.

Isso gerou em âmbito interno da Faculdade mais conflitos também, porque aí, sim, começaram as disputas nos processos eleitorais para a direção da Faculdade.<sup>314</sup>

Apesar de tentativa de cooptação<sup>315</sup> por parte dos políticos de carreira, a partir de 1982 começou também a aparecer nos discursos dos estudantes um tom crítico dirigido ao espaço acadêmico e ao espaço social. Inclusive, o 3º Congresso de Estudantes da UEMA (III CEUEMA),<sup>316</sup> realizado em Caxias, de 02 a 05 de dezembro de 1982, que contou com a participação de 150 estudantes de fora, com o

<sup>314</sup> FÉLIX ROSAR, Maria de Fátima Costa Félix. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

<sup>315</sup> PAINEL – Universitários. *O Pioneiro*, n.569, p. 04, 11.07.1982: João Castelo, ex-governador, doa uma Kombi através da Prefeitura de Codó para os estudantes de lá que estudam aqui na Faculdade.

<sup>316</sup> O PIONEIRO, n. 581, p. 01, 07.11.1982;

tema “Realidade Maranhense: questões agrárias, mercado de trabalho, movimento estudantil, situação política atual, a mulher na política, na sociedade e na universidade, e a democracia”, e com a participação da líder comunista Maria Aragão<sup>317</sup> e demais representantes de partidos políticos de esquerda, sindicatos e entidades outras, constituiu-se num momento propício para o afloramento de perspectiva crítica na UEEC.

Por ocasião da festa da calourada de 1983, desenvolvida nos dias 19 e 20 de abril de 1983, a Prof<sup>a</sup>. Maria de Fátima Félix contribuiu com uma palestra que foi noticiada no jornal O Pioneiro: “... sendo nota do maior destaque a palestra proferida pela Dra. Maria de Fátima Costa Félix versando em torno de ‘Universidade no Brasil e no Maranhão’”.<sup>318</sup> Àquela festa compareceram: Aluízio Bittencourt Albuquerque, Coordenador interino da UEEC; Cleton Saraiva, Secretário de Administração da Prefeitura de Caxias; Carmem, vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes da UEMA. A nova diretoria do DAT. era assim composta: Presidente, Francisco Limeira de Oliveira; Vice-presidente, Magnólia de Sá Cardoso; Secretária, Inês Rosa Silva Araújo; Secretário de Cultura, João Pereira da Silva; Secretário de Imprensa, José Edmar Guimarães; Secretária de Finanças, Eliene Maria Vilanova; Secretária de assistência Estudantil, Ana Maria Pires Cavalcante; Secretário de Ensino, José Regino Lages Veras; Secretário de Estágio, Amauri Gomes da Rocha; Vice-presidente do DCE, Inês Rosa Silva Araújo.

Francisco Limeira, então estudante, disse que o mandato dessa diretoria eleita para 1983 foi prorrogado para o ano de 1984, tendo ele participado de colegiados centrais da UEMA até 1986, quando fez vários enfrentamentos no interior da UEEC, seja diante da direção, dos chefes de departamento ou de professores, na perspectiva de melhor configurá-la de fato às feições de uma instituição de nível superior, sendo ele mesmo testemunha a seguir:

Fui eleito presidente do DCE sem nenhuma experiência, como havia dito. Claro, eu já tinha sido liderança estudantil no Ensino Fundamental, desde a 5ª série, eu fui líder do Grêmio Estudantil do Colégio Inácio Passarinho. Depois fui presidente do Grêmio no Colégio Bandeirantes e depois fui vice-presidente do Grêmio da Escola Técnica de Comércio de Caxias. Já tinha uma experiência com o movimento estudantil. Mas lá era ensino médio, que é uma vida completamente diferente.

<sup>317</sup> O PIONEIRO, n.5\_\_\_, p. 02, 22.12.1982

<sup>318</sup> A FESTA DA CALOURADA – 83 na Faculdade de Caxias. O *Pioneiro*, 00.04.1983.

Então, acho que, por essa história anterior, à minha entrada, eu não recusei o convite dos colegas. Aceitei o desafio para me candidatar e fui eleito presidente do Diretório Acadêmico, na época Tiradentes. E travestido de representante estudantil, travei várias batalhas, várias lutas sem nenhuma experiência. Às vezes até com certo teor de arrogância chegava aos departamentos fazendo certas cobranças. Todas elas cobranças coerentes e pertinentes, mas era a maneira de abordar dos gestores do movimento naquela época e isso me causou problemas sérios.

E como eu também tinha por missão melhorar a vida acadêmica, perdi muito tempo dedicado a reuniões, dedicado a essas buscas de soluções para alguns problemas crônicos da Universidade. E isso, de uma forma ou de outra, me levou a reprovações repetitivas durante o meu período de 1983 a 1985. Portanto, foi um período em que, embora fosse só um ano de mandato, como não houve concorrente para eleição subsequente, eu fiquei por um longo tempo travestido de Presidente do Diretório Acadêmico e sempre trabalhando incessantemente durante todo esse período. Por exemplo, descobrindo taxas irregulares que eram cobradas: se um aluno perdia uma prova ele tinha que pagar uma taxa hoje equivalente a R\$ 5,00 reais, mais ou menos, ou R\$10,00 reais (não sei como fazer essa equivalência de valores, mas era uma taxa relativamente alta), e nós descobrimos que essa taxa era ilegal; como para fazer um pedido de programa de disciplina o aluno tinha que pagar. Mas descobri através dos documentos da UEMA que o aluno tinha direito a tais documentos. Inclusive, no caso de programa de disciplina era obrigatório o professor entregar no primeiro dia de aula. À biblioteca tinha que se pagar uma taxa abusiva, a qual também foi abolida na época. Quero dizer: foram várias conquistas.

A contratação de professores aqui era outro problema, pois, como havia uma grande deficiência de docentes, de repente, às vezes, chegava outro colega na porta, como candidato a professor, trazendo currículo e no dia seguinte estava dando aula aqui. E essa coisa nos incomodava porque para acessar o ensino superior tinha que passar por uma prova muito severa na época e para ser professor não tinha isso. Ou ele chegava aqui muito simpático e era admitido ou então ele vinha indicado por algum político da época, fosse um vereador ou um deputado estadual ou federal. Então, nessa época, era essa a forma de admissão de professor aqui no Centro. E nós começamos a bater em cima disso. Questionávamos: por que para o aluno acessar tinha que passar por um exame e por que para um professor basta ele vir indicado por alguém ou ser simpático a alguém gestor?

Essas foram brigas que me levaram, em 85, em pleno primeiro mês de aula, a ser chamado por uma professora, ao chegar na sala de aula, a qual disse: "Olha, você pode ir para casa que na minha disciplina você está reprovado". Esse fato aconteceu. Ainda hoje há colegas, hoje professores da UEMA, assim como eu, que testemunham esse fato, pois recordam-no como se fosse hoje. Não pude fazer nada. Eu estava desamparado. Um ou outro colega me acolhia, um ou outro professor me dava certo apoio, mas, no geral, todos eram contra essa minha postura dentro da Academia. E não me restou outra saída: tive que abandonar a Universidade.

Abandonei a Universidade no segundo semestre de 85. Permaneci afastado das atividades acadêmicas no primeiro semestre de 86. No segundo semestre resolvi trabalhar fora daqui. Migrei para o Piauí. Fui trabalhar em Santa Luz do Piauí, próximo a Picos. Trabalhei em 86 e em 87, mas no final de 87 resolvi voltar. Senti a necessidade de que era a hora de retornar e complementar meu curso.

Voltei. Tentei retornar à Universidade. Fiz um requerimento e nesse requerimento me foi negado a oportunidade de voltar, até porque os gestores continuavam sendo as pessoas do momento em que fui obrigado a sair. E fiquei em 87, durante uns seis meses, pedindo, repetidas vezes fazendo pedido de reconsideração de despacho, até que mudou a gestão, mudou o diretor de Centro, pois o Profº Joaquim assumiu. E ele me

procurou e disse: "Dê entrada de novo no seu documento de retorno para a universidade que eu vou fazer a sua defesa lá nos órgãos superiores da UEMA". Fiz uma boa justificativa, segundo sua orientação, alegando que ter deixado a Universidade para trabalhar, considerando ser motivo de família e ele levou esses argumentos a São Luis. Fez uma defesa pública disso na reunião dos conselhos e aprovaram o meu retorno à Universidade em 87.<sup>319</sup>

Portanto, líderes estudantis foram agentes responsáveis pela construção da consciência de um campo acadêmico, seguindo e fazendo seguir as regras do jogo.

Após Francisco Limeira à frente do DAT, seguiu-se Áurea Regina dos Prazeres Machado,<sup>320</sup> eleita presidente em dezembro de 1984 para um mandato por todo o ano de 1985, com a chapa "CORAÇÃO DE ESTUDANTE": Presidente – Áurea Regina dos Prazeres Machado (Pedagogia); Vice-presidente – Raimunda Cunha Mota (Pedagogia); Sec. Geral – José Costa Alencar (Estudos Sociais); Sec. de Imprensa – José Ribamar Batista da Mota; Sec. Estágio – Maria Auxiliadora (Pedagogia); Sec. Cultura – José Laudimiro Moura (Letras); Sec. Finanças – José Alcides Oliveira (Letras); Sec. Ensino – Consolação de M<sup>a</sup> V. Coimbra (Estudos Sociais); Sec. Assistência Estudantil – Tátilla Helena de S. Barros (Pedagogia). O nome da chapa reflete a idealização da Nova República, após a Ditadura Militar.

Áurea Regina desenvolver uma gestão sintonizada com o Diretório Central dos Estudantes, inclusive solicitou ajuda estratégica para governar, em termos de informações, devido a maioria dos membros do Diretório e da comunidade acadêmica morar em Teresina, o que dificultava o desenvolvimento dos trabalhos. Teceu críticas à diretoria anterior, dando a entender que a nova diretoria tinha um projeto diferente e reclamou da precária estrutura material do DAT:

A nova diretoria lamentavelmente recebeu o DAT sem a mínima estrutura digna de funcionamento, vamos urgentemente preparar nosso estatuto utilizando como subsídios o mesmo que nos enviou. Tentaremos durante o ano de 85, reestruturar o DA., contamos com a ajuda democrática do DCE.<sup>321</sup>

Áurea Regina esteve presente nos debates em torno da federalização da UEMA. Lançou manifesto externando seu pensamento e se alinhou ao bloco que

<sup>319</sup> OLIVEIRA, Francisco Limeira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

<sup>320</sup> Áurea Regina dos Prazeres Machado era acadêmica de Pedagogia, tendo ingressado na Unidade de Estudos de Educação de Caxias no vestibular segundo semestre de 1983. A sua chapa "CORAÇÃO DE ESTUDANTE" foi registrada em 14.12.1984.

<sup>321</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Carta de 21.12.1984. Acervo do DCE Paulo freire, 2010.

tinha como referência Fátima Félix, Isaura, Miriam e Joaquim Ribeiro, que apoiavam a administração do Prof. Aluizio Bittencourt. Com este a presidente do DAT manteve relações cordiais, o qual atendeu solicitadamente seus pleitos em termos de materiais e equipamentos para o funcionamento do Diretório.

À gestão de Áurea Regina sucedeu a de Cláudio Soares de Brito Filho,<sup>322</sup> cuja eleição teve muito a ver com a hegemonia dos piauienses na UEEC, segundo expressou o próprio presidente em correspondência endereçada ao CEP, órgão expedidor de carteira estudantil em Teresina:

**DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES<sup>323</sup>**  
**UEEC/UEMA**

OF./86. Teresina (PI), 01 de setembro de 1986.

Sra. Presidente:

Cumprimentamos V. Sa., ao mesmo tempo em que solicitamos seja enviada para a Unidade de Estudos de Educação de Caxias – UEEC, 400 (QUATROCENTAS) carteiras de estudante.

Esclarecemos, outrossim, que a referida correspondência está endereçada da cidade de Teresina(PI), pelo motivo de o Presidente juntamente com a maioria dos estudantes da Unidade acima citada nela residirem e trabalharem e a cidade de Caxias (MA) não possuir serviço SEDEX.

Sendo só para o momento, aproveitamos o envio para apresentar a V. Sa., protestos de estima e subidas considerações.

CLÁUDIO SOARES DE BRITO FILHO.  
Presidente

Um membro dessa diretoria, José de Ribamar Martins Filho, atesta bem essa hegemonia piauiense que colocava o DAT a serviço dos seus interesses, inclusive quase ocupando diariamente os membros do Diretório, que residiam em Caxias, para resolverem problemas referentes ao serviço de ônibus para seu traslado diário de Teresina para Caxias e de Caxias para Teresina, como se expressa a seguir:

... nesse mesmo ano de 1986, quando ingressei na licenciatura plena, também ingressei no movimento estudantil. É tem uma curiosidade que pra mim também é motivo de orgulho: nunca perdi uma eleição aqui, seja para o Diretório Acadêmico Tiradentes seja para o Diretório Central dos Estudantes ou para o Conselho Universitário. Nunca perdi uma.

<sup>322</sup> Ingressou na Unidade de Estudos de Educação de Caxias – UEEC através do segundo vestibular de 1983, no curso de Estudos Sociais.

<sup>323</sup> Acervo do DCE Paulo Freire do CESC/UEMA, 2010.

Disputei eleições quatro vezes: duas para o Diretório Acadêmico, uma para o Diretório Central dos Estudantes - DCE e outra para o CONSU - Conselho Universitário. Perdi nenhuma, até porque eu tinha um filão eleitoral, digamos assim, que eram os dois ônibus que vinham de Teresina, pois na época a maioria dos estudantes do UEEC era de Teresina. Quando eu era candidato eu bastava eu ir lá e dizer: olha gente, eu sou candidato, gostaria que vocês contribuíssem, dessem sua parcela de contribuição na minha eleição. Bastava isso nos dois ônibus! Mas, em compensação, quando tinha confusões com a questão dos ônibus, pois tinha vez que eles chegavam a jogar as poltronas dos ônibus da [Expresso] Timbira no meio da estrada, era eu quem ia pra lá resolver a questão, falar com seu Mendonça, que era gerente da Timbira na época. Ele dizia: não, não vou mais botar meu ônibus não! E eu argumentava: meu amigo não faça isso, como é que vou deixar meus colegas sem estudar? Tudo era eu, inclusive pra resolver os problemas deles lá em Teresina.

Então o problema de ônibus não eram eles de Teresina que iam resolver, não, era eu do DAT ou outras pessoas que íamos pra lá. Então, era assim a retribuição que eu fazia com eles. Para carteira de estudante não procuravam ninguém. Era eu que resolvia, até porque eu não precisava de carteira de estudante, pois não tinha transporte coletivo aqui. Mas para eles lá era uma economia que faziam, pra gastar aqui em termos de transporte, no deslocamento de lá ate aqui, o deslocamento interno deles lá. Economizavam pagando a metade com a carteira de estudante e assim chegamos ate o final com eleição garantida.<sup>324</sup>

A Ata abaixo confirma o que narrou acima José Ribamar Martins Filho de si quanto à sua participação em processo eleitoral, como foi o processo de escolha de representantes estudantis junto aos órgãos colegiados da UEMA.

#### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO.**

Ata das eleições realizadas na Unidade de Estudos de Educação de Caxias, em 08/10/1986 para escolha da representação estudantil junto aos órgãos colegiados da UEMA. Para CONSUN: José Ribamar Martins Filho e Ana Célia, titular e suplente, 96 (noventa e seis) votos; Áurea Regina e Tereza Cristina, titular e suplente, 42 (quarenta e dois) votos. Para o CEPE: Andréa Parente e Antônio, titular e suplente, 113 (cento e treze ) votos; Sandra Maria e Miguel, titular e suplente, 16 (dezesseis) votos. Para Colegiado de Curso da UEEC: Maria Lúcia (Lucita) e Lélia de Oliveira Cruz, titular e suplente, 83 (oitenta e três) votos. Representante discente junto aos departamentos: PEDAGOGIA - Áurea Regina dos Prazeres Machado e Jauries Oliveira e Silva, titular e suplente, 31 (trinta e um votos); Dalva Miranda, 0 (zero) voto; Maria do Socorro Batista Silva e Raimunda Áurea Pinheiro da Luz, titular e suplente, 4 (quatro) votos. CIÊNCIAS – Lélia de Oliveira Cruz e Francisca da Costa Ximenes, titular e suplente, 21 (vinte e um votos); Francisco de Assis Sousa e Lidinalva de Almada Coutinho, titular e suplente, 19 (dezenove) votos. LETRAS – Maria das Dores Daniel Borges e Maria Aristéia Rabelo Gomes, titular e suplente, 26 (vinte e seis) votos; Marcelo Pereira de Sousa, titular, 02 (dois) votos. ESTUDOS SOCIAIS – Lucenir de Oliveira Cruz e Maria da Consolação Viana Coimbra, titular e

<sup>324</sup> MARTINS FILHO, José Ribamar. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 13.03.2010.

suplente, 11 (onze) votos); Renato Lourenço Meneses e Silvana Leitão Paiva, titular e suplente, 22 (vinte e dois) votos.<sup>325</sup>

Também evidencia que os ex-dirigentes do DAT, uma vez investidos da experiência adquirida na gestão, credenciavam-se para pleitear cargos em órgãos colegiados da UEMA, tipo CONSUN e CEPE, como numa carreira política, a exemplo de José Ribamar Martins Filho, Secretário de Finanças, e de Áurea Regina dos Prazeres Machado, ex-presidente. E, por outro lado, fica claro uma disputa de hegemonia por parte de alinhados e não alinhados aos estudantes não residentes em Caxias, como foi o caso de Áurea Regina dos Prazeres e Andrea Parente na disputa da representação no CEPE, em que o resultado foi de 42 a 113 votos, pois esta residia em Teresina e aquela em Caxias.

Quadro 10 – Resultado de eleições estudantis de 1986 do DCE, DAT e AAAC.

<b>DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES - MAPA DE APURAÇÃO</b>				
Estado: Maranhão		Cidade: Caxias		
<i>Universidade Estadual do Maranhão</i>				
<i>Data das eleições: 03/12/1986 - horário: 14:00 às 22:00</i>				
<i>Local: faculdade de Educação de Caxias</i>				
CHAPAS	NÍVEIS	DCE	D.A.T.	A.A.A.
Federalização Já		89		
Unidade		83		
<b>Aliança Estudantil Coligada Vanguarda</b>			<b>65</b> <b>109</b>	
Bola Prá Frente				73
Esporte para todos				95
<b>TOTAL</b>		<b>172</b>	<b>174</b>	<b>168</b>
<b>MESÁRIOS:</b>				
- Presidente: José de Ribamar Cardoso				
- Secretário: James Dean				
- Repres. Estudantil:				
OBS: Sem nenhuma ocorrência.				

Fonte: Acervo do Diretório Central dos Estudantes Paulo Freire do CESC/UEMA, 2010.

Apurados a chapa VANGUARDA venceu com 109 votos, com esta composição: Pres.: Renato Lourenço de Meneses; Vice: Augusto Alves de Andrade Neto; Sec. Geral: Isabel Dolores Leão Brito; Sec. de Finanças: Lélia de Oliveira Cruz; Sec. Imprensa: Maria Lúcia Aguiar Teixeira.

<sup>325</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Ata das eleições realizadas na Unidade de Estudos de Educação de Caxias, em 08/10/1986 para escolha da representação estudantil junto aos órgãos colegiados da UEMA

Já no início de abril o DAT teve que se posicionar diante da greve deflagrada pelo professores da UEEC, juntamente com os demais professores da UEMA, em 02 de abril de 1987, a qual teve o apoio dos estudantes, que estavam protestando pelo fato serem proibidos de participar das reuniões do comando. Por isso, lançaram o seguinte manifesto.

**DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – DAT<sup>326</sup>**  
**MANIFESTO DOS ESTUDANTES DA UEMA À COMUNIDADE.**

Dia 02 (dois) de abril do ano em curso [1987], os professores da UEEC (Unidade de Estudos de Educação de Caxias) convocaram os estudantes para uma reunião no Auditório (UEEC), onde na ocasião foram feitas algumas declarações e em seguida deflagrada uma greve, tendo como principal objetivo a questão salarial dos professores.

Na oportunidade, os professores solicitaram apoio dos estudantes. Nós, estudantes, imediatamente apoiamos a declaração da greve por reconhecermos serem justas as reivindicações de nossos professores. Em seguida marcou-se uma assembléia para o dia 06 (seis) deste, entre todos os segmentos da UEEC, sendo que no dia 03 (três) do mês em curso, houve uma reunião somente entre professores, onde a greve toma rumos diferentes e ignorados pelos estudantes.

Os estudantes presentes para a Assembléia do dia 06 (seis) deste foram boicotados de participarem da mesma e conseqüentemente excluídos da elaboração do documento, portanto, nós estudantes resolvemos tornar público e repudiar tais atitudes, porém, reconhecemos o esforço concentrado dos professores em melhorar esta Unidade de Estudos, mas não aceitamos a idéia de sermos excluídos deste processo de transformação e melhoria, por entendermos que a Universidade é feita pelo e para os estudantes.

Com este sentido colocamos ao conhecimento da comunidade nossas propostas (anexo).

- 1º - Plano de Cargos e Salários juntos para funcionários e professores;
- 2º - Permanentes cursos de Especialização para professores, visando maior rendimento em sala de aula;
- 3º - Funcionamento integral da UEEC nos três turnos: manhã, tarde e noite;
- 4º - Descentralização da Coordenação nas decisões políticas e administrativas da Universidade e desta Unidade de Estudos;
- 5º - Maior intercâmbio cultural entre a UEEC e a comunidade;
- 6º - Aparelhamento adequado dos laboratórios;
- 7º - Aquisição de Material Didático para os cursos específicos da UEEC;
- 8º Melhoria do acervo bibliográfico da UEEC;
- 9º - Ampliação e melhoria da estrutura física da UEEC;
- 10º - Criação de um mini-restaurante, com participação nas verbas destinadas ao RU da UEMA;
- 11ª – Sala digna para o Diretório Acadêmico desempenhar seu papel fundamental de apoio aos estudantes;
- 12º - MAIOR RESPEITO AOS ESTUDANTES.

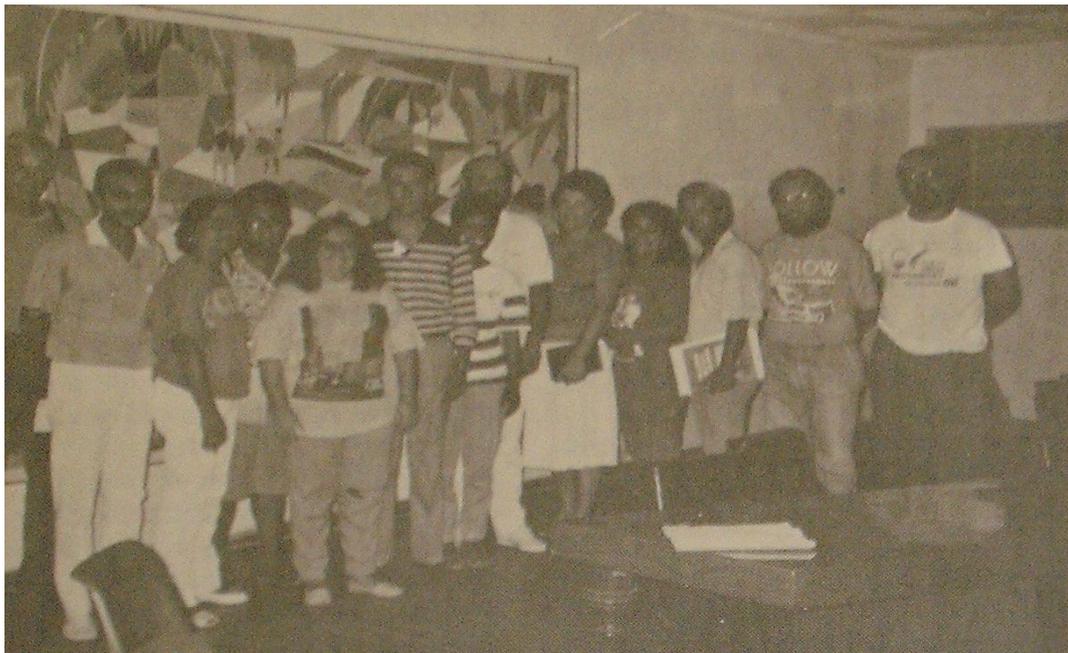
Caxias (Ma)., 09 de abril de 1987.

(Diretório Acadêmico Tiradentes – UEEC)

---

<sup>326</sup> Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

Figura 21 – Diretoria Vanguarda do DAT ladeando o novo diretor da UEEC, , Prof. Joaquim Ribeiro Neto, no Auditório Prof. Leôncio Magno, em 1987.



Fonte: Acervo do DCE “Paulo Freire” do CESC/UEMA, 2010.

A diretoria Vanguarda do DAT desenvolveu seu mandato em harmonia com o novo Coordenador da UEEC, Joaquim Ribeiro de Sousa Neto, cuja gestão foi citada como a mais democrática de todas da história do CESC/UEMA, o qual fazia parte do bloco progressista da UEEC que se desenvolveu na ação-reflexão crítica de 1976 a 1990, o “Coletivo de Estudos”.

O jornal Vanguarda registrou (Figura 21) um momento de conagração do novo diretor da UEEC, Joaquim Ribeiro de Sousa Neto, com os estudantes, após uma palestra proferida à comunidade acadêmica, em julho de 1987, sobre suas propostas de gestão da UEEC.

Esse processo sucessório, em 1983, decorreu do compromisso assumido no “Coletivo de Estudos” de que o sucessor de Aluizio seria Joaquim. Então, todos os esforços nesse sentido foram feitos para que o projeto de gestão democrática iniciado em 1983 fosse continuado em 1987. Tal como o Governador Epitácio Cafeteira, que não respeitou o Estatuto da UEMA, no que dizia respeito à eleição de reitor, ao não empossar o Prof. Camelo, o primeiro da lista tríplice, mas um

interventor por nome Prof. Dr. Warwick Estevam Kerr,<sup>327</sup> este também não respeitou a norma estatutária e se dirigiu a cada unidade de estudos solicitando nomes para coordenador. Então, segundo Aluízio Bittencourt e outras testemunhas, na UEEC foi feita uma consulta à comunidade e o nome mais votado foi o do Prof. Joaquim Ribeiro de Sousa Neto<sup>328</sup>, o qual foi apresentado ao reitor, conforme narrativa abaixo:

O meu mandato terminaria no mês de julho e nós precisávamos eleger o meu sucessor como eu havia sido eleito. No entanto, como a Universidade praticamente sofreu intervenção, pois o reitor na época não havia sido eleito, pois o governador Epitácio Cafeteira, num golpe contra a UEMA, colocou o professor Warwick Kerr, naturalmente, como este não tinha sido eleito, escolhido pela comunidade, certamente também gostaria de nomear seus diretores sem consulta à comunidade. Não digo que isso era natural, mas pelo menos não causou tanta espécie, em virtude de que ele não havia sido eleito. Como durante a nossa gestão ia-se logo pensando em alguém, no perfil de algum colega para suceder-me, o professor Joaquim foi ganhando terreno aqui em virtude de ser um colega competente e, diga-se de passagem, licenciado em Matemática, um colega realmente extraordinário que tinha amizade com todo corpo docente, discente, funcionários. Ele foi ganhando corpo naturalmente. Não foi assim uma imposição, uma indicação. A candidatura dele veio naturalmente, foi avançando. O certo é que na véspera de terminar meu mandato, como sabíamos que não haveria eleição, nós incentivamos os alunos a fazerem uma campanha pra escolher o provável diretor, que a gente fez chamar-se de "prévias". E nas prévias, cuja indicação de nomes era espontânea, o Joaquim despontou com uma boa votação e seu nome ficou comigo. Quando o professor Warwick precisou indicar o diretor daqui, ele me chamou lá na reitoria e disse: eu preciso indicar o coordenador de Caxias e preciso que você me indique um nome. E eu disse: o nome já está preparado, pois nós fizemos uma previa em Caxias e o nome do professor Joaquim foi o mais votado, e também, além disso, ele é um professor que tem abertura em todos os segmentos da Universidade, portanto, nós não temos nada contra a indicação do professor Joaquim. Então disse: está

<sup>327</sup> Nome desconhecido da comunidade da UEMA, porém conhecido na UFMA e no meio científico nacional e internacional por seus estudos e pesquisas em apicultura, o qual foi recebido em clima bastante tenso na UEMA. Mas como era uma pessoa bastante habilidosa e séria no trato com a academia, foi conquistando estudantes, professores e funcionários, de tal modo que, quando pediu exoneração no início de 1988, a comunidade insistiu para ele não sair e deixou saudades, segundo depoimentos de alunos e professores: ALBUQUERQUE, Aluízio Bittencourt. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 04.02.2010; MARTINS FILHO, José Ribamar. Idem, 13.03.2010; RIBEIRO NETO, Agostinho. Idem, 19.11.2010;

<sup>328</sup> "Prof. Joaquim, maranhense, 36 anos, licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Maranhão. Com Pós-Graduação em Matemática (Universidade Federal do Piauí) e Metodologia do Ensino Superior (PUV/MG). Chegou a Caxias em 1979 para fazer parte do quadro de professores da UEMA/UEEC e nesta ocasião lecionou nos colégios São José e Aluízio Azevedo. Atualmente é Coordenador (Pro-tempore) da Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Foi presidente da APEMA (associação de Professores do Estado do Maranhão) em Caxias no período de 1984 a 1986, sendo este um cargo que muito lhe honrou durante sua vida de educador. "Vamos falar mais alto, vamos levar em frente o que estamos construindo com luta, amor e sinceridade." Vanguarda, Caxias-MA, a. 1, n. 03, p. 01, jul. 1987.

tudo bem. E nomeou o professor Joaquim.<sup>329</sup> Houve certa decepção, principalmente por minha parte, porque essa indicação se configurou numa quebra, um desrespeito à legislação que a UEMA seguia, estabelecida em acordo com o governo do estado, quanto à lista tríplice. Pois eu havia sido eleito numa campanha muito bonita, na qual fui o primeiro eleito, votado e escolhido e concorrendo com mais cinco candidatos, todos bons candidatos, inclusive o próprio professor Joaquim. Bem, mas de qualquer forma escolheu-se o professor Joaquim que nos deixou em certo ponto mais confortável. Não digo satisfeito.

Tal acontecimento na UEMA denotava a fragilidade do campo acadêmico que estava se institucionalizando em meio à contradição entre autonomia e heteronomia, apesar de possuir estrutura, leis, *doxa*, objetos específicos, enquanto propriedades universais de um campo, segundo Pierre Bourdieu.<sup>330</sup>

Ainda no início de sua gestão à frente da UEEC, as relações do Prof. Joaquim com a prefeitura ficaram estremecidas, por alguma razão que não foi dada a conhecer, segundo afirmação feita pelo mesmo ao jornal “Vanguarda”: “Não me compete julgar os motivos que levaram a esse afastamento entre a UEEC e a Administração Municipal, entretanto considero prioritário e imprescindível o reatamento dessas relações, no interesse da comunidade universitária e caxiense como um todo. Neste sentido, algumas medidas efetivas foram tomadas.”<sup>331</sup>

A audiência do Coordenador da UEEC com o Prefeito, acompanhado dos chefes de departamentos foi uma das medidas para restaurar a normalidade:

Em audiência ocorrida no dia 04 de agosto, o Prefeito Municipal, Hélio Queiroz, recebeu comissão constituída de Chefes de Departamentos, Coordenador e Administrador da UEEC. Naquela ocasião o chefe do executivo municipal demonstrou grande interesse pelos destinos da UEEC, comprometendo-se a colocar sua administração a serviço desta entidade que tanto tem contribuído para o desenvolvimento da educação na nossa região.<sup>332</sup>

<sup>329</sup> Houve quem se perguntasse por que Prof. Joaquim não foi vetado, uma vez que este era do Partido dos Trabalhadores – PT em Caxias, tendo, inclusive, concorrido na eleição de 1986 para deputado estadual. Mas pouca gente sabia que também Warwick Kerr era do campo político da esquerda e do PT, cf. FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres. (Orgs.). José Maria Cabral Marques. In: \_\_\_\_\_. **Memória de professores: histórias da UFMA e outras histórias**. São Luís; Brasília: UFMA; CNPq, 2005, p. 300-301.

<sup>330</sup> APUD THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. RAP, Rio de Janeiro 40 (1) :27-55, Jan./Fev. 2006.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>> Acesso em: 26.07.2011.

<sup>331</sup> ENTREVISTA DAT COORDENADOR DA UEEC. Vanguarda, Caxias-MA, a. 1, n. 03, p. 04, jul. 1987

<sup>332</sup> O PREFEITO RECEBE PROFESSORES DA UEEC. Vanguarda, Caxias-MA, a. 1, n. 03, p. 03, jul. 1987. Acervo do DCE PAULO FREIRE, 2010.

Figura 22 – Ato de posse do Prof. Joaquim no cargo de Coordenador da UEEC, em julho de 1987, pelo reitor interventor Warwick Kerr.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008

Como já foi referido, o Prof. Joaquim exerceu o poder na UEEC numa estreita relação com estudantes, professores e funcionários, com muitas discussões públicas no auditório, nas salas de aula e nas reuniões do Conselho de Unidade. E, nesse sentido, Aluízio Bittencourt narra:

O professor Joaquim assumiu em 87 e foi até o início do governo Collor. Ele pegou isso aqui dentro de outro contexto e fez uma administração regular. Não se atritou com a classe nem política, nem discente, nem docente. E foi muito bem com a classe dos funcionários, porque ele era um diretor que dava muita abertura, até em excesso. Isso chegou até ao ponto de prejudicar a administração dele, inclusive a imagem dele como diretor, porque ele tratava os funcionários como parceiros, sem distinguir o segmento. Não significa que se eu tivesse um patamar a mais, você teria que ter certo distanciamento. Mas certo caráter de gestão, em que você, como diretor, embora não queira dizer que você tem que ser duro, inflexível, que não seja amigo. Nada disso. Ao contrário, você tem que ser amigo, estar pronto pra ajudá-los em qualquer situação, mas também em excesso não, porque você perde o controle. Foi isso que aconteceu com o Joaquim: perdeu o controle dos funcionários, já brincava com eles, já extrapolava na intimidade. A hierarquia pra ele não existia. Então isso foi depois muito contra ele. Com isso ele deu abertura naquilo que nós havíamos estabelecido aqui. Como? Chamando a todos ao trabalho, à atividade para desenvolver. Mas ele, com a abertura, criou um espaço para que os funcionários fizessem o que quisessem. Isso ali fez com que a administração fosse se diluindo. Mas no geral a administração dele foi boa, até porque ele tinha um grupo de professores muito amigos que o ajudaram. E com isso ele superou alguns momentos críticos aqui, também alguns

atritos com uns professores. Mas foi muito restrito, não chegou a prejudicar pedagogicamente os cursos. Conta-se mais da imagem do diretor no geral. Ele foi um bom diretor apesar de algumas falhas administrativas, mas no geral ele foi um bom diretor na UEEC/UEMA.<sup>333</sup>

Em dezembro de 1987 ocorreu novo processo sucessório eleitoral para o DCE, o DAT, e a AAA, como sempre, com mesa receptora e apuradora dirigida por um professor, um técnico-administrativo, com portaria da coordenação da UEEC/UEMA, e um estudante nomeado pelo Diretório local. Mas nesse ano houve um arrefecimento no espírito político dos acadêmicos, pois, enquanto em 1986 votaram 174 eleitores, agora só 98 foram às urnas.<sup>334</sup> A diretoria do DAT que governou em 1988 manifestou inicialmente preocupação com o baixo índice de aprovação no 2º vestibular de 1988, no qual lograram êxito apenas seis estudantes para a UEEC.

Em 1988, apresentou-se para concorrer à direção do DAT a chapa ora identificada como “Prontos Para Lutar” e ora como “Pretos Para Lutar”, para exercer o mandato em 1989, cuja propaganda escrita denotava ser um pleito bastante disputado e um eleitorado bastante motivado, mas não se obteve testemunho nem de registro e nem da recepção e apuração dos votos. No entanto, o testemunho escrito indica ser um grupo que estava descontente com o grupo que ora detinha o poder, conforme os dois manifestos seguintes.

**DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES.<sup>335</sup>**  
**[Eleições de dezembro de 1988?].**

Saiba escolher seus representantes.

Acontecerá hoje, mais uma eleição para o Diretório Acadêmico, eleição esta que nos dará oportunidades de escolher nossos representantes. É importante a “Representatividade Estudantil”.

E para isso contamos com duas chapas compostas por alunos de vários cursos, de várias cidades, companheiros que sem dúvida, já batalharam muito, ou de jeito nenhum, em algumas conquistas.

<sup>333</sup> ALBUQUERQUE, Aluízio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 02.02.2010.

<sup>334</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. ATA DAS ELEIÇÕES DO D.C.E. (Diretório Central dos Estudantes), DAT. (Diretório Acadêmico Tiradentes) e A.A.U.(Associação Atlética Universitária), realizadas na UEEC, para representação junto aos órgãos colegiados da UEEC, sob a coordenação do professor James Dean de Oliveira Araújo, a servidora Rosângela Maria Guimarães Oliveira e o estudante José de Ribamar Martins. Compareceram 98 (noventa e oito) eleitores, registrando o seguinte resultado: Chapa Unidade e Luta – 49 votos, Chapa Ação e Idealismo – 77 votos. Tendo três votos nulos e seis em branco. Caxias-MA, 17 de dezembro de 1987.

<sup>335</sup> Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

Mas qual será o estudante ideal para nos representar?

Será aquele que já ocupa vários cargos e nunca atua de acordo com nossas reais necessidades? Será aquele estudante turista, aquele feito para passeios em congressos? Será aquele que tem acesso às reuniões, as decisões realizadas no departamento e se omite? Será aquele que não paga passagens no ônibus porque é representante estudantil? Será aquele que propõe criar restaurante, um jornal, ou pelo menos já se tem uma cantina que poderia servir melhor, se já se tem um jornal que nenhum dos atuantes lhe dá qualquer assistência?

É baseado nestas questões que estamos nos colocando a disposição dos companheiros para nos comprometermos em fazer de nossa Unidade, não um palco de intrigas, mas uma Unidade séria com estudantes e professores respeitados, com tudo o que é negado e que de fato temos direito. Reconhecemos todos os problemas estudantis, e nos empenhar em resolvê-los é tudo o que pretendemos.

E aqui ficamos para que não nos confundam com velho adágio “Cachorro que muito late, pouco morde”.

VAMOS DEFENDER, PRINCIPALMENTE O QUE É NOSSO E, CLARO, O ESTUDANTE SEJA ELE COM RAZÃO OU SEM RAZÃO.

VOTANDO EM: PRONTOS PARA LUTAR. Presidente: FRANCISCO (Letras), Vice-Presidente: Alencar (Geografia), Secretário Geral: Borges (Geografia), Secretário de imprensa (sic) : Pedra Ivelta (Pedagogia), Secretário de Cultura: Valderi (Letras), Secretário de Assist. Estudantil: Clúdia (História), Secretária de Estágio: Valéria (Biologia), Secretário de Finanças: Diógenes (Matemática), Secretário de Esporte: Ivan (História), Secretário de Ensino: Ximenes (Química).

Houve momento em que a chapa identificada em registro escrito como “PRONTOS PRA LUTAR E DE PRETOS PARA LUTAR, POR UMA MELHOR CONSCIENTIZAÇÃO”, lançou um folheto [sem data] que iniciava: “Certos grupos ou classes têm poder de exercer violência material sobre os outros, constringendo-as a se conformarem aos interesses deles. Não se deve pensar que o poder de violência material se exerça apenas sobre os escravos, submetidos ao chicote”. Depois lançou o manifesto abaixo, explicitando suas posições com o nome de Chapa Pretos Para Lutar, colocando o dedo na ferida da instituição que vivia uma crise sem precedentes, inclusive do Movimento Estudantil.

Companheiros,

A Chapa Pretos para Lutar surge da necessidade, de hoje tomarmos uma posição clara em relação à crise de direção porque passa o Movimento Estudantil, na nossa Entidade. Surge ainda num momento em que é preciso aumentar a quantidade e a qualidade das discussões, que muitas vezes passam longe dos estudantes, contribuindo dessa forma, para a má compreensão da conjuntura atual do Movimento estudantil e o esvaziamento do mesmo.

A nossa chapa foi criada da certeza de que somente com organização e altivez, o Movimento estudantil será capaz de dar um basta na difícil situação em que nos encontramos.

Nós da Chapa Pretos Para Lutar, acreditamos que o Movimento estudantil está acima das questões político-partidária, das paixões pessoais, da troca

de favores e da submissão. Por assim entender, temos a consciência da necessidade de mudarmos nossa prática, fazendo um Movimento Estudantil mais participativo, mais democrático onde o estudante possa por suas idéias em prática.

Fundamentados neste princípio, é que os convidamos para essa nova caminhada e lutar na defesa de uma UNIVERSIDADE PÚBLICA, ORGANIZADA, DEMOCRÁTICA E COMPROMETIDA COM OS INTERESSES DA MAIORIA DA POPULAÇÃO.

VAMOS LUTAR:

- POR MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO.
- POR UMA MELHOR ASSISTÊNCIA AOS CURSOS DESTA UNIDADE POR PARTE DOS ÓRGÃOS COMPETENTES.
- PELA MELHORIA DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO.
- PELA IMPLANTAÇÃO EFETIVA DO PERÍODO ESPECIAL EM JULHO E NO FINAL DO ANO.
- CRIAÇÃO DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO NESTA UNIDADE.
- PELA PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA DE PROFESSOR, ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS, NAS DECISÕES DE ÂMBITO ADMINISTRATIVO OU PEDAGÓGICO.

“Prontos ou Pretos para Lutar” foi a chapa vitoriosa no pleito de dezembro de 1988, governando por todo o ano de 1989 até maio de 1990, tendo conduzido todo o processo de mobilização em vista da aprovação de 5% do Orçamento do Estado do Maranhão para o ensino superior, juntamente com o DCE, bem como o plebiscito<sup>336</sup> em favor das eleições diretas e paritárias em todos os níveis na UEMA.

Depois da campanha vitoriosa de 1989 para conquistar a autonomia financeira da UEMA, em 1990, os estudantes, fortalecidos, lutaram em favor de eleições diretas para reitor e demais funções de gestão, tendo em carta aberta desencadeado essa nova campanha – ELEIÇÕES DIRETAS PARA REITOR! – com autoridades constituídas, pois foi esse o caminho aprendido no ano anterior ao se postarem diante da Assembléia Legislativa.

O resultado do Plebiscito foi insofismável: todos queriam eleições diretas para reitor, isto é, queriam que não se repetisse 1987, quando foi imposto o reitor Warwick Kerr.

Estudantes, professores e funcionários manifestaram no último dia 02, através do voto, o desejo de escolherem seus representantes pela via direta. O plebiscito foi realizado simultaneamente nos campus de Caxias, Imperatriz e São Luís, sendo que na **Unidade de Estudos de Educação de Caxias o resultado final constou com um escore de 246 votos, sendo 239 a favor e 7 contra**<sup>337</sup>. No Campus Paulo VI em São Luís o resultado foi

<sup>336</sup> UEEC REALIZA PLEBISCITO. *O Pioneiro*, n. 755, p. 3, 09. maio. 1990. A comunidade da Universidade Estadual do Maranhão reivindica o apoio do governador e deputados estaduais para realização de eleições para Reitor e demais cargos de direção da UEMA.

<sup>337</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. ATA DO RESULTADO PLEBISCITO DE 02.05.1990, EM CAXIAS. “PLEBISCITO. Em 02 de maio de 1990, realizou-se na Unidade de Estudos de

de 1.029 votos a favor e 64 contra. Na cidade de Imperatriz, 252 a favor e 3 contra. Perfazendo um total de 1.594 votos (grifo nosso).<sup>338</sup>

Figura 23 – Capa de folheto da campanha plebiscitária em 1990.



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Mas não houve reversão no processo. Então os estudantes partiram para tática da campanha em favor da abstenção nas eleições para reitor.

Em maio de 1990, disputaram a direção do D.A.T. as chapas encabeçadas por Pedro Aluízio Abreu Lobo<sup>339</sup> e por Maria Bertolina Costa (Betânia), sendo esta a vitoriosa. A gestão de Betânia organizou o VIII Congresso de Estudantes da UEMA e se posicionou contra a contratação irregular de professores.<sup>340</sup> Diante da posição

---

Educação de Caxias plebiscito sobre o tema ‘ELEIÇÕES DIRETAS PARA REITOR’, convocado pelo Diretório Central dos Estudantes, os Das, SINTEMA, ASSUEMA e APRUEMA. Votaram no plebiscito um total de 24 professores, 06 funcionários e 216 alunos, sendo o seguinte o resultado do plebiscito: A FAVOR: 239 votos; CONTRA: 07 VOTOS; ao havendo votos brancos ou nulos. Caxias (MA), 02 de maio de 1990.

<sup>338</sup> O PIONEIRO, n. 755, p. 3, 09. maio. 1990.

<sup>339</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. REQUERIMENTO DO REGISTO DA “CHAPA SOLUÇÃO” PARA ELEIÇÃO DO D.A.T. Em 06.05.1990, por Pedro Aluízio de Abreu Lobo. Presidente: Pedro Lobo, Vice-presidente: Vidigal Filho, Secretário Geral: Neemias Carneiro, Secretário de Imprensa: Romeu Soares, Secretário de Finanças: Lucenir, Secretário de Ensino e Pesquisa: Sousa, Secretário de assistência Estudantil: Cláudia Mota, Secretário de Cultura: William Rubens, Secretário de Esportes: Francisco Cordeiro. FONTE: Acervo do DCE “Paulo Freire”, 2010.

<sup>340</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. EDITAL-001/90-DAT/UEMA). “O DAT convoca a todos para comparecer à ASSEMBLÉIA GERAL que será realizada no dia 04/07/1990, onde serão discutidos os problemas mais gritantes da Unidade, que sejam de interesse dos estudantes. (§) PAUTA DA ASSEMBLÉIA. 1 A contratação irregular de PROFESSORES. 2 O VIII Congresso dos

do CONSUN<sup>341</sup> em manter a lista sêxtupla, o Diretório Acadêmico Tiradentes fez o seu posicionamento em consonância com o DCE e a UNE, fazendo campanha a favor da abstenção, conforme manifesto a seguir:

**DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – D.A.T.**  
 Unidade de Estudos de Educação – UEEC.  
 Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.  
**Manifesto**, [1990].

Caros Companheiros,

A nossa Universidade indiscutivelmente está mergulhada em uma situação difícil, dentro de um processo político reacionário que só contribui para o declínio da qualidade do ensino e defasagem administrativa interna, deixando-nos muito aquém de uma universidade ideal. Contamos ainda com o agravante, a atual política do Governo Federal que implica em uma ameaça para a Universidade, o que torna urgente as mudanças em toda a estrutura da UEMA, para que esta tenha condições de continuar sobrevivendo.

Numa tentativa de encontrar caminhos que nos conduzam a uma Universidade melhor, iniciamos uma luta em prol do restabelecimento do processo político-democrático, interrompido com a intervenção do Governo do Estado que desde tem submetido a UEMA, com devidas forças conservadoras existentes no seio da mesma, a uma condição política inadmissível para uma Universidade onde se constitui a elite pensante, politizada de uma sociedade; uma política feita de cima para baixo sem a justa e democrática participação dos estudantes e outros segmentos da comunidade Universitária.”

Tese aprovada pelo VII CEUEMA: toma posse o mais votado em eleição direta e suprime-se a lista sêxtupla. Diante da situação **o DAT fecha com a UNE: abster de votar para anular a eleição, para exigir eleição direta.**(grifo nosso) O DAT assume a abstenção como forma de protesto, pois é contraditório participar de uma eleição com lista sêxtupla depois de lutar por eleição direta aprovada em plebiscito.

A campanha pela abstenção, para deslegitimar o resultado da eleição para reitor, faria o governador repensar a norma vigente e instituir uma lista menor. A eleição aconteceu em 14 de dezembro de 1990, com forte reflexo da campanha em favor da abstenção, porém insuficiente para inviabilizar o pleito. A ordem de percentuais da lista sêxtupla<sup>342</sup> foi esta: Graccho Bolivar, Pro-Reitor Administrativo, 32,76%; Waldir Maranhão, Coordenador da Unidade de Veterinária, 26,78%;

---

Estudantes da UEMA (CEUEMA) – eleições dos delegados de base. 3 A proposta de mudança do nome do DAT. 5 A festa dos calouros. 6 Outros que forem sugeridos no decorrer da assembléia.

<sup>341</sup> ELEIÇÕES NA UEMA. *O Pioneiro*, n. 787, p. 03, 01 dez. 1990: “Conforme deliberações do CONSUN – Conselho Universitário, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) no próximo dia 14 [de dezembro] a comunidade uemiana irá às urnas para escolher o novo Reitor.

<sup>342</sup> Vale lembrar que a lista era sêxtupla, mas paritária, isto é, cada segmento representava 1/3 do total. E como resposta ao desejo de eleição direta o governo federal, em 1996, respondeu com uma lista triplíce, mas com participação proporcional de cada segmento, isto é, professor com 70%, técnico-administrativo e estudante com 15% cada um, o que representou um retrocesso, que foi mantido até pelo Governo Lula (2003-2010).

Joaquim Ribeiro Neto, Coordenador da Unidade de Caxias, 19%; Raimundo Vale, Assessor da Reitoria, 17,69%; Cleber Mendes, professor da Unidade de Administração, 13,55%; e José Augusto, professor da Unidade de Agronomia, 11,29%. Os votantes foram: 2.463 alunos, 463 professores e mais ou menos 150 técnico-administrativos.<sup>343</sup>

Como Joaquim Ribeiro Neto foi candidato a reitor, a abstenção em Caxias foi quase zero, como narra *O Pioneiro*:

Com a inclusão do nome de um reitorável do interior na lista, Joaquim Ribeiro da UEEC que obteve nesta Unidade os índices de votos dos três segmentos na ordem de 100% dos docentes, 90,9% dos discentes e 93% dos servidores, acredita-se que as Unidades de Estudos implantadas em Caxias, Imperatriz e Bacabal venham a ser melhor assistidas, caso este seja escolhido.<sup>344</sup>

Realmente, com Joaquim Ribeiro de Sousa Neto, o interior entrou na disputa do centro do poder da UEMA, com apoio maciço das unidades de Imperatriz e Bacabal<sup>345</sup>, chegando ao 3º lugar na lista sêxtupla, com ampla possibilidade de ser nomeado pelo chefe do executivo estadual. E essa possibilidade enchia de expectativas os *campi* do interior e todo o interior do estado, pois afirmava Joaquim:

Se for de fato indicado ao cargo, os primeiros passos, dentre outros, serão em torno da concretização do reconhecimento das Licenciaturas Plenas implantadas nos cursos da área de Educação; criação de uma Pro-Reitoria para assuntos do Interior, bem como designar uma comissão paritária para reformular o atual regimento interno da UEMA, visando eleições diretas para os futuros reitores. Deixando claro que não será Reitor do interior, mas da instituição como um todo.<sup>346</sup>

Como Graccho Bolivar pediu aposentadoria, Waldir Maranhão passou a ser o primeiro da lista, com expectativas de ser nomeado se João Castelo fosse eleito governador, mas, como o governador eleito foi Edison Lobão, a indicação passaria a ser uma incógnita. Mas João Alberto, numa tentativa de acomodar interesses do campo do poder público e do campo acadêmico, empossou Cleber Mendes como

<sup>343</sup> IBGE. Anuário Estatístico do Brasil 1992, p. 391, elaborado com base em dados de matrícula realizada até 30 de abril de 1990

<sup>344</sup> O PIONEIRO, n. 790, p. 05, em 22 dez. 1990.

<sup>345</sup> A Unidade de Estudos Superiores de Bacabal foi criada em abril de 1990 e passou a funcionar com os cursos de Enfermagem e Obstetrícia, Administração Rural, Letras e Ciências a partir de agosto.

<sup>346</sup> O PIONEIRO, n. 790, p. 05, em 22 dez. 1990

reitor e Waldir Maranhão como vice,<sup>347</sup> o que causou muita agitação. Então, por falta de legitimidade do novo reitor, os estudantes protestavam em favor de eleições diretas para reitor, embora a autonomia do campo fosse preservada pela observância das regras do jogo pelo governador.

Na comunidade da UEEC houve eleição para o cargo de coordenador,<sup>348</sup> para o qual concorreram os professores Mamede Chaves e Silva e Manoel Nascimento Barradas, sendo aquele o mais votado.<sup>349</sup> O Reitor Cleber Mendes nomeou Mamede Chaves e Silva, que foi empossado a 26 de abril de 1991 pelo próprio reitor em visita à UEEC. Havia expectativa de que Mamede desenvolvesse um bom trabalho, pela sintonia que tinha com o Reitor Cleber.

O segmento discente da UEEC elegeu em chapa única, em 07 de maio de 1991, a nova diretoria do DAT para o mandato 91/92, que obteve 113 votos de um total de 125 votantes, cujo presidente era Daniel Holanda.<sup>350</sup> Depois, com o lema “INTEGRAR É PRECISO”, a “gestão integração” (1992/1993),<sup>351</sup> que sucedeu Daniel, passou a ser chamada Coordenadoria, sem presidente e vice, mas com 1º e 2º Coordenador.

A 1ª Coordenadora do DAT, Maria Dorotéia Campos Moura, convocou todo o corpo docente e discente, Chefes de Departamento e Coordenação, para uma Assembléia Geral no dia 06.08.1992, às 18 horas, no Auditório da UEEC para fazer a avaliação dos cursos da UEEC, tratar da oferta de disciplinas para o semestre de 92.2 e outros assuntos.<sup>352</sup> Mas uma segunda convocação, em 10.08.1992,

<sup>347</sup> O PIONEIRO, n. 797, 09 fev. 1991

<sup>348</sup> COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA na escolha dos coordenadores. *O Pioneiro*, n. 806, p. 01, em 13 abr. 1991. “Conforme o Regimento Interno da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com o fim dos mandatos dos atuais coordenadores de Unidade, o Conselho Universitário (CONSUN) órgão máximo de deliberações da UEMA, definiu, através de Portaria 093/91, a data das eleições para composição da Lista Tríplice para os novos Coordenadores, que serão realizadas dia 19 [de abril], na Unidades de Estudos da Universidade em São Luís, Imperatriz e Caxias”.

<sup>349</sup> O PIONEIRO, n. 808, p. 03, 27 abr. 1991

<sup>350</sup> UNIVERSITÁRIOS ELEGEM REPRESENTANTES. *O Pioneiro*, n. 810, p. 01, 11 maio. 1991.

<sup>351</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. ATA DE POSSE. Na sua posse, em 26.06.1992, na Quadra Esportiva da UEEC, estiveram presentes o Coordenador da UEEC, Mamede Chaves e Silva, todos os chefes de departamentos. E a Coordenadoria era assim composta: 1ª Coordenadora – Mª Dorotéia Campos Moura, 2º Coordenador – José Gilvaldo Quinzeiro Soares, Secretária Geral – Dircilene Maria Beleza, Secretária de Cultura – Dalmiran Colaço Silva, Secretária de Finanças – Georganira Gonzaga Pinheiro, Secretário de Esportes – Mª de Lourdes Gomes Pereira, Secretário de assuntos estudantis – José Neudson Oliveira Castelo Branco, Secretária de Pesquisa e Exdtensão – Nilza Assunção Carvalho, Secretária de Estágio – Rita de Cássia Rego Araújo, Secretário de Imprensa – Desidério José de Santana Neto. FONTE: Acervo DCE Paulo Freire CESC/UEMA, 2010.

<sup>352</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – DAT. Convocação Nº 001/92-DAT, em Caxias-MA, 03.08.1992.

evidenciou o não comparecimento de docentes e das autoridades dos órgãos da UEEC.

Em seguida, com mandato de 1993/1994, coordenou o DAT Gilvaldo Quinzeiro. Ao final de sua gestão, convocou eleição, a qual não deu *quorum*<sup>353</sup> nem no primeiro dia e nem no dia seguinte. Então, seguindo deliberação do último Congresso de Estudantes da UEMA, aproveitou o ensejo para transformar a Coordenadoria do DAT em sub-coordenadoria de Caxias do DCE. Assim foi extinto o Diretório Acadêmico Tiradentes em 1994, após 21 anos de existência.

Mas, no âmbito da UEMA, Cleber Mendes sofria pressão, porque apesar de ter o apoio do governador, isto é, ter poder institucional estava destituído de poder simbólico. Então, para aumentar seu capital social e convertê-lo em poder simbólico, acabou com a semestralidade que era cobrada do estudante da UEMA,<sup>354</sup> bem como pôs fim a todas as taxas até então cobradas, para acalmar os ânimos dos estudantes e adquirir legitimidade.

A primeira ofensiva contra o Reitor Cleber Mendes consistiu de uma campanha plebiscitária do “SIM” e do “NÃO”, não só contra Cleber, mas contra todos os coordenadores de unidades de estudos (em Caxias contra o Coordenador Mamede Chaves também). Mas, na Unidade de Estudos de Educação de Caxias, tanto um quanto o outro foram plenamente vitoriosos (Quadro 11), como se reportou O Pioneiro<sup>355</sup> ao comprovar que mais de 1/3 dos matriculados em 1993.1<sup>356</sup> tomou uma decisão tão significativa.

Na quarta-feira, 02, o campus da Faculdade de Educação esteve movimentado com a realização de um plebiscito, promovido pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Estadual, para ratificarem ou não a permanência do Reitor Cléber Mendes.

Conforme alguns universitários, faltaram provas das acusações por parte do DCE, para respaldarem a consulta àquela comunidade em todos os itens apontados, como desvio de verbas e desrespeito às lideranças estudantis.

<sup>353</sup> O *quorum* de 50% mais um dos estudantes matriculados na UEEC foi uma manobra institucionalizada pelo DCE para extinguir os Diretórios Acadêmicos e instituir as sub-Coordenações do DCE, pois antes não existia tal regra, uma vez que prevalecia a maioria simples dos votantes para eleger o presidente, na perspectiva de direito livre de votar, como sempre pregou o movimento social.

<sup>354</sup> Essa semestralidade já estava com valor tão defasado que sua extinção não foi capaz de acalmar os ânimos dos estudantes, não equivalia um sexto do salário mínimo da época que equivalia a U\$ 50,00

<sup>355</sup> UNIVERSITÁRIOS apóiam reitor e coordenador. *O Pioneiro*, Caxias-MA, n. 406 [1006], p. 01, em 05-11.06.1993.

<sup>356</sup> No primeiro semestre de 1993 estavam matriculados na UEEC 871 estudantes.

Estudantes, professores e funcionários daquela Universidade, também, votaram, a proposta de afastamento dos Coordenadores de Unidade de Estudos. Sendo que em Caxias, venceu o voto “SIM” à continuidade das administrações do Reitor Cleber Mendes e do Coordenador Mamede Chaves.

Quadro 11: Resultado do Plebiscito sobre o afastamento do Reitor Cleber Mendes e do Coordenador Mamede Chaves na UEEC 1993

	SIM	NÃO	BRANCO		TOTAL
Para Reitor	189	57	08	05	259
Para Coordenador	212	32	12	03	259
Total de votantes – 259					

Fonte: Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

Nesse processo de cassação de Cleber Mendes teve papel determinante a ocupação que os estudantes fizeram da Reitoria que, por força da repercussão na mídia eletrônica e escrita, influenciou por demais o Governador Edison Lobão na decisão por afastar reitor e vice do cargo:

Os professores, funcionários e estudantes da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) passam momentos de expectativas, diante do impasse criado com a solicitação de substituição do Reitor daquela instituição de ensino superior Prof. Cleber Mendes, por parte do segmento universitário.

Sob a acusação de desvios de verbas, foi realizado, recentemente na UEMA, uma auditoria, que constatou falhas na aplicação de recursos. O fato foi negado por Cleber Mendes, inclusive quando esteve em Caxias, no dia 1º de outubro. O Reitor credita “falhas de formas”, nos processos pendentes.

Alguns líderes da comunidade uemiana foram recebidos pelo Governador Edison Lobão, para tratarem do assunto, ocasião em que solicitaram um prazo para retirar Cleber Mendes do posto.

Com a expiração do tempo pedido ao governador, as lideranças invadiram a Reitoria, no campus João Paulo VI [Paulo VI], em São Luís, onde estão acampados até que seja solucionado o caso.... Dos *campi* avançados da UEMA, nos municípios de Caxias, Bacabal e Imperatriz, apenas este último, também paralisou as atividades.

Tudo indica que o governador faça uma intervenção na Universidade, indo de encontro até mesmo às solicitações daquela comunidade universitária, que solicita que empossa o vice-reitor, Waldir Maranhão.

Enquanto isso, o Campus uemiano está sendo dividido entre Universitários e policiais militares, que foram chamados ao local, pelo Reitor, antes [de] se retirar do seu posto.<sup>357</sup>

<sup>357</sup> GOVERNO PODE REALIZAR INTERVENÇÃO NA UEMA. O Pioneiro, Caxias-MA, n. 4024 [424], p. 01, em 09-15.10.1993.

Enfim, sob forte pressão, apesar dos estudantes rechaçarem qualquer intervenção, o Governador Edison Lobão afastou Cléber e Waldir,<sup>358</sup> tendo Luciano Moreira<sup>359</sup> assumido a reitoria da UEMA por 45 dias.

A Universidade Estadual do Maranhão, que estava com suas atividades paralisadas (exceto o *campus* de Caxias), voltou às suas atividades normais após a posse de Luciano Moreira, Secretário de Estado da Administração. O Governador Edison Lobão, usando uma série de considerações afastou dos cargos Cleber Mendes Silva, reitor e Waldir Maranhão Cardoso vice-reitor. A intervenção teria uma duração de 45 dias, podendo ser prorrogada conforme o decreto. Com o afastamento do reitor da UEMA, Cleber Mendes, tornou-se difícil a implantação dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia e Engenharia de Alimentos, previsto para Caxias, para o primeiro semestre do ano seguinte.<sup>360</sup> Passados os 45 dias da intervenção, o Governador Lobão a prorrogou por mais 75, que foi tempo suficiente para que fosse feita na UEMA uma reforma na sua estrutura administrativa, inclusive nos seus mecanismos de gestão, em vista do maior controle e eficiência na aplicação dos recursos, segundo foi propalado. E, ao final daquele período, assumiu a reitoria o Prof. Waldir Maranhão Cardoso.

Mas, para Francinaldo de Jesus Morais, ficou a seguinte lembrança:

O movimento estudantil e não só estudantil; eu preciso lembrar que servidores e professores também ajudaram a constituir um grande movimento que chegou a destituir um reitor e conduzir um professor à condição de reitor. Chegou a invadir, tomar e ocupar uma reitoria e inclusive cometer abusos com os quais, por exemplo, eu não concordei. Mas não posso aqui agora dizer que não fiz parte. Então, se você considera que um movimento chega à proporção de destituir um reitor e ensejar a condição de um professor à reitoria, passando à acomodação desse movimento, quem quer que seja que chegasse à administração superior precisava dialogar com os representantes desse movimento.

Inclusive, Francinaldo lamenta a cooptação dos novos dirigentes da UEMA sobre as principais lideranças. Quem já estava em final de cursos foi, logo que colou grau, convidado para ser professor, a outros foi concedida bolsa para mestrado e outros receberam emprego para si ou para um parente.

---

<sup>358</sup> AFASTAMENTO DO REITOR. *O Pioneiro*, Caxias-MA, n. 4025 [425], p. 03, em 16-23.10.1993.

<sup>359</sup> Secretário de Administração do Governador Edison Lobão em 1993.

<sup>360</sup> INTERVENÇÃO NA UEMA. *O Pioneiro*, Caxias-MA, n. 4027 [427], p. 03, em 30.10-05.11.1993.

Figura 24 – Ocupação da Reitoria da UEMA, em 1993, pelo afastamento de Cleber Mendes.



Fonte: O IMPARCIAL. Acervo do DCE Paulo Freire do CESC/UEMA, 2010.

O movimento estudantil, tanto do Campus Paulo VI quanto da UEEC, compreendendo-se agente do campo acadêmico da UEMA, foi determinante para o sucesso de lutas por melhorias e em repúdio a mazelas na universidade, mas após 1994, ficou desacreditado e desorganizado em São Luís e em Caxias.

A UEMA, desde o embrião da FESM, foi alvo de disputa, tendo sido alinhada ao pólo dominante do campo do poder, numa dependência subordinada; e mesmo após a definição de regras internas de ocupação de seus postos, no estatuto, vingaram indicações da lista sêxtupla com vínculos com o poder dominante.<sup>361</sup> Na UEEC, antes dessas regras, os dirigentes eram nomeados por indicação de agentes políticos locais do campo do poder dominante; mas depois das regras o “Coletivo de Estudos”, detentor de poder simbólico, pode influir na indicação por eleição direta dos nomes da lista tríplice em 1983, tendo o reitor da UEMA nomeado e empossado,

<sup>361</sup> A oligarquia Sarney ascendeu ao poder no Maranhão em 1965, com a eleição de José Sarney para governador (1966-1970), e o consolidou nos mandados de Senador (1971-1985), Presidente (1985-1990), Senador pelo Amapá (1991-2010).

pela primeira vez, um dirigente resultado da escolha da comunidade acadêmica. O mesmo aconteceu em 1987.<sup>362</sup>

### 3.2 Interação FFPEM/FEC/UEEC e comunidade.

Em sua implantação, em 1970, a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio (FFPEM) de Caxias já manifestava preocupação com o espaço social em que se situava, quando “os professores de São Paulo” manifestaram o interesse de utilizar a parte do tempo, que ficou ocioso, em atividades para a comunidade.

Com o intuito de ligar a Faculdade à vida escolar e universitária de Caxias – dos estudantes universitários daqui que estudam fora que estão organizados no Centro dos Estudantes Universitários de Caxias (CEUCA) – assim como à população da cidade, começamos algumas palestras de extensão universitária, com debates, promovidos no auditório da Associação Comercial de Caxias. O Prof. Alexandre Eduardo Dias Moraes pronunciou a primeira no dia 20 (3ª feira), sobre Escola Nova e Ensino Renovado, perante cerca de 100 pessoas. No próximo dia 27 (3ª feira), o prof. Isac Nicolau Salum falará uma sobre Os Nomes dos dias da Semana nas Línguas Neolatinas (grifos do autor).<sup>363</sup>

A Faculdade se mostrava à comunidade em eventos como a Semana da Família,<sup>364</sup> sob a coordenação da Associação de Pais e Mestres do Colégio São José, de 8 a 15 de outubro de 1972; e é exposta pela imprensa, como por ocasião do aniversário de Hélio Benévolo Nogueira, diretor da Faculdade.<sup>365</sup>

O jornal do DAT,<sup>366</sup> Diálogos do Alecrim,<sup>367</sup> então recém criado, fez registros do clima de entrosamento entre os membros da comunidade da FEC, na seção FLASH: noticiou casamento de alguns professores e aniversários denotando um clima muito afetivo entre docentes e discentes, entre discentes e discentes e de discentes e docentes para com os demais servidores da comunidade, como em referência a “BIBELÔ: Completou nova idade, no dia 07 deste, São Manoel, nosso popular ‘Bibelô’. Parabéns e...Saravá!...”.

<sup>362</sup> ALBUQUERQUE, Aluizio, 2010. Entrevista já citada.

<sup>363</sup> FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO DE CAXIAS. Relatório Nº 02, de 26.01.1970.

<sup>364</sup> SEMANA da Família em Caxias: participação da Faculdade e dos educandários locais.” Folha de Caxias, n. 500, 06.10.1972.

<sup>365</sup> O PIONEIRO, n. 283, em 31.03.1973. O jornal registra o prestígio auferido pelo da Faculdade.

<sup>366</sup> DAT – Diretório Acadêmico Tiradentes.

<sup>367</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caxias-MA, n. 01, em 01.05.1973.

O jornal Diálogos do Alecrim menciona com desenvoltura que os

Alunos aplaudem as melhorias promovidas pelo diretor em nossa Faculdade:

– Iluminação fluorescente, telefones, bebedouros elétricos;  
-Criação dos Departamentos para coordenar as atividades didáticas: Chefes eleitos por votação – Estudos Sociais, Prof. Arlindo Fernandes Oliveira; Letras, Valquíria Pereira de Araújo e Silva; Ciências – Prof. Wilson Egídio dos Santos.

O diretor Hélio Benévolo Nogueira foi citado<sup>368</sup> como incentivador da criação do DAT. Na notícia “Posse da Diretoria do DAT”, publicada no Diálogos do Alecrim<sup>369</sup>, os estudantes responderam com gratidão e deferência:

A diretoria organizadora do DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES, foi empossada no dia 13 de abril último, no *hall*<sup>370</sup> do auditório da Faculdade de Formação de Professores”, em sessão dirigida por Dr. Hélio Nogueira – diretor da FFP e palestra proferida pelo Prof. Genival Costa e Silva sobre o tema “DIRETÓRIO ACADÊMICO NA VIDA DA FACULDADE”.

Foi evidenciado pela diretoria do DAT, no jornal Diálogos do Alecrim, o fato de 54 estudantes da FFPEM de Caxias, em 1973, moravam em Teresina. Por isso, receberam aplausos pelos esforços de irem diariamente a Caxias e de participarem de outras atividades. Mas reprovava a indiferença, o não engajamento de alunos e professores na vida da comunidade acadêmica. Há aprovação dos atos da administração em favor da melhoria da instituição, bem como da bibliotecária Sílvia Maria Carvalho Silva,<sup>371</sup> que deixou a Biblioteca de cara nova, à qual dão nota “10”.

Comemoração da “SEMANA DE GONÇALVES DIAS-VESPASIANO RAMO”. Com a fala do Prof. Genival Costa e Silva sobre a vida e obra de Gonçalves Dias, nossa Faculdade iniciava, no dia 10 e agosto último, a Semana de Gonçalves Dias - Vespasiano Ramos. Também falaram: Coelho Sales, Corpo discente; presidente Osvaldo Costa e Silva, pelo D.A.T.; prof. Arlindo Fernandes de Oliveira, pelo corpo docente. E houve ainda declamação.

<sup>368</sup> PEREIRA, Maria de Fátima Gomes. Minhas lembranças do CESC/UEMA, 2010; ALMEIDA, Deusiano Bandeira. Minhas lembranças do CESC/UEMA, 2010.

<sup>369</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caixas, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>370</sup> Referência a uma sala usada como espaço de reunião de professores e alunos.

<sup>371</sup> Foi a primeira funcionária da instituição, já em 1968/1969.

Figura 25 – Chamada: Semana de Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos.



Fonte: Diálogos do Alecrim, 1973/Arquivos da ACL, 2010

Como os poetas Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos têm data de nascimento, respectivamente, em 10 e 15 de agosto, os estudantes, no início do ano letivo de 1973, desencadearam uma campanha em favor do traslado dos restos mortais de Vespasiano Ramos da cidade de Porto Velho para Caxias. E, para reavivar a memória dessas duas personalidades do mundo das letras, a comunidade comemorou seus aniversários com a “Semana Gonçalves Dias-Vespasiano Ramos”.

Houve uma ampla mobilização da sociedade caxiense quanto ao traslado dos restos mortais de Vespasiano Ramos de Porto Velho (Rondônia) para Caxias (Maranhão), havendo inclusive empenho da Câmara de Vereadores nesse sentido.

Figura 26 – Vespasiano Ramos



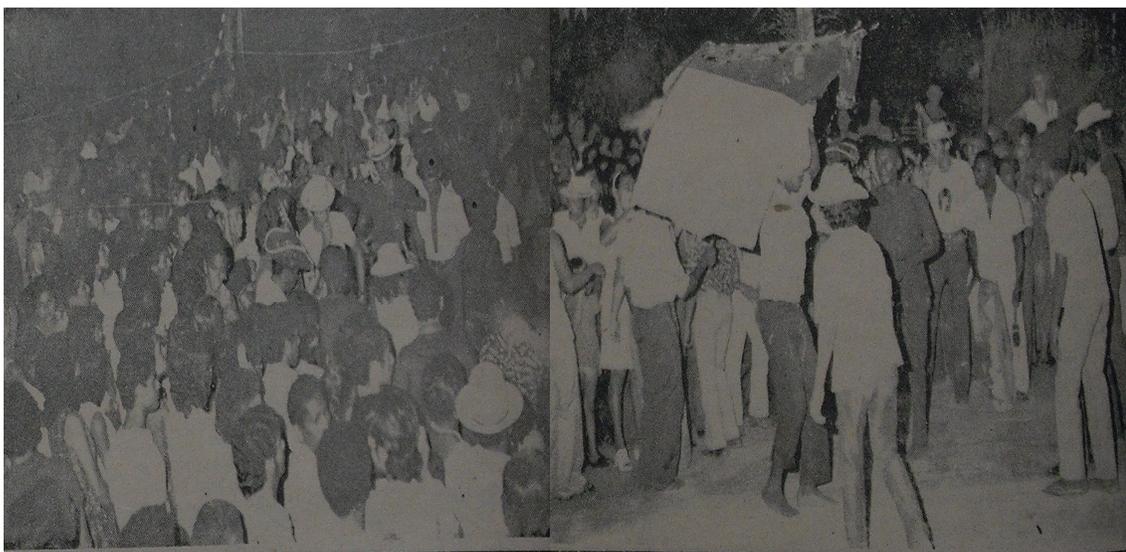
‘VAMOS BUSCAR NOSSO POETA! A Câmara Municipal aprovou requerimento do Ver. José Barros, para o Prefeito José Castro adotar providências destinadas à vinda dos restos mortais de Vespasiano Ramos. Vamos buscar o nosso poeta. Requerimento: Sr. Presidente. Requeiro à Mesa ouvido o Plenário, na forma regimental, e, se aprovado, enviar um ofício ao Sr. Prefeito, com a seguinte indicação: mandar à Câmara Municipal um projeto de lei no sentido de trazer de Porto Velho os restos mortais do grande poeta

Fonte: Diálogos do Alecrim, 1973/Arquivos da ACL, 2010

caxiense JOAQUIM VESPASIANO RAMOS. Conforme justificativa em anexo. Sala das seções da Câmara Municipal de a Caxias Estado do Maranhão. 29 de agosto de 1973.”<sup>372</sup>

Percebe-se nessa atividade uma preocupação da instituição por reafirmar e sedimentar valores da comunidade, bem como de construir sua própria legitimidade; o que se evidencia também na promoção da Festa Folclórica do DAT, em que “As famílias da elite política, econômica e cultural da cidade compareceram. A noite foi um sucesso, com empenho de professores e alunos.”<sup>373</sup>

Figura 27 e 28 – Festa Folclórica promovida pelo DAT: interação comunidade-academia.



Fonte: Diálogos do Alecrim, 1973/ Arquivos da ACL - Academia Caxiense de Letras, 2010.

Em todos esses atos, seja o da Semana de Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos, seja o da Festa do Folclore, transpareceu um esforço de busca de valorização da instituição enquanto campo que dispõe de poder de produção, reprodução e disseminação de capital cultural. Também o chamamento da comunidade local denotava que a FEC procurava ter no povo um aliado à luta em favor da sua continuidade.

O Prof. Francisco Januário Megala, tendo retornado a São Paulo, em contato com os professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

<sup>372</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caixas, n. 02, em 07.08- 09.1973.

<sup>373</sup> Idem.

da USP que lecionaram em Caxias, articulou a produção de um Suplemento Especial<sup>374</sup> do Diálogos do Alecrim n. 02, como homenagem desses professores à cidade de Caxias pelo transcurso do Sesquicentenário da [Adesão de Caxias à Independência [do Brasil], que contou com o empenho especial do Prof. Eurípedes Simões de Paula. Rendem-se homenagens:

...ao idealizador da primeira Faculdade no interior da Amazônia Legal – o Prof. Dr. Cabral Marques, ao seu primeiro Diretor – Prof. Dr. Medeiros, à memória do saudoso Diretor – Cón. Aderson Guimarães Jr., ao Prof. Genival e ao atual Diretor – Dr. Hélio. A todos os professores, a todos os funcionários e a todos os alunos.

O cuidado com o cultivo de boas relações entre os membros da comunidade acadêmica se manifesta também na alegria com que foi saudado o surgimento do informativo **Linguarudo**<sup>375</sup>, produzido pelos estudantes do curso parcelado de férias. Também os calouros são recepcionados “...não com trote, mas com amplexo dispensado aos heróis de guerra, pois lutaram pela mesma causa que nós”.<sup>376</sup> Inclusive houve a escolha da Rainha dos Calouros, acontecida numa festa de recepção dos mesmos, a partir de 1976, como registrou a imprensa: “O Diretório Acadêmico Tiradentes – DAT. da Faculdade de Educação de Caxias – MA, vem em nome de todos cumprimentar, reverentemente, a Nossa Rainha dos Calouros da FEC, a simpática e bonita caloura Maria Nazaré, acadêmica da área de Pedagogia”.<sup>377</sup>

E aos veteranos que vão saindo manifestam igual amizade:

É quando o adeus tem aquele sabor de lágrimas e a sensação de ausência. Colegas e amigos que ao correr de 2 estirados anos escalaram o Morro do Alecrim, rolando piçarra sob os pés, enchendo o nariz de poeira vermelha do chão, motivados pelo mesmo ideal, em busca do nosso objetivo, integrados no mesmo esforço. Companheiros que agora têm de ir cada um para o seu lado; desligados do dia-a-dia divertido e gostoso da F.F.P. O que conforta saber, entretanto, é que é gente que foi da gente, continuará da gente, pois quer ser gente para: servir com amor, responsabilidade a comunidade e a PÁTRIA.<sup>378</sup>

<sup>374</sup> SUPLEMENTO ESPECIAL. Diálogos do Alecrim, jul./ago./set./1973.

<sup>375</sup> “Linguarudo” é mencionado por: DIÁLOGOS DO ALECRIM, n. 03, out. a dez. de 1973; PEREIRA, Maria de Fátima Gomes. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias, n CESC/UEMA, em 01.03.2010.

<sup>376</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>377</sup> O PIONEIRO, n. 358, p. 05, em 11.07.1976.

<sup>378</sup> Idem.

No momento em que o governo estadual alegava falta de recursos para manter a Faculdade de Formação de Professores de Caxias, em 1973, o Prof. Arlindo Fernandes de Oliveira,<sup>379</sup> entrevistado pelo Diálogos do Alecrim,<sup>380</sup> se expressou:

A nossa Faculdade tem feito um bem imenso não só a Caxias, mas a todo o Estado do Maranhão. Professores de mais de cinquenta municípios já passaram por esta Faculdade. Tem servido também ao vizinho Estado do Piauí. Cinquenta e quatro alunos vêm diariamente de Teresina estudar aqui. Vejo nesta Faculdade um centro de irradiação de educação para os dois estados.

A FEC, através do esporte, estabelecia relações com entidades do mesmo gênero, a exemplo dos Jogos Estudantis Universitários: “A Faculdade de Educação de Caxias participou, às 19,30 horas de ontem, do solene desfile das equipes participantes, na presença, inclusive, do secretário de Educação, do reitor da Universidade do Maranhão e do presidente da FAME”.<sup>381</sup>

Em 1979, o estudante Paulo Coutinho, quando presidente do DAT, manifestou, em seus objetivos, o desejo de despertar nos seus pares o senso de responsabilidade acadêmica, preocupação que já estava enfrentando a Direção da FEC ao tentar procurar formar na comunidade acadêmica, mormente o alunado, algo que se configura com o que Bourdieu chamou de *habitus*:

O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como “escolhas” da “vocaçãõ”, e muitas vezes consideradas efeitos da “tomada de consciência”, não é outra coisa senão o *habitus*, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas.<sup>382</sup>

O “I Seminário de Perspectivas Universitárias”, promovido em abril de 1978, manifestava uma preocupação com o que se pode denominar de formação de um

<sup>379</sup> Foi um dos primeiros professores contratados da Faculdade. Ex-sacerdote católico originário da Paraíba, o qual exerceu o magistério no CESC/UEMA por trinta anos. Faleceu em 2009.

<sup>380</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>381</sup> O PIONEIRO, n. 317, p. 05, em 25.05.1975.

<sup>382</sup> BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Seg. reimpr. da 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 201/202.

*habitus* universitário na comunidade acadêmica, com atenção dirigida aos estudantes, cuja justificativa foi divulgada na imprensa local:

Seminário na FEC.

I SEMINÁRIO DE PERSPECTIVAS UNIVERSITÁRIAS, na Faculdade de Educação de Caxias, sob a supervisão de sua diretora, Irmã Clemens Carvalho e da Profª Fátima Félix. Do evento foi destacado o seguinte trecho para justificá-lo: Observa-se que mesmo freqüentando um curso superior, os estudantes universitários não assumem integralmente um comportamento coerente à sua condição, o que implica no retardamento do processo de desenvolvimento pessoal, acarretando muitas vezes conseqüências negativas na sua atuação profissional.<sup>383</sup>

Apesar da preocupação bastante louvável por desenvolver um comportamento universitário, os supervisores do evento não se deram conta de que o *habitus* é inculcado, inconscientemente, através da ação pedagógica arbitrária e impositiva, em que os agentes vão “dissimulando as relações de força que estão na base de sua força”, no desenvolvimento do trabalho pedagógico, pois se trata de um poder de violência simbólica, como assevera Bourdieu:

Enquanto trabalho prolongado de inculcação que produz cada vez mais completamente o desconhecimento do duplo arbitrário da AP (Ação Pedagógica), o TP (Trabalho Pedagógico) tende a dissimular tanto mais completamente quanto é realizada a verdade objetiva do *habitus* como interiorização dos princípios de um arbitrário cultural que está tanto mais realizado quanto o trabalho de inculcação está mais realizado.<sup>384</sup>

Efetivamente, a FEC manifestava preocupação quanto ao resultado de sua ação pedagógica, isto é, o profissional egresso enquanto produto cultural. E, nesse sentido, procurava adicionar mais valor ao seu capital cultural ao promover convênio com a Alliance Culturalle Franco Brasiliense, que passou a oferecer curso de Francês para os estudantes da FEC e da comunidade local a partir de 1º de setembro de 1978,<sup>385</sup> cujo desdobramento foi a assinatura do termo do convênio da FESMA com o “Serviço Cultural e de Cooperação do Consulado Geral da França”<sup>386</sup>

<sup>383</sup> O PIONEIRO, n. 415, p. 10, 09. 04. 1978

<sup>384</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 61.

<sup>385</sup> O PIONEIRO, n. 427, p. 12, em 31.08.1978. “Faculdade de educação oferece Curso de Francês”. A partir de 1º de setembro a Faculdade de Educação de Caxias estará oferecendo curso de Francês ministrado pela Profª Sílvia Teresa do Carmo Pereira, ex-mestra da Alliance Culturalle Franco Brasiliense (Aliança Francesa) de São Luís.

<sup>386</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. 1º de dezembro de 1978. Termo de convênio da FESM com o serviço cultural e de

em Recife, em 1º de dezembro do mesmo ano, tendo desenvolvido cursos durante todo o ano de 1979.<sup>387</sup> Também o Projeto Rondon, em novembro de 1978, desenvolveu “Seminário de Estudos Integrados”<sup>388</sup> dirigido aos alunos da FEC e interessados particulares da comunidade, que contou com a colaboração do Dr. José Maria Cabral, mentor e organizador da criação da Faculdade de 1968 a 1971.

As principais atividades realizadas pelo DAT, citadas por Paulo Coutinho, quando este era presidente, foram:

- Feira do livro, com a cooperação de editoras, livrarias.
  - Torneio de futebol de salão integrando os alunos de Caxias com São Luís, feito na quadra da Faculdade.
  - Expedição de carteira estudantil.
  - Reativação da cantina, que se situava entre um pavilhão e outro, perto ali dos sanitários.
  - Como tinham a dificuldade de transporte, a gente conseguiu que os ônibus passassem para pegar a gente. Depois entraram as kombi e carros particulares.
  - Festa dos calouros, inclusive com a eleição da Rainha dos Calouros.<sup>389</sup>
- Agora você vê, quando a gente fala de falta de responsabilidade. A feira não teve aquela receptividade, pois o aluno queria receber tudo mastigado. Foi só uma em 1979.<sup>390</sup>

Figura 29 – Convite para a Festa dos Calouros da FEC, em 21.04.1979.



Fonte: Acervo do DCE do CESC/UEMA, 2010.

cooperação do CONSULADO GERAL DA FRANÇA em Recife, para criação e instalação de um centro de cultura francesa e estudo pedagógico na Faculdade de educação de Caxias.

<sup>387</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Faculdade de Educação de Caxias: uma trajetória de muitas lutas e grandes vitórias. Caxias-MA: Nova Expansão Gráfica e Editora, 2007, p. 125.

<sup>388</sup> O PIONEIRO, n. 43, p.12, em 11.11.1978: “Projeto Rondon na Faculdade”. “<<Seminário de Estudos Integrados – Projeto Rondon>>, tem início hoje, estendendo-se até o próximo dia 2 de dezembro vindouro, na Faculdade de Educação de Caxias sob a supervisão de sua diretora, religiosa Clemens Carvalho e que se destina a alunos e interessados particulares. O conferencista é Dr. José Maria Cabral”.

<sup>389</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. CONVITE. Assinado pelo seu Presidente Paulo Afonso Silva Coutinho, chamando para a Festa de escolha da Rainha dos Calouros a ser realizada no dia 21 de abril de 1979, no clube Recreativo Casino Caxiense.

<sup>390</sup> COUTINHO, Paulo Afonso da Silva. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Teresina, em 22.07.2008.

A Festa dos Calouros e a Feira do Livro foram efetivamente os eventos dirigidos à comunidade acadêmica e à comunidade caxiense em geral, numa clara preocupação, segundo Paulo Coutinho, de que os habitantes de Caxias reconhecessem sua instituição de produção, reprodução e disseminação de capital cultural, principalmente indivíduos do campo do poder político e econômico.

Da Feira do Livro, registrou Irmã Gemma em sua obra:

Convém assinalar a Feira de Livros realizada na Faculdade de Educação de Caxias, em 16/04/1979, onde foi lançado o livro “Carrocel do Tempo” de Gilberto Mendes, ex-aluno, e no dia 17/04/1979 a Feira de Ciências, com o lançamento do livro “Universo das Águas” do Prof. Francisco Miguel de Moura, conferencista, poeta, convidado especial do Diretório Acadêmico Tiradentes.<sup>391</sup>

O Departamento de Ciências da FEC também manifestou preocupação em visibilizar seu capital cultural à comunidade, na perspectiva de que esta procurasse adquiri-lo, primeiramente através do Projeto Férias e Estudo na Faculdade de Educação,<sup>392</sup> em julho e agosto de 1979, quando foram ofertados os cursos de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Entomologia e o de Metodologia do Ensino de Química. E, no ano de 1981, foram lançados dois números do informativo “O Esculápio”,<sup>393</sup> dirigido à comunidade acadêmica e ao público da cidade em geral.

Em 1980, dando continuidade ao Plano de Integração das Atividades Culturais dos Colégios de 1º e 2º graus,<sup>394</sup> a FEC apoiava e colaborava nessa atividade de extensão, pertinente à qualificação técnico-administrativa de pessoal, promovendo cursos. Nessa mesma perspectiva, mas voltado para a qualificação de professores, a exemplo do que já fora feito desde 1992, foi celebrado convênio<sup>395</sup>

<sup>391</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Op. cit. 2007, p. 125.

<sup>392</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, em 00.07.1979: “Férias e Estudo na Faculdade de Educação: Férias e Estudo”. O departamento de Ciências da Faculdade de Educação de Caxias promoverá para a comunidade cursos de férias, em julho e em agosto, em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Entomologia e de Metodologia do Ensino Prático da Química.

<sup>393</sup> O PIONEIRO, n.547, p. 5, 19.11.1981: “O ESCULÁPIO” – ANO I – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FEC-FESM Nº 2. Tem por colaboradores mestres e alunos. “Mimeografado como o anterior, desta feita o bem elaborado órgão de comunicação universitária local, traz maior número de páginas e, consequentemente, maior número de matérias de interesse geral.

<sup>394</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Superintendência de Ensino. Faculdade de Educação de Caxias. Projeto Integrado de Funcionamento para 1980 de uma escola de 2º grau [Colégio Aluizio Azevedo]. Trata-se de “Curso de extensão para pessoal docente, técnico e administrativo das escolas de 1º e 2º graus de Caxias-MA”.

<sup>395</sup> SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO. Convênio Convênio Nº \_\_ de 26.09.1980. que entre si celebram a secretaria de educação do Estado do Maranhão, o fundo estadual de educação e a federação das escolas Superiores do Maranhão, objetivando a realização de Curso Parcelado de Pedagogia – Habilitação em Administração Escolar de 1º Grau.

com a Secretaria de Educação e Cultura para a realização de um curso parcelado de Pedagogia – habilitação em administração escolar de 1º grau, que, segundo Irmã Gemma, era uma forma de tornar útil o espaço da FEC que estava ocioso porque poucos candidatos eram aprovados no vestibular.<sup>396</sup>

Como as vagas ofertadas não eram preenchidas com os aprovados no vestibular, uma pressão muito forte se abatia sobre a FEC, pois atribuíam a responsabilidade do fracasso no vestibular à Faculdade que ficava isolada, que não se apresentava à comunidade como uma opção atraente para os alunos com maior capital cultural internalizado. Então, virou mote dos discursos acadêmicos o imperativo: A FACULDADE TEM QUE DESCER O MORRO!

Como já referido anteriormente, assistiu-se na UEEC, no período de 1982 a 1990, um movimento crescente de formação de uma consciência universitária, cujos membros eram instados a se pensarem enquanto uma instituição de ensino, extensão e pesquisa. Mas, como nada nasce do nada, a formação dessa consciência foi iniciada pelos idos de 1976, quando foi implantada a Coordenação Pedagógica da então Faculdade de Educação de Caxias até 1979, tendo lançado as bases da construção de um *habitus*, na acepção de Bourdieu, enquanto “matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas”<sup>397</sup> como “predisposições adquiridas”,<sup>398</sup> um *modus operandi* acadêmico<sup>399</sup> que foi se transferindo aos novos professores e alunos até o início da década de 1990.

Essa consciência universitária foi manifesta inicialmente quando houve necessidade de fundamentar, em diagnóstico científico a argumentação em favor da plenificação dos cursos da UEEC, inicialmente por professores dos Departamentos de Planejamento e Administração e de Pedagogia, a exemplo de M<sup>a</sup> de Fátima Costa Félix, Miriam Santos Sousa, Izaura Silva e Maria de Fátima Alencar.<sup>400</sup> E os demais departamentos, de Estudos Sociais, de Letras e de Ciências, tiveram a mesma atitude. Então, os resultados dessas pesquisas foram apresentados no “1º

---

CLÁUSULA PRIMEIRA – A FESM se compromete a coordenar e executar, através de sua Faculdade de Educação de Caxias, o curso parcelado de Pedagogia – Habilitação em Administração Escolar de 1º Grau...

<sup>396</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Op. cit. 2007, p. 123.

<sup>397</sup> SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 60-70, maio/jun/jul/ago 2002.

<sup>398</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 28.

<sup>399</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 23.

<sup>400</sup> PAINEL. O *Pioneiro*, n.575, p. 06, 15.09.1982.

Encontro de Educação do Estado”,<sup>401</sup> promovido pela assessoria do então governador eleito Luíz Rocha, que queria dados para elaboração de seu plano de governo. Também a UEEC, no 1º Encontro de Diretores de Escolas de 1º e 2º Grau de Caxias”, firmou parceria com as escolas da comunidade, como foi noticiado.

Com o propósito de assentar as bases para um trabalho conjunto entre a Faculdade e as escolas da comunidade foi realizado recentemente o I encontro de Diretores de Escolas de 1º Grau de Caxias. O encontro visava ainda, dentro de outros aspectos, desenvolver um processo contínuo de cooperação entre a UEEC e as escolas de 1º Grau com vistas a melhoria do sistema de ensino local e identificar os problemas enfrentados pelo diretor na administração das escolas e refletir sobre suas causas, buscando alternativas de solução. Um grande número de diretores se fez presente ao encontro.<sup>402</sup>

Essa foi uma manifestação de que a UEEC, enquanto instituição, tinha consciência da tríplice missão de desenvolver ensino, pesquisa e extensão, portanto, não estava estática diante dos apelos da comunidade nesse período em que os resultados do vestibular exigiam um posicionamento da instituição, isto é, que “descesse o morro”. E professores da UEEC, juntamente com professores da rede estadual de 1º e 2º graus, procuravam estabelecer intercâmbio com outras instituições, a exemplo da participação no congresso de professores em Natal,<sup>403</sup> o que favorecia a ampliação de horizontes.

As dependências da UEEC também se colocavam à disposição da comunidade como espaço de promoção de eventos culturais e políticos, como por ocasião do lançamento de uma obra sobre Coelho Neto,<sup>404</sup> de um encontro do PCdoB<sup>405</sup> e de um Congresso de Fundação da CUT-MA,<sup>406</sup> como narrou Aluizio Bittencourt, numa época em que os partidos socialistas estavam proscritos e os de oposição, bem como o movimento sindical, eram vistos com reserva por parte dos gestores a serviço da ordem estabelecida pela Ditadura Militar.

<sup>401</sup> O PIONEIRO, n.585, p. 02, 22.12.1982.

<sup>402</sup> O PIONEIRO, idem.

<sup>403</sup> PROFESSORES CAXIENSES vão a congresso da classe em Natal. *O Pioneiro*, n.584, p. 04, 19.12.1982:

<sup>404</sup> COELHO NETO NA FACULDADE. *O Pioneiro*, n.569, p. 01, 11.07.1982: “”. Lançamento de uma obra intitulada “Coelho Neto e a Onda Modernista”, do escritor Eliézer Bezerra, de São Luís, no auditório da Unidade de Estudos de Educação de Caxias (antiga Faculdade de Educação).

<sup>405</sup> Partido Comunista do Brasil.

<sup>406</sup> Central Única dos Trabalhadores – CUT, fundada no Maranhão em 1983, com sede em Caxias.

Mas eu abri esta Faculdade, pois todo nosso discurso era “nós temos que descer o morro, a Faculdade tem que descer o morro, nós temos que descer o morro”. Mas ninguém descia o morro, meu amigo, nem a própria população subia, meu amigo. Eu comecei a fazer simpósio, congresso, seminário e chamava a população. Isso aqui era cheio de estudante do segundo grau. Chamava professores, debatedores...

Quando o PCdoB solicitou o espaço para fazer uma reunião turma toda dizia: tu é doido, tu é doido! Mas eu disse: Faz! Um dia aqui eu hospedei o PCdoB. Eles ficaram dia e noite aqui na sala. Eu nem me achava com coragem, mas era uma situação que a gente tinha que fazer. Meu compromisso era esse. Era dar isso aqui para a população de Caxias. Isso aqui era fechado. A turma me censurava demais. Tu estás abrindo isso aqui pra reunião política? Eles utilizavam o auditório da academia. Que tinha emprestar para eles fazerem uma reunião política aqui dentro do auditório? Nada! Eu não via nada demais. Perguntava: Alguém vê alguma coisa demais fazer reunião política na academia? Respondia: Não. Então, foi emprestado o auditório. Não era a academia que estava fazendo. Então a mesma coisa eu dizia: Rapaz não é a Faculdade que está fazendo reunião política, é o PT, o PCdoB, o PPS, a CUT. Quer fazer reunião, qual é o problema? Rapaz tu é doido? É? Diziam: Eu, se fosse tu, não cedia. Eu assumo! Era assim, fechada, porque aqui não se fazia nada.<sup>407</sup>

Também a Semana da Educação<sup>408</sup>, em 1983, de iniciativa do Projeto Rondon, UEMA e Secretaria de Educação, e sua segunda edição,<sup>409</sup> em 1985, foram momentos de efetivação da integração da Faculdade com a comunidade, bem como as Feiras de Ciências,<sup>410</sup> realizadas na UEEC. Também ficaram registrados na lembrança de ex-estudantes e professores da instituição muitos eventos promovidos pelos próprios estudantes, a exemplo do realizado pelo Curso de Pedagogia denominado I Encontro de Estudantes de Pedagogia de Caxias, de 11 a 13 de junho de 1986,<sup>411</sup> do qual se teve conhecimento de uma série até 1993.

A “Festa da Calourada” de 1983<sup>412</sup> teve um toque todo especial porque todas as vagas ofertadas pela UEEC foram preenchidas, portanto a casa estava cheia de gente nova e com muita gente de Caxias. Contou com o apoio do coordenador interino Aluizio Bittencourt e com a presença de autoridades locais, do

<sup>407</sup> ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista\_1ª parte\_ concedida a Roldão ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 28.01.2010.

<sup>408</sup> ENCERRADA ONTEM A SEMANA DA EDUCAÇÃO. *O Pioneiro*, n. 616, p. 06, em 27.11.1983.

<sup>409</sup> II SEMANA DA EDUCAÇÃO. *Conta-Gotas*, DAT/UEEC, a. 01, n. 002, Nov. 1985. Realizar-se-á a II Semana da Educação na UEEC. No período de 21 a 23/11/85. A mesma será composta de cursos que se realizarão nos turnos matutino e vespertino e, palestras/reuniões à noite. FAÇA sua INSCRIÇÃO nos DEPARTAMENTOS.

<sup>410</sup> FEIRA DE CIÊNCIAS SERÁ NA FACULDADE. *O Pioneiro*, n. 643, p. 01, em 25.10.1984.

<sup>411</sup> CURSO DE PEDAGOGIA. UEEC/UEMA. Carta. Caxias 03.06.1986. Os estudantes de Pedagogia convidam para o I ENCONTRO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DE CAXIAS. Data: 11 a 13/06/1986. Inscrição Cz\$ 5,00.

<sup>412</sup> A FESTA DA CALOURADA. *O Pioneiro*, 00.04.1983. Foram realizadas com múltiplas atividades nos dias 19 e 20 de abril tais como: posse da nova diretoria do DAT, a palestra com a Profª Fátima Félix, Seresta no Clube Alecrim, etc.

representante do DCE/UEMA e da comunidade em geral. Mas lamentaram a ausência do “pessoal de Teresina”<sup>413</sup> que, dada a grande quantidade, prejudicou a eleição da Rainha dos Calouros. A ocorrência da Festa dos Calouros tem registro desde a instituição do DAT, em 1973, tendo como atração maior a eleição da rainha dos calouros,<sup>414</sup> assim como aconteceu em 1989,<sup>415</sup> em 1990<sup>416</sup> e em anos posteriores com menos badalação.

Na mesma perspectiva da política de integração da UEEC à comunidade local, foi criado o Núcleo de Atividades Culturais<sup>417</sup> em 1985, o qual iniciou os trabalhos debatendo sobre a Nova República.

I Ciclo de Debates Sobre a Nova República. JUSTIFICATIVA: A Unidade de Estudos de Educação de Caxias /UEEC, compreendendo que desempenha uma ação social relevante na comunidade, pretende através de diferentes modalidades de eventos proporcionar condições para o debate de questões pertinentes do momento histórico vivido pelo País. OBJETIVO: Criar espaço para o debate de temas relacionados ao advento da Nova República, visando despertar o interesse dos cidadãos pela construção da democracia brasileira. DEBATES: 1 O QUE É ASSEMBLÉIA CONSTITUINDTE? (Dia 23/04/85) 2 OS PROBLEMAS DA ECONOMIA NACIONAL (Dia 30/04/85). 3 PARA ONDE VAI A EDUCAÇÃO BRASILEIRA? (Dia 06/05/85) 4 A SAÚDE NO BRASIL (Dia 16/05/85). LOCAL: Auditório da Unidade de Estudos de Educação de Caxias. HORÁRIO: 20 horas.

Naquele momento, a comunidade acadêmica respirava já o ar da Nova República e estava voltando-se para o campo social, ligando-se às discussões que permeavam a sociedade brasileira, sem o clima de censura da Ditadura Militar (1964-1985), por isso chamou para si os temas da Constituinte (1987-1988), da Economia Nacional (endividamento externo e intervenção do FMI<sup>418</sup>), da Educação

<sup>413</sup> No período de 1973 a 1988/89 a maioria dos aprovados no vestibular residiam em Timon e em Teresina.

<sup>414</sup> Os primeiros registros dessa festa datam de 1973, a qual era organizada pelo Diretório Acadêmico Tiradentes, em cuja ocasião era escolhida a arainha dos calouros.

<sup>415</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. CONVITE para participar da Festa da Calourada, realizada em 20/10/89, na Churrascaria Balaiada com a animação da Banda Magnus, quando será escolhida a Rainha dos Calouros. Assinam: Pedra Ivelta de Miranda (Sec. De Imprensa) e Francisca da Costa Ximenes (Sec. De Assist. Estudantil).

<sup>416</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. EDITAL-001/90-DAT/UEMA). “O DAT convoca a todos para comparecer à ASSEMBLÉIA GERAL que será realizada no dia 04/07/1990, onde serão discutidos os problemas mais gritantes da Unidade, que sejam de interesse dos estudantes. (§) PAUTA DA ASSEMBLÉIA. 1 A contratação irregular de PROFESSORES. 2 O VII Congresso dos Estudantes da UEMA (CEUEMA) – eleições dos delegados de base. 3 A proposta de mudança do nome do DAT. 5 A festa dos calouros. 6 Outros que forem sugeridos no decorrer da assembléia.

<sup>417</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO / Unidade de Estudos de Educação de Caxias / Núcleo de Atividades Culturais. *O Pioneiro*, n. 656, p. 06, em 23.04.1985.

<sup>418</sup> Fundo Monetário Internacional. O Brasil, após o sucesso relativo do PDS nas eleições, teve que assinar acordo de rendição, tendo havido muitos protestos nas universidades federais.

Brasileira e da Saúde. Também, representados pelo DAT, estudantes levantaram a voz contra agentes do poder econômico local,<sup>419</sup> numa clara demonstração de que na UEE reforçava-se uma consciência de campo.

Mas as mais duradouras ações de interação da UEEC com a comunidade consistiram de dois projetos de extensão que ficaram conhecidos como “A Faculdade desce o morro”: Projeto de Integração UEEC/UEMA à Rede Pública de Ensino de 1º grau de Caxias; e o Projeto de Melhoria dos Cursos de Magistério de 2º Grau. Tais projetos foram desenvolvidos de 1985 a 1988, com a participação de professores e alunos da UEEC e professores da rede pública de ensino.<sup>420</sup>

Os estudantes da UEEC também, capitaneados pelo D.A.T, em agosto de 1989, estiveram brigando por direito à meia passagem junto ao então prefeito Sebastião Lopes de Sousa (1989-1991) e às demais autoridades competentes, uma vez que na gestão do prefeito anterior, Helio Queiroz, a cidade já dispunha de um serviço de transporte coletivo.

Apesar de ser uma briga bem antiga os estudantes ainda não desistiram de brigar pelo direito à meia passagem nos transportes coletivos em Caxias. Na gestão do Prefeito Hélio Queiroz, os estudantes tiveram esse direito conquistado, eles pagavam meia passagem e alguns tinham até passe gratuito, como a exemplo, os estudantes do Centro de Ensino Aluizio Azevedo. Mas só que, com o passar do tempo esse direito foi se esgotando, chegando ao ponto dos estudantes só pagarem meia passagem se caso estivessem uniformizados. Como a maioria das escolas, principalmente as que funcionam à noite, e a Universidade, não exigem o uso obrigatório de uniformes, estes estudantes ficaram fora de cogitação.

Por esse motivo o Diretório Acadêmico da Faculdade de Caxias, está encaminhando um movimento estudantil, no sentido de cobrar das autoridades competentes e dos empresários de transportes coletivos que seja tomada uma providência a fim de solucionar este problema.<sup>421</sup>

Esse posicionamento denota, mais uma vez, consciência do poder simbólico que a instituição detinha na comunidade, como assevera Bourdieu:

<sup>419</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. **Moção de repúdio aos manipuladores da natureza. Caxias**, 15 de agosto de 1985. Os estudantes da Unidade de Estudos de Educação de Caxias denunciam o desmoronamento do prédio construído por Constantino Castro nas encostas do Morro do Alecrim, que ocasionou a destruição de duas casas lá embaixo na Rua do Alecrim e a morte de uma pessoa, sem que acontecesse nada com o empresário.

<sup>420</sup> UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Relatório de Atividades de 1987. Fonte: Acervo do DCE Paulo Freire do CESC/UEMA.

<sup>421</sup> ESTUDANTES BRIGAM PELO DIREITO À MEIA PASSAGEM. *Tribuna De Caxias*, de 20.07 a 05.08.1989.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido* (grifo do autor), quer dizer, ignorado como arbitrário.<sup>422</sup>

Quando os docentes, professores e dirigentes, foram instados a repensar o aumento de espaço do corpo discente nas instâncias de decisão da UEMA e da UEEC, sempre tiveram sua importância minimizada por dirigentes e professores, pois os estudantes eram vistos como passageiros de trem que estão no vagão por um instante e num espaço bem delimitado, mas ao longo desses anos de existência dessa instituição, com base nos testemunhos orais, escritos e imagéticos, observou-se o corpo discente interferindo decisivamente para a continuidade e engrandecimento da UEEC e da UEMA, com ações como convidar o reitor para visitar a UEEC e sentir *in loco* as problemáticas, em 1985, por ação do DAT, na gestão de Áurea Regina,<sup>423</sup> ou em 1990, quando uma Assembléia Geral<sup>424</sup> discutiu a contratação irregular de professores, que resultou na institucionalização de seletivos de prova escrita, prova didático-oral e prova de título, a partir de 1992. O DAT estava atento ao seu espaço físico<sup>425</sup> e ao espaço social dos seus representados.<sup>426</sup> E, a exemplo dos estudantes de Pedagogia, em 1985 e 1991,<sup>427</sup> havia um interesse pela troca de experiências, em congressos, com estudantes de cursos de outras instituições.

A comunidade acadêmica preocupava-se consigo, mas também com a comunidade do entorno, por torná-la mais bonita aos olhos, como quando desenvolveram o Projeto “Pintando Caxias”, em 1989.<sup>428</sup>

<sup>422</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 14.

<sup>423</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Ofício nº 001. Caxias 24.04.1985. Dirigido ao reitor convidando-o a visitar a UEEC o mais breve possível para esclarecer questões tais como: biblioteca, plenificação de cursos, laboratório, problemática (Inácio Passarinho), mini-restaurante, repasse de verbas para a Unidade, Estrutura física do prédio, qualificação dos professores. Assina: Áurea Regina dos Prazeres Machado, presidente do DAT.

<sup>424</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. EDITAL-001/90-DAT/UEMA).

<sup>425</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Ofício: 002/85, em Caxias, 06.05.1985 dirigido ao Coordenador da UEEC solicitando a recuperação do telhado da sede do D.A.

<sup>426</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Convite faz aos companheiros estudantes para a colação de grau em 11 de janeiro de 1985.

<sup>427</sup> O PIONEIRO, n. 817, p. 01, 29.jun. 1991: “Pedagogos realizam encontro”. Com apoio da Coordenação da UEEC, estagiários do curso de Pedagogia realizaram no dia 22 <<UM dia Pedagógico>>, com a participação de professores e alunos do curso. Palestra: “Compromisso político do educador”.

<sup>428</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Of. Nº 007/89. Caxias(ma), 23 de agosto de 1989. Dirigido ao Secretário Municipal de Urbanismo, Dr. Antônio José Lélis Bezerra, solicitando relação de

Tal com fizera o Prof. Aluizio Bittencourt em sua gestão, constituindo uma Comissão Cultural (1983-1987), o Prof. Mamede Chaves também constitui uma comissão para elaborar diretriz para coordenação e execução de projetos, formada pelos professores Aluizio Bittencourt, Lélis Bezerra, Joseane Maia, J. Cardoso e Vânia Leite, para a atuação da UEEC em trabalhos de extensão, em parceria com gestores municipais da região de abrangência da instituição.<sup>429</sup> E essa medida da Coordenação foi corroborada quando um Secretário Municipal de Educação afirmou: “... é inadmissível desenvolver a educação sem a parceria do município com o Estado, União e Universidade, para tanto convida a UEMA a ministrar cursos para professores multiplicadores”.<sup>430</sup>

### 3.3 Qualificação do quadro docente

Os organizadores da FFPEM – Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias preocuparam-se com a qualificação dos professores que iriam lecionar na instituição, haja vista que o Dr. José Maria Cabral, ao empreender o Projeto Centauro, que tinha a função de qualificar quadros para o exercício do magistério no Maranhão, manifestou interesse em requisitar pessoal qualificado e com larga experiência no campo da formação de docentes. Por isso, procurou a Universidade Federal do Maranhão, que possuía uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a qual se recusou cooperar na instalação da FFPEM de Caxias por considerá-la inviável. Nessas circunstâncias, recorreu à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que deu uma resposta positiva à solicitação, enviando, para lecionar na FFPEM, um corpo docente com alto capital cultural incorporado e institucionalizado, pois, dos trinta professores que aportaram em Caxias, dois eram mestres e trinta e um eram doutores. Eram professores que ensinavam,

---

muros de propriedades municipais para desenvolver o PROJETO “PINTANDO CAXIAS”. Assinados: Pedra Ivelta de Miranda (Sec. De Imprensa do DAT/UEMA) e Francisca da Costa Ximenes (Sec. De assuntos Estudantis). Semelhantes ofícios foram enviados a outras secretarias, tipo Administração e Planejamento

<sup>429</sup> O Pioneiro, n. 811, p. 01, 18 maio 1991: O Coordenador da Unidade de Estudos de Caxias, Mamede Chaves e Silva, em 15 de maio de 1991, através de Portaria nº 005/91 resolve “Criar uma Comissão para elaboração de diretrizes globais tendo em vista a Coordenação e Execução de Projetos no âmbito desta Unidade de Estudos”, a qual está composta pelos professores: Aluizio Bittencourt Albuquerque, Antônio José Lelis Bezerra, Joseane Maia Santos Silva, José de Ribamar Cardoso e Vânia Maria de Abreu Leite

<sup>430</sup> TRIBUNA DE CAXIAS, n. \_\_, p. 03, de 05 a 31.07.1991: “Educação, pondo a casa em ordem”.

pesquisavam e se colocavam à disposição para desenvolver trabalho de extensão dentro de suas respectivas áreas de conhecimento.

A FFPEM, após o rompimento do convênio com a USP, teve que se arranjar, a partir do segundo semestre de 1971, com professores que só possuíam graduação. Mas tão logo a FFPEM, a partir de 1973 denominada Faculdade de Educação de Caxias (FEC), tomou a feição organizativa de uma instituição de ensino superior, com os departamentos de Estudos Sociais, Ciências, Letras e Pedagogia, na gestão de Hélio Nogueira (1973-1975), houve a preocupação com a qualificação do corpo docente, mesmo porque era uma condição *sine qua non* para o reconhecimento dos cursos.

Então, foi celebrado convênio com a Universidade Federal do Piauí para ministrar um Curso de Atualização e Aperfeiçoamento Pedagógico, que foi suspenso em 1974 por determinação de uma Comissão Verificadora da Secretaria de Estado da Educação, que diagnosticou a situação da FEC. Esse curso teve carga horária complementada e certificado expedido pela UFPI em 1977,<sup>431</sup> em vista do reconhecimento dos cursos.

Irmã Gemma evidencia que em sua gestão estimulou o processo de qualificação do corpo docente em nível de aperfeiçoamento, de especialização e de mestrado.<sup>432</sup> Inicialmente, fizeram Curso de Aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino Superior os professores Luis Almeida Teles e Maria de Fátima Costa Felix, em 1977, em São Luís, ministrado pela Universidade Federal do Maranhão. Outros professores fizeram Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico na Universidade Federal do Piauí.<sup>433</sup>

Fizeram cursos de especialização os professores: em Metodologia Científica, na Universidade Federal do Piauí - Maria Zilmair S. Negreiros e Wilson Martins de Sousa; em Química, na Universidade Federal de Pernambuco – Odilon

---

<sup>431</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício/GD/051/78, em Caxias, 05 de junho de 1978. Irmã Gemma de Jesus Carvalho dá quitação a débito contraído pela Faculdade em 1974, em decorrência de Convênio celebrado na gestão de Dr. Hélio Benévolo Nogueira, referente ao Curso de Atualização e Aperfeiçoamento Pedagógico, no valor de Cr\$ 9.000,00 (nove mil cruzeiros).

<sup>432</sup> CARVALHO, Irmã Gemma. Op. cit. 2007, p. 111, 114, 115 e 127.

<sup>433</sup> FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 05/79, em Caxias 11 de maio de 1979. Solicita ao Diretor do Centro de ciências da Educação da Universidade federal do Piauí informações sobre aproveitamento professores que fazem o Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico e quanto falta para concluir, segundo solicitação da direção da FESM.

Teixeira de Melo; em Ciências, Letras e Estudos Sociais, Aluízio Bittencourt Albuquerque, pela FESM.<sup>434</sup>

Foram liberados para cursar mestrado os seguintes professores: Fernando Spagnolo (1976),<sup>435</sup> na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo concluído em 1978; Arlindo Fernandes de Oliveira e Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira, na Universidade Federal da Paraíba (1977), tendo o primeiro concluído em 1981; Almir Bezerra Lima e Iracildes Maria de Moura Fé Lima (1978), na Fundação Getúlio Vargas; e Francisco Maximiliano Damasceno, na Universidade Federal do Ceará (1978); Maria de Fátima Costa Félix (1979),<sup>436</sup> na Universidade de Campinas-SP, a qual concluiu no início de 1982,<sup>437</sup> mas já passara em concurso para a Universidade Federal do Maranhão;<sup>438</sup> Isa Maria dos Santos (1979), na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Wilson Martins de Sousa (1979), na Universidade Federal de Pernambuco; e Aldino Lima de Sousa (1979), na Universidade Federal do Ceará. Quando os professores Almir Bezerra Lima e Iracildes Maria de Moura pediram licença sem vencimento após o Mestrado e não mais retornaram à FEC, e Fernando Spagnolo pediu desligamento da instituição, os dirigentes da FESM preocuparam-se em como garantir a permanência dos professores após o Mestrado, pois a remuneração recebida pelos mesmos era muito baixa.

Com o retorno dos primeiros mestres da FEC, da Faculdade de Educação de Imperatriz e outros da Faculdade de Administração de São Luís, a FESM montou um Curso de Especialização em nível de pós-graduação, cuja primeira turma, em 1980, foi constituída por alunos professores de Caxias, Imperatriz e São Luís.<sup>439</sup> A

<sup>434</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, em 01.09.1979: "Curso em São Luís". Prof. Aluízio Bittencourt faz curso de especialização em Ciências, Letras e Estudos Sociais em São Luís, com apoio da FESM.

<sup>435</sup> PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1979. Declaração de que FERNANDO SPAGNOLO defendeu sua tese de mestrado em 21 de fevereiro de 1979 intitulada "A Escola Rural em Barra do Corda: Expectativas e realidade, tendo sido aprovado por unanimidade

<sup>436</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Serviço de Registro e controle Acadêmico. Declaração n. 0908/79. Em 20.03.1979, afirma que Maria de Fátima Costa Félix é aluna regularmente matriculada no curso de Pós-Graduação em Educação

<sup>437</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, em 00.03.1981: "Dra.(sic) Maria de Fátima F. Costa". "Após alguns dias de estada conosco regressou ontem a Campinas, S. Paulo, onde está concluindo o Curso de Mestrado em Educação a Dra. Maria de Fátima Costa Félix, filha do contador Francisco Félix Costa e de sua consorte sra. Dayse Felix Costa.

<sup>438</sup> O PIONEIRO, 1982. Fátima, ex-diretora do Complexo de 2º grau 'Aluízio Azevedo' em Caxias e que já pertence ao quadro de professores da Federação das Escolas superiores do Maranhão – FESM, vem de ser aprovada também agora para lente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

<sup>439</sup> Aldino Lima de Sousa, Angélica Fiquene Carvalho Branco, Antônia Arlene Lopes de Sousa, Elza Miranda Marques, Enéas Araújo Dias, Izaura Silva, José de Ribamar Cardoso, Joaquim Ribeiro de Sousa Neto, Luiz Carlos de Faria, Maria Miranda da Silva, Maria Amélia Monteiro da Silva, Maria

primeira etapa foi em Caxias, a segunda seria em Imperatriz e a terceira em São Luís.<sup>440</sup> Mas não houve continuidade no projeto, por falta de recursos financeiros. Portanto, a FESM detinha capital cultural em três modalidades na pessoa desses professores, segundo Bourdieu,<sup>441</sup> incorporado, objetivado e institucionalizado, e dispunha de capital financeiro para poder fazer a geração de capital simbólico, e, assim, se constituir numa instituição do campo acadêmico, relativamente autônoma.

O período que vai de 1982 a 1994 não há registro de nenhum professor se afastando das atividades docentes para cursar mestrado, mas Maria de Fátima Costa Félix, depois de permanecer quatro anos após o mestrado, saiu para fazer o doutorado na Universidade de Campinas – SP, a qual, ao voltar, em 1989, se fixou no *campus* da UEMA em São Luís, pois julgava que essa localização geográfica mais estratégica para se ligar ao debate nacional sobre educação.<sup>442</sup> Só há registro de professores retornando com título de mestre após defenderem dissertação, a exemplo de Prof<sup>a</sup> Isa<sup>443</sup> e do Prof. Arlindo.<sup>444</sup>

Mas, de 1982 a 1994-95, a maioria dos professores da UEEC/UEMA fez curso de especialização em sua área de formação ou docência na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte, sendo os seguintes os primeiros especialistas, tal como noticiou a imprensa local:

Os professores da Faculdade de Educação de Caxias Izaura, Fátima Alencar, Joseane, Carmelita, Edmée, Conceição Bezerra, Sílvia, Mirian,

---

Aparecida do Nascimento, Maria Eline Barbosa de oliveira, Maria do Rosário da Costa Mendes, Mamede Chaves e Silva, Miriam Santos de Sousa, Raimundo Nonato Neri, Regina Maria Santiago Campos, Robson Gonzaga dos Santos, Ronaldo Neri, Sylvia Teresa do Carmo Pereira, Terezinha Ricarde, Walkiria de Jesus Farias de Faria.

<sup>440</sup> RELAÇÃO DOS PROFESSORES NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO, desenvolvido no início da década de 1980, aproveitando os recursos humanos especializados que dispunha a Federação das Escolas Superiores do Maranhão. A primeira etapa foi em Caxias, envolvendo professores de Imperatriz, Caxias e São Luís. Mas quando houve a etapa de Imperatriz não foi dado suporte para os de Caxias se deslocar. Totalizam 24 alunos.

<sup>441</sup> BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 73-79.

<sup>442</sup> Essa fixação em São Luís favoreceu seu trabalho na UFMA, haja vista que já havia logrado êxito, em 1982, num concurso para docentes na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<sup>443</sup> PAINEL/TESE – A PROFESSORA DA FEC. *O Pioneiro*, n.581, p. 03, 07.11.1982. “Isa Maria dos Santos defende dissertação de mestrado intitulada “LEITURA NA 1ª SÉRIE DO 1º GRAU – UM INSTRUMENTO DE MEDIDAS DE COMPETÊNCIAS BÁSICAS”, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.”

<sup>444</sup> PAINEL: TÍTULO. *O Pioneiro*, 12.06.1983. “Mestre em Psicologia, foi o título conquistado pelo Prof. Arlindo Fernandes de Oliveira, junto à Univ. Fed. Da Paraíba, onde fez seu curso de mestrado. Aprovado com distinção pela comissão examinadora após defender com brilho sua dissertação sobre “A RELAÇÃO ENTRE AQUISIÇÃO DE HABILIDADES COGNITIVAS DIFERENCIAIS E CONSTELAÇÃO FAMILIAR: UMA AVALIAÇÃO PAARCIAL DO MODELO DE CONFLUÊNCIA”. O prof. Arlindo é prof. titular da Faculdade de Educação de Caxias”.

Maria do Carmo, Eunice, M<sup>a</sup> Anecy, Vânia Maria, Joaquim, James Dean, Mamede, Barradas e Milton José, no período de 02 a 14/07/1984, na Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas, curso de Especialização, e retornarão em janeiro. Apoiados pela Secretária de Educação Leda Tajra e pelo reitor da UEMA Dr. Jacques Medeiros.<sup>445</sup>

Em 1994, do total de 60 professores que lecionavam na UEEC, 90% dos professores do CESC/UEMA ou já havia feito especialização ou estava fazendo. Possivelmente, a promoção para professor adjunto e titular sem a devida titulação tenha desestimulado a busca de um curso de mestrado e, posteriormente, doutorado por parte da maioria desses professores, como também o fato de os salários serem baixos, o que levava o docente a complementar renda com outros empregos e não desenvolver um sentimento de pertença a um campo acadêmico.

Não há registro efetivamente de pesquisas acadêmicas desenvolvidas, possivelmente pelo fato dos docentes não terem, então, a formação acadêmica adequada para tanto, pois pesquisa era vista como atividade de mestre e doutor. Os embriões de pesquisas só surgem na UEMA a partir de 1987, com a criação do Núcleo de Tecnologia e Pesquisa – NUTEPE, em 1987, na gestão do Reitor Prof. Dr. Warwick Ker, cujo Regulamento do Comitê Consultivo foi aprovado pela Resolução 61\_87, de 3107.1987.<sup>446</sup> Também houve resolução do CONSUN que aumentou de 45 para 60 a carga horária da disciplina Metodologia Científica, inclusive tornando-a obrigatória em todos os cursos, bem como instituiu o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

---

<sup>445</sup> PROFESSORES CAXIENSES FAZEM CURSO EM BELO HORIZONTE. *O Pioneiro*, 05.07.1984.

<sup>446</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Resolução 61\_87, de 31.07.1987.

## 4 A FORMAÇÃO DOCENTE E O CESC

No Brasil, o ensino superior, desde D. João VI até 1934, quando foi criada a primeira faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,<sup>447</sup> esteve dirigido à expedição de diplomas para o exercício profissional nas áreas de direito, medicina, engenharia, farmácia, odontologia, etc. Por isso, Anísio Teixeira<sup>448</sup> dizia que a falta de estudo acadêmico de humanidades, letras ou ciências tornou precária a formação secundária no Colégio Pedro II, na qualidade de modelo e padrão.

Como só teve o Brasil, no nível superior, escolas profissionais de saber aplicado, o seu ensino secundário acadêmico de humanidades e ciências teria de ser inevitavelmente precário e deficiente, como sempre foi durante essa longa experiência de ausência da universidade ou das respectivas escolas superiores pra licenciar os docentes.<sup>449</sup>

A prioridade à formação profissional no ensino de graduação aconteceu em detrimento da formação da “capacidade de compreender a realidade, de pensá-la e de agir no sentido de transformá-la”.<sup>450</sup> Mas para Wanderley, a ênfase na profissionalização na graduação decorre de uma concepção de que o ensino superior, em sociedades dependentes, tem a tarefa do compromisso social.<sup>451</sup> Foi para atender à demanda social por docentes qualificados para atuar no ensino secundário, que proliferaram as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no Brasil até década de sessenta e os cursos de licenciatura nas décadas seguintes.

A função de profissionalização da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio (FFPEM) de Caxias estava categoricamente afirmada na Lei<sup>452</sup> que a criou, ao dizer da finalidade específica de “formar professores para o ensino médio”, e no Plano Pedagógico elaborado pelos professores da FFLCH/USP.<sup>453</sup> Daí o tópico “formação docente na FFPEM/FEC/UEEC” compreender motivações para

<sup>447</sup> Apesar de o Decreto 19.852/1931, que reformou a Universidade do Rio de Janeiro, ter determinado a criação do curso de Filosofia, Ciências e Letras, este não foi criado. Portanto a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP foi a primeira do gênero a ser criada no Brasil.

<sup>448</sup> TEIXEIRA, Anísio. Ensino superior no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005, p. 149.

<sup>449</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>450</sup> COÊLHO, Ildeu M. Universidade e formação de professores. In: GUIMARÃES, Valter Soares (Org.). Formar para o mercado de trabalho ou para a autonomia. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 46.

<sup>451</sup> WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é universidade. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 11.

<sup>452</sup> ESTADO DO MARANHÃO. Lei 2.821, de 23 de fevereiro de 1968. Artigo 3º, §2º. Cf. f. 39.

<sup>453</sup> Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Maranhão. Esclarecimentos solicitados ao Projeto Centauro para elaboração do Plano Pedagógico dos Cursos de Licenciatura em Regime Parcelado, em 1970.

ingresso e condições de permanência, o processo pedagógico e a relação ingressos-egressos.

#### 4.1 Motivações para ingresso e condições de permanência.

Os alunos da primeira e da segunda turma na grande maioria eram professores. Uns motivados pela necessidade de aprender mais para melhorar a prática docente, mas havia muitos alunos que eram professores prestes a se aposentar, os quais queriam o diploma para aumentar os proventos. Mas a maioria dos egressos entrevistados disse que ingressou na instituição como aluno porque não tinham condições financeiras para fazê-lo fora de Caxias, a exemplo de Edmée da Costa Leite:

Eu tinha muita vontade fazer um curso superior. Mas não era Educação. Eu tinha vontade fazer um curso superior. Mas como não tinha condições financeiras pra me manter em outro lugar. Como quando chegou a Faculdade eu já estava engajada na educação mesmo, e a minha tendência era matemática, eu escolhi o curso de Ciências. Foi porque eu tinha muita vontade de ter um curso superior.<sup>454</sup>

Francisca Araújo, egressa da segunda turma de Ciências, acentua a elevação cultural da sua família, pois foi ela a primeira a ter curso superior graças à Faculdade.

Na minha família não tinha ninguém com curso superior. Eu fui a primeira. Foi assim, sabe, um tipo um progresso na família. Todo mundo ficou muito feliz, inclusive, no dia da formatura todo mundo, meus parentes, todos se juntaram e fizeram festa. Eu sei que eu não tinha condições mesmo de fazer. Ai foi minha família que fez pra mim essas comemorações todas. Em termos de trabalho também foi importante porque eu tinha pouco conhecimento. No segundo grau, a gente não conseguia os conteúdos que eram necessários pra você ministrar bem as disciplinas. No meu caso, eu já trabalhava no ensino de primeiro grau de 5ª a 8ª série, mas ainda tinha muita insegurança. Então na universidade eu consegui aprofundar meus conhecimentos, trabalhar melhor, aplicar melhor em sala de aula o que eu aprendi na universidade. Para mim, foi muito importante. A partir daí os caminhos foram se abrindo. Foi aparecendo convite para trabalhar em outras escolas. Melhorou o salário. Depois consegui sair do município, porque pagava muito pouco. Pedi demissão e fiquei trabalhando na Escola Santo Antonio; trabalhei uns meses no Caxiense. Depois fiz um

<sup>454</sup> LEITE, Edmée da Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 24.03.2010. Edmée da Costa Leite foi aluna da primeira turma de Ciências do CESC/UEMA, em 1970, quando tinha a denominação de Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias. Foi professora da instituição de 1979 a 1998.

concurso, um seletivo para trabalhar na supervisão do estado. Aí fui para São Luís. Fiz três meses de treinamento e voltei para trabalhar na supervisão, cargo que ocupei por oito anos. Isso tudo eu consegui através do curso que eu fiz na Faculdade.

Dalva de Almeida e Silva, docente do CESC/UEMA de 1979 a 2010, também corrobora a importância cultural e profissional do CESC/UEMA para as novas gerações na região:

Se o ensino superior não tivesse chegado até Caxias, poucos dos alunos que concluíram o ensino médio, digamos na época que estive à frente do Colégio Aluísio Azevedo, teriam como sair pra fazer ensino superior em outra cidade. Permaneciam as camadas abastadas daqui de Caxias mandando seus filhos para Salvador, Paraíba, Fortaleza, São Luiz. Mas a grande maioria continuaria aqui, como permaneceu antes do Ginásio Bandeirante, porque a condição socioeconômica da maioria das famílias caxienses não permitia. Permaneciam constrangidos a cursar, mesmo sem quererem ser professor. Muitos ingressaram no CESC/UEMA vindo de outros municípios porque era mais barato estudar aqui em Caxias do que estudar em Teresina, em Recife, sem sombra de dúvida.<sup>455</sup>

Raimunda Barros Borba, ingressante em 1979, testemunha:

Eu adentrei no CESC/UEMA pelo vestibular em 79 no curso de Estudos Sociais. Minha turma de 42 alunos: 5 de Caxias; 15 de Teresina e a outra parte de Codó, Pedreiras, Capinzal. Vinha um ônibus de Codó com alunos de Estudos Sociais, Ciências, Letras e Pedagogia. Em fevereiro de 82, eu terminei a licenciatura curta e voltei em para a plena em História.

Eu optei por História porque o curso de Geografia requeria uma fundamentação e conhecimento profundo em Matemática [...]. Nessa época, já encontrei uma turma com mais caxienses. A Universidade passou a ser vista pela comunidade caxiense, porque antes era vista mais pela clientela de outros municípios.

Eu vim fazer a Universidade por causa de minha mãe, meu irmão mais velho Joaquim ganhou uma bolsa do Tiro de Guerra, o Major veio aqui em casa e, o levou para Fortaleza e ele foi levando os outros irmãos mais novos, que iam terminando o ensino médio. Levou o José, levou o João. Era o José e depois seria eu. Mas não fui, porque nesse momento se agravou o problema de saúde de meu pai, pois era eu que o levava para o hospital, cuidava de tudo, cuidava dele em casa.

Então, como minha mãe ficou com remorso, pelo fato de ter deixado de ir para Fortaleza para ficar cuidando deles, sempre dizia: minha filha faça um curso superior aqui em Caxias. Mas eu não queria ser professora. Eu queria era cursar Administração de Empresa, que aqui não tinha. Um certo dia estava noticiando a abertura de inscrições para o vestibular pelo rádio, ela mandou pagar minha inscrição no banco e quando eu cheguei do trabalho ela disse: faça sua inscrição no vestibular. Inscrevi-me para Estudos Sociais. Passei. Foi uma alegria para todos.

<sup>455</sup> SILVA, Dalva de Almeida e. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, 30.03.2010. A Prof<sup>a</sup> Dalva, com formação em Ciências Jurídicas, ingressou como professora da FEC em 1979, quando era diretora do Centro de ensino de 2º Grau Aluísio Azevedo. Aposentou-se em 2010.

No início da década de 1980 a comunidade caxiense não queria estudar aqui devido ser licenciatura curta, ser magistério. A classe média, a pequena burguesia de Caxias não era muito voltada para professores, porque todo mundo queria ser médico, engenheiro e aqui só tinha formação de professores em licenciatura curta.<sup>456</sup>

Raimundo Luís, ingressante em 1981, depois de concorrer por doze vezes em vestibular para Medicina, em São Luís e em Teresina, apesar de ser filho de um pequeno comerciante de Caxias, ingressou no curso de Ciências:

Passaram comigo cinco pessoas nesse vestibular. Fiz a Licenciatura Curta em Ciências. Comecei a ver, comecei aprender e a gostar do magistério. Terminei a licenciatura curta e, em seguida, ingressei na Química, licenciatura plena. Formei-me e comecei a trabalhar. O meu primeiro emprego, como professor, foi no Colégio Frederico Chaves, a convite da professora Valquíria que, na época, era vice-diretora ou comandava o colégio. Nessa escola eu lecionei Ciências, lecionei Higiene e Saúde, Desenho e, posteriormente, eu consegui um contrato na rede estadual de ensino, estagiando ainda, no Colégio Aluísio Azevedo.

Na minha época eram poucas as pessoas que sabiam que em Caxias tinha curso universitário, ou por falta de divulgação da universidade, que até hoje sofre disso, ou porque as pessoas entendiam que tanto fazia ter universidade ou não ter, para elas não tinha nenhuma utilidade. Considere-se ainda que a UEMA se especializou aqui em Caxias em formar professores, só professores. E todos nós sabemos que a profissão de professor, de ser professor, é como se fosse a última das coisas a ser tentada. A coqueluche é médico, é enfermeiro, é ser doutor; o professor não, é doutor, ser dentista. Eu acho que os cursos não eram atrativos. A confirmação dessa coisa eu tive na época do mestrado, quando nós fizemos uma enquete no CESC, perguntando por que o aluno tinha escolhido ser professor de matemática, de física, de química, de biologia. Não para espanto meu, mas só para confirmar o que eu suspeitava, a maioria dizia que estava ali forçada pelos pais, pois não tinham condições de se manter, mesmo numa universidade pública que fosse, em Teresina ou São Luís. O ideal deles era ser médico, engenheiro, farmacêutico, enfermeiro, nunca ser professor. Daí eu acho que dá pra entender porque uma grande dos nossos egressos, que sai formada como professor, vai lecionar sem ter incorporado o ser professor.

O exemplo mais notório da importância do CESC é o alargamento das ideias das pessoas que assumem de fato, que acham que precisam de estudo; são os depoimentos dados por aqueles que conseguem alguma coisa e conseguem muito a partir da UEMA em Caxias. Pessoas que não tinham nenhuma perspectiva de crescer, de se desenvolver, de conseguir crescer.<sup>457</sup>

<sup>456</sup> BORBA, Raimunda Barros. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 23.04.2010.

<sup>457</sup> ALMEIDA, Raimundo Luiz Ferreira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, 20.03.2010. Disse também: “Quando, na época do professor Mamede como diretor da UEEC, tinha uma vaga para Química lá na UEMA, então fiz um teste, passei, graças a Deus, e comecei a lecionar no terceiro grau e desisti do primeiro nas outras escolas e fiquei só com a UEMA. Trabalhei sete anos como contratado substituto e depois, por força de lei, tivemos que nos submeter a um concurso público, o qual demorou em média dois anos ou mais para ser realizado.” Professor da instituição desde 1981.

O Prof. Francisco Zuilton Souza, que ingressou na UEMA em 1984, diz que:

Se o ensino superior não chegasse até Caxias a maioria da juventude, não teria como sair para fazer em outra cidade. Eu não sei quantificar precisamente, mas uma grande maioria não teria condições. Quem tinha condições ia para Teresina, São Luiz, Recife, para Fortaleza. Na época vinha dois ônibus de Teresina para cá. O número de alunos de Teresina era muito significativo.<sup>458</sup>

Francisco Limeira de Oliveira, professor do CESC/UEMA desde 1991 e ex-aluno de 1983 a 1992, assim testemunha:

Quando passei no vestibular em 83, a UEMA era praticamente um deserto. Turmas com um aluno aprovado. Cursos em que não aprovava nenhum. Mas para surpresa nossa, o curso de Ciências, para o qual geralmente só passavam 3, 4, 5... Passaram quase 30 pessoas em 83. A minha turma foi a maior de toda a história daquela época, algo que até então não tinha acontecido. Inclusive para Geografia passou 1, para História parece que tinham passado 3. As vagas ficaram ociosas. E um fato inovador, com a minha turma, em especial, foi a faixa etária. Porque antes você via nos corredores e nas salas de aula que 80% dos alunos do CESC-UEMA constituía-se pessoas de 60, 50, gente até de 70 anos de idade. Eu na época estava com 23 anos. Eu era o segundo mais velho da minha turma, tinha outro colega que já tinha 25 anos. Mas os outros eram todos na faixa de 19, 20, 21 anos. Foi a grande surpresa. A maioria das pessoas que faziam curso aqui, naquela época, já eram profissionais do Estado, do Município e estavam buscando apenas se qualificar para, terminar um curso superior, subir de nível na carreira do magistério e se aposentar. Havia poucos de Caxias. Eu acho que éramos uns 6, no máximo, em uma turma de 30. A maioria era de Teresina, tinha uns 2 de Codó. Nessa época a porta do UEEC ficava lotada de ônibus Timbiras, carros particulares, provenientes de Teresina. Pouca gente de Caxias acreditava na UEEC, isto é, na UEMA aqui. E as campanhas eram fortes contra a UEMA, pois, o pessoal preferia fazer uma faculdade fora, fosse até pior que a nossa em condições de infra-estrutura, mas era o fato de não fazer aqui. Isso aqui não era valorizado. Produto local. Então, a procura maior era do pessoal de fora, exatamente o contrário, embora o depoimento de egressos da UEMA, que estavam no Rio, São Paulo, Brasília, quando vinham aqui, para passear, faziam questão de passar na UEMA e diziam: "eu estudei aqui e quando cheguei lá fora fiz concurso, fiz um seletivo e fui um dos primeiros colocados. É muito diferente o que se aprende aqui do que se aprende lá fora. Aqui se aprende a fazer". Então, na época, esse pessoal tinha orgulho de ter estudado aqui. Quem já tinha estudado aqui, chegava e dava esse depoimento. Então, isso no meu caso, eu levava esses discursos, essas falas dessas pessoas para a comunidade, porque logo que eu entrei em 83 já comecei a dar aula no ensino médio, no Colégio Caxiense. E eu levava esses depoimentos para os nossos alunos, quer dizer, aí começa já a mudar. E eu sempre dizia: "Eu não queria fazer um curso de licenciatura. Eu queria fazer um curso de Engenharia. Mas a partir do momento que eu passei para um

<sup>458</sup> VIEIRA, Francisco Zuilton Gonçalves. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 23.03.2010.

curso de licenciatura, que eu me envolvi com o curso. Eu passei a gostar do que eu fazia e a fazer o que eu gostava. Então eu tinha que valorizar o que eu estou fazendo". Com isso eu acho que outras pessoas começaram a fazer o mesmo tipo de discurso na comunidade e a coisa começou a mudar. Na época, a origem dos estudantes era a escola privada. O perfil era da maioria esmagadora de escola privada. Tanto os de Caxias quanto os de Teresina eram de escola privada.

A prova da UEMA que era considerada pela crítica como a prova mais difícil do Brasil. Alguns professores daqui, alguns professores de São Luiz até tinham isso como um troféu. Diziam: "Para entrar na UEMA o cara tem que realmente saber". As provas eram subjetivas, de várias etapas. A prova era muito complicada. A prova de Matemática, a Prova de Física eram cálculos intermináveis, então você tinha que realmente ter uma boa base, principalmente em cálculo, senão você não conseguia passar naquela época. Era muito difícil. Mas eu consegui passar ainda nessa época. Depois, após uns 10 anos, foi mudado o sistema de prova.

Olha, acho que talvez eu poderia até esquecer o ano que eu entrei na Universidade, o ano que eu coleí grau, o ano que eu entrei como professor; eu poderia esquecer o dia, o ano em que eu fiz a defesa da minha dissertação, o dia que fiz a defesa da minha tese de doutorado; disso eu poderia até esquecer; mas das condições físicas do prédio da UEMA, na década de 80, isso eu não esqueço nunca! Por que eu não poderia esquecer disso? Porque várias vezes eu tive que assistir a aula debaixo de arbustos, sob a copa de árvores. E a maioria das salas eram divididas com tapume, com fórmica, compensado. Então a gente assistia a aula em "bacias"<sup>459</sup> praticamente, aquelas coisinhas comprimidas e eu posso afirmar que 50% das minhas aulas foram também em corredor. Então, esses corredores dos pavilhões B e C tinham duas, três salas de aula, sem qualquer divisória. Os professores tinham que se policiar para falar baixo, para não atrapalhar o colega que estava dando aula próximo a ele.<sup>460</sup>

Elizeu Arruda lembra da dificuldade que enfrentou para ingressar no ensino superior, pois o vestibular era rigoroso, e das dificuldades para sair, pois a falta de professores levava à pouca oferta de vagas para matrícula em disciplinas ministradas por outros departamentos.

Fui aprovado em 1993. Lembro que, durante esse período, havia a dificuldade para se fazer as matrículas. Tínhamos que vir praticamente com dois ou três dias de antecedência. Na sexta feira já estávamos aqui à noite. Então, já preparavam todo um aparato pra ficar mesmo: barraco!, filas, um camping! Uma espécie de *pic-nic*!

A questão do acampamento para conseguir uma vaga, era porque havia um numero restrito de disciplinas, principalmente no que tange as disciplinas pedagógicas. Havia certa desorganização na questão de distribuição das vagas das disciplinas. Independente do período que você cursasse, era quem chegasse primeiro que conseguia se matricular naquela disciplina. Mas eu lembro uma imagem, digamos muito representativa, das pedras, pois as pessoas às vezes colocavam pedras para substituí-las e para delimitar seu espaço. Então eu lembro bem que era uma complicação. Havia pessoas que chegavam zangadas, as quais diziam: mas como é que pode colocar pedras no lugar de gente? Ai tinha toda essa briga.

<sup>459</sup> Segundo o Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, baia é o "Compartimento ou espaço ao qual se recolhe o animal, nas cavalariças e estábulos; boxe".

<sup>460</sup> OLIVEIRA, Francisco Limeira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

De certa forma, era estabelecido um acordo tácito, pois as pessoas precisavam ir em casa para tomar banho, para fazer um lanche ou para fazer alguma refeição. Então deixavam ali uma pedra e o colega tomava de conta da pedra, para ficar exatamente atento para que não retirassem a pedra e não ocupassem aquele lugar. Eu lembro bem disso, que era um Deus nos acuda, era muito dificultoso. E isso às vezes fazia com que o aluno não se matriculasse em determinada disciplina e, conseqüentemente, fazia com que o curso demorasse, muito mais do que deveria, para ser concluído. Então eu lembro que nesses períodos iniciais essas imagens foram muito recorrentes e essa situação muito reiterativa.<sup>461</sup>

O egresso Francinaldo de Jesus Moraes também ressalta a importância da então denominada Unidade de Estudos de Educação de Caxias em sua formação cultural e profissional:

A minha família não dispunha de condições para que eu pudesse cursar nenhuma área do saber fora de Caxias. E devo dizer que a urgência da minha atuação no mercado de trabalho, para complementar a renda da minha mãe, foi porque exatamente eu não tive a presença de meu pai, a contribuição de meu pai na economia doméstica e na minha formação. Isso é uma ausência que ainda hoje, como diria Drummond, “é uma ausência muito presente” em digamos assim, de afastar-me da atividade laboral, porque isso sem dúvida faria uma falta enorme para minha família.<sup>462</sup>

Os testemunhos de professores e egressos deixam observar uma similitude de nossa realidade com a da sociedade francesa quanto às “preferências” pelos cursos, conforme “o livre jogo das faculdades naturais” que Bourdieu observou como “um desvio sistemático que faz, *grosso modo*, com que os estudantes originários das classes desfavorecidas se orientem antes para as faculdades de letras e de ciências e os estudantes das classes favorecidas para as faculdades de direito e de medicina”.<sup>463</sup> Então, os egressos do ensino de segundo grau particular pleiteavam vagas em cursos de medicina, direito, engenharia, economia e administração fora de Caxias ou iam fazer outras atividades, menos estudar para ser professor, porque era baixa a compensação financeira.

Um dos maiores condicionantes à formação discente foi o espaço físico da instituição, que não dispunha de salas suficientes para abrigar as aulas, haja vista

<sup>461</sup> ARRUDA, Elizeu. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 29.01.2010.

<sup>462</sup> MORAIS, Francinaldo de Jesus. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista com Francinaldo de Jesus Moraes, em Caxias-MA, 27.03.2010. Foi aluno de 1993 a 1998, quando da transição de UEEC para CESC.

<sup>463</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 262.

que o horário de aulas inicialmente era de 18 às 22 horas. A saída foi antecipar o horário para 16 horas, mas com grande resistência de alunos e professores residentes em Teresina,<sup>464</sup> porém não suficiente para solucionar o problema.<sup>465</sup> Mas o baixo número de aprovados não favorecia a reivindicação da ampliação do espaço físico, principalmente pelo fato de que não havia atividade docente pela manhã e pela tarde quase toda.

#### 4.2 o processo pedagógico.

A lei de criação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias não mencionava que seus cursos seriam de licenciatura curta. Mas a pressa do governo em suprir a demanda dos ginásios bandeirantes, que em 1970 já eram 84, e a possibilidade de aligeiramento na formação de professores, apresentada pela Lei 5.540/68, fizeram com que em Caxias houvesse a implantação de cursos de licenciatura curta, em período regular e parcelado.

Quadro 12 – Matrizes curriculares dos cursos da FFPEM de Caxias, em 1970.

<b>CURSOS</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>TEMPO PREVISTO</b>
LICENCIATURA EM ESTUDOS SOCIAIS	História Antiga	192 h/aula	5 s. e 2 d.
	História Medieval	192 h/aula	5 s. e 2 d.
	História Moderna	128 h/aula	3 s. e 4 d.
	História Contemporânea	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Geografia Humana	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Geografia Física	160 h/aula	4 s. e 3 d.
	Fundamentos de Ciências Sociais	164 h/aula	4 s. e 4 d.
	O S P B	164 h/aula	4 s. e 4 d.
	História do Brasil	256 h/aula	7 s. e 1 d.
	Geografia do Brasil	160 h/aula	4 s. e 3 d.
	Didática Geral	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Psicologia Educacional	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Administração Escolar	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Prática de ensino	129 h/aula	3 s. e 4 d.
	<b>CURSO COMPLETO</b>	<b>2.025 h/a</b>	<b>14 meses e 1 semana</b>
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS	Matemática	300 h/aula	8 s. e 2 d.
	Biologia	277 h/aula	7 s. e 4 d.
	Física	300 h/aula	8 s. e 2 d.
	Química	300 h/aula	8 s. e 2 d.
	Botânica	277 h/aula	7 s. e 2 d.

<sup>464</sup> Durante o dia os alunos eram trabalhadores e os professores tinham outras atividades na capital do Piauí.

<sup>465</sup> UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Relatório - 1987. Caxias-MA, dezembro de 1987. Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

	Desenho Geométrico	240 h/aula	6 s. e 4 d.
	Zoologia	157 h/aula	4 s. e 2 d.
	Elementos de Zoologia	163 h/aula	4 s. e 3 d.
	Psicologia Educacional	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Didática Geral	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Elementos de Administração Escolar	96 h/aula	2 s. e 4 d.
	Prática de Ensino	128 h/aula	3 s. e 4 d.
	<b>CURSO COMPLETO</b>	<b>2.430 h/a</b>	<b>16 meses e 3 semanas</b>
LICENCIATURA EM LETRAS	Língua Portuguesa	384 h/aula	10 s. 4 d
	Literatura Brasileira	192 h/aula	5 s e 2 d
	Língua Inglesa e Francesa	328 h/aula	9 s e 1 d
	Literatura Inglesa e Francesa	320 h/aula	9 s
	Língua Latina	288 h/aula	8 s e 4 d
	Literatura Portuguesa	96 h/aula	2 s e 3 d
	Didática Geral	96 h/aula	2 s e 4 d
	Psicologia Educacional	96 h/aula	2 s e 4 d
	Administração Escolar	96 h/aula	2 s e 1 d
	Prática de Ensino	129 h/aula	3 s e 4 d
	<b>CURSO COMPLETO</b>	<b>2.025 h/aula</b>	<b>14 meses e 1 semana</b>

Fonte: Documentos produzidos pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, fls. n. 18, proc. 2154/69. Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

No período regular, os cursos compreendiam atividades práticas e teóricas, distribuídas, respectivamente, nos turnos da manhã e da noite, tal como foi informado em carta-relatório:

As aulas da manhã, de 2ª a 6ª feira, serão especialmente aulas práticas, seminários, contatos pessoais, trabalho dirigido, mas os alunos que só puderem vir à noite terão suas faltas da manhã abonadas. Mas não ficarão dispensados da matéria então ministradas, nem dos trabalhos que estão se realizando.<sup>466</sup>

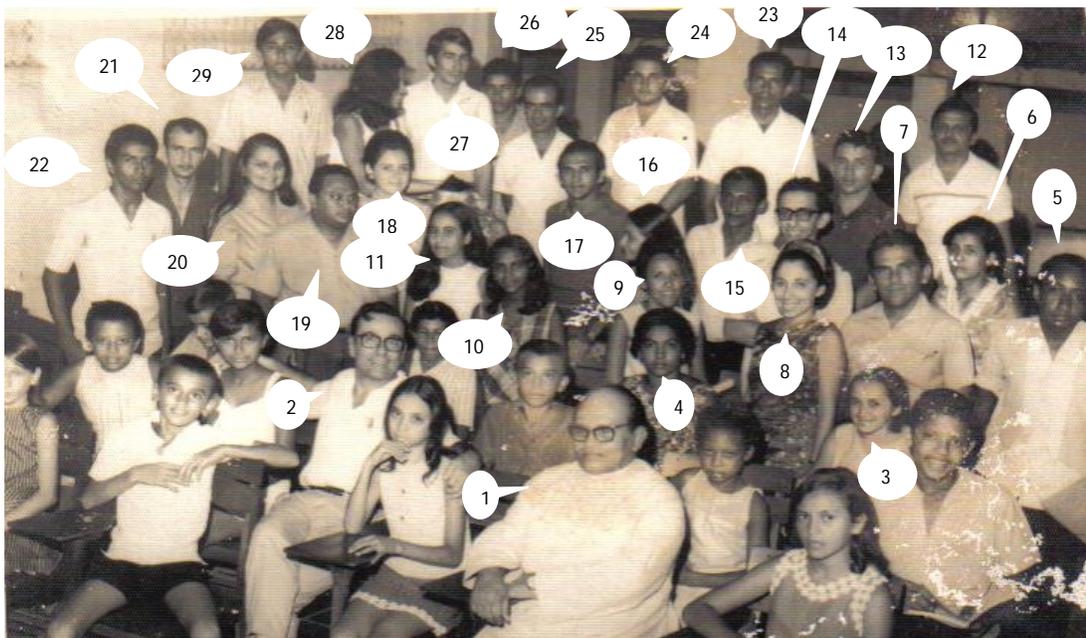
Havia uma preocupação por dotar o futuro professor de uma base acadêmica sólida:

A metodologia levada pelos professores naquela época consistia de: aulas expositivas; trabalhos individuais e em grupos, referentes aos assuntos ministrados; apresentação dos trabalhos; aulas práticas sobre os vegetais e solo, etc. E a avaliação era individual, com prova subjetiva. Mas à proporção que o curso foi andando os alunos foram deixando a Faculdade. Uns achavam que era muito difícil, era muito assunto, porque trabalhavam de dia e tinha que estudar para ir para Faculdade de noite. Então ficaram aqueles que realmente queriam estudar, porque não era fácil. Se ficasse um aluno pra provinha, para recuperação, era muito difícil ele ser

<sup>466</sup> SALUM, Isaac; AB'SABER, Aziz Nacib; MORAIS, Alexandre Eduardo Dias. Carta-Relatório nº 1, de 9 de janeiro de 1970.

aprovado na época. Os professores Paulistas eram rígidos. O certo é que a turma de Ciências, que iniciou com uns quarenta, terminou com catorze alunos. Eram alunos que realmente queriam estudar; eram dedicados.<sup>467</sup>

Figura 30 – 1ª Turma de Ciências da FFPEM de Caxias, em janeiro de 1970.



Nota: 1-Cônego Aderson, 2- Prof. Alexandre Dias, 3.Gina Bezerra, 4-?, 5-Gilson, 6-Irmã do Genival, 7-Genival da Funasa, 8-Aldeide, 9-Edmée Leite, 10-?, 11- M<sup>re</sup> da Graça Assunção, 12-Pedro, 13-Deusiano Bandeira, 14-Clemente, 15-Daniel, 16-Célia, 17-Gonçalo Pereira, 18-Graça Nunes, 19-Renato dos Correios, 20-Fca. Vasconcelos, 21-João Mendes, 22-José Viana, 23- Francisco de Assis, "o poeta", 24-?, 25-?, 26-Genésio Bebê, 27-Genival BB, 28-Filomena, 29-?. As crianças faziam parte de um projeto de aplicação prática do ensino de Ciências desenvolvido pelos estudantes da Faculdade.

Fonte: Acervo do DCE do CESC/UEMA, 2010.

Desde o início, três condicionantes preocuparam os professores: o tempo dos alunos para as aulas e para o estudo pessoal; a heterogeneidade da turma e o cansaço após a jornada de trabalho; falta de hábito de estudo e de material didático.

Quanto ao tempo dos alunos, foi procurada a seguinte solução:

Para ajudar a resolver os problemas que esse fato cria, temos estimulado a solidariedade e ajuda entre os alunos – naturalmente, fora das horas de provas! – e sugerido a formação de grupos de estudos de acordo com as afinidades pessoais, ocupacionais e de acordo com a localização das residências. Os mais interessados e mais capazes podem vir a ser excelentes auxiliares dos colegas e podem vir a dar excelentes instrutores ou monitores.<sup>468</sup>

<sup>467</sup> LEITE, Edmée da Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 24.03.2010.

<sup>468</sup> Idem. Carta-Relatório n° 2, de 26 de janeiro de 1970.

Essa solução foi testemunhada por Edmée da Costa Leite:

Foi criado sistema de monitoria nas turmas no curso de Ciências. Foram escolhidos dois monitores: Clemente e eu [Edmée]. Clemente era o aluno mais inteligente da classe. Era um menino que de tudo ele entendia; ele dava sugestão; ele fazia comentário. Na única disciplina que ele perdia para a turma era a pratica da Didática, pois a Teoria ele sabia. Se pedisse pra colocar a teoria em pratica, aí acabou o rapaz. Mas muito inteligente, Então ficamos nos dois. Ele ficou com uma turma dos colegas no morro, na Faculdade, e eu fiquei com outra no Cangalheiro. E para os nossos estudos, todo fim de semana, nos reuníamos na casa da Francisca Vasconcelos aqui mesmo no Cangalheiro. Então nós nos reuníamos pra estudar. O meu grupo era constituído de mim, Edmée, Antonio Gonçalves, José Viana, Graça Bezerra, Aldeide, Filomena Bezerra e Francisca Vasconcelos. Então era na residência dela [Francisca Vasconcelos] que nos reunimos pra estudar.

Então o Clemente ficava com os outros 6. Eram 7 aqui e 6 lá no Morro do Alecrim, na Faculdade. Eles estudavam em uma das salas da Faculdade. Então a atividade nossa, o nosso trabalho era ajudar os colegas com suas necessidades. Realizávamos sessão de estudos todo fim de semana. A gente aqui no Cangalheiro e ele lá na Faculdade com os colegas e. Também o monitor auxiliava o professor, colocando à disposição do professor todo material necessário às aulas, por exemplo ele dizia: Clemente, Edmée amanhã nós vamos ter aula de assunto tal, que necessita de tais e tais materiais. Quando ele chegava já tava tudo na mesa, as nossas aulas eram na primeira sala da Faculdade, ao redor de uma mesa muito grande, muito comprida e larga. Então nós ficávamos ao redor dessa mesa assistindo às aulas. A turma era tão interessada que quando o professor distribuía uma prova todos nós todos, sem exceção, baixávamos a cabeça. Se a gente soubesse responder respondia, o que a gente não soubesse responder não adiantava porque o colega não ajudava. Agente nem olhava. A gente levantava e entregava. Isso foi até o fim da atuação dos professores de São Paulo.<sup>469</sup>

---

<sup>469</sup> LEITE, Edmée da Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 24.03.2010. E disse mais: “Quando terminou o contrato ficaram os professores daqui mesmo, da cidade. O Dr. Jadhriel foi professor na Faculdade. Ele era um homem que sabia muito, um homem muito inteligente, um homem de conhecimento profundo, mas ele não tinha didática. E ele só gostava dos assuntos dos livros assim bem antigos. Um dia ele passou uma prova pra nós com 10 questões subjetivas, A prova era de Estatística. Mas eu havia encontrado aqui na estante de casa um livro antigo que tinha 10 questões de Estatística. Eu levei pro grupo e disse: olha gente, eu encontrei esse livro lá em casa, o qual tem 10 questões. A Francisca disse: será que são essas as questões? Eu disse: mesmo não sendo temos que praticar dentro do assunto. E tentamos resolver essas 10 questões. Houve uma que nós não conseguimos responder. O livro dava a resposta mas não dava o desenvolvimento. Houve outra que tentamos e não conseguimos encontrar a resposta, pois a nossa resposta dava diferente da resposta do livro. Mas nunca me passou pela cabeça levar aquele livro pra a outra turma lá em cima do Morro, nunca passou pela cabeça de ninguém, tanto que no final o Clemente ficou chateado, com razão, né! A gente devia ter levado! Quando foi na hora da prova que o professor distribuiu, a prova eram as dez questões. Sentava do meu lado o Antonio Gonçalves. Aí eu bati com o pé na perna dele. Eu, respondendo a prova, pensei: eu pergunto? Mas ele estava respondendo a dele sem olhar um pro outro. Não podia, não olhava, não! Aí ele disse: tu não és doida! Aí eu disse: professor, há uma questão aqui, a questão tal, nós tentamos resolver essa questão de várias maneiras, mas não chegamos à resposta do livro. O professor disse: se o desenvolvimento estiver certo eu considerarei a questão como correta. Aí eu levantei e entreguei, mas o Clemente ficou com muita raiva, com razão, né! Porque eu devia ter levado o livro para ele, mas ninguém na turma disse assim: vamos levar!. Era uma turma muito

Para amenizar os efeitos da heterogeneidade e o cansaço após o trabalho e o fato de muitos não poderem frequentar o curso durante o dia, propuseram:

A natureza intensiva dos cursos – 3 horas de manhã e 4 à noite – e o fato de que muitos dos estudantes trabalham ou são donas de casa, criam sério óbice a estudos além dos realizados nessas 7 horas. Temos pensado em recorrer a instituições que possam oferecer bolsas módicas de NCr\$ 200,00 mensais a algum dos estudantes mais esforçados, o que ajudaria muito a criar a elite básica. Estamos convencidos de que serão os melhores alunos pela dedicação e pela inteligência que salvarão a Faculdade de vir a cair no futuro numa rotina inoperante e perigosa.<sup>470</sup>

Na falta de hábito de estudo e de material didático propôs-se:

Estamos fazendo esforços para homogeneizar as classes. É preciso iniciar os alunos no hábito de usar a bibliografia, sobretudo os livros escritos em língua estrangeira, a partir da espanhola, com que não tinham contato, embora seja ela a mais fácil das estrangeiras. Aulas de leituras coletivas, com explicação e discussão da matéria, quando se conta com uma média de um exemplar para quatro alunos, dão fruto. Será bom que os professores que vierem dar Francês e Inglês para cursos de Letras dêem também, para todos os cursos, aulas de leituras de livros textos franceses e ingleses, leitura já diretamente em português, para que os alunos se habituem a usar obras nessas línguas como instrumento de trabalho: aulas sem qualquer explicação teórica, a não ser uma ou outra observação constrativa.<sup>471</sup>

Como, no início, a maioria dos 72 alunos matriculados trabalhava durante o dia, tentaram-se duas soluções: 1ª) preencher as vagas ociosas, utilizando como critério principal de seleção a disponibilidade de tempo para o estudo durante o dia; 2ª) estabelecer quatro horas/aula teóricas diárias de estudo à noite e duas práticas pela manhã, de 2ª a 6ª feira e oito horas no sábado, quatro pela manhã e quatro à tarde, sem prejuízo da qualidade e da integralização em 18 meses.

Mas já em abril havia se consolidado a prática das aulas só pela noite, das 19 às 22:30 ou 23 horas, com quatro aulas aos sábados, o que despertou enorme preocupação da parte de Aylton Brandão Joly (Ciências), Geraldina P. Witter, (Psicologia Educacional) e José Sebastião Witter (Estudos Sociais), que assim se expressaram ao Secretário de Educação:

---

consciente, gostava de estudar, era uma turma que queria chegar lá. Então, era esse o serviço do monitor.”

<sup>470</sup> Idem. Carta-Relatório nº 2, de 26 de janeiro de 1970.

<sup>471</sup> Idem, Carta-Relatório nº 2, de 26 de janeiro de 1970.

Acreditamos que os seguintes pontos que submetemos ao julgamento de V. Excia. devam merecer a devida consideração e encontrem no alto espírito de V. Excia. a solução cabível, que melhor atenda aos altos interesses da Educação no Estado.

1- O funcionamento dos cursos em Caxias, somente no período noturno, restringe, pelo menos, à metade, o tempo disponível para aulas. Isto acontece dada a impossibilidade da grande maioria dos alunos de freqüentar as aulas durante o dia, pois trabalham nas mais variadas atividades a fim de poderem manter-se.

2- Pelos mesmos motivos acima expostos os alunos não dispõem de tempo para fixar o aprendizado, cumprir tarefas complementares das aulas ou participar, por exemplo, nas áreas de Ciências, Estudos Sociais ou nas matérias pedagógicas, de atividades tais como excursões, pesquisas de campo, estágios de metodologia, etc., atividades como indispensáveis à boa formação do professor secundário atualmente.

3- Acresce ainda o fato dos alunos chegarem às aulas exaustos pelas atividades desenvolvidas pela manhã e à tarde e assim não conseguem acompanhar os trabalhos com a atenção necessária.

4- Ainda necessário se faz acrescentar que, desde o exposto, todo o aprendizado se restringe ao período de aulas, o que julgamos absolutamente insuficiente para a formação que se pretende.

5- Outrossim, conhecedores de que grande número de estudantes são presentemente funcionários públicos, acreditamos que, para estes existe a possibilidade de um *comissionamento*<sup>472</sup> (grifo nosso) pelo tempo de duração dos cursos. Para os demais a melhor solução parece-nos ser a concessão de bolsas ou um financiamento a longo prazo, a ser amortizado em parcelas, após o término do curso e conseqüente colocação do interessado no quadro de professores do Estado. Tais soluções deveriam, entretanto, a nosso ver, estar condicionadas a um aproveitamento a ser regulamentado.<sup>473</sup>

As cartas-relatórios atestam que, diante da realidade adversa, os professores priorizaram a formação à informação, pois só lecionaram dois terços do conteúdo programático, por causa do tempo encurtado e da real incapacidade da maioria dos alunos, sem base, sem tempo para o estudo e com falta de domínio da língua portuguesa, como assinalam a Prof<sup>a</sup>. Vilma Vasconcelos Maia (Biologia) e o Prof. Aldo Janotti (História Medieval):

Os alunos podem ser classificados em dois grupos distintos. Um, que infelizmente é a maioria, constituído de indivíduos que se caracterizam pela falta de base e de possibilidades para acompanhar um curso universitário

<sup>472</sup> Uma medida tomada por Fernando de Azevedo, em 1940, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para que esta saísse de uma crise pela falta de profissionalização dos estudantes foi o "comissionamento". "Um decreto [do Governador de São Paulo] determinou que professores de escolas primárias que passassem no vestibular dos cursos da Filosofia e tivessem sempre nota superior a 7 poderiam afastar-se das salas de aulas e continuariam a receber o salário de docente enquanto estudavam, artifício conhecido como comissionamento. Dessa forma a Faculdade encheu-se de ex-normalistas para formar bons professores secundários." O molde da excelência acadêmica. **Pesquisa Online**, da FAPESP, n. 101, p. 1 – 5, jul. 2004 Disponível em: < <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=2531&bd=1&pg=3&lg=> > Acesso em: 11.12.2009

<sup>473</sup> JOLY, Aylton Brandão; WITTER, Geraldina P.; WITTER, José Sebastião. Carta-Relatório, de 25.04.1970.

digno. Outro, a maioria, que, bem orientado, poderá perfeitamente produzir os resultados compensadores dos esforços que, entusiasmadamente, realizam as autoridades do Maranhão. De modo geral falta aos alunos hábito da leitura informativa e formativa – mal que é mais brasileiro do que maranhense – e a maioria não lê outra língua além do português.<sup>474</sup>

Mas o Prof. Massaud Moisés (Letras) disse:

Creio que os resultados são plenamente satisfatórios, e apenas não se tornaram mais auspiciosos por via de algumas circunstâncias:

- a) flagrante heterogeneidade dos estudantes, quer no tocante à bagagem de conhecimentos, quer no tocante à aptidão intelectual para o estudo das Letras;
- b) mercê de os estudantes, em sua maioria, trabalharem durante o dia, escasseiam-lhes horas úteis para o cabal cumprimento das tarefas escolares e às leituras necessárias ao andamento profícuo do curso;
- c) falta de suficiente material de trabalho, uma vez que das obras básicas e indispensáveis somente foram enviados<sup>475</sup> cinco exemplares, quando a classe se compunha de trinta alunos.<sup>476</sup>

Os professores Douglas Teixeira Monteiro (Sociologia) e Italo Caroni (Língua Francesa) viam como os mais sérios obstáculos ao êxito da FFPEM de Caxias, a falta de tempo para o estudo e o cansaço após o trabalho, por parte dos alunos. Segundo eles, o “comissionamento” seria uma solução, mas demonstrava ser inviável, pois a maioria dos estudantes-professores trabalhava numa escola pública e noutra particular. Outra solução era abrir duas linhas de atuação: uma, no tempo normal, em regime regular, destinada a alunos que tivessem tempo disponível e desejassem ter o magistério como profissão, ampliando a carga horária; outra, em período de férias, destinada ao estudante-professor, isto é, que trabalhava um ou dois expedientes e não tinha condições de acompanhar o ritmo do curso regular. Isso atrairia uma clientela mais jovem que estava se dirigindo a outros centros, por não reconhecer na Faculdade a possibilidade de oferecer título com valor elevado. E concluem:

<sup>474</sup> MAIA, Vilma Vasconcelos; JANOTTI, Aldo. Carta-relatório, de 03/04/1970.

<sup>475</sup> Os professores selecionavam a bibliografia básica e a coordenação do projeto na FFLCH a adquiria junto às editoras que enviavam os livros para a Secretaria de Educação do Estado, mas às vezes os livros só chegavam depois que o professor já havia lecionado a disciplina ou o número de exemplares era insuficiente, segundo algumas cartas-relatórios. Esse recurso era enviado pela Secretaria de Educação para a FFLCH toda vez que enviava numerário das passagens e da mensalidade para cada grupo de professores que viria lecionar.

<sup>476</sup> MOISÉS, Massaud. Carta-relatório, de 12/03/1970.

A manutenção de um curso regular durante todo um período letivo ininterrupto parece-nos importante. Primeiramente, desse modo seria garantido o suprimento de pessoal preparado para os quadros de ensino médio em nível de 1º ciclo e não apenas a oficialização de situações ocupacionais já constituídas. Em segundo lugar, um curso como esse poderia, como se pode presumir, constituir-se no cerne de uma escola de nível superior capacitada para formar professores de 1º e 2º ciclos e conectada com outras instituições de nível superior do País, encontrando nestas uma continuidade através de cursos de Pós-graduação e isso, não apenas de direito, mas de fato. Em terceiro e último lugar, um centro de ensino dessa natureza pode preencher funções inestimáveis como fonte de estímulo e de dinamismo para a cidade e para a região de Caxias, no que se refere à difusão de cultura e ao intercâmbio com centros mais adiantados.<sup>477</sup>

O Prof. Antônio Rocha Penteado corroborava os problemas apontados pelos demais, porém registrava: “que apesar dos muitos cursos que já ministrei em outras faculdades fora da USP, poucas vezes encontrou alunos tão interessados, atentos e atenciosos, como os da Faculdade de Caxias que assistiram as minhas aulas”.<sup>478</sup>

Há referência à falta de material didático por parte do diretor da FFLCH, Prof. Eurípedes Simões de Paula, nesses termos: “Os senhores Professores têm solicitado livros didáticos e materiais de laboratório, não tendo os mesmos sido atendidos por falta de verba e, por este motivo peço a Vossa Senhoria as providências que se fizerem necessárias ao atendimento destes pedidos.”<sup>479</sup>

Para Sílvia Maria Carvalho Silva:

A visão que os paulistanos colocavam para nós na sala de aula, era a de que a Faculdade tinha perspectiva de se transformar na realidade em uma academia, e não apenas num instituto de formação de professores de ensino médio, que era o objetivo do Estado.

A história antiga a gente estudava com Prof. Eurípedes naqueles livros do Buarque que eu não sei se ainda tem essa coleção lá na Faculdade. Eles trouxeram duas ou três coleções do Sérgio Buarque para gente estudar a História do Brasil. A Regina trabalhou conosco o levantamento das fontes primárias da história de Caxias, com a perspectiva de continuidade, de se resgatar, de se escrever a história de Caxias, baseado nos documentos e nos levantamentos que nós poderíamos fazer nesse período.

Erasmus era o professor de OSPB. Ele também trabalhou conosco a questão da industrialização, do processo produtivo. Fez uma visita conosco às indústrias Francastro e Sanharó. Então, despertou-nos para que fizéssemos um trabalho de pesquisa nessa área da industrialização e da organização do processo produtivo. Mostrava-nos a divisão do trabalho no processo produtivo de extração do óleo do babaçu.

Os professores de São Paulo trabalhavam muito a questão da competência. Eles diziam muito que o professor antes de tudo tem que ser um

<sup>477</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira; CARONI, Ítalo. Carta-relatório, de 04/07/1970.

<sup>478</sup> PENTEADO, Antônio Rocha. Carta-relatório, de 31/07/1970

<sup>479</sup> FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP. Ofício n° 4/71, São Paulo, 29/03/1971.

competente para poder entrar na sala de aula. Olha, se não estudar não adianta que você não vai ser professor. Então eles trabalhavam muito a questão da competência, antes de tudo. Tanto é que eles primavam muito pelo conteúdo mesmo, pelo conhecimento. Você tinha que estudar. Eles exigiam o fichamento de livros. Você tinha que dizer que leu. Você tinha que escrever para poder dizer que leu.<sup>480</sup>

Reafirmando a ação educativa dos professores da USP, para Valquíria Araújo Fernandes:

Eles mostravam que para a gente vencer na vida era preciso estudar. E, por isso, eles puxavam no duro e exigia muito do aluno. O índice de reprovação era alto porque eles achavam que o nível daqui de Caxias era baixo. E só com avaliação rigorosa eles conseguiriam alunos que fossem em frente, com mais responsabilidade.<sup>481</sup>

Francisca Araújo Silva fez o curso de Ciências de 1973 a 1976 e cursou Pedagogia de 1977 a 1980. Voltou para plenificar o curso de Ciências de 1986 a 1989 e o de Pedagogia de 1995 a 1999. Ela ressalta o papel mais nobre de uma instituição de ensino superior: ensinar a estudar.

Eu me sentia preparada, mas não o suficiente, ao concluir o curso. Então, tive que me esforçar muito e estudar muito para poder exercer minha profissão assim com muita responsabilidade; para poder passar os conteúdos com segurança. E eu sempre gostei de estudar e eu não tive muita dificuldade porque sempre fui professora de virar a noite com um monte de livros, lendo, planejando, criando coisas diferentes. Mas, assim, sair preparada mesmo para ir para a sala de aula não, estava não. Porém, ajudou demais. O que eu aprendi serviu para depois me aperfeiçoar. Uma coisa que também aprendi lá foi a estudar, porque no segundo grau ainda não tinha essa metodologia de trabalho de grupo, de debate. E isso eu já aprendi na universidade, que me ensinou a gostar mais de estudar, a ler mais. Eu tinha que ler muito. Aí facilitou o meu trabalho na escola. Quando eu fui fazer o curso de Pedagogia, havia uma disciplina em que era para a gente fazer um projeto, isto é, idealizasse um projeto para ser realizado mesmo. Então eu fiz o meu projeto de criação de uma pré-escola no bairro Seriema. E esse projeto foi bem estruturado mesmo. Eu ganhei dez nesse projeto. O grupo que estava comigo nesse projeto ganhou dez. Mas fui eu quem fez o projeto.

<sup>480</sup> SILVA, Sílvia Maria Carvalho. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 19.03.2010. Primeira bibliotecária da instituição, em 1970. Fez parte da primeira turma de Estudos Sociais. Depois fez Geografia em Fortaleza, retornando como professora em 1979, tendo permanecido até 1987, quando pede demissão e passa ao quadro docente da Universidade Federal do Piauí. Em 1995 retornou à instituição como assessora da diretora Valquíria Fernandes e em 1998 reingressa no quadro docente do CESC/UEMA

<sup>481</sup> FERNANDES, Valquíria Araújo. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 26.03.2010. Valquíria Pereira Araújo ingressou na instituição como professora auxiliar em 1970. Foi a primeira professora contratada para o quadro docente efetivo da FFPEM de Caxias. Foi chefe de departamento, diretora de curso e diretora do Centro de Estudos Superiores de Caxias (1995-1999). Aposentou-se em 1999.

Foi uma lembrança muito boa porque havia os alunos de Teresina. Eles eram muito convencidos em relação à gente de Caxias. Era uma competição na sala. E a gente já se sentia inferior pelo fato de eles virem da capital, mais preparados do que nós. E na sala eles faziam questão de mostrarem que sabiam mais do que a gente. Então, quando a gente conseguia fazer uma coisa que eles não conseguiam, era uma festa. E a professora ainda ficou divulgando o projeto de sala em sala.

Eu não sei se aquilo era só um complexo que a gente tinha, mas a gente tinha impressão de que os alunos de Teresina eram mais valorizados na sala de aula do que a gente. Por isso tinha aquela competição: os alunos de Teresina competiam contra os alunos de Caxias. A gente ficava, cada um, querendo estudar mais e isso era bom e a gente ficava querendo mostrar também nossos trabalhos bem feitos. E a gente estudava, discutia, debatia e mostrava que a gente também era capaz.

O método dos professores era bom, apesar de ter alguns professores que não levavam em consideração o conhecimento anterior do aluno. E certa vez, eu me lembro, um professor estava dando aula, ele falou isso: se o aluno sair do ensino médio, que na época era o segundo grau, para a universidade, ele tem a obrigação de saber os conteúdos do segundo grau para chegar lá e acompanhar o conteúdo da universidade, sem problema. Mas isso não era verdade, porque nem sempre a gente saía do segundo grau dominando todos os conteúdos.

Como a estrutura da universidade era muito pobre na época, eles usavam como recursos didáticos muitos álbum seriado. Lembro de umas professoras de Teresina que davam aula só com álbum seriado. Tinham muito trabalho e gastavam muito dinheiro porque era muita aula que elas davam, pra não ficar só falando, escrevendo. Mas houve época em que predominava como recurso didático só o retroprojektor. Mas nem todos os professores usavam-no.<sup>482</sup>

Essa rivalidade entre alunos de Teresina e de Caxias não se configurava como lutas próprias do interior de um campo, enquanto lugar de relação de forças, na acepção de Bourdieu,<sup>483</sup> mas simples emulação enquanto sentimento de igualação ou superação de outrem.

Maria de Fátima Félix lembrou do “Projeto de Integração da UEEC/UEMA à Rede Pública de Ensino de 1º Grau de Caxias” e do “Projeto de Melhoria dos Cursos de Magistério de Caxias”.<sup>484</sup>

Projetos aprovados e financiados pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação num programa de integração da universidade com as escolas públicas. Era um projeto para que a Faculdade se responsabilizasse, assumisse um compromisso para atuar, também no nível de ensino fundamental e do ensino médio, no sentido de buscar construir com os professores essa melhoria da escola pública.

Elaboramos o projeto para que a Faculdade não ficasse pairando sobre a cidade – era usada mesmo essa imagem da localização, que era o morro – sem mergulhar nas questões locais. Como está o ensino fundamental?

<sup>482</sup> SILVA, Francisca Araújo. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 14.03.2010.

<sup>483</sup> BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 27.

<sup>484</sup> Essa mesma informação foi corroborada por Aluizio Bittencourt, Maria de Fátima A. Rios, Irmã Gemma, Francisco Limeira, Raimundo Luiz Almeida e Lélia Cruz.

Quais são as suas questões? E dos cursos do ensino médio? Dos cursos de magistério? Como está essa formação? O que pode ser feito?

Esse projeto fez um desenho que comportou a seguinte estratégia. Os professores, de seis escolas públicas, recebiam uma bolsa, os quais no turno da manhã iam para a Faculdade para receber aulas, ao longo da primeira etapa, dos professores dos vários departamentos, fazendo uma revisão dos conteúdos próprios para a escola do ensino fundamental. Era tomado o currículo do ensino fundamental, do qual era retrabalhado o conteúdo, tanto do ponto de vista teórico como prático, de como melhorar a qualidade desse ensino nas escolas do ensino fundamental. À tarde, três vezes por semana, docentes dos departamentos iam para as seis escolas acompanhar o trabalho dos professores nas salas de aula.

Então, ao mesmo tempo se qualificavam os professores do ensino fundamental e nós nos qualificávamos enquanto professores do ensino superior, porque ao “descer o morro”, ao adentrar nas escolas de ensino fundamental, ao estar no dia a dia lá dos professores na sala, nós tomávamos conhecimento de quais eram as dificuldades reais, quais eram as necessidades das crianças, dos professores e dos pais dessas crianças.

E aí o programa comportou também uma derivação, que era realizar, bimestralmente ou semestralmente, encontro com os pais dessas crianças. Então nós trabalhamos com os professores, com os pais dessas crianças e também com os funcionários administrativos das escolas.

Era como se tivéssemos compreendido que o ensino superior não poderia se dissociar do ensino fundamental e do médio, jamais. Por isso, talvez, um maior desencontro na formação de professores, era devido ao fato de os cursos de ensino superior, as licenciaturas, não mergulharem na realidade do que ocorria na escola fundamental e na média.

Num primeiro momento, os professores das escolas que foram escolhidas, pela Diretoria Regional de Educação do Estado, ficaram muito arredios, muito resistentes. Mas depois, ao final do projeto, eles não queriam jamais se separar de nós. Eles não queriam, sob hipótese alguma, que o projeto se encerrasse, porque eles foram se sentindo apoiados, foram se sentindo, ao lidar com as dificuldades que eles tinham que enfrentar, tendo um suporte, um espaço onde se dava a discussão do que fazer, porque fazer, como melhorar a condição desse ensino, como melhorar o funcionamento da escola, como melhorar a relação da escola com a família.

Tudo isso foi sendo tratado. E os professores foram se qualificando mais e foram se motivando. Claro, eles tinham motivação porque recebiam uma bolsa, porque eles tinham um suporte para fazer a própria aquisição de novos materiais, de novos livros, de aprofundarem seus estudos.

É interessante que na ida para as escolas, à tarde, junto com os professores iam também alunos das licenciaturas, selecionados também como bolsistas. E eles foram também se contaminando com a realidade das escolas, motivando-se a discutir, nos seus cursos, nas suas disciplinas, à noite com os seus professores, os problemas que eles viam. Então começou a circular um conhecimento que se reconstruía, tanto no âmbito teórico como prático que ia fazendo, digamos assim, certa dinamização, que acabou destacando a Faculdade, naquele momento, por essa sensibilidade que teve de se envolver profundamente com a rede das escolas públicas.

Fizemos isso com o ensino médio, com os cursos de magistério. Aí a dinâmica era diferente. Nós tínhamos encontros quinzenais com os professores que lecionavam disciplinas que eram dos cursos de magistério. E esses professores, então, vinham também trazendo seus diagnósticos, as suas problemáticas. E fazíamos um debate teórico e um programa de estudo, com eles, para na quinzena seguinte se fazer o debate de leituras.

E aí começamos a trazer de fora os livros para cá. Encarregávamo-nos de fazer os pedidos para livrarias ou editoras. Os professores compravam os livros e estudavam. Enfim, iam fazendo esse debate se ampliar.

Os de ensino médio também tinham uma pequena bolsa. Essa bolsa quase todos destinavam à compra de livros. Foram aumentando suas bibliotecas. Mas a idéia era fazê-los estudar mesmo. Então, fazíamos um estudo junto. O que era colocado para debate tinha que voltar no encontro seguinte.

Aí estávamos todos nós implicados com esses níveis de ensino. O ensino médio, o ensino superior e o ensino fundamental, e fazendo circular o conhecimento. Porque o conhecimento obtido sobre o que acontecia na sala de aula do ensino fundamental se tornava elemento de provocação para o ensino médio, no curso de magistério, e no curso superior.

Eu coordenei esse projeto até a minha saída para o doutorado, em 1985. Eu coordenei a 1ª fase, que durou dois anos, e depois a professora Mirian assumiu a coordenação na 2ª fase.<sup>485</sup>

Esse projeto foi elaborado por nós do Departamento de Pedagogia.<sup>486</sup>

Essa experiência exitosa ainda é lembrada com frequência nos corredores e espaços de discussão da instituição como marca de um tempo em que a instituição estava assumindo o seu papel na comunidade, obtendo desta o reconhecimento enquanto legitimação do que Bourdieu chama de arbitrário cultural.<sup>487</sup>

Muitos professores da Faculdade, portadores de diplomas de bacharelado, para desenvolverem a ação pedagógica, aprenderam o processo de ensino na prática docente. Mas Aluizio Bittencourt, apesar de não ter sido preparado pela Faculdade para lecionar, teve a colaboração da equipe do colégio de ensino médio no qual lecionava também.

Imagino o início do magistério para mim como um parto com dor, porque eu não tinha habilidade para magistério. Eu era um técnico. Eu não tinha essa visão. Jamais pensei que um dia eu fosse ser professor. Eu afastava tudo isso da minha frente quando recebi o convite. Mas o que me ajudou muito foi o fato de que, na mesma época, mês de março de 1977, no mesmo dia eu entrei aqui como professor, à noite, de Química, à tarde entrava no Colégio Aluizio Azevedo que, por coincidência, funcionava nesse mesmo prédio da Faculdade. Eu não recebi, na Faculdade, nenhuma orientação, nenhum direcionamento, nenhuma informação de como dar uma aula.

Já no Colégio Aluizio Azevedo, eu recebia uma grande informação que me levava a ter uma visão do que era ser professor. Eu recebia treinamento. Eu recebia, enfim, toda uma bagagem que me conscientizava da função que eu estava assumindo. Isso foi fundamental pra mim. Devo isso à diretora do

<sup>485</sup> UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Relatório anual – 1987. Caxias-MA, dezembro, 1987. Esse relatório indica que o projeto está sem perspectiva de continuidade, haja vista que sofreu um corte de 50% no seu orçamento, sendo assim expresso: "Outro problema foi o corte de 50% no orçamento do Projeto pela SESu/MEC que determinou a não realização de algumas atividades e a diminuição do valor das bolsas de professores e estagiários". Essa experiência foi narrada por Aluizio Bittencourt, Raimundo Luís Almeida, Francisco Limeira de Oliveira, Maria de Fátima Alencar Rios e Lélia Cruz.

<sup>486</sup> FÉLIX ROSAR, Maria de Fátima Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão. Pertenceu ao quadro docente da instituição de 1976 a 1990, porém ainda estabelece relações com a mesma através de visitas e palestras.

<sup>487</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 36-37.

colégio, a fundadora do colégio, a primeira diretora, a professora Maria de Fátima Costa Félix. Devo isso à equipe dela que era uma equipe muito boa, da qual faziam parte a Prof<sup>a</sup> Denei, a Prof<sup>a</sup> Edmée e a Prof<sup>a</sup> Carmelita.

Não posso negar que meu magistério começou aí e meu desempenho aqui na UEMA não creio que tenha sido tão bom, mas também não foi dos piores, graças ao ensinamento que recebi no Colégio Aluizio Azevedo, no qual eu permaneci por cinco anos. Esses ensinamentos foram muito importantes para compreender o aluno o comportamento do aluno, pois nossa função principal como professor era a de educador. Mas a partir desse tempo me envolvi de tal forma que fui gostando do magistério.

Existem professores que se dedicam, que se identificam com a instituição, que se preocupam com o perfil do profissional que nos estamos formando, mas existem por outro lado os que chegam aqui simplesmente para dar a sua aula e muitas vezes deixar passar o tempo para dizer que esta cumprindo com sua obrigação sem estar, sem corresponder. Infelizmente, a gente não pode fazer nada mas que existe, existe. Isso é uma realidade, um fato, não só no magistério, mas em toda profissão. Mas no magistério não se admite, tendo em vista que a gente está formando profissionais. E o profissional sai com a cara dos seus mestres, dos seus professores.

Se eu chegar para ser professor de Química Analítica e não mostrar o principal objetivo dessa disciplina, esse aluno no futuro vai ser professor de Química Analítica mas com os defeitos e se quer aprendeu os caminhos que o professor mostrou.

Mas acredito que em torno de 70% se preocupa com seus alunos. Uma minoria que vem para cá só pra cumprir seu papel, só dar o recado como se diz, e vai embora. É convocado para as reuniões e não vem, não lê os avisos, não observa nada na sala de aula mesmo, não está ligado.<sup>488</sup>

Aluizio era arredo ao exercício do magistério, mas sua fala corrobora a tese de Marx de que “são justamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado”.<sup>489</sup> Nesse discurso é evidenciado que os mesmos agentes que direcionavam a educação, em Caxias, em nível de ensino médio público, compunham o quadro docente do ensino superior, provocando uma interface entre os dois níveis de ensino.

Prof. J. Cardoso lembra que ao ingressar na FEC, uma pessoa que o apoiou bastante, orientando-o e que, como professor, conversava bastante com ele, foi o Padre Cláudio. Mas uma recordação do início do magistério na Faculdade foi a de que, durante algum tempo, perseguia-o certo nervosismo. E disse mais:

Nesse tempo se usava giz, quadro negro e havia aquela espécie de pressão para se fazer plano de aula. Dava uma tensão, aquela coisa pressionada. Às vezes antes de entrar em sala tinha que fazer aquilo às pressas, montar aquela aulinha. Isso durante algum tempo me chateou, me perturbou, mas lá durante a aula a pessoa se solta.

<sup>488</sup> BITTENCOURT, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, em 05.02.2010. Bacharel em Bioquímica em Recife.

<sup>489</sup> MARX, Karl. Teses para Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 118.

Nas reuniões departamentais tinha essa proposta de preparação de aula, para o professor não se perder e saber o que ia fazer.

Também você começa a se deparar com um alunado diferente, aqueles grupinhos. Ainda hoje existe. Também você começa a se deparar com aluno indisciplinado, aquele grupinho. Você fica machucado. Ainda hoje me machuca, pois não presta atenção e fica com conversa paralela.

Eu cheguei a botar aluno para fora de sala da Faculdade. Aluno conhecido nosso que hoje é professor. Cheguei a botar! Pedi com toda gentileza que se retirasse. Não tinha como conseguir terminar a aula por causa disso.

Eu comecei a aprender a administrar essa coisa de indisciplinada de aluno, de nível superior que não é compenetrado da idéia de superior e de respeitar o professor ali presente.

Comecei a administrar isso. Algumas vezes quando um aluno estava conversando, completamente desligado, incomodava ministrando aula, então pedia licença e chamava o aluno: Por favor, venha aqui! Mas pedia com muita delicadeza que ele dissesse alguma coisa, falasse sobre o assunto. Fiz isso às vezes. E consegui, algumas vezes, esfriar aquela postura assim deslocada. E outras coisas que comecei a falar assim, a aliviava a minha tensão e talvez a deles.

Mas essa coisa no início começou a mexer comigo, com minha estrutura.

Muitas lições de moral eu dei. Não tinha como. Seja quem fosse, não queria nem saber.

Quanto ao período da ditadura militar, parece que passou ao largo, na medida em que eu estava preocupado com a minha disciplina. Porque na minha disciplina sempre fui uma pessoa que gostava de fazer crítica. Tinha uma linha crítica, dentro do possível e dentro daquilo que fosse razoável, atual naquele momento. Se a repressão atuou contra alguém, ou alguém se sentiu tolhido por isso, mesmo psicologicamente, eu não. Agora onde eu senti isso muito forte, no calor mesmo da repressão, foi no Rio.<sup>490</sup>

A autoridade pedagógica (coordenação pedagógica e departamentos), para um melhor desempenho da ação pedagógica, impunha aos seus agentes (docentes) um planejamento das ações a serem desenvolvidas pelos mesmos junto aos alunos. Essa ação desagradável para o professor era exigida para que este pudesse se orientar em sala de aula e ter o controle da turma. E, diante de situação de indisciplinada, ele não descuidava em exercer sua autoridade e aplicar meios de tradicionais, tipo retirada da sala e “lição de moral”, e modernos, chamando o aluno à participação. Então, essa narrativa evidencia que tanto o professor quanto o aluno são objetos da violência simbólica imposta pela autoridade pedagógica em sua ação pedagógica, segundo Bourdieu:

Enquanto poder de violência se exercendo numa relação de comunicação que não pode produzir seu feito próprio, isto é, propriamente simbólico, do mesmo modo que o poder arbitrário que torna possível a imposição não

<sup>490</sup> CARDOSO, José de Ribamar. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 30.01 e 01.02.2010. Em 1968 ingressou no curso de Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas em 1969 mudou para o curso de Biologia, que abandonou seis meses depois, tendo voltado para a Filosofia na Faculdade de Filosofia de Fortaleza-CE, no período de 1972 a 1977. Ingressou na Faculdade de Educação de Caxias – FEC em 1978.

aparece jamais em sua verdade inteira (no sentido da prop. 1.1),<sup>491</sup> e enquanto inculcação de um arbitrário cultural realizando-se numa relação de comunicação pedagógica que não pode produzir seu efeito próprio, isto é, propriamente pedagógico, do mesmo modo que o arbitrário do conteúdo inculcado não aparece jamais em sua verdade inteira (no sentido da prop. 1.2),<sup>492</sup> a AP [Ação Pedagógica] implica necessariamente como condição social de exercício a autoridade pedagógica (AuP) e a autonomia relativa da instância encarregada de exercê-la.<sup>493</sup>

O professor ressalta que, apesar de desenvolver, na sua ação pedagógica, uma linha crítica, não foi atingido pela ditadura militar.

Dois obstáculos fundamentais se antepõem ao processo pedagógico desenvolvido na instituição desde a sua criação: falta de professores e de espaço físico, como enfatizaram os testemunhos. Ressaltou Raimunda Borba:

No curso de Historia e Geografia, quando fui aluna aqui, a gente teve muita dificuldade pela carência de professores, principalmente professores que dependiam dos outros departamentos.

O espaço físico daqui pouca coisa mudou. Nós tínhamos aula “debaixo da mangueira,” como dizia nosso amigo Paulo Freire, debaixo das acácias. Havia sempre essa dificuldade do espaço físico não só para Historia, mas para todos os cursos.

Hoje brinco com o professor Alcides,<sup>494</sup> porque eu o chamava de sargento. Ele tinha aquela preocupação de que a gente aprendesse. Quando ele voltava de férias trazia bibliografia nova para a gente olhar. Ele falava para a gente comprar livro. Ele dizia: esse livro é bom, peça pelo correio. Não tinha essa facilidade de você adentrar na *Internet*, mas ele se preocupava em pedir o livro para vender na sala para que você fosse melhorando seu conhecimento historiográfico, principalmente na historia do Brasil.

E eu digo muito que aprendi historia do Brasil Graças ao Alcides porque ele era tradicional mesmo. Ele tinha aquela preocupação com aprendizado do aluno. Eu lembro muito da frase que ele dizia: de nós da classe média, classe pobre que nós somos, só vai quem sabe. Quem não sabe fica atrás. Ele usava muito essa frase: estudem, estudem, estudem!

Inclusive eu sempre falo na minha sala: quando eu trabalhei história, Ciências Políticas, com o professor Alcides ele nos deu pra fazer uma pesquisa em Caxias sobre a fome.

A professora Didô (Maria das Dores), era muito preocupada com o ensino de historia ela trabalhava muito essa cultura de uma historia mais dialogada,

<sup>491</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Op. cit.* 2009, p. 27. “A AP é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação)”.

<sup>492</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Op. cit.* 2009, p.29. “A AP é objetivamente uma violência simbólica, num segundo sentido, na medida em que a delimitação objetivamente implicada no fato de impor e de inculcar certas significações, convencionadas, pela seleção e a exclusão que lhe é correlativa, como dignas de ser reproduzidas por uma AP, re-produz (no duplo sentido do termo) a seleção arbitrária que um grupo ou uma classe opera objetivamente em e por seu arbitrário cultural”.

<sup>493</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Op. cit.* 2009, p. 32/33.

<sup>494</sup> Hoje professor renomado da Universidade Federal do Piauí.

ela trabalhava essa questão da preservação do patrimônio, pra ver as questões das construções.<sup>495</sup>

Mas não pouco frequentes foram testemunhos sobre professores que, pela dedicação para que seus alunos tivessem a melhor formação possível, foram erigidos à condição de verdadeiros monumentos na memória de ex-alunos, a exemplo da professora Didô, Maria das Dores Batista da Silva,<sup>496</sup> e do Professor Alcides Nascimento,<sup>497</sup> citados por Raimunda Borba.

Raimundo Luíz, ex-aluno, lembrou, com tristeza, um tipo de docente em cuja prática não manifestava interesse em oferecer o melhor para o aluno desincumbir-se na profissão, os quais foram lembrados pelo que deixaram de fazer.

Embora os professores do Piauí trabalhassem com afinco, com honestidade e tentassem repassar aquilo que eles entendiam que era importante para a gente, não só na licenciatura curta como na plena, nós sofremos muito. Porque, no meu entendimento, os professores não se preocupavam com o futuro dos próprios alunos. Nunca imaginavam, acredito eu, que um aluno do UEEC pudesse se tornar especialista, mestre, doutor. Não havia essa visão. Não despertavam essa coisa.

E pasme! Nós fazíamos curso de licenciatura plena em Química com os livros adotados no segundo grau. Nem títulos, nós não sabíamos, nem os nomes dos livros de terceiro grau. Os livros que nós sabíamos era Antonio Lemos, Sardela, etc. usados no meu segundo grau, tanto de Matemática como de Química e de Biologia.

Professores que tinham alguma formação ministravam diversas disciplinas: Biologia, Sociologia, Química. Por isso, acredito, a pouca qualidade que ainda tinha perdia-se mais, porque ninguém é detentor desses conhecimentos todos para estar ministrando disciplinas completamente diferentes da sua formatura.

Isso era tão verdade que eu sofri na pele isso quando eu saí daqui para fazer pós-graduação em Belo Horizonte. Lá eu me senti o pior dos piores alunos quando me pediram que eu nominasse os autores de Química do terceiro grau. Eu não sabia um! Eu não quero culpar o professor de química, de biologia. Eu deveria pegar por conta própria e pesquisar e olhar. Mas naquela época não tinha o computador, livraria nós não tínhamos. As poucas livrarias que tinha aqui eram só de ensino médio.

O pecado maior, no meu entendimento, era que os professores sequer alertavam. Na minha concepção, o livro era aquele que estava sendo usado. Era aquele o livro de Química. Só que havia outro livro.

Quando nós começamos, o Davi, eu, e o Euba Neto, fomos criticados por adotar e praticar uma bibliografia de terceiro grau, aqui no CESC. Começamos a mostrar uma serie de coisas que aprendemos lá. E os professores que foram nossos professores diziam que nós queríamos

<sup>495</sup> BORBA, Raimunda Barros. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 13 e 23.04.2010.

<sup>496</sup> Professora do curso de Estudos Sociais desde 1971, quando cessou o convênio com a USP. Faleceu em 1981, causando grande comoção na Faculdade de Educação de Caxias, segundo Irmã Gemma Carvalho (Cf. CARVALHO, op. cit., 2007, p. 136/137).

<sup>497</sup> Professor da Universidade Federal do Piauí. Lecionou na Unidade de Estudos de Educação de Caxias de 1986 a 1991.

aparecer, que aquilo dali não era para ser dado aqui, que os alunos daqui eram para ser professores do ensino médio.

Eu aprendi aqui ensino médio pra ensinar ensino médio. Gente, eu tenho uma concepção completamente diferente: para que eu possa ensinar o segundo, eu tenho que ter o terceiro, eu tenho que estar à frente do meu aluno, eu tenho que ter conhecimento mais que meus alunos e não me limitar com o conhecimento dele ou só com esse livro aqui. E foi uma “briga”, uma ciúmeira. Eles acomodados com aquela cartilhinha do ensino médio e nós injetando um nível de terceiro grau que eles não aceitavam. Eles achavam absurdo o que nós estávamos fazendo, mas como os alunos entenderam também, os professores não tiveram outro remédio, senão acompanhar o que nós estávamos fazendo.<sup>498</sup>

Raimundo Luíz, a exemplo de outros ex-alunos e professores da época, lembra da experiência exitosa no processo pedagógico da UEEC/UEMA de 1983 a 1988, denominado “Projeto de Integração da Faculdade com a Rede Pública de Ensino de 1º e 2º Grau de Caxias”, que se tornou campo de estágio para alunos de todos os cursos.

Era encabeçado pelas professoras Fátima Felix, Miriam, Carmelita, Denei e Edmée da Costa Leite. Envolvia todas as disciplinas. Era uma coisa interessante: os professores que lecionavam à tarde vinham pela manhã para Faculdade. Então íamos todos preparar aulas para à tarde mostrar como é que era para dar a aula da disciplina daquela professora, lá na escola. Acredite o quanto desenvolveram as professoras daquela época: já começaram a planejar as suas aulas. Vinham livros, apostilas, tinham aulas e sempre em turnos alternados, isto é, os professores que ministravam aula à tarde, do estado, vinham para a Faculdade de manhã. Saíam de lá às 12 horas só para almoçar e tomar banho em casa, e depois iam para a escola para aplicar aquilo que foi visto de manhã.

Isso foi quase durante um ano que eu participei desse projeto como assessor, fazendo apostilas, inclusive sendo monitor. Ia lá para ver o que estava acontecendo na sala do professor ou da professora, monitorando mesmo. Por exemplo: uma sentença matemática foi colocada de forma incorreta pela professora, isto é, não foi do jeito que nós mostramos aqui pela manhã. Eu tinha que prestar conta das coisas. Então a professora era chamada, ela sabia que tinha dito: “vamos aqui recordar não sei o que”; “vamos desenvolver isso aqui”.

Exatamente o que eu havia informado para a equipe, como “dedo duro”: “Professor/a você não acha que está meio equivocada?” E ela dizia: “Não minha ‘fia’, é isso assim e assim...”

“Você tem que chegar lá e dizer para seus alunos”. E era eu quem fazia esse *feedback*, essa ponte do que era ministrado na minha área, que era química, ciências, inclusive matemática. Aluno [de Ciências], só tinha eu, fui o único agraciado. Os outros eram a Rosângela, que trabalhava lá também, e os professores. Eu é que, inclusive, saía distribuindo livros com o Sr Raimundo naquele carro branco, aquela vanzinha branca. Botava nas costas e levava. E eu acho que por isso fui caindo na simpatia das pessoas

<sup>498</sup> ALMEIDA, Raimundo Luíz Ferreira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 20.03.2010. Fez licenciatura curta (1981-1983) e plena (1986-1988) na instituição, onde também foi funcionário administrativo de 1983 a 1991, quando passou à condição de professor substituto até 1996, quando, por concurso público, foi efetivado no quadro docente da UEMA.

lá de dentro, porque eu não visava só a bolsa de estudo. Eu não ia para lá obrigado. Assim fui estagiando Ciências. Eu saía às 12 horas em ponto, ia para casa a pé, almoçava, banhava, trocava de roupa e ia para o bairro Ponte, para o colégio Costa e Silva a pé; eu, [M<sup>a</sup> de] Lurdes Paula e [Isabel Dolores Leão Brito] Bebel. Quando chegava lá, naquela praça em frente ao colégio, já estavam a [Edmée Leite] Edmesinha, sentada me esperando, e a professora Fátima [Alencar].

Eu nunca faltei um dia, e a Prof<sup>a</sup>. Edmée só foi 3 dias. Às vezes eu estava lá, ela chegava. Eu chegava meia hora antes de iniciar as aulas. Ela se impressionou tanto com a minha responsabilidade que ela disse que não ia mais uma hora para ver se eu chegava uma hora. E eu continuei fazendo a mesma coisa que vinha fazendo antes. Às vezes chegava primeiro a Edmée, depois chegava a Fátima ou chegava a Fátima e depois a Edmée, mas estavam sempre presentes no estágio, diferentemente do que acontece hoje.

“Faltou professor!” Eu substituía. A professora da cadeira ficava estagiando e eu ia lá para outra sala substituir a professora que tinha faltado por qualquer motivo.

Esse projeto ficou na memória da maioria dos alunos e professores que dele participaram como o sinal mais patente do compromisso da Faculdade com a comunidade e de eficiência da prática pedagógica da instituição.

Em meio às limitações na formação docente no CESC/UEMA na década de 1980, há que ressaltar o protagonismo de estudantes ao participar de eventos formativos em outras instituições, em outras localidades e com recursos próprios, na perspectiva de acumular capital cultural, cuja aquisição possibilitou ao ex-aluno, e atual professor do CESC/UEMA, Francisco Limeira de Oliveira, lograr êxito em seleção para professor do curso de Biologia em 1993, segundo suas lembranças:

Os eventos que existiam por aqui, na época em que fui acadêmico, e que hoje até a gente sente saudade, eram os CEUMA (Congresso dos Estudantes da UEMA); eventos promovidos por alguns cursos, pois era comum na época o diretor ou diretores ou chefes de departamentos, até para fazer uma política de que estavam trabalhando pela melhoria, iam a Teresina convidar um professor amigo da UFPI para dar um curso de 15 horas, de atualização matemática, de atualização em microscopia. Eu tenho alguns certificados desses de matemática, de práticas de laboratório. Era isso basicamente o que acontecia na época.

Mas não tinha eventos assim, até como já foi dito, de produção científica na UEMA. Já existiam pessoas qualificadas na época. Já existiam mestres. Nós tínhamos na época um professor doutor, pelo menos, que era o Professor Padre Claudio, e vários mestres que apontavam para a gente dizendo que eram mestres, mas na verdade não eram mestres.

Era tudo assim posto para os alunos: "Olha, essa pessoa é diferente porque ele tem o título de mestrado". Coisa nenhuma, era tudo ilusão, mas existiam de fato mestres aqui na época, só que não se envolviam com a produção científica. Quando um aluno queria conhecer essas novidades ele tinha que se deslocar para São Luiz e para Teresina para buscar essas informações, pois ainda não tinha *internet*.

Eu ganhava pouco já trabalhando nas escolas por aí, mas tirava um dinheirinho e ia para Teresina. Fui várias vezes fazer cursos, participar de

seminários, participar de simpósios e nenhum deles por sinal foi feito na própria Federal, pois era evento "chique". Parece que todos os eventos que eu participei em Teresina foram no Hotel Rio Poty. Quer dizer, era até um motivo para a gente se sentir gente, se sentir valorizado. "Poxa, eu estou aqui no Hotel Rio Poty assistindo em uma sala climatizada!". Na época ainda não era *data show*, mas era um retroprojeto, projetor de slides. O cara fazia os slides e projetava aquilo, quer dizer, era fantástico!

Fui em São Luiz uma vez somente para participar de um seminário de iniciação científica da UFMA, pois na UEMA na época não existia tal evento. Eu tenho esses certificados e, diga-se de passagem, foram esses certificados que eu adquiri indo a São Luiz ou a Teresina, para participar de eventos, que me levaram a ser o selecionado para professor substituto em 1993, quando eu concorri com outro colega. Foi meu currículo que me fez diferente dos demais. Enquanto eu tirei 7, o colega que chegou mais próximo de mim ficou com 3 no currículo, porque eu tinha toda essa bagagem de eventos e, diga-se de passagem, toda vez que eu ia para um evento desse eu os convidava, mas eles diziam "Eu, gastar do meu dinheiro para ir em Teresina, para ir a São Luiz? Eu não vou". E eu ia. Eu sempre fui maluco... Achava que ia gastar, mas era investimento, porque logo eu entrei na Universidade como docente e eles ficaram esperando uma segunda oportunidade.<sup>499</sup>

Em suas lembranças também expõe a deficiência de recursos pedagógicos à disposição dos professores para ministrar aulas, ressaltando o *mimeógrafo*, o *álbum seriado*, o *projetor de slides*, o *retroprojeto* e o *episcópio*, este pouco usado

Na época, em que nós começamos como estudantes, era muito raro o professor usar um retroprojeto, até porque eram poucos, era um produto, digamos assim, de ponta; então, a instituição não dispunha de muitos, talvez se não me falha a memória, tinha dois ou três para atender a todos os cursos. Só ciências eram quatro cursos e tinha mais Letras, História e Geografia, que eram Estudos Sociais, e Pedagogia.

Não eram muitos os cursos, mas os equipamentos eram muito escassos. Tinha um ou dois projetores de slides. E tinha um equipamento que eu acho que esse equipamento acabou indo para São Luiz, o que é uma pena, porque eu não queria que esse equipamento saísse daqui, o qual nunca vi um professor utilizando-o. Tratava-se do Episcópio! Eu achava aquilo simplesmente fantástico, pois ele projetava a página do livro.

Eu até sugeri no ano passado que aqui fosse criado um pequeno museu para a gente colocar estes equipamentos antigos porque muitos dos meus alunos hoje não sabem o que é um mimeógrafo. Naquele tempo tinha e eu lembro que os meus professores utilizavam muito isso por questão de economia de papel. Eles datilografavam em espaço um, mas nas máquinas com tipos quebrados, por exemplo, digitava a letra "O", da qual saía metade do "O" em cima e metade em baixo, menos em cima da linha, quer dizer, batia nas duas linhas, na de cima e na de baixo para confundir mais... E outra, o que era pior, você sabe que quando tipo estava dessa forma cortava o stêncil e vazava tinta e manchava. E eles ainda usavam frente e verso do papel. Não tem coisa pior para um estudante do que pegar um papel espaço um e todo desalinhado, todo borrado.

<sup>499</sup> OLIVEIRA, Francisco Limeira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

E eu chegava a apelar para os meus professores na época, para que eles fizessem vaquinha na sala, que a gente pagasse o papel, que a gente doasse o papel, mas que eles fizessem pelo menos em espaço duplo e se fizessem em espaço simples, fizessem só em uma face do papel para não dificultar a leitura. Eu hoje tenho óculos de três graus e acho que se não tivesse forçado muito a vista naquela época, hoje poderia estar até sem óculos. Eu sentia desprazer em estudar vários textos de várias matérias porque eram digitados dessa forma. Por quê? Porque não tinha recurso para o professor utilizar. Fotocópia não existia?\*

Já foi no final da década de 80 e início da década de 90 que aqui começou a funcionar as primeiras fotocópias, mas era muito caro e só tinha uma máquina de fotocopiar. Você deixava o material e ia pegar quase uma semana depois, porque o cara tinha que agendar para poder fazer. Então, os recursos didáticos eram muito precários. Houve uma melhora depois com a compra de novos retroprojetores.

Um recurso didático muito utilizado na época foi o álbum seriado. Um recurso didático que eu acho que deveria ser o primeiro a ser utilizado em uma sala de aula por um graduando. Pena que alguns professores atualizavam o conteúdo do recurso depois de uns vinte anos, depois que ficava ensebado. Eles não inovavam aquilo, não sei se era por economia de papel ou de tempo, porque para fazer um álbum seriado precisava de tempo, de critérios didáticos e de muita determinação para fazer.<sup>500</sup>

Portanto, são ressaltados os movimentos dos dois sujeitos fundamentais do processo de aquisição do capital cultural: aluno e professor.

Avaliação e ensino tradicionais mesclavam-se com avaliação e ensino inovadores, mas tanto o tradicional como o inovador provocavam medo em aluno, inclusive levando ao trancamento de disciplina, como lembrou José Ribamar Martins Filho:

No processo avaliativo era usado prova e trabalho apresentado em seminário. Mas a maioria dos professores utilizava provas. Mas o pessoal morria de medo ao apresentar trabalhos nas aulas da professora Denei e da professora Isa. Eu cheguei a cancelar a disciplina Sociologia com a professora Denei na época porque tinha que apresentar trabalho.

Mas viagem de pesquisa eu só falei uma que era pro Delta. Eu não conheço o Delta do Piauí. Essas viagens permitiam a ampliação do universo, do local para o estadual.<sup>501</sup>

Também nas lembranças de J. Ribamar Martins, verifica-se a preocupação de professores por fazer algo diferente, para motivar o aluno para o estudo. Mas,

<sup>500</sup> OLIVEIRA, Francisco Limeira de. *Ibidem*, 2010.

<sup>501</sup> MARTINS FILHO, José Ribamar Martins. *Minhas lembranças do CESC/UEMA*. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, 13.03.2010. José Ribamar Martins Filho cursou licenciatura curta em estudos Sociais de 1983 a 1985. Complementou a licenciatura plena em Geografia de 1986 a 1988. Viveu intensamente o movimento estudantil, tendo, inclusive, segundo relatou, sido impedido de assumir emprego no INSS, como se estivesse sendo punido pelo Decreto-Lei 477/69.

ainda no início da década de 1990, predominavam as aulas expositivas e as avaliações de provas escritas, segundo lembranças de Elizeu Arruda:

Havia muita aula expositiva. Alguns professores faziam isso com mais competência, já outros nem tanto. E havia alguns professores que, de certa forma, acabavam deixando muito a cargo do próprio aluno, pois entregavam uma apostila para que nós alunos lêssemos e depois explicássemos com o nosso entendimento, com a nossa compreensão. É uma metodologia que eu acho básica, mas que não pode ser permanente. Ela tem que ter uma alternância com outras ações metodológicas.

Outros ficavam voltados para a aula expositiva. Muitas vezes íamos para biblioteca para efetivação de pesquisas. Também levávamos os livros para a sala de aula para que as pesquisas fossem efetivadas.

Estudo dirigido era outra metodologia que o professor geralmente utilizava. Ele empregava a apostila e fazia uma serie de questionamentos que nós íamos respondendo de acordo com o roteiro, que ele delineava, para depois socializar. Era um a metodologia adotada por quase todos. Era uma metodologia que hoje eu sei que não era seminário, pois o seminário tem outras etapas. Mas eram pseudo-seminários, pois eram apresentações orais feitas num período de tempo, com tema estabelecido pelo professor pra você pesquisar. Tem aquele período designado ao estudo, para elaborações, e depois para as apresentações. Então isso era muito freqüente nas nossas aulas e nas nossas formas de avaliação pelo professor.

Alguns professores faziam a veiculação de vídeos e posteriormente algumas discussões, não muito direcionadas. Hoje eu faço isso mas eu direciono mais as questões direcionadas, para não ficar muito solto aquela utilização do vídeo. Na época acabava ficando muito sem contextualizar, pois não havia um roteiro fechado.

Tínhamos professores muito criativos, que buscavam realmente extrair do educando, e que foram professores que eu até tomei como base para o meu perfil profissional, pois eram professores nos quais a gente percebia muito interesse pelo aprendizado do estudante, mas, também, com muita afinidade em relação aquilo que eles estavam fazendo ou transmitindo. Percebia-se aquele prazer em estar falando a respeito daquele conteúdo, exercendo aquela função. Aqueles logravam muito mais êxito no processo ensino aprendizagem no dialogo professor-aluno. Mas em outros não se percebia isso, aquele perfil de quem vinha exatamente com essa afinidade. Então havia todo esse referencial. E eu aprendi muito com isso, porque eu verificava que precisava ser um profissional que também fosse motivador.

Esses que eu tomei como base eram profissionais muito motivadores, nos quais você via na sala de aula a garra com que eles estabeleciam as suas falas ou ao de trazer informações adicionais, além daquelas que estavam na apostila ou no livro. Percebia-se um interesse em compartilhar, em transmitir estas informações e buscar diversificar: com a utilização de musicas, de vídeo; com trabalhos que exigiam o nosso potencial artístico, a arte, imagens, a utilização de imagens, a leitura de textos, que era algo utilizado com freqüência por uma professora. A gente aprendeu também a utilizar os textos literários, textos reflexivos como motivação para compatibilizar aquele conteúdo.

Então, alguns professores contribuíram muito para a construção da nossa identidade. Aqueles que a gente acha que não foram tão adequados metodologicamente servem exatamente para você ter um parâmetro daquilo que tem que ser evitado, porque você como estudante se coloca como expectador daquele processo, daquela técnica que não foi adequada, não foi conveniente. Então, como você já experienciou, a parti daí você abre outras perspectivas para direcionar melhor suas metodologias.

Nós tínhamos a maioria das avaliações escritas, as chamadas provas, mas geralmente tínhamos apresentações que constituíam a 1ª ou a 2ª avaliação. Percebia-se que a avaliação não estava ainda muito afinada com aquele princípio de que ela tem que ser processual. Então, percebia-se que não se agregava ou não se atribuía nada.<sup>502</sup>

Elizeu descreve o perfil de dois tipos de professores: os referenciais e os não referenciais, em termos de condução do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, havia aqueles que acentuavam aulas expositivas e aqueles que utilizavam métodos e técnicas motivadores. Inclusive, foi o único a citar o uso do vídeo em sala de aula, mas com direcionamento a desejar.

O processo pedagógico desenvolvido no CESC/UEMA ao longo do tempo estudado, envolvendo professores, alunos e a instituição, foi direcionado exclusivamente para a formação docente, porque esse foi o objetivo principal estabelecido quando da criação da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio, cuja meta era suprir, prioritariamente, a carência de docentes nas escolas públicas estaduais de ensino médio. E o processo pedagógico foi citado, por alguns depoentes, como proeminente no estado na área de educação.

#### **4.3 A relação ingressos-egressos.**

No início,<sup>503</sup> apesar da necessidade que todos sentiam de uma instituição de ensino superior no interior do estado, a FFPEM não gozou de credulidade suficiente, principalmente dos habitantes de Caxias. Foram ofertadas 120 vagas, mas só 98 candidatos se inscreveram para o vestibular, dos quais foram aprovados 92. Depois foi feito novo vestibular<sup>504</sup> e chegou a 126 matriculados<sup>505</sup> (Tabela 15, f. 222),

Mas, em Caxias e municípios limítrofes, o Censo Demográfico de 1970 registrou 1361 pessoas com segundo ciclo do ensino secundário completo, isto é, potenciais candidatos ao ensino superior: 785 em Caxias, 252 em Codó, 191 em Timon, 25 em Timbiras, 38 em Coelho Neto e 70 em Coroatá.

<sup>502</sup> ARRUDA, Elizeu. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 29.01.2010. Elizeu foi aluno do CESC/UEMA de 1993 a 1998, tendo a partir de 1999 se tornado docente da instituição que o formou.

<sup>503</sup> FONSECA, Denei Maria da Cunha. Prática pedagógica e realidade social. São Luís-MA: UFMA/SE, 1985.

<sup>504</sup> A seleção, por entrevista, em 26 de janeiro de 1970, com banca examinadora constituída pelos professores da USP Isaac Nicolau Salum, Aziz Nacib Ab'Saber e Alexandre Eduardo Dias Moraes, aprovou 31 candidatos.

<sup>505</sup> FONSECA, op. cit. 1985, p. 47.

O Anuário Estatístico do Maranhão de 1968 registrou que, dos 168 professores de magistério de nível médio atuantes em Caxias, Codó e Coroatá, apenas 9 tinham curso superior; e o de 1969, dos 208 professores de magistério de nível médio atuantes nos municípios de Caxias (125), Codó (56), Timon (9) e Coroatá (13), só 52 tinham curso superior, indicando que havia *156 candidatos potenciais ao curso superior (83 só em Caxias)*, que, somados aos professores do curso primário, totalizariam mais de 500 candidatos.

Mas, diante de tanta carência de professores qualificados e de tantos potenciais candidatos ao ensino superior, não se sabe por que poucas pessoas acessaram a FFPEM.<sup>506</sup> Inclusive, fontes orais<sup>507</sup> testemunham que Dr. Medeiros, Cônego Aderson e Revdo. Sillas visitaram professores que já exerciam o magistério no ensino médio na cidade, em suas residências, para convencê-los da importância, para si próprios e para a educação no município e no estado, de terem um curso de licenciatura na área em que lecionavam.

Também a segunda turma da FFPEM, que iniciou em 1972 e concluiu em 1973, teve dificuldade para ser composta com 72 alunos, pois só foi possível mediante a realização de dois vestibulares ocorridos em janeiro e em fevereiro. Nesta turma se encontravam professores que se destacaram no magistério em Caxias, como José Nacor Ribeiro, Maria de Fátima Alves e Silva, Sother Douville Brito Filho, Osvaldino Rocha da Silva (Bibliotecário) – Estudos Sociais; *Carmelita Freitas dos Santos*<sup>508</sup>, *Evanildes Costa e Silva*, João Batista Barbalho da Silva (bancário) – Ciências; *Eldenice Costa e Silva*, Ione Menezes, Graça Teixeira, Maria do Carmo Porto Noleto – Letras.

---

<sup>506</sup> Possivelmente a FFPEM tenha sido vítima de um anúncio que a apequenou, no início chamando-a Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio – 1º ciclo e depois a denominando Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio. Só depois o nome anunciou a grandeza do seu capital: Faculdade de Formação de Professores de Caxias. O certo que a FFPEM não foi reconhecida pela comunidade, haja vista que existiam potenciais candidatos professores e concludentes do colegial.

<sup>507</sup> ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA; ALMEIDA, Deusiano Bandeira de. Idem; SERRA, Sillas Marques. Idem. Entrevistas concedidas em 2010 e 2008 a Roldão Ribeiro Barbosa.

<sup>508</sup> Carmelita, Evanildes e Eldenice foram professoras do CESC/UEMA até o final da década de 1995, sendo incentivadoras de sucessivas gerações, pois se constituíram em referência no magistério superior e no ensino médio.

Figura 31 – Turma do curso parcelado de Ciências em 1973



Fonte: Acervo da diretoria do CESC/UEMA, 2010.

A atuação FFPEM se estendia, além do período regular, ao período das férias de dezembro, janeiro e fevereiro e julho, em cursos parcelados. Para o vestibular da 1ª turma, realizado em 13 de dezembro de 1971, se inscreveram 102 candidatos e foram selecionados 90, provenientes de mais de 40 municípios das microrregiões do Leste Maranhense, os quais concluíram em 1974. A oferta de vagas era pequena, mas nem sempre eram preenchidas em sua totalidade.

Tratava-se do Projeto de Implantação e Implementação do Ensino Fundamental do MEC/SE, financiado pelo FNDE\*/71, do qual disse Genival:

Lá na Faculdade criamos os cursos de férias de licenciatura de curta duração. Nessa época o governo enviava muito dinheiro. Olha, vinha através do Banco do Brasil o dinheiro para pagar as despesas do curso. Por exemplo, estadia dos alunos em Caxias, as despesas dos alunos e com os professores. Eu passava a manhã inteira assinando cheque do Banco do Brasil. Eu só perguntava à Silva se estava tudo certinho, e ela dizia sim. O governo naquela época tinha essa responsabilidade. Os alunos eram os professores dos colégios bandeirantes.<sup>509</sup>

\* Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

<sup>509</sup> COSTA E SILVA, Genival. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em 22.07.2008.

Em dezembro de 1972 houve nova seleção para cursos parcelados de Estudos Sociais, Letras e Ciências, em Caxias, e Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar, em São Luís, por novo Projeto MEC/SE financiado pelo FNDE/1972.<sup>510</sup> Portanto, novas turmas do curso parcelado de férias sempre iniciavam em janeiro de cada ano, como foi noticiado em 1974: “**Já em aulas:** Mais de 100 professores e diretores de G. Bandeirantes e Grupos Escolares, vindos de 40 municípios, já estão em aulas, na 2ª etapa dos cursos parcelados (férias) de Estudos Sociais, Letras e Ciências”.<sup>511</sup>

No ensino regular da FFPEM, em 1972 e 1973 (Tabela 15, f. 222) houve muita vaga ociosa, pois só eram alcançados estudantes dos municípios de Caxias, Timon, Aldeias Altas e Codó e alguns dos demais municípios, os quais se hospedavam em casa de conhecido e parente ou república, quando as famílias tinham condições de mantê-los. A partir de 1973 começou o ingresso de estudantes de Teresina-PI, contabilizando 54 matrículas em 1973, mais ainda ficaram vagas ociosas.

Em 1974 houve uma adequação das vagas às normas acadêmicas, pois diminuíram de 50 para 40 por turma (Tabela 15, f. 222). E de 1974 a 1976 houve um crescente desinteresse da população pelos cursos oferecidos, pois o número de inscritos foi diminuído em Letras, em Ciências e em Estudos Sociais, exceto Pedagogia que, embora no início tivesse menos inscritos que a quantidade de vagas, em 1976 teve 75 inscritos.

O Edital 02/75<sup>512</sup>, para a seleção de ingressos para a FEC em 1976, colocou à disposição 160 vagas distribuídas igualmente para os cursos de Pedagogia, Letras, Ciências e Estudos Sociais, as quais foram todas preenchidas, tendo o jornal<sup>513</sup> produzido a seguinte observação:

Para 160 vagas, concorreram 258 candidatos, sendo digno de nota saber-se que para cá acorreram dezenas de interessados das cidades circunvizinhas, sendo a maioria da capital piauiense, devendo ainda levar-se em conta que muitos candidatos eram de alto gabarito, inclusive oficiais do Exército e da Polícia Militar, gerentes de

<sup>510</sup> FONSECA, op. cit. 1984, p. 50/52.

<sup>511</sup> DIÁLOGOS DO ALECRIM, do Diretório Acadêmico Tiradentes, da Faculdade de Formação de Professores de Caxias, n. 03, de out a dez\_1973, em 01.01.1974.

<sup>512</sup> O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 338, p. 15, em 25.12.1975.

<sup>513</sup> O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 341, em 18.01.1976. O vestibular ocorreu de 11 a 14 de janeiro de 1976, cujo resultado foi divulgado em 15 de janeiro pelo diretor, Revdo. Sillas Marques Serra.

casas bancárias e até mesmo uma filha do Secretário de Educação do Estado do Piauí.

Até então as provas do vestibular eram preparadas, aplicadas e corrigidas pelos próprios professores da FEC, mas, a partir de 1977, quando houve a incorporação de fato e de direito da FEC à Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), o vestibular passou a ser de responsabilidade da Comissão Permanente para Assuntos de Vestibular (COPEAVE) da FESM, que lançou edital de inscrição em 12.11.1976, com as regras da seleção:

Na correção serão utilizadas técnicas de padronização dos escores brutos alcançados pelos candidatos, de modo a assegurar em todas, igual média e dispersão, conforme o estabelecido pela Portaria nº 53 de 23.01.1975 do Ministério de Educação e Cultura. Não será excluído do processo o candidato que deixou de comparecer no máximo a uma prova. Serão ofertadas 160 vagas para os cursos de Licenciatura de 1º grau da Faculdade de Educação de Caxias. O período de inscrição será de 07 a 10 de dezembro de 1976<sup>514</sup>.

Inscreveram-se 267 candidatos, tendo comparecido às provas 260: 10% procedentes de Codó, 40% de Caxias e 50% do Piauí, quando em anos anteriores esses atingiam 90%<sup>515</sup>. Essa mudança do perfil de procedência dos novos alunos provocou certo alento nos dirigentes da FEC, uma vez que, nessa época havia, segundo Arthur Almada Lima, gente do governo no Conselho da FESM querendo a transferência da Faculdade para Bacabal.

Vinha até um ônibus trazendo esses professores do Piauí. Mas um professor da Federação, que era muito dedicado a estudos de dados estatísticos, fez um estudo sobre o numero de docentes e discentes da FEC, tendo chegado à conclusão de que, se a maior parte dos professores era do Piauí e a maior parte dos discentes era piauiense, a FEC não estava servindo ao Maranhão. Então propôs que a Faculdade fosse transferida para Bacabal, que seria mais no centro do Maranhão. Mas eu argumentei e propus nessa oportunidade que, em lugar de transferi-la, déssemos curso ao projeto e oferecêssemos nossos cursos por aí a fora, como o [José Maria Cabral] Cabral havia planejado. Então parou a implicação. Eu até dizia para Irmã Gemma: vamos descer essa Faculdade do morro, vamos levar essa

---

<sup>514</sup> O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 372, p. 06, em 24.11.1976

<sup>515</sup> O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 340, em 13.01.1977

Faculdade lá pra baixo. Se essa Faculdade ficar só no morro será só pro Piauí. Vamos inventar algumas atividades.<sup>516</sup>

Observou-se a existência de um círculo vicioso manifesto quando do processo de seleção para o ingresso na Faculdade de Educação de Caxias a partir de 1973. O governo mantinha uma faculdade para formar professores para o 2º ciclo do 1º grau, mas não mantinha escolas públicas de 2º grau para alimentar o acesso à Faculdade. Os egressos dos cursos de 2º grau particulares, oriundos das classes de média e alta renda, salvo algumas exceções, não se inclinavam para o magistério. Então, os candidatos que apareciam com condições de sucesso nas provas eram poucos, pois a maioria vinha de cursos técnico, normal ou profissionalizante, por isso poucos de Caxias e municípios limítrofes passavam no vestibular, pois este era elaborado com base em conteúdos das matérias científicas, que não eram ministradas nesses cursos .

Também, muitos daqueles que frequentavam cursos com as matérias científicas<sup>517</sup> na região não logravam êxito porque seus mestres eram leigos, isto é, não tinham cursado licenciatura ou qualquer curso superior. Daí os piauienses, cuja rede estadual de ensino de 2º grau era bastante qualificada, inscrevendo-se no vestibular da FEC, obtinham resultado favorável.

O Prof. Wilson Egídio dos Santos, em 1976, ao perceber que a pouca inscrição de caxienses no vestibular se devia à falta de conhecimento dos cursos oferecidos pela FEC, juntamente com outro colega, coincidência ou não, tal como sugerira Arthur Almada Lima para “a Faculdade descer o morro”, falaram aos estudantes dos colégios de 2º grau de Caxias sobre a Faculdade e os motivaram a conhecer *in loco* as oportunidades que teriam de sucesso sem sair da cidade. E, possivelmente, os primeiros resultados concretos foram os que a imprensa noticiou:

Informou-nos a Irmã Clemens de Carvalho, diretora da Faculdade de Educação de Caxias, e o que divulgamos com muita satisfação, que o recente Vestibular levado a efeito ali aprovou cerca de 60% de maranhenses, contra 40% de piauienses, que sempre, em anos anteriores, levaram a primazia.<sup>518</sup>

---

<sup>516</sup> ALMADA LIMA FILHO, Arthur. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, no Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, em 09.03.2010.

<sup>517</sup> Matemática, Física, Química, Biologia

<sup>518</sup> O PIONEIRO, n. 378, p. 06, em 31.01.1977

Na perspectiva de visibilizar a FEC para a comunidade local, em vista de mais acesso de estudantes maranhenses, a direção da FEC promoveu uma Aula Magna<sup>519</sup> na abertura das aulas, em março de 1977, proferida pelo Prof. Mariano da Silva Neto, da Universidade Federal do Piauí, com o título “A educação hoje”.

Mas, certamente, o fator que mais contribuiu para que mais caxienses procurassem os cursos da FEC foi o seu reconhecimento, após muita luta persistente dos sucessivos dirigentes da FEC, em especial da diretora Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho, somados aos esforços do presidente da FESM, Arthur de Almada Lima, e da determinação dos governadores Pedro Neiva de Santana e Oswaldo da Costa Nunes Freire.<sup>520</sup> O reconhecimento federal foi determinante no aumento do valor do título expedido pela FEC, pois possibilitou, ao portador do diploma, reconhecimento social e sucesso profissional. E a academia passou a ser mais valorizada pela sociedade, em especial a comunidade local.

Finalmente os estudantes receberam seus diplomas, que se acumulavam a cada ano, segundo expressou a diretora da FEC, Clemens Carvalho: “706 formandos em anos anteriores estarão reunidos para a colação de grau”.<sup>521</sup> A colação de grau na FEC, efetivamente, foi um dos acontecimentos mais importantes da região, pois mobilizou famílias inteiras de mais de 40 municípios. O Auditório Leôncio Magno, que era o maior da cidade, ficou pequeno. Gerações sucessivas de estudantes, concludentes de 1972 a 1977, se reencontraram. Anunciava o jornal a colação de grau no dia 21 de janeiro de 1978: “O patrono geral é o ministro Ney Braga, da Educação, e o paraninfo, o Dr. Martins Filho, do Ceará, sendo escolhido como oradora a Prof<sup>a</sup>. Filomena Machado Teixeira (Filozinha) e comandando o Juramento a Prof<sup>a</sup>. Maria das Mercês Silva Lima (Miroca).”<sup>522</sup> Como os formatos do convite<sup>523</sup> e da placa<sup>524</sup> não comportavam todos os nomes, houve menção apenas de dados do evento e de principais atores, pois eram 722 formandos.

<sup>519</sup> O PIONEIRO, n. 381, p. 02, em 11.03.1977

<sup>520</sup> O PIONEIRO, em 09.10.1977.

<sup>521</sup> O PIONEIRO, n. 397, p. 10, em 30.10.1977. Mas, em 17.12.1977 o presidente *pro-tempore* da FESM, José Mariano dos Santos, procedeu a um ato de colação de grau especial, no auditório da Escola de Agronomia do Maranhão,<sup>521</sup> dos formandos residentes em São Luís e nos municípios próximos, que concluíram os cursos de Ciências, Letras, estudos Sociais e Pedagogia desde 1974.

<sup>522</sup> O PIONEIRO, n. 403, p. 14, em 01.01.1978

<sup>523</sup> Conteúdo do convite. Anverso – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS – MARANHÃO – 1978. Verso – Nome do formando e os demais formandos da Faculdade de Educação de Caxias, sentir-se-ão honrados com a presença de V.S<sup>a</sup> e Ilma. Família às solenidades de sua formatura. PROGRAMA. DIA 21.01.1978. 08:30 horas – Missa concelebrada na Igreja catedral. Bênção dos

No convite e na placa não é mencionada a FESM, denotando falta de reconhecimento da Federação por parte da comunidade acadêmica em Caxias e supervalorização da instituição de ensino superior isolada, isto é, da Faculdade de Educação de Caxias, como se esta gozasse de autonomia em relação à Federação. Mas os decretos<sup>525</sup> federais de autorização e de reconhecimento dos cursos da FEC citam a FESM só como mantenedora daquela, mas não como instituição acadêmica.

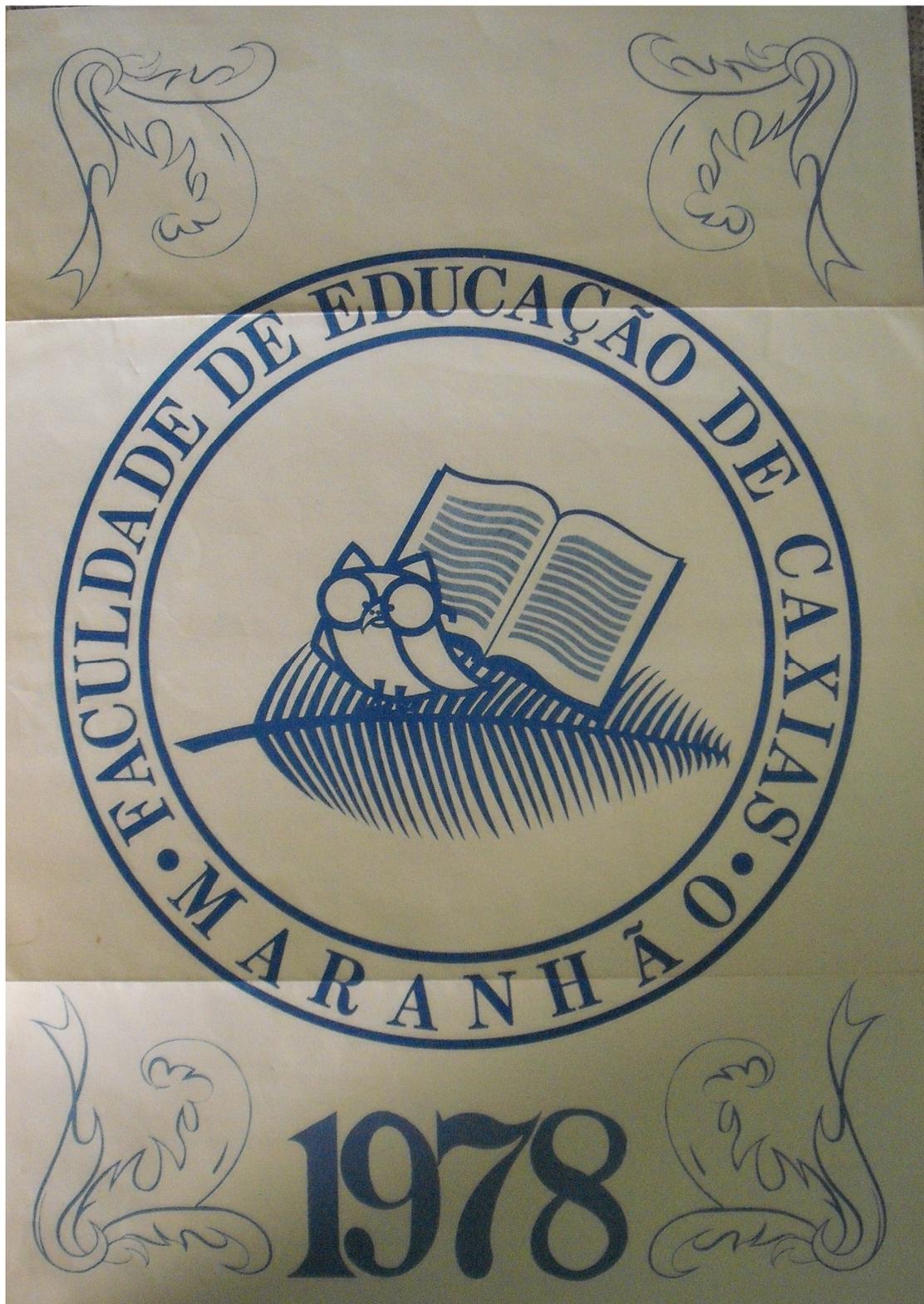
---

anéis. 19:30 horas – Cerimônia de Colação de Grau no auditório da Faculdade de Educação de Caxias. 23:00 hora – Baile de Formatura no Clube Recreativo Alecrim. CURSOS: CIÊNCIAS, ESTUDOS SOCIAIS, LETRAS E PEDAGOGIA – 1972 a 1977. Oradora: Filomena Machado Teixeira. Juramento: Maria das Mercês da Silva Lima. AGRADECIMENTO AO CORPO ADMINISTRATIVO: Pelos anos de convívio, pela amizade e presteza, pelo sacrifício e abnegação, nada ficará no esquecimento e sempre lembraremos de tudo que fizeram por nós. AOS MESTRES: Pelo muito que nos fizeram ver por seus atos de sacrifício procurando colocar em nossas mentes a semente da verdade. AOS PAIS: Dividi conosco os méritos desta conquista, porque ela vos pertence, ela é tão vossa quanto nossa. AOS COLEGAS: Que possamos guardar uma lembrança carinhosa do nosso convívio da experiência comum ao longo dos anos. PATRONO: Ministro Ney Aminthas de Barros Braga. PARANINFO: Antônio Martins Filho. HOMENAGENS ESPECIAIS: Ernesto Geisel – Presidente da República; Oswaldo da Costa Nunes Freire – Governador do Estado do Maranhão; Jerônimo Pinheiro – Secretário de Educação do Estado; José Maria Cabral Marques – Ex-secretário de Educação do Estado; Arthur de Almada Lima filho – Ex-Presidente da Federação das Escolas superiores do Maranhão; José Mariano dos Santos – Presidente da Federação das Escolas superiores do Maranhão; Ivo Anselmo Hohn – Assessor de Planejamento da FESM; José Sarney – Senador da República; Alexandre costa – Senador da República; Dom Luís Gonzaga da Cunha Marelím – Bispo Diocesano de Caxias; José Camilo da Silveira Filho – Reitor da Universidade Federal do Piauí; Raimundo Medeiros – Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias; Genival Costa e Silva – Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias; Hélio Benévolo Nogueira – Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias; Sillas Marques Serra – Ex-diretor da Faculdade de Educação de Caxias; Irmã Maria Gemma de Jesus carvalho – Diretora da Faculdade de Educação de Caxias; Maria de Fátima costa Félix – Coordenadora Geral da Faculdade de Educação de Caxias; José Ferreira de Castro – Ex-Prefeito Municipal de Caxias; Aluizio de Abreu Lobo – Prefeito municipal de Caxias. HOMENAGENS PÓSTUMAS: Cônego Aderson Guimarães Júnior – Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias; Eurípedes Simões de Paula – Ex-Diretor da Faculdade de Filosofia da USP e aos inesquecíveis companheiros de jornada que antes se foram. JURAMENTO: PROMETO DESEMPENHAR O PAPEL DE EDUCADOR, MANTENDO-ME FIEL AOS CONCEITOS E PRINCÍPIOS HUMANOS E PEDAGÓGICOS PARA O FORTALECIMENTO DOS IDEAIS DE NOSSA PÁTRIA.

<sup>524</sup> Mas, depois desse evento, novas placas de formatura só apareceram em 1989, das primeiras turmas de licenciatura plena.

<sup>525</sup> Decreto n° 79.864, de 27.06.1977 e Decreto n° 81.037, de 15.12.1977, respectivamente de autorização e de reconhecimento federal dos cursos de Ciências, Estudos Sociais, Letras e Pedagogia: Administração Escolar.

Figura 32 – Convite de Formatura: 1ª colação de grau da FEC, em 21.01.1978 (anverso)



Fonte: Arquivo pessoal da Profª Edmée da Costa Leite, 2010.

Figura 33 – Convite de Formatura: 1ª colação de grau da FEC, em 21.01.1978 (verso)

... e os demais formandos da Faculdade de Educação de Caxias, sentem-se honrados com a presença de V. S<sup>a</sup> e Ilma-Família às solenidades de sua formatura.

**PROGRAMA**

DIA 21/01/78

08:30 horas — Missa Concelebrada na Igreja Catedral  
Bênção dos Anéis

19:30 horas — Cerimônia de Colação de Grau no auditório da Faculdade de Educação de Caxias

23:00 horas — Baile de Formatura no Clube Recreativo Caxiense

**CURSOS**

CIÊNCIAS	1972
	1973
	1974
	1975
	1976
	1977
ESTUDOS SOCIAIS	1972
	1973
	1974
	1975
	1976
	1977
LETRAS	1972
	1973
	1974
	1975
	1976
	1977
PEDAGOGIA	1972
	1973
	1974
	1975
	1976
	1977

**ORADORA:** Filomena Machado Teixeira

**JURAMENTO:** Maria das Mercês da Silva Lima

**AGRADECIMENTO**

**AO CORPO ADMINISTRATIVO:**  
Pelos anos de convívio, pela amizade e presteza no trato, pelo sacrifício e abnegação, nada ficará no esquecimento e sempre lembraremos de tudo que fizeram por nós.

**AOS MESTRES:**  
Pelo muito que nos fizeram ver por seus atos de sacrifício procurando colocar em nossas mentes a semente da verdade.

**AOS PAIS:**  
Dividi conosco os méritos desta conquista, porque ela vos pertence, ela é tão vossa quanto nossa.

**AOS COLEGAS:**  
Que possamos guardar uma lembrança carinhosa do nosso convívio da experiência comum ao longo dos anos.

**PATRONO**  
Ministro Ney Aminthas de Barros Braga

**PARANINHO**  
Antônio Martins Filho

**HOMENAGENS ESPECIAIS**

**Ernesto Geisel**  
Presidente da República

**Oswaldo da Costa Nunes Freire**  
Governador do Estado do Maranhão

**Jerônimo Pinheiro**  
Secretário de Educação do Estado

**José Maria Cabral Marques**  
Ex-Secretário de Educação do Estado

**Arthur de Almada Lima Filho**  
Ex-Presidente da Federação das Escolas Superiores do Maranhão

**José Mariano dos Santos**  
Presidente da Federação das Escolas Superiores do Maranhão

**Ivo Anselmo Hohn**  
Assessor de Planejamento da FESM

**José Sarney**  
Senador da República

**Alexandre Costa**  
Senador da República

**Dom Luís Gonzaga da Cunha Marelim**  
Bispo Diocesano de Caxias

**José Camilo da Silveira Filho**  
Reitor da Universidade Federal do Piauí

**Raimundo Medeiros**  
Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias

**Genival Costa e Silva**  
Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias

**Hélio Benévolo Nogueira**  
Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias

**Sillas Marques Serra**  
Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias

**Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho**  
Diretora da Faculdade de Educação de Caxias

**Maria de Fátima Costa Félix**  
Coordenador Geral da Faculdade de Educação de Caxias

**José Ferreira de Castro**  
Ex-Prefeito Municipal de Caxias

**Aluizio de Abreu Lobo**  
Prefeito Municipal de Caxias

**HOMENAGENS PÓSTUMAS**

**Cônego Aderson Guimarães Junior**  
Ex-Diretor da Faculdade de Educação de Caxias

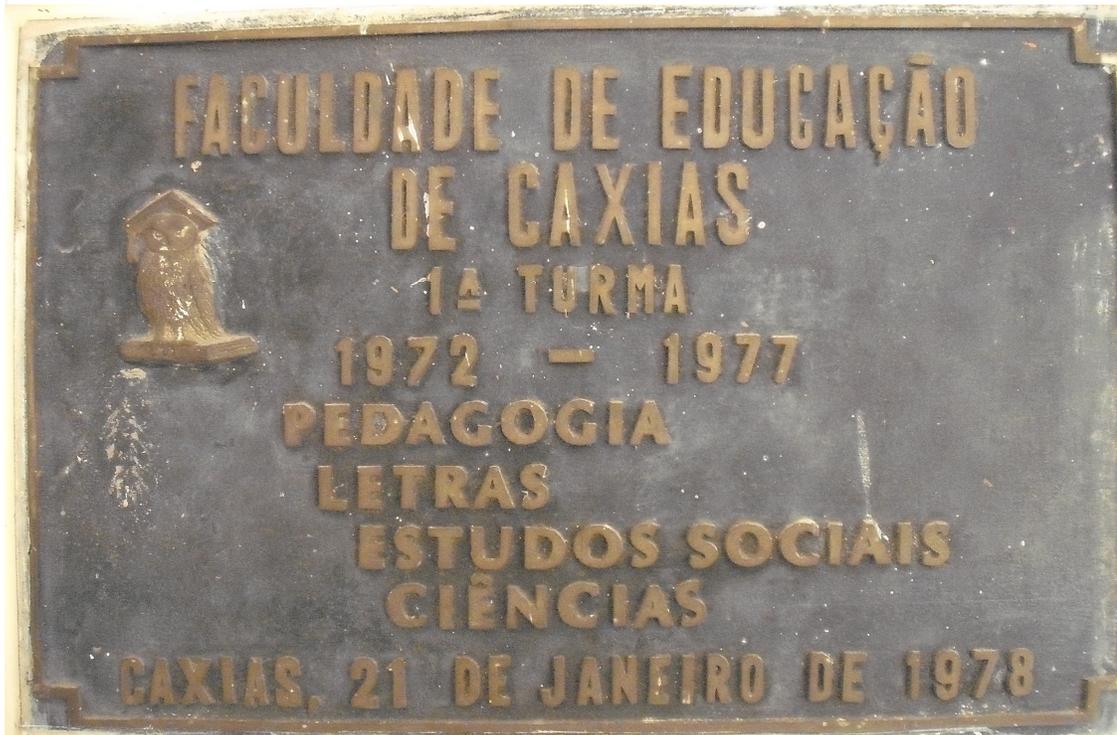
**Euripedes Simões de Paula**  
Ex-Diretor da Faculdade de Filosofia da USP

e aos inesquecíveis companheiros de jornada que antes se foram.

**JURAMENTO**

PROMETO DESEMPENHAR O PAPEL DE EDUCADOR, MANTENDO-ME FIEL AOS CONCEITOS E PRINCÍPIOS HUMANOS E PEDAGÓGICOS PARA O FORTALECIMENTO DOS IDEAIS DE NOSSA PÁTRIA.

Figura 34 – Placa de Formatura: 1ª Turma de formando de 1972-1977.



Fonte: Dependências do CESC/UEMA, ao lado da porta de entrada do Auditório Leôncio Magno, 2010.

Certamente, o valor da FEC enquanto instituição do campo acadêmico em processo de institucionalização, para transferir capital cultural objetivável pelo diploma, despertou grande expectativa em torno da primeira colação de grau da FEC em Caxias, cujo evento foi evidenciado pela imprensa local, como expôs nesse texto:

Caxias recebe, hoje, a visita de personagens ilustres dos mais diversos Estados da Federação, homenageados pela Faculdade de Educação local que, após seu reconhecimento oficial, está fazendo nesta data a colação de grau de seus diversos concludentes, desde 1972 a 1977.

Ao encerrarmos esta edição a diretora da FEC, Irmã Clemens Carvalho (Maria Gemma de Jesus Carvalho) já havia recebido confirmação, dentre outras, das presenças de governador Oswaldo da Costa Nunes Freire, Dr. Martins Filho, ex-reitor da Universidade Federal do Ceará, que paraninfa a turma; Dr. Camilo da Silveira Filho, reitor da Universidade Federal do Piauí; Dr. José Mariano dos Santos, presidente da Federação das Escolas Superiores do Maranhão.

Dentre outros homenageados pelos concludentes da Faculdade de Educação de Caxias, destacamos o presidente Ernesto Geisel; Dr. Jerônimo Pinheiro, Secretário de Educação do Estado; Dr. José Maria Cabral Marques, ex-secretário de Educação; Dr. Arthur Almada Lima Filho, ex-presidente da FESMM, Dr. Ivo Anselmo Hohn, assessor de planejamento da FESM, D. Luís Gonzaga da Cunha Marelím, bispo diocesano local; ex-diretores da Faculdade: Dr. Raimundo Medeiros, Prof. Genival Costa e Silva, Dr. Hélio Benévolo Nogueira, Revdo. Sillas Marques Serra, Cônego Aderson Guimarães Júnior (falecido); Maria de Fátima Costa Félix,

coordenadora geral da FEC; ex-prefeito de Caxias, José Ferreira de Castro.<sup>526</sup>

Além das autoridades previstas, compareceram o Dep. Federal José Machado e o Dep. Estadual José Elouf, presidente da Assembléia Legislativa do Maranhão,<sup>527</sup> o que patenteou a importância social e política dessa instituição de ensino superior no interior do Maranhão, cujo controle nunca foi negligenciado pelo campo político<sup>528</sup> ao longo da existência da FEC.

No vestibular de 1978, a FEC ofertou 160 vagas para 356 concorrentes.<sup>529</sup> Naquele ano, pela primeira vez, alunos da primeira escola pública de 2º grau de Caxias<sup>530</sup> concorriam. Como o vestibular era classificatório, até 1979 todas as vagas foram preenchidas, quase sempre com maioria de estudantes do Piauí. Houve um crescimento do quantitativo de candidatos, em relação ao ano anterior, em mais de 25%, possivelmente alavancado por dois fatos: o reconhecimento e colação de grau da primeira turma e a presença dos egressos da primeira turma do Colégio de 2º Grau Aluizio Azevedo. Qualquer uma das duas hipóteses assevera que as pessoas perceberam o aumento de crédito da FEC, cujo capital simbólico passou a ser aspirado por mais agentes.

O capital simbólico da FEC ficou tão valorizado após o reconhecimento ao ponto de o vestibular de 1979<sup>531</sup> mobilizar a comunidade estudantil a frequentar cursinho pré-vestibular para conseguir uma vaga, pois o número de inscritos por curso subiu a um percentual de 58,66%, chegando a quase três candidatos por vaga. No vestibular de início do ano de 1979, o Cursinho Fatorial aprovou 68%<sup>532</sup> e, no do meio do ano, 50%,<sup>533</sup> tendo, inclusive, promovido o primeiro vestibular simulado de Caxias.<sup>534</sup>

<sup>526</sup> O Pioneiro, n. 406, p. 01, 21. 01. 1978.

<sup>527</sup> O Pioneiro, n. 407, p. 02, 29. 01. 1978

<sup>528</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 28.

<sup>529</sup> O PIONEIRO, n. 405, p. 10, 15. 01. 1978 "Do povo para o povo/Vestibular". Dos 436 candidatos inscritos em Caxias, 82 disputaram vagas para outros cursos em São Luís.

<sup>530</sup> Centro de Ensino de 2º grau Aluizio Azevedo, instalado em 1976.

<sup>531</sup> O PIONEIRO, n. 43\_, p. \_\_, em \_\_.11.1978: Aviso de edital 26/78 comunicando sobre normas e critérios de seleção para Vestibular /79. Inscrição: 20/11 a 13/12 de 1978.

<sup>532</sup> O PIONEIRO, em 04.02.1979: "Curso Fatorial de Caxias aprovou 68% no último vestibular do País". Foram 20 os aprovados na FESM para a Faculdade de Educação de Caxias (FEC).

<sup>533</sup> O PIONEIRO, em 19.08.1979: Curso Fatorial Aprova 50% no Vestibular.

<sup>534</sup> O PIONEIRO, n. \_\_\_, em 13.05.1979: "Curso Fatorial promove primeiro Vestibular simulado de Caxias".

Figura 35 – Vestibular da FEC em 1978. Candidatos adentrando ao prédio.



Fonte: Arquivo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

Mas, apesar do registro no MEC ter chamado o foco da comunidade local para a importância que tinha a FEC para Caxias, a profissionalização compulsória na Lei 5.692/71 não permitia o acesso da maioria dos jovens à Faculdade.

Figura 36 – Vestibular da FEC em 1978. Candidatos fazendo provas.



Fonte: Arquivo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

A concorrência foi elevada no primeiro vestibular da FEC de 1980, tendo crescido o percentual de concorrentes em: 412% em relação a 1977, 304,21% em relação a 1978 e 222,69% em relação a 1979. Mas, como houve mudança nas regras do vestibular, isto é, passou de classificatório para eliminatório, apesar da grande expectativa,<sup>535</sup> o resultado foi entristecedor e desestimulador, pois apenas 11 vagas das 160 foram preenchidas.<sup>536</sup> Foram aprovados 1 em pedagogia, 1 em Ciências, 5 em Estudos Sociais e 4 em Letras.<sup>537</sup> Os vitoriosos foram os seguintes:

Com este último resultado foram aprovados em Caxias os seguintes candidatos: PEDAGOGIA – Raimunda do Socorro J. Silva; CIÊNCIAS – Josival Barbosa da Luz. ESTUDOS SOCIAIS – Arnaldo Félix da Silva Melo, Maria Gorete Moura Batista, Mireiam Costa Moraes, Ofélia Cerqueira de Carvalho e Wilmar Maciel Mendes; LETRAS – Hilda Mendes da Silva, Joana d’Arc R. de Almeida, Maria Celeste Vilarinho Araújo e Miguel Cardoso Nunes.

Por força desse resultado, a FESM abriu inscrição para novo vestibular,<sup>538</sup> utilizando as mesmas regras, para o qual se inscreveram 693 candidatos, na expectativa<sup>539</sup> de aprovação para uma das 149 vagas restantes. As provas tiveram que ser adiadas dos dias 15, 16 e 17 para 28, 29 e 30 de março, devido a uma grande enchente que atingiu a cidade de Imperatriz,<sup>540</sup> tendo efetivamente sido realizadas na data remarcada,<sup>541</sup> resultando em 29 aprovações.

<sup>535</sup> O PIONEIRO, n. 464, p. 12, em 27.01.1980: Tem hoje início o Vestibular da FESM. Os resultados virão nos próximos dias. Em Caxias, como de vezes anteriores, foi grande a afluência das cidades circunvizinhas, notadamente de Teresina, Capital do Piauí.

<sup>536</sup> Nenhuma vaga foi preenchida na Faculdade de Educação de Imperatriz.

<sup>537</sup> O PIONEIRO, n. 465, p. 12, 10. 02. 1980: Exame Vestibular. “Após expectativa geral vem de ser divulgado o segundo “listão” dos candidatos aprovados no recente exame vestibular da Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), inclusive os de Caxias.

<sup>538</sup> O PIONEIRO, n. 466, p. 12, 17.02.1980: **Novo Vestibular da FEC.** “Conforme novo Edital que estamos publicando em outras páginas desta edição, a Federação das Escolas Superiores do Maranhão levará a efeito em nossa cidade um novo Exame Vestibular, cujas inscrições estão abertas na Faculdade de Educação local de 21 do corrente até 07 de março próximo vindouro. Nossa reportagem, em contato telefônico com a diretora de nossa Faculdade, irmã Clemens Carvalho, soube por seu intermédio que “faltam ainda ser preenchidas 36 vagas na área de Letras, 39 em Estudos Sociais, 39 em Pedagogia e 35 em Ciências”, ocorrendo fato quase idêntico em Imperatriz.

<sup>539</sup> O PIONEIRO, n. 468, p. 12, 01. 03. 1980: Vestibular na Faculdade de Educação será nos dias 15, 16 e 17 do corrente [março]. Já há 286 candidatos inscritos para 160 vagas.

<sup>540</sup> O PIONEIRO, n. 469, p. 12, em 15.03.1980: “Federação das Escolas Superiores do Maranhão/Aviso”. Devido a cidade de Imperatriz encontrar-se em calamidade pública, foi adiado o 2º concurso vestibular unificado para os dias 27, 28, 29 e 30 de março.

<sup>541</sup> O PIONEIRO, n. 470, p. 12, em 31.03.1980: 693 candidatos, dos 728, terminaram anteontem as provas do novíssimo exame vestibular da Federação das Escolas Superiores do Maranhão, levado a efeito desde o dia 27 em nossa cidade, para preenchimento de 149 vagas existentes na Faculdade de Educação de Caxias. Ciências – 35, Letras – 37, Estudos Sociais – 39, Pedagogia – 39. A afluência de candidatos de Teresina foi das maiores, seguindo-se os da cidade de Codó.

Novamente, em 1981, foram abertas inscrições para vestibular no primeiro semestre, cujo resultado, após expectativas,<sup>542</sup> foi nomeado na manchete de O Pioneiro como “Um vestibular decepcionante”.<sup>543</sup>

Já não nos causa nenhuma surpresa o resultado negativo do último exame vestibular da Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, na [para a] Faculdade local, quando apenas 30 concorrentes dos 299 que se submeteram ao mesmo lograram aprovação, vez que apenas o fato se repete mais uma vez, aliás a terceira consecutiva do ano passado para cá. Realmente é de se lamentar que 335 candidatos inscritos, logo de início, sejam reduzidos, pois 39 faltaram e das 160 vagas à disposição dos concorrentes hajam ainda sobrado nada menos que 130. POR QUÊ? Não atinamos com a causa de tantas reprovações: erro do computador tal como ocorreu em 1980? Rigidez demasiada da classificação? Ou falta mesmo de gabarito dos vestibulandos??? Neste último caso de quem seria a culpa? Dos alunos ou dos professores? Dolorosas interrogações. E AGORA? Resta saber se o que será feito agora: um novo vestibular como no ano próximo findo ou aproveitamento dos alunos que ganharam melhor nota mesmo sem lograr aprovação?

Mas a FESM deu a mesma resposta que foi realizada no ano anterior. Abriu inscrições para novo vestibular para o segundo semestre, cujo resultado foi divulgado por O Pioneiro com a manchete: “Vestibular 81: nova decepção”,<sup>544</sup> pois somente 35 candidatos lograram aprovação, e o mesmo verberou:

Como se vê, mais uma vez é deveras decepcionante o resultado do vestibular para Caxias, fato que aliás se vem sucedendo continuamente, não se sabendo ao certo, infelizmente, a quem culpar, pois o mesmo se está verificando em São Luís e com muito maior vexame em Imperatriz.

<sup>542</sup> O PIONEIRO, n. 509, p. 6, em 11.02.1981: “SAI O RESULTADO DO VESTIBULAR”. Dos vestibulandos da Faculdade de Educação de Caxias – FEC, pertencente à Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, de São Luís, terão nos jornais de hoje, da Capital do Estado, a publicação do resultado obtido no último vestibular realizado em nossa cidade de 1 a 4 do corrente. 299 concorrentes. 160 vagas.

<sup>543</sup> O PIONEIRO, n. 510, em 15.02.1981: “UM VESTIBULAR DECEPCIONANTE”. Nomes dos aprovados. PEDAGOGIA: Eldisa Elena Lima Medeiros, Maria Natália Aires de Sousa, Odaísa Salazar Pereira Lopes, Raimunda cunha Mota e Susana Kós. ESTUDOS SOCIAIS: José Luiz da cunha. CIÊNCIAS: Ana Maria Pires Cavalcante, Carmelita Rodrigues de Sousa, Cássia Figueiredo Neri, Débora Figueiredo Neri, Eliene de Maria Costa Vilanova, Eneide Conceição Pereira, Francisco Joker Ribeiro Neto, Francisco Portela Moraes, João da Silva Leite, João Rios Carvalho, Maria de Lourdes B. [Batista] Silva, Maria Édina Araújo dos Santos, Maria Júlia costa Carvalho, Pedro Portela Moraes, Regina Suely Brandão Araújo e Waltécia Monteiro N. Eulálio. LETRAS: Antônio Alves Nepomuceno, Antônio Rodrigues de F. filho, Cleide Maria Alves da Silva, Eliseth Cutrim Nunes, Francisca Carvalho Leite, Ieda Lúcia Borges de Carvalho, Raimundo da R. C. Carvalho e Sebastião Ferreira Irmão.

<sup>544</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, em 01.07.1981: **Vestibular 81: Nova Decepção**. Nos dias 3 a 5 do mês de \_\_\_ foi realizado pela FESM vestibular para a Faculdade de Educação de Caxias. Dos 371 candidatos inscritos apenas 345 compareceram e destes somente 35 lograram aprovação, quando havia 104 vagas disponíveis.

Pelo que nos resta somente aguardar outra oportunidade, dando um voto de louvor aos que passaram e um de confiança aos prejudicados.

Novamente, a solução da FESM para tentar aumentar o quadro de alunos ingressantes do ano foi fazer mais um vestibular<sup>545</sup> cujo resultado foi pior que o anterior: 5 aprovados – 1 em pedagogia, 1 em Estudos Sociais, nenhum em Ciências e 3 em Letras. Estampava-se a realidade para todos verem, em particular os atores do campo do poder político, que o sistema educacional no Maranhão e no Brasil<sup>546</sup> necessitava ser repensado, pois o processo de seleção e eliminação não se prestava à função principal da educação, de autoprodução e reprodução do próprio sistema educacional e das relações sociais entre grupos e classes, segundo a perspectiva analisada por Bourdieu.<sup>547</sup>

Como se tratava de uma instituição de ensino superior que tinha a função, ainda não cumprida, de produzir parte<sup>548</sup> da mão de obra demanda pelo sistema escolar no Maranhão, o qual ainda era ocupado, nas séries finais do 1º grau e no 2º grau, por professores leigos em sua maioria, essa situação se arrastou pelo resto da década de 1980 e só vai ter uma solução paliativa na primeira parte da década de 1990, exigindo menos capital cultural incorporado,<sup>549</sup> cujo resultado seria a eliminação do aluno no curso superior por falta de êxito no curso das disciplinas.<sup>550</sup>

Como essa instituição servia, majoritariamente, aos estratos populares, que viam no magistério um espaço de sobrevivência assalariada e de ascensão social, esse autoestrangulamento do sistema não incomodava aos agentes do campo de poder econômico e político dominante, pois tinham capital financeiro para custear a

<sup>545</sup> O PIONEIRO, n. 533, p. 05, em 09.08.1981: Vestibular da FEC. 371 candidatos se inscreveram para o último exame vestibular na Faculdade de Educação de Caxias (FEC), unidade de ensino superior ligada à Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), faltando às provas 26 inscritos, inclusive 7 que nem chegaram a receber o cartão de inscrição.

A área mais procurada foi Ciências, 104 candidatos para 23 vagas (quase 5 concorrentes para um lugar). Pedagogia: 95 inscritos para 24 vagas (3,9 candidatos disputando um lugar). Estudos Sociais: 89 candidatos para 31 vagas (quase três inscritos para um lugar). Letras: 83 candidatos para 29 vagas (proporção de 2,8 concorrentes para um lugar). As provas tiveram lugar na própria Faculdade nos dias 2, 3, 4 e 5 do corrente [mês de agosto].

<sup>546</sup> IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – 1985; 1986; 1987; 1988; 1989; 1990; 1991; 1992; 1993. Como o vestibular era unificado, o fenômeno acontecia em todo o Brasil

<sup>547</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para a teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 76/77.

<sup>548</sup> Porque a Universidade Federal do Maranhão também promovia cursos de licenciatura, plena, na capital.

<sup>549</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009a, p. 296/299.

<sup>550</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Op. cit, 2009, p. 187.

aquisição de capital cultural para seus herdeiros fora de Caxias, nos principais mercados culturais do País, os quais, ao retornarem com o distintivo de doutor, eram saudados como detentores de elevado capital social<sup>551</sup> cujo crédito era outorgado pela universidade e corroborado pela classe e pela comunidade a que pertenciam, tal como exibiu a imprensa local.

**Caxias tem novos filhos formados.**

EUGÊNIO DE SÁ COUTINHO FILHO – Formado em Engenharia Elétrica e Eletrotécnica, filho do Sr. Eugênio de Sá Coutinho, proprietário rural e de sua esposa, sra. Carmosina Coutinho residentes em sua propriedade Pedreira, interior de Matões. Dia 19 do corrente em Salvador, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. FRANKLIN BENJAMIN SERRA NETO – formado em Biomedicina (analista), Filho do reverendíssimo pastor Sillas Marques Serra e de sua consorte, Profa. Anecy Calland Serra, residentes em nossa cidade. Dia 18 de dezembro último, em Recife, pelo Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco. JOSÉ MIGUEL LOPES VIANA – Formado em Engenharia Civil, Filho do Sr. Antenor Gomes Viana e de sua esposa, sra. Conceição de Maria Lopes Viana, fiscais do Estado. Dia 25 anteontem, em São Luís, pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM. SYLVIA SIMÃO PEREIRA – Formada em Engenharia Civil, Filha do Sr. José Ferreira e sua consorte Anete Tomé Simão Pereira, residente na Capital pernambucana. Dia 26 de dezembro do ano próximo passado, em Recife, pelo Centro Tecnológico da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.<sup>552</sup>

Para agentes sociais diferentes havia educação diferenciada. O candidato ao curso superior que havia frequentado a escola pública profissionalizante de 2º grau já estava eliminado do vestibular antes mesmo de se inscrever, pois o vestibular exigia conteúdos que não foram ministrados na sua escola e sua família não tinha condição financeira para custear a aquisição desse capital cultural de outra forma. Enquanto a FESM, que a partir de 1982 foi denominada Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), entendeu que a forma mais democrática de seleção era a eliminação sem reprovação, por probabilidade de êxito, mais gente procurava participar da seleção, mas quando a mesma passou a adotar a seleção com reprovação, por probabilidade de passagem, diminuiu demais a concorrência.

Por 12 anos, a UEMA, no processo de preenchimento de vagas ofertadas em cursos, adotou a seleção eliminatória e unificada para São Luís, Caxias e Imperatriz,<sup>553</sup> em que um rol de conhecimentos ministrados só em escolas

<sup>551</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit. 2009b, p. 199.

<sup>552</sup> O PIONEIRO, n. 464, p. 10, em 27.01.1980.

<sup>553</sup> O PIONEIRO, n. \_\_, p. 00, 13.12.1981: Vestibular 82 da FESM é unificado para São Luís, Caxias e Imperatriz, Inscrições de 14 a 23.12.1981. Provas: 31.01 a 03.02.1982.

particulares de 2º grau eram exigidos dos candidatos. Por isso, os candidatos a vagas de cursos no Campus Paulo VI, tipo Administração, Engenharia Civil, Agronomia, Mecânica e Veterinária, via de regra, logravam êxito, pois eram, em sua maioria, de famílias com capital financeiro e cultural razoável, que colocavam seus filhos para estudar nas melhores escolas e/ou cursinhos particulares. Mas, para os candidatos do interior, na maioria de escolas profissionalizantes e cuja maioria absoluta dos professores não possuía licenciatura plena ou curta na área, a situação se complicava ao serem tratados como iguais numa sociedade de desiguais, mesmo após a extinção do curso profissionalizante compulsório.

Segundo Irmã Gemma, quando a FEC, que a partir de 1982 foi denominada Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC), ficava vazia, devido à pouca aprovação nos vestibulares, o espaço era ocupado em período de férias pelos alunos dos cursos parcelados, feitos em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado e o MEC. E, dos convênios celebrados no início da década de 1980, colocou grau em maio de 1982, a segunda turma.<sup>554</sup>

Mesmo as autoridades estando surdas diante do grito dos números, Irmã Gemma disse que não faltaram vozes para reclamar do que estava acontecendo:

Professor, nós sempre lutamos muito, porque era questão lá da UEMA. Porque eu digo o seguinte: a gente sentia uma má vontade em relação a Caxias, na verdade de uma parte do pessoal da UEMA, uma má vontade em relação Caxias. Então você tinha que lutar mesmo contra aquela força, que era muito poderosa, muito poderosa. Então resolvemos lhes dizer: enquanto vocês fizerem esse vestibular eliminatório ninguém vai passar, porque vocês estão colocando esses alunos no mesmo patamar dos nossos jovens que estudam no ensino médio, com todas as disciplinas próprias do vestibular, Esse outro pessoal não fez, no ensino médio, essas disciplinas. O estado não as ofereceu. Nós do São José oferecemos, nós colocamos Química, Física, Biologia e Matemática no ensino médio do 1º ao 3º ano. Mas o estado não oferece. Só oferece até o 1º ano. Então os senhores não vão aprovar nunca os alunos de Caxias. Nós brigávamos lá, professor, nós discutimos esse problema, professor. Enquanto os senhores fizerem isso a Faculdade de Caxias vai falir, porque não há condições, só se o estado oferecer disciplinas para o vestibular sem essas disciplinas, do ensino médio, de Física, Química, Biologia e Matemática. Enquanto os senhores oferecem

<sup>554</sup> O PIONEIRO, n.564, p. 06, 08/09.05.1982: “Segunda Turma do Curso Parcelado de Pedagogia Colou Grau à Noite de Sexta-Feira”, no auditório da Unidade de Estudos de Educação de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão. Eram 40 concludentes. Oficiou o ato o Reitor da UEMA Prof. Francisco de Souza Bastos Freitas, sendo : patrono o Secretário de Educação do Estado Prof. Antônio Carlos Beckman, paraninfa a Profª Miriam de Souza Santos e nome da turma a Profª Vânia Maria de Abreu Leite

isso nosso povo de Caxias não tem condição de passar, porque realmente não ofereciam [essas disciplinas]. Eu ficava angustiada e dizia: vai fechar, professor; vai fechar, professor! Não há condições! Você já pensou o prejuízo que vocês têm, o prejuízo que o Estado está tendo, porque vocês colocaram isso. Tem que ser um vestibular que aprove esses alunos, pois eles não vão precisar de Química, - é claro que vão precisar porque vão cultivar na vida - mas por enquanto não precisam. Então, foi luta! Foi luta! Aí, depois, o governo do estado, com as autoridades da própria UEMA, daqui, resolverem modificar isso.<sup>555</sup>

A Irmã Gemma não mencionou se essa regra do vestibular eliminatório fora uma imposição do Ministério da Educação, mas ficou evidenciado que se tratava de uma postura tecnocrática de parte dos gestores da UEMA, que careciam de uma visão mais ampla do sistema educacional, pois queriam tratar os desiguais como iguais, ao tomar os estudantes da capital, São Luís, como padrão e aplicar uma seleção independente do espaço social em que estavam inseridos os agentes e as instituições produtoras, reprodutoras e difusoras do conhecimento científico.<sup>556</sup>

No segundo vestibular de 1983<sup>557</sup> e no vestibular de 1984 houve 100% (Tabela 15) de aprovação, não pelo aumento de capital cultural incorporado por

<sup>555</sup> CARVALHO, Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho. Minhas lembranças do CESC/UEMA.

Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 06.04.2010.

<sup>556</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.

<sup>557</sup> O PIONEIRO, n.626, p. 5, em 21.03.1983: Foram ofertadas 160 vagas. “Infelizmente e aliás como vinha acontecendo ultimamente, o primeiro vestibular realizado em data recente teve um resultado decepcionante, pois dos 473 concorrentes apenas 21 lograram aprovação, sendo 3 em Estudos Sociais, 8 em ciências, 2 em Pedagogia e 8 em Letras, o que forçou a UEMA a fazer novo exame em Caxias e também em Imperatriz, que também esta em igual ou pior situação que a nossa.

O PIONEIRO, n. 606, p. 3, em 14.08.1983: “Já agora no segundo vestibular realizado nos últimos dias todas as vagas foram finalmente preenchidas, vez que dos 623 concorrentes foram aprovados 139, sendo 37 em Estudos Sociais, 32 em ciências, 38 em Pedagogia e 32 em Letras, sabendo-se que em Imperatriz mesmo com a realização do 2º vestibular, não foram preenchidas as 150 vagas existentes talvez pelo fato de que aqui a afluência de candidatos da Capital piauiense, que dista poucos quilômetros de nossa cidade. O PRIONEIRO, n. 606, em 14.08.1983: “Vestibular da UEMA: Resultado de Caxias”. Dos 222 candidatos aprovados no último exame vestibular da UEMA (Universidade Estadual do Maranhão), realizado recentemente, 48 foram da Faculdade de Educação de Caxias, conforme relação que nos forneceu na última quinta-feira o coordenador da mesma prof. Aluizio Bittencourt Albuquerque. APROVEITAMENTO. O reitor da UEMA, nosso conterrâneo, prof. Jacques Inandy Medeiros, principalmente no tocante à Capital do estado, achou que o índice de aproveitamento foi muito bom.

APROVADOS. Relacionamos a seguir os candidatos aprovados em Caxias nas diversas áreas: PEDAGOGIA (07) – Áurea Regina dos Prazeres Machado, Edigar Pires Poty, Hortelina Paula S. Silveira, Jaqueline Ribeiro Gonçalves, Lilian Leal Melo Lima, Luzanir Pereira de Moura, Rosane Lopes e Silva; ESTUDOS SOCIAIS(09) – Allcides Benício Gramosa, Ariene ferreira Costa, Cláudio Soares de Brito Filho, Domitilia Moura Campelo, José Ednaldo de Carvalho, José Fernandes A. filho, Maria Nazaré Araújo de Lima, Masilene Rocha Viana, Vicente O. Barbosa Filho; LETRAS (13) – Abdias Pinheiro dos S. filho, Carlos Augusto Nunes, Francisco Machado de Carvalho, Inácio da Silva Sousa, José Valdemar de Sousa, Manoel Celestino G.

Neto, Maria Aristéa Rabelo Campos, Maria das Dores Daniel Borges, Rupera Macieira G. Júnior, Solange Maria Araújo Matos, Telma Maria Rodrigues Ribeiro, Ulysses Gonçalves N. de Moraes, Yvem

parte dos candidatos, mas porque houve mudança no critério de avaliação,<sup>558</sup> pois ainda não havia repercutido os efeitos da Lei 7.044/82, que derogou a profissionalização compulsória nas escolas de segundo grau.

No primeiro vestibular de 1982,<sup>559</sup> as vagas ofertadas para os cursos de Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Agronomia, Medicina Veterinária e Administração Pública foram preenchidas e as oferecidas para os cursos de licenciatura curta da UEEC e da UEE de Imperatriz só foram preenchidas 20 e 13 respectivamente, confirmando a posição da Irmã Gemma de que a não aprovação dos candidatos do interior decorria do não domínio das matérias científicas não aprofundadas nos cursos profissionalizantes. Então foi realizado novo vestibular em agosto com 129 vagas para Caxias.

O baixo número de ingressos de 1980 a 1991 e de egressos de 1982<sup>560</sup> a 1994<sup>561</sup> (Tabela, 16) indicavam o estrangulamento do sistema educacional no

Araújo Costa; CIÊNCIAS (17) – Amilton Pio Vilanova e Silva, Ana do B. Socorro Costa Andrade, Antônio José da Silva Costa, Benedito Ribeiro M. Júnior, Carmem Maria Silva Lima, Edna Holanda Luz, Francisco Carlos de Moura Luz, Francisco das Chagas N. Campelo, Francisco de Assis B. Moraes, Lélia de Oliveira Cruz, Maria do Socorro C. e Silva, Maria do Socorro Lages Veras, Maria Moreira da Silva, Nilton de Sousa filho, Paulo Sousa do Nascimento, Ronaldo Trindade de Souza, Vanderson O. de Souza.

<sup>558</sup> O NOVO VESTIBULAR. *O Pioneiro*, n. 619, em 01.01.1984. “Desde o dia 26 de dezembro até o dia 06 de janeiro se encontram abertas as inscrições para o exame Vestibular 1984, oferecendo 160 vagas para a Unidade de Estudos de Educação de Caxias, sendo 40 para cada um dos seguintes cursos: Ciências, Letras, Estudos sociais e Pedagogia, cujas provas acontecerão nos dias 29, 30 e 31 de janeiro e 01 de fevereiro.

Segundo o Coordenador da UEEC será adotada uma nova sistemática: “A exemplo do que já vem sendo feito por diversas Universidades brasileiras, também a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) aprovou para os seus próximos exames vestibulares a realização de provas por áreas de preferência do candidato”. E acrescentou: “Assim, se o candidato optar por um curso da área de Educação, naturalmente que não concorrerá fazendo as mesmas provas para quem optar por cursos da área tecnológica”.

Disse mais: “Esta iniciativa de sistemática de mudança adotada pela UEMA, vem atender a solicitação do corpo docente da Unidade de Estudos de Caxias, pois na verdade o que se verificou era que o Estado dispendia recursos para manutenção de uma Unidade enquanto a mesma vinha operando com sub-aproveitamento de seus recursos humanos, físicos e financeiros, além de colocar em questão a sua própria função, uma vez que os professores da rede pública vem atuando sem a necessária qualificação”. E continuou: “Aliás isso tão somente porque a sistemática do vestibular que vinha sendo adotada impedia a aprovação desses professores”. “E conclui: Considerando-se esses fatos o próximo vestibular que se avizinha permitirá a oportunidade a esses que necessitam de qualificação”.

<sup>559</sup> DECÉPCIONANTE NO INTERIOR DO ESTADO. *O Pioneiro*, n.5\_\_\_, p. 04, 29.06.1982. “Sobram 277 vagas das 475 oferecidas pela Universidade Estadual do Maranhão em São Luís, Caxias e Imperatriz. Para os cursos de Engenharia Civil, Mecânica, Agronomia e Administração Pública, oferecidos em São Luís, não houve vagas sem preencher, mas sim para Caxias e Imperatriz. Em Caxias foram preenchidas 11% (20 candidatos) das vagas ofertadas e em Imperatriz 19% (13 aprovados). Mas em Imperatriz houve curso ofertando 50 vagas para as quais só se inscreveram 26 candidatos.”

<sup>560</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Atas de colação de grau em 07.05.1982 e em 19.08.1982.

<sup>561</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Ata de Colação de Grau - 27 de janeiro de 1995.

interior do Maranhão, quando 50% das vagas na UEEC, por exemplo, ficaram ociosas (Tabela 15). A saída seria preencher todas as vagas, sanar as falhas na formação e prover o sistema de docentes qualificados, para poder exigir rigor nos exames vestibulares futuros. Essa pequena quantidade de ingressos tinha como resultado a pequena quantidade de egressos, com, por exemplo, em 1982, ano em que só foi conferido grau a 55 formandos de cursos regulares (cf. Tabela 16).<sup>562</sup>

Figura 37 – Segundo vestibular de 1983.



Fonte: Arquivo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

A seleção de 1983 ocorreu através do vestibular, na comprovação de capital cultural incorporado, e através da falta de capital financeiro, pois o valor da inscrição tornou o vestibular proibitivo a um professor municipal.<sup>563</sup>

<sup>562</sup> ATA DE COLAÇÃO DE GRAU de 16 de julho de 1982. Arquivo da Divisão de Escolaridade. CESC/UEMA, 2011. ).” O evento foi noticiado por O PIONEIRO, n.571, p. 02, 25.07.1982: PAINEL – SÍNTESE. Reitor da UEMA e Secretário de Educação do Estado estiveram em colação de grau dos licenciados na Faculdade de Educação de Caxias no dia 16 de julho.

<sup>563</sup> PAINEL/MEC. *O Pioneiro*, n. 577, p. 0\_, 07.10.1982: “Taxa do próximo vestibular será de 2.175,00, reajuste superior a 100%. Quantia muito superior ao salário de um professor municipal, impedindo este de se inscrever, fazendo com que este desista.”

Em 1984, o Coordenador da UEEC justificou a mudança de critérios no vestibular, cujo aproveitamento foi de 100% das vagas ofertadas, como atendimento da administração superior da UEMA a uma solicitação dos professores da UEEC.<sup>564</sup> Isso denotou que a instituição estava preocupada com a sua função social, mas evidenciou despreocupação das autoridades da UEMA e do Governo do Estado com o papel da UEMA no estado do Maranhão, apesar de terem recebido convites para graduação de 32, 28 ou 30 professores, como ocorreu em 1983,<sup>565</sup> 1984,<sup>566</sup> e 1985,<sup>567</sup> respectivamente, quando deveriam colar grau de 100 a 160 alunos.

Apesar da transformação dos cursos de licenciatura curta em Licenciatura Plena, cujo acontecimento foi saudado como uma grande vitória da UEEC,<sup>568</sup> o vestibular ainda funcionava como um gargalo a impedir o acesso ao ensino superior, principalmente para os egressos do ensino de 2º Grau do interior do Maranhão, pois a maioria das vagas eram preenchidas por alunos com residência em Teresina,

<sup>564</sup> Cf. O NOVO VESTIBULAR. *O Pioneiro*, n. 619, em 01.01.1984, f. 268.

<sup>565</sup> FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS ESTEVE EM FESTAS. *O Pioneiro*, n. 607, em 20.08.1983. A Faculdade de Educação de Caxias esteve em festas presenças do governador Luíz Rocha, secretária de Educação Profª Leda Tajra e reitor da UEMA, prof. Jacques Inandy Medeiros. Colação de grau de 27 concludentes em 19.08.1983. Prof. Jacques Medeiros foi patrono, Prof. Aluizio foi o paraninfo. Foram homenageados: presidente João Figueiredo, ministra Ester Ferraz e o governador Luíz Rocha.

<sup>566</sup> COLAÇÃO DE GRAU NA FACULDADE. *O Pioneiro*, n. 621, p. 06, em 25.01.1984: “Com a presença do reitor Jacques Inandy Medeiros, a UEMA (Universidade Estadual do Maranhão) diplomou no último dia 20, às 20 horas, no auditório da Unidade de Estudos de Educação de Caxias (antiga Faculdade de Educação) os concludentes do 2º período letivo de 1983.

As turmas da Unidade Escolar caxiense dirigida pelo Dr. Aluizio Bittencourt da Silva foram paraninfadas pela Profa. Izaura Silva e tiveram como patrono o Prof. Joaquim Ribeiro Souza Neto, sendo orador oficial Jaime Alves e juramentista Raimunda Souza.

<sup>567</sup> FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS vai diplomar sua última turma de Licenciatura Curta a 10 de janeiro. *O Pioneiro*, n. 673, p. 4, em 22.12.1985: “Prestigiando o evento, se fará presente ao mesmo o reitor da UEMA – Universidade Estadual do Maranhão, nosso conterrâneo Jacques Inandy Medeiros, que se fará acompanhar de assessores e outros mestres da Capital do Estado. São em número de 43 os concludentes de agora, distribuídos nos seguintes cursos: Pedagogia – 15; Letras – 14; Estudos Sociais – 09; Ciências – 05. Com a implantação recente de Licenciatura Plena na Faculdade local, esta deverá de ser a última turma a colar grau em Licenciatura Curta.”

<sup>568</sup> LICENCIATURA PLENA: VESTIBULAR 86 NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. *O Pioneiro*, n. 671, p. 10, 07. 12. 1985. “Grande vitória vem de ser alcançada pelo diretor da Faculdade de Educação local, prof. Aluizio Bittencourt Albuquerque ao anunciar oficialmente a realização do primeiro Exame Vestibular para Licenciatura Plena em Caxias, de 26 a 29 de janeiro de 86, vitória esta que vem de cima, do nosso conterrâneo Jacques Inandy Medeiros, reitor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e naturalmente do nosso governador, dr. Luís Alves Coelho Rocha”. “As inscrições para os cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática, Física, Química e Biologia acontecerão de 09 a 20 de dezembro de 1985.”

OBS.: Ressalte-se que ter cursos de licenciatura plena era condição “sine qua non” para poder a UEMA obter o registro de Universidade. Mas nessa época o governador estava era incentivando a federalização da UEMA para dela ver-se livre, pois considerava um peso para os cofres do Estado.

como atestava o DAT<sup>569</sup> na época. Mas as vagas dos cursos de Administração, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Agronomia e Veterinária da UEMA eram quase todas preenchidas, enquanto sobravam centenas de vagas nas licenciaturas, chegando a ficar ociosas, nos anos de 1986, 1987, 1988, 1989, 1990 e 1991, respectivamente, as seguintes vagas: 262 (40,93%), 320 (50%), 824 (86,73%), 847 (73,46%), 931 (64,11%) e 541 (47,04%) (Tabela 15).

No primeiro vestibular de 1988, o número de aprovados foi semelhante ao segundo que teve apenas 6 (seis) aprovações,<sup>570</sup> então, como medida paliativa, foi feito um vestibular especial dirigido a professores da rede pública estadual e municipal que comprovassem efetivamente estarem no exercício do magistério, para os quais foi feito um exame seletivo. Essa experiência não foi repetida depois, apesar de não ter havido contestação jurídica, mas esses alunos sofreram discriminação por parte daqueles alunos que haviam enfrentado o rigor do vestibular, principalmente uma que teve sua matrícula aceita por força de autorização judicial.<sup>571</sup>

---

<sup>569</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. UEEC/UEMA. OF./86. Teresina (PI), 01 de setembro de 1986. Sra. Presidente: Cumprimentamos V. Sa., ao mesmo tempo em que solicitamos seja enviada para a Unidade de Estudos de Educação de Caxias – UEEC, 400 (QUATROCENTAS) carteiras de estudante. (§) Esclarecemos, outrossim, que a referida correspondência está endereçada da cidade de Teresina(PI), pelo motivo de o Presidente juntamente com a maioria dos estudantes da Unidade acima citada nela residirem e trabalharem e a cidade de Caxias (MA) ao possuir serviço SEDEX. (§) Sendo só para o momento, aproveitamos o envio para apresentar a V. Sa. , protestos de estima e subidas considerações. CLÁUDIO SOARES DE BRITO FILHO. Presidente. Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. UEEC/UEMA. Em 24.05.1993. Relação dos estudantes da UEEC, residentes em Teresina (PI), regularmente matriculados. Ao todo são 27. Assinado: José Gilvaldo Quinzeiro Soares, Coordenador do DAT.

<sup>570</sup> UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. OFÍCIO Nº 112/88-UEEC/UEMA. Caxias-MA, 15 de abril de 1988. Senhor Presidente: § Acusamos o recebimento de vosso ofício de nº 001/88, através do qual nos estão solicitando cópias da documentação constante nos processos de matrícula dos candidatos aprovados no 2º vestibular/88-UEMA/UEEC. § Informamos da impossibilidade em atender tal solicitação, haja vista se tratar de documentos de cunho pessoal, cujo manuseio é de uso exclusivo do setor de Escolaridade da UEEC. § Por outro lado, temos a informar, que dos seis candidatos aprovados apenas 03 (três) efetuaram matrícula. São Eles: . José Ribamar Alves de Abreu – Pedagogia, . José Enrique Vieira Garrido – Matemática, . Francisco das Chagas de F. Soares – Letras. § Sendo o que nos cumpre informar, colocamo-nos ao seu inteiro dispor. § Atenciosamente. Joaquim Ribeiro de S. Neto. Ilmo. Sr. José Costa Alencar. MD. Presidente do Diretório Acadêmico “Tiradentes”. (Arquivo DCE Paulo Freire, 2010).

<sup>571</sup> A selecionada Benigna Maria Assunção Couto foi impedida pela Direção da UEEC de se matricular por suspeitarem-na de não pertencer aos quadros de professores da Prefeitura Municipal de Caxias, uma vez que a mesma lecionava numa escola particular conveniada com a Prefeitura Municipal de Caxias, mas como professora pública municipal. Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

**Tabela 15. Resultados de vestibulares de 1970 a 1994.**

ANO	PEDAGOGIA				ESTUDOS SOCIAIS				CIÊNCIAS				LETRAS				TOTAL			
	Vaga	Inscr.	Aprov.		Vaga	Inscr.	Aprov.		Vaga	Inscr.	Aprov.		Vaga	Inscr.	Aprov.		Vaga	Inscr.	Aprovado	
			Frq.	%			Frq.	%			Frq.	%			Frq.	%			Frq.	%
1970	-	-	-	-	40	-	57	142,	40	-	35	87,	40	-	34	85	120	-	126	105
1972	-	-	-	-	50	-	-	-	50	-	-	-	50	-	-	-	150	-	72	48
1973	-	-	-	-	50	-	-	-	50	-	-	-	50	-	-	-	150	-	113	75,33
1974	50	48	50	100	50	78	50	100	50	69	50	100	50	83	40	100	200	278	200	100
1975	40	66	40	100	40	82	40	100	40	72	40	100	40	71	40	100	160	281	160	100
1976	40	75	40	100	40	69	40	100	40	52	40	100	40	66	40	100	160	262	160	100
1977	40	-	40	100	40	-	40	100	40	-	40	100	40	-	40	100	160	-	160	100
1978	40	-	-	-	40-	-	-	-	40	-	-	-	40	-	-	-	160	356	160	100
1979	40	-	-	-	40	-	-	-	40	-	-	-	40	-	-	-	160	327	160	100
1980.1	40	-	1	2,5	40	-	5	12,5	40	-	1	2,5	40	-	4	10,0	160	-	11	6,87
1980.2	39	-	-	-	39	-	-	-	35	-	-	-	36	-	-	-	149	728	29	19,46
1981.1	40	-	5	12,5	40	-	1	2,5	40	-	16	40,0	40	-	8	20,0	160	299	30	18,75
1981.2	24	-	9	37,5	37	-	5	-	37	-	11	27,5	29	-	10	34,4	104	345	35	33,65
1982.1	40	-	4	10,0	40	-	2	5,0	40	-	6	15,0	40	-	8	20,0	160	-	20	12,50
1982.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1983.1	40	-	2	5,0	40	-	3	7,5	40	-	8	20,0	40	-	8	20,0	160	-	21	13,12
1983.2	38	-	38	100	37	-	37	100	32	-	32	100	32	-	32	100	139	-	129	100
1983.3	40	-	7	28,0	40	-	9	22,5	40	-	17	42,5	40	-	13	32,5	160	-	46	28,75
1984	40	-	40	100	40	-	40	100	40	-	40	100	40	-	40	100	160	-	160	100
1985.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1985.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1986	40	-	-	-	40	-	-	-	60	-	-	-	40	-	-	-	180	-	-	-
1987	40	112	4	10,0	40	156	9	22,5	60	236	17	28,3	40	88	7	17,5	180	592	47	26,11
1988	40	-	-	-	40	-	-	-	60	-	-	-	40	-	-	-	180	-	-	-
1989	40	-	-	-	40	-	-	-	60	-	-	-	40	-	-	-	180	-	-	-
1990	40	32	28	70,0	40	42	34	85,1	60	37	26	43,3	40	42	35	87,	180	153	123	80,39
1991.1	40	-	21	52,5	40	-	13	32,5	60	-	13	21,6	40	-	26	65,0	180	285	73	40,55
1991.2	40	33	5	12,5	40	15	18	45,0	60	55	3	5,0	40	7	6	15,0	180	136	32	17,77
1992	40	-	-	-	40	-	-	-	60	-	-	-	40	-	-	-	180	-	-	-
1993	40	-	-	-	40	-	-	-	60	-	-	-	40	-	-	-	180	-	-	-
1994	40	-	-	-	40	-	-	-	60	-	-	-	40	-	-	-	180	-	-	-

Fonte: Parecer n. 964\_77, do CFE em .1977; O Pioneiro, n. 510, de 15.02.1981; n. \_\_, de 01.07.1981; n. 556, de 18.02.1982; n. 606, de 21.03.1983; .n. 606, de 14.08.1983; n. 751, p. 05, em 15-30.01.1990; n. 797, 09 fev. 1991; FONSECA, 1985, p. 47-54. NOTA: Nessa tabela não há resultado das seleções para cursos parcelados.

Uma vez que em 1989 se repetiu o alto índice de vagas ociosas,<sup>572</sup> como medida para aumentar o número de aprovados no vestibular para os cursos de licenciatura no interior do estado, a UEMA criou um projeto que ficou conhecido como Projeto SOS, cujos professores-monitores eram os melhores alunos dos cursos cujas disciplinas eram exigidas no vestibular. Como esse curso funcionava durante o dia, resultava beneficiando os alunos residentes na sede do município, isto é, de Caxias e Imperatriz. Inclusive o CONSUN da UEMA publicou uma resolução determinando que o aluno que houvesse logrado aprovação na primeira etapa do vestibular, uma vez obtendo avaliação positiva no SOS, não faria mais a primeira etapa no vestibular seguinte.<sup>573</sup> Esse projeto foi avaliado como exitoso pelos dirigentes da instituição, pois elevou de 25 (Vestibular de 1989) para 123 (Vestibular de 1990) o número dos aprovados para os cursos de Licenciatura da UEEC, inclusive foi atribuído “a procura maior de candidatos de Caxias, do que de Teresina, Timon, Coelho Neto, Aldeias Altas e Codó juntos, em decorrência do Projeto S.O.S. cujo objetivo é preparar o aluno do 2º grau para o vestibular, pois 80% lograram aprovação”.<sup>574</sup> Mas no âmbito geral da UEMA, o número de vagas ociosas continuava muito alto ((Tabela 15) e os resultados do primeiro e do segundo vestibular de 1991 fizeram cair a avaliação positiva do Projeto S.O.S.

Em 1991 houve mudança de critérios de seleção para o vestibular, por determinação do Ministro da Educação Carlos Chiarelli, que não foi suficiente para alavancar o índice de aprovação. Só em 1992 é que houve o retorno das salas cheias, pois o corte na primeira etapa correspondia a um acerto, pelo menos, em cada prova, na 1ª etapa, e, na 2ª etapa, a 20% de acerto nas disciplinas específicas do curso. Com isso foi encerrado o Projeto S.O.S.

---

<sup>572</sup> RESULTADO DO VESTIBULAR DA UEMA – Caxias. *Tribuna de Caxias*, de 20.07 a 05.08.1989. “Letras: 08; Ciências: 12; Estudos Sociais: 04; Pedagogia: 01. Portanto, apenas 25 concorrentes de Caxias obtiveram aprovação, restando 127 vagas. As matrículas serão de 08 a 10 de agosto na Unidade de Caxias no Morro do Alecrim”.

<sup>573</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. RESOLUÇÃO Nº 003/89-CEPE/UEMA. São Luís, 01 de maio de 1989. Dispensa da 1ª etapa do II Vestibular/89, candidatos do Projeto S.O.S – 2º Grau – Ano II. Art. 1º - Serão dispensados excepcionalmente da 1ª Etapa do II Vestibular de 1989, os candidatos classificados na 1ª etapa do I Vestibular de 1989, particularmente do Projeto S.O.S. – 2º Grau, Ano II, em São Luís, e que tenham logrado aprovação no curso, com a média mínima 5 (cinco) e atendidas as demais exigências regimentais. Assina: Joaquim César dos Santos. Presidente do CEPE.

<sup>574</sup> CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO. Relatório da comissão verificadora para o reconhecimento do Curso de Pedagogia ministrado em Caxias-Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA, 1990. Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

**Tabela 16. Concludentes das turmas de 1972 a 1994.**

	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1995	TOTAL
Pedagogia	410*	143	124	37	57	7	14	6	14	20	24	5	-	11	23	9	11	915
Letras	130*	42	23	26	17	10	2	13	14	1	15	1	22	11	19	15	5	366
Estudos Sociais	130*	40	37	31	12	1	-	3	10	13	11	1	2	1	-	-	1	293
História	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	8	8	16	4	4	8	52
Geografia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	4	9	5	21
Ciências	130*	24	11	20	18	14	12	8	10	3	8	-	2	-	-	-	-	260
Matemática	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	6	8	6	4	7	33
Física	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Química	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4	5	1	5	2	19
Biologia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	6	-	7
<b>TOTAL</b>	<b>800</b>	<b>249</b>	<b>195</b>	<b>114</b>	<b>104</b>	<b>32</b>	<b>28</b>	<b>30</b>	<b>48</b>	<b>37</b>	<b>62</b>	<b>21</b>	<b>45</b>	<b>53</b>	<b>57</b>	<b>53</b>	<b>40</b>	<b>1968</b>

Fonte: Atas de colação de grau do CESC/UEMA de 1982 a 1993. Arquivos da Divisão de Escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

(\*) Esses números não correspondem exatamente ao total formados por cada curso, mas o curso de Pedagogia foi o que mais formou, pois ofertava cursos parcelados. Na Ata da Solenidade de Formatura não contém todos os nomes dos formados da colação de grau de 20.01.1978, mas, segundo a Prof<sup>a</sup> Edmée da Costa Leite, membro da turma, foram 722, reunindo todos os concludentes de 1972 a 1977. E em 29.07.1978 houve outra colação de grau com 78 formandos.

Nota: As datas no cabeçalho da tabela correspondem ao ano da colação de grau.

Dois comportamentos do público em relação à UEEC chamaram a atenção:

1) Só 112 egressos da licenciatura curta voltaram para cursar licenciatura plena até 1990; 2) A pouca quantidade de candidatos inscritos, pois em cada seleção anual (Tabela 15), a partir de 1986, eram oferecidas 180 vagas para os cursos da UEEC.<sup>575</sup>

Em 1991 o preço da inscrição<sup>576</sup> ocasionou diminuição de inscrições.

Possivelmente, as sucessivas colações de grau com poucos graduandos motivaram a mudança nos critérios de seleção no vestibular, como ocorreu em 1984, pois em 1989 colaram grau 21, em 1990 colaram grau 45 e em 1991 foram 53 (Tabela 16).<sup>577</sup>

Como o Governo Estadual constatou em 1992 que 80% dos professores da sua rede pública de ensino não possuía formação superior, implantou o Programa de Capacitação de Docentes (PROCAD), dirigido aos professores das redes públicas de ensino estadual e municipal. Para os professores da rede estadual houve bolsa de estudo no valor de um salário mínimo nos meses de janeiro, fevereiro e julho, pois era um curso parcelado de férias. Esse vigorou até 1995.

---

<sup>575</sup> VESTIBULAR COM NOVO PERFIL. *O Pioneiro*, n. 788, p. 03, em 08 dez. 1990: UEMA/UEEC.: “Atendendo a solicitação do ministro da Educação, Carlos Chiarelli, no sentido de preencher todas as vagas nas instituições de ensino superior, a Universidade Estadual baixou o índice de porcentagem para acertos de questões em cada prova. O critério que será adotado prevalecerá em apenas 30% de acertos nas provas da primeira etapa e 30% na prova de Português e Redação e somente 20% nas de disciplinas específicas na segunda etapa. Ficando assim mais fácil o ingresso de candidatos aos cursos oferecidos pela instituição.

“Cerca de 160 candidatos estarão disputando as 285 vagas oferecidas pela UEMA na Unidade de Caxias no I Vestibular de 1991, que será realizado em duas etapas, no próximo mês de janeiro”, nos dias 21 e 22 e 30 e 31.

“A Universidade oferece um total de 575 vagas, para o próximo semestre, nos 17 cursos... em São Luís com 165, Imperatriz 150, Bacabal 100 e Caxias 160.

UEMA REALIZA I VESTIBULAR – 91. *O Pioneiro*, n. 794, 19 jan. 1991: “”. Na 1ª etapa, dias 21 e 22 de janeiro, serão realizadas provas, respectivamente, de Estudos Sociais e Comunicação e Expressão e de Língua Estrangeira e Ciências, cada uma com 50 questões. Inscreveram-se 285 candidatos para disputar 160 vagas para dos cursos de Ciências (40 vagas), Pedagogia (40 vagas), Letras (40 vagas) e Estudos Sociais (40 vagas). A 2ª etapa, nos dias 30 e 31 de janeiro serão de Redação e Língua Portuguesa e de Conhecimentos Específicos.

<sup>576</sup> SEGUNDO VESTIBULAR 1991. *O Pioneiro*, n. 813, p. 01, 03.jun. 1991. Em 31.05.1991, a COPEAVE (Comissão Permanente para assuntos de Vestibular) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) através de Edital 001/91, torna público as normas gerais e condições para o II Vestibular de 1991. As inscrições serão de 11 a 14 de junho e custam Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros).” Obs.: Em 1991, de março a agosto, o valor nominal do salário mínimo era de Cr\$ 17.000,00. Então a taxa do vestibular correspondia a quase 25% do salário mínimo. Assim muitos candidatos foram eliminados sem necessidade de inscrição.

<sup>577</sup> COLAÇÃO DE GRAU NA UEEC. *O Pioneiro*, n. 751, p. 04, em 15 a 30, 01. 1990: “Os concludentes dos cursos de Ciências, Letras, Estudos Sociais e Pedagogia de 1989 colaram grau no dia 27 no auditório da UEEC, a qual foi precedida de Culto de Ação de Graças na Igreja Adventista (dia 24), Missa de Ação de Graças na Catedral (dia 25). E o baile de formatura também foi no dia 27.

Ao contrastar os resultados finais das tabelas 15 e 16, enquanto realidade acontecida e constada, a impressão que fica é a de que ao longo dos 26 anos de criação e 24 anos de instalação da UEEC não houve uma política de estado para a formação de professores, pois a UEMA, e no seu bojo os Centro de Estudos Superiores, em particular o CESC, não foi compreendida enquanto ferramenta estratégica para o desenvolvimento da educação escolar no interior do estado do Maranhão. Pois, tanto a procura por profissionalização docente quanto a demanda social de profissionais qualificados para o desenvolvimento de uma educação escolar de qualidade não foram atendidas pelo sistema, configurando o que Otaíza de Oliveira Romanelli (2000) disse da educação brasileira na República Velha e na República Populista, quanto à crise por falta de equilíbrio entre educação e desenvolvimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo do Centro de Estudos Superiores de Caxias, em sua perspectiva histórica, foram enfocados a instituição, os agentes e a formação, enquanto aspectos inerentes a uma instituição de ensino, os quais se imbricaram em vista do objetivo de preparar quadros de nível superior para atuar ensino médio.<sup>578</sup> A institucionalização aconteceu pela ação dos agentes na interface com a realidade, em vista do desenvolvimento da prática docente.

Esses três aspectos – instituição, agentes e formação – estão visceralmente ligados aos conceitos epistemológicos fundamentais do pensamento de Bourdieu, que são as noções de campo, *habitus* e de capital. O conceito de campo se relaciona a instituição, porque o Centro de Estudos Superiores de Caxias, enquanto instituição, é parte do campo acadêmico, que é um espaço social estruturado, com regras e práticas definidas, no qual os agentes, ao longo do recorte temporal de vinte e seis anos (1968-1994), travaram lutas constantes para preservar e para modificar o campo. O conceito de *habitus* se vincula a agentes – o estado, a FESM/UEMA, a/o FFPEM/FEC/UEEC/CESC, os Departamentos, os professores, agentes administrativos, o DCE, o DAT, os estudantes – porque um campo só cumpre a sua função se houver agentes nas instituições do campo, portadores de *habitus*, enquanto sistema de disposições geradores e organizadores de modos de sentir, pensar e agir numa dada circunstância, isto é, agentes estruturantes que tenham noção do jogo e queiram jogar no campo. O conceito de formação se vincula ao conceito de capital, porque o que é buscado numa instituição escolar em um campo, mormente a instituição de ensino superior, do campo acadêmico, é o capital do saber, o capital cultural. E no CESC/UEMA o capital cultural docente, a formação docente para o exercício da prática docente, sob a forma internalizada e institucionalizada, foi a meta de quem ali ingressou como docente e, principalmente, como discente. Portanto o *habitus* é referido a um campo, assim como um agente é referido a uma instituição e o capital cultural ou a formação é o produto dessa relação.

---

<sup>578</sup> Para a Lei 4.024/61 o ensino médio compreendia dois ciclos: ginasial, o primeiro, e colegial, o segundo. Com a Lei 5.692/71 o ciclo ginasial passou a constituir o 2º ciclo do 1º grau e o ciclo colegial foi denominado 2º grau.

A formação social, constituída por campos, é o espaço de gestação e formação generalista dos agentes sociais. E, depois do estado, as instituições como família, igreja e escola são os espaços sociais construtores do caráter, da natureza dos seus agentes. Mas, dos espaços escolares, a instituição de ensino superior, enquanto campo acadêmico, é o espaço por excelência de formação do *habitus* dos agentes em luta para terem domínio do campo para conservá-lo e/ou modificá-lo através da aquisição de capital cultural convertido em poder simbólico.

Portanto, o campo acadêmico de formação de docentes é, dentre todos os campos acadêmicos, aquele que mais fundo, mais profundamente planta o *habitus* no corpo e na alma dos agentes sociais, pois sua ação sistemática e intencional de construção de agentes que se dirigirão para os mais diferentes campos é a ação mais longa e a mais influente de suas vidas. Porém, como o *habitus* é aprendido de forma intencional ou não-intencional e todo aprendizado do agente é continuado em toda a sua vida, esse sistema estruturado e estruturante de disposições geradoras e organizadoras de comportamentos, nos agentes individuais e coletivos, é tributário do espaço e do tempo, portanto, é histórico.

Na interface com a realidade, na perspectiva de extinguir, de conservar e/ou transformar o CESC, atuaram os seguintes agentes: depois de instalada e em funcionamento, o governo estadual, alegando falta de recursos, põe fim ao convênio com a USP e diz da impossibilidade de tocar o projeto da FFPEM, que só foi continuado por determinação do diretor Genival e outra vez pela ação de Almada Lima; agentes externos à instituição, do campo político dominante, disputaram entre si o controle da instituição, o que provocou instabilidade em alguns momentos; após uma década de funcionamento, agentes individuais internos, tendo incorporado como que um *habitus* acadêmico, seguindo as regras do jogo sucessório, evitam a ingerência do poder político local na condução da instituição; a realidade local interpela os agentes docentes, os quais partem para uma prática de extensão, bem como partem para a busca de formação em nível de pós-graduação; estudantes, através do Diretório Acadêmico Tiradentes, manifestam-se em variados momentos em defesa de seus direitos e da continuidade da instituição.

A formação docente, enquanto missão institucional do CESC, foi feita prioritariamente na base do ensino, extensivo e intensivo, tendo havido algumas ações de extensão, porém nenhuma prática de pesquisa. Assim o CESC produziu ao longo de 26 anos de funcionamento 1.968 docentes, dos quais não poucos

retornaram para testemunhar que foram bem sucedidos em outros estados, sendo distinguidos pela habilidade de ensinar bem.

Uma das indagações mais freqüentes feitas a si mesmo pelo autor desse estudo era esta: O Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC ao longo de vinte e seis anos de existência se constituiu numa instituição do campo acadêmico? Segundo Pierre Bourdieu,<sup>579</sup> as propriedades universais de um campo são: estrutura, leis, *doxa*, objetos específicos e *habitus* específico.

Portanto, uma análise da configuração dessas propriedades no CESC/UEMA levam a dizer que: a) estrutura, uma vez que possuía diretoria, departamentos, estrutura curricular; b) normas de funcionamento invariantes, tipo a Lei 2.821/68 de sua criação, o seu regimento interno feito e aprovado em 1973, a Lei 3.260/72 de criação da FESM, o Decreto 5.503/74 do estatuto da FESM e a Lei 4.400/81; c) *doxa*, uma vez que a instituição gozava de legitimidade na comunidade, enquanto instituição formadora de professores; d) objetos específicos a serem disputados, isto é, o capital cultural; e) *habitus*, que foi se constituindo ao longo do tempo, não na instituição como um todo, mas manifestava-se nos agentes, mais em uns e menos noutros.<sup>580</sup> Portanto, o estudo evidencia que o CESC, ao longo de 26 anos, efetivamente se institucionalizou enquanto parte do campo acadêmico, embora voltado somente para a formação docente, com prática voltada para o ensino, negligenciando a formação para a pesquisa.

Também ao contrastar com a realidade do CESC a autonomia<sup>581</sup> e a *illusio*,<sup>582</sup> como propriedades específicas do campo científico, diante da falta de

<sup>579</sup> APUD THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. RAP, Rio de Janeiro 40 (1) :27-55, Jan./Fev. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf> > Acesso em: 26.07.2011.

<sup>580</sup> BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: \_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 119-126. Disponível em: <http://search.4shared.com/q/1/PIERRE%20BOURDIEU>. Acesso em: 05.07.2011.

<sup>581</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Editora da UNESP, 2004, p. 30 e 32.

“Quanto mais os campos científicos são autônomos, mais eles escapam às leis sociais externas.”

“Quanto mais um campo é heterônomo, mais a concorrência é imperfeita e é mais lícito para os agentes fazer intervir forças não-científicas nas lutas científicas. Ao contrário, quanto mais o campo é autônomo e próximo de uma concorrência pura e perfeita, mais a censura é puramente científica e exclui a intervenção de forças puramente sociais...”

<sup>582</sup> IBIDEM, 2004, p. 30 e 31. “Sublimação que, tacitamente, exigida de todo recém-chegado, é implicada nessa forma particular de *illusio* inerente ao pertencimento a um campo, isto é, a crença científica como interesse desinteressado e interesse pelo desinteresse, que leva a admitir, como se diz, que o jogo científico merece ser jogado, que ele vale a pena, e que define os objetos dignos de interesse, interessantes, importantes, capazes, portanto, de merecer o investimento”. p. 30. “Em outras palavras, o campo, isto é, mais precisamente a economia antieconômica e a concorrência regulada da qual ele é o lugar, produz essa forma particular de *illusio*

autonomia e de atitude de interesse interessado e de desinteresse desinteressado, conclui-se que o CESC não se constituiu num campo. Um campo não se constitui simplesmente pela existência de regras de jogo. É necessário haver jogo. Mas se os jogadores não incorporarem o *habitus* não haverá agentes habilitados, portanto não haverá jogo e tampouco campo.

Se o que dá vida ao campo, em particular o campo acadêmico, é a busca incessante de melhor posição de seus agentes e grupos pela acumulação de capital cultural, tipo titulações e publicações científicas, em vista da conservação e transformação do campo, como que num jogo de forças e de lutas, cujo objetivo seria tornar-se dominante pela posse de capital incorporado e institucionalizado, isso não ocorreu ao longo desse recorte temporal. As lutas havidas foram pelo controle da direção da instituição, contra possíveis intervenções externas, e as rivalidades internas decorrentes de algum interesse pessoal contrariado.

Portanto, o CESC era uma instituição que em tudo se configurava como parte do campo acadêmico, mas o *habitus* acadêmico ainda estava pouco internalizado em seus agentes, mas estava se constituindo paulatinamente.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BONFIM, Maria Núbia Barbosa. **Do velho ao novo**: política e educação no Maranhão. São Luís-MA: UFMA, 1985
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Seg. reimpr. da 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: EdUNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 7. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996
- BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Alice Nogueira; CATANI, Afrânio. **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. 2 ed. Petrópolis: Rio de janeiro, 1999
- \_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. O esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 61.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Ioïc. **Uma invitación a la sociologia reflexiva**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 03 de dezembro de 1991. Reconhecimento do Curso de Letras
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 05 de dezembro de 1991. Reconhecimento do Curso de História.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 11 de novembro de 1991. Reconhecimento do Curso de Geografia.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Federal de Educação. Parecer 361/91, de 02 de setembro de 1992. Reconhecimento da habilitação Matemática do Curso de Ciências.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Portaria Nº 502/ 03.07.1985. **Diário Oficial de 04.07.1985**; FOLHA UM, n. 04, em 19.07.1985.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CONSELHO FEDERAL DE AEDUCAÇÃO. PARECER 964/77 DE 09.03.1977.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CONSELHO FEDERAL DE AEDUCAÇÃO. PARECER 2.111/77 DE 04.08.1977.

BRASIL. Decreto nº 81.037, de 15.12.1977. de Reconhecimento da FEC.

BRASIL. O Decreto nº 79.884/77. **Diário Oficial da União**, n. 121, p. 02, de 28.06.1977

BRASIL. Decreto-Lei nº 477, de 26.02.1969. **Diário Oficial da União – D.O.U. de 26.02.1969**. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126092/decreto-lei-477-69>. Acesso em: 25.01.2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 18. reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARVALHO, Irmã Gemma. **A Faculdade de Educação de Caxias**: a trajetória de muitas lutas e grandes vitórias. Caxias,MA: Nova Expansão Gráfica e Editora, 2007.

COELHO, Ildeu M. Universidade e formação de professores. In: GUIMARÃES, Valter Soares (Org.). **Formar para o mercado de trabalho ou para a autonomia**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade temporã**: o ensino superior da Colônia à Era Vargas. 3. ed. São Paulo: EdUNESP, 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica**: o ensino superior na república populista. 3. ed. São Paulo: EdUNESP, 2007b

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformada**: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. 2. ed. São Paulo: UNRSP, 2007.

DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres. (Orgs.). José Maria Cabral Marques. In: \_\_\_\_\_. **Memória de professores**: histórias da UFMA e outras histórias. São Luís; Brasília: UFMA; CNPq, 2005,

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. 2. ed. 23ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONSECA, Denei Maria Cunha. **Prática pedagógica e realidade social**: um estudo crítico sobre a experiência da Unidade de Estudos de Educação de Caxias. São Luís, MA: UFMA/Secretaria de educação, 1985.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. 2. ed. e 1. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

IBGE. **Censo Demográfico de 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IBGE. **Censo Demográfico de 1980** – Dados Gerais do Maranhão. Rio de Janeiro: IBGE, 1982, v. 1, tomo 4, n. 7.

IBGE. **Censo Demográfico de 1970**: Maranhão. Rio de Janeiro: IBGE, 1973

IBGE. **Censo Demográfico de 1960**: Maranhão-Piauí. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. 1ª parte.

IBGE. **Censo Demográfico de 1960**: Maranhão-Piauí. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. 2ª parte

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1993.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – 1992.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1991.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1990.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1989.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1988.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1987.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1986.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1985.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1984.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1983.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1982.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil - AEB/1981.

- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1980.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1979
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1978
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1975.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1974.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1973.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil - AEB/1972.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1971. Rio de Janeiro: IBGE, 1972.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1971
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1975. Rio de Janeiro: IBGE, 1970
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1969.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1967. Rio de Janeiro:IBGE, 1967.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – AEB/1966.
- MARANHÃO. PODER EXECUTIVO. Mensagem Governamental Nº 044/91. São Luis-MA, 15 de outubro de 1991,
- MARANHÃO. Constituição Estadual, de 05.10.1989.
- MARANHÃO. Poder executivo. Diário Oficial, em 09.04.1979.
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** em 22.07.1976
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** 10.01.1975.
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** 09.01.1975.
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** 04.10.1974. Regimento da FESM.
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** 28.07.1974. Resolução nº 52/1974.
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** de 08.03.1974.
- MARANHÃO. **Diário Oficial.** de 25.09.1973.

MARANHÃO. **Diário Oficial** de 04/10/1973. Resolução, 28.09.1973. Autoriza o funcionamento da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio de Caxias.

MARANHÃO. **Diário Oficial**, São Luís-MA, 29 ago. 1972.

MARANHÃO. **Diário Oficial**, n. 14, de 19.01.1971.

MARANHÃO. Lei 2.821, de 23.02.1968. **Diário Oficial**, a. 61, n. 39, f. 1, em 05/02/1968.

MARX, Karl. Teses para Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRELES, Mário Martins. **O ensino superior no Maranhão**; esboço histórico. São Luís: UFMA, 1981.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: contexto, 2007.

MOLDE (O) da excelência acadêmica. **Pesquisa Online**, da FAPESP, n. 101, p. 1 – 5, jul. 2004 Disponível em: < <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=2531&bd=1&pg=3&lg=> > Acesso em: 11.12.2009

NORA, Pierre. Entre Memoria e Historia: La problemática de los lugares. Disponível em: < <http://comisionporlamemoria.chaco> >. Acesso em: 08.08.2011.

PASSOS, Guiomar de Oliveira. **Universidade brasileira e atitude de classe**: a prática docente entre 1930 e 1960. 1997. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 154.

PIRES, César Henrique Santos. **Uma universidade para o Maranhão**. São Luís-MA, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 217.

SALES, Luis Carlos. O valor simbólico do prédio escolar. Teresina-PI: EDUFPI, 2000, p. 242-249.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, maio/jun/jul/ago 2002.

SOARES, Ana Maria Saldanha de Castro. **O curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão**: discurso e prática. São Luís, MA: UFMA/Secretaria de Educação, 1984

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO MARANHÃO. Departamento de Estatística. **Anuário Estatístico do Maranhão – 1968**, São Luís, v. 1, p. 439-68, 1968.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO MARANHÃO. Departamento de Estatística. **Anuário Estatístico do Maranhão – 1969**, São Luís, v. 1, p. 27-29, 1969.

TÁJRA, Lêda Maria Chaves. **1º ciclo de estudos básicos da Universidade Federal do Maranhão**: contribuições para reflexão. São Luís-MA: UFMA, 1985.

TEIXEIRA, Anísio. **O ensino superior no Brasil**: análise e interpretação de sua evolução até 1968. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005, anexos, p. 302-308.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (PORTAL). **Institucional: histórico**. Disponível em: <<http://WWW.uema.br/PAUEMA.ASP>>. Acesso em: 03.12.2010.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **O que é universidade**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

### **ENTREVISTAS E DISCURSOS**

ABREU SOBRINHO, Raimundo de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, no Centro de Estudos Superiores de Caxias, em 19.03.2010.

ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 02.02.2010.

ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 28.01.2010.

ALBUQUERQUE, Aluizio Bittencourt. Discurso proferido na comemoração dos “40 anos do CESC/UEMA. Caxias-MA, 23.02.2008.

ALMEIDA, Deusiano Bandeira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, no CESC, em 25.03.2010.

ALMEIDA, Raimundo Luiz Ferreira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, 20.03.2010.

ALMADA LIMA FILHO, Arthur. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias – IHGC, em 09.03.2010.

ARRUDA, Elizeu. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 29.01.2010.

BORBA, Raimunda Barros. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 23.04.2010.

COSTA E SILVA, Genival. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, na sua residência, em Teresina, em 22.07.2008.

CARDOSO, José de Ribamar. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 30.01 e 01.02.2010.

COSTA E SILVA, Genival. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em 22.07.2008.

COUTINHO, Paulo Afonso da Silva. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Teresina-PI, 22.07.2008.

CRUZ, Lélia de Oliveira. Minhas Lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em 23.03.2010.

FÉLIX ROSAR, Maria de Fátima Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

FERNANDES, Valquíria Araújo. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 26.03.2010.

LEITE, Edmée da Costa. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 24.03.2010.

LIMA, Manoel Ferreira. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em sua residência, no bairro Nova Caxias, em Caxias-MA, em 18.02.2010.

MARTINS FILHO, José Ribamar Martins. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, 13.03.2010.

MEDEIROS, Jacques Inandy. Minhas lembranças da UEMA. Entrevista – 2ª parte – concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 13.12.2010.

MEDEIROS, Jacques Inandy. Minhas lembranças da UEMA. Entrevista – 1ª parte – concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 15.04.2010.

MEDEIROS, Jacques Inandy. Minhas lembranças da UEMA. Entrevista – 2ª parte – concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 13.12.2010.

MORAIS, Francinaldo de Jesus. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista com Francinaldo de Jesus Moraes, em Caxias-MA, 27.03.2010. Foi aluno de 1993 a 1998, quando da transição de UEEC para CESC.

OLIVEIRA, Francisco Limeira de. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.03.2010.

PEREIRA, Maria de Fátima Gomes. Minhas lembranças do CESC/UEMA, 2010;  
ALMEIDA, Deusiano Bandeira. Minhas lembranças do CESC/UEMA, 2010.

RIBEIRO NETO, Agostinho. Minhas lembranças da UEMA – Universidade Estadual do Maranhão. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, em 19.11.2010.

SERRA, Sillas Marques. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 31.07.2008.

SILVA, Dalva de Almeida e. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em Caxias-MA, 30.03.2010.

SILVA, Francisca Araújo. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 08.04.2010.

SILVA, Maria das Dores Batista. Discursos proferido pela Prof<sup>a</sup> Maria das dores Batista Silva (Didô) saudando o diretor que saía e a diretora que entrava, em 26 de julho de 1976. In: O Pioneiro, p. 12, em 01.08.1976.

SILVA, Sílvia Maria Carvalho. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa, em sua residência, no bairro Ponte, em Caxias-MA, em 19.03.2010.

VIEIRA, Francisco Zuilton Gonçalves. Minhas lembranças do CESC/UEMA. Entrevista concedida a Roldão Ribeiro Barbosa em Caxias-MA, 23.03.2010.

## **JORNAIS**

CONTA-GOTAS, DAT/UEEC, a. 01, n. 002, Nov. 1985.

DIÁLOGOS DO ALECRIM, n. 03, em out./dez. 1973.

DIÁLOGOS DO ALECRIM, Caixas, n. 02, em 07.08- 09.1973.

DIÁLOGOS DOS ALECRIM, n. 01, 01.05.1973 e Arquivo do CESC/UEMA.

FOLHA DE CAXIAS, n. 515, em 25.03.1973

FOLHA DE CAXIAS, n. 500, 06.10.1972.

FOLHA DE CAXIAS, n. 330, de 25.12.1967

FOLHA DE CAXIAS, n. 317, em 26.08.1967

FOLHA DE CAXIAS, de 1º de julho de 1967

FOLHA DE CAXIAS, n. 308, de 03 de junho de 1967

FOLHA DE CAXIAS, n. 306, de 21 de maio de 1967

FOLHA DE CAXIAS, n. 300, 15 de março de 1967

FOLHA DE CAXIAS, n. 296, 03 de fevereiro de 1967

FOLHA DE CAXIAS, 01.08.1966.

FOLHA DE CAXIAS, n. 255, de 27 de fevereiro de 1966

FOLHA DE CAXIAS, n. 248, de 09 de janeiro de 1966

FOLHA UM, n. 04, em 19.07.1985.

O DIA, edição de 22 de agosto de 1976.

O IMPARCIAL. 14.09.1989.

O PIONEIRO. n. 4037, p. 02, em 05-11.02.1994.

O PIONEIRO, n. 4028 [428], p. 01, em 05-12.11.1993.

O PIONEIRO, n. 4027 [427], p. 03, em 30.10-05.11.1993.

O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 4025 [425], p. 03, em 16-23.10.1993.

O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 4024 [424], p. 01, em 09-15.10.1993.

O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 4024 [424], p. 01, em 09-15.10.1993.

O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 4022 [4022], p. 01, em 25.09-02.10.1993

O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 4020 [1020], p. 01, em 11-17.09.1993

O Pioneiro, Caxias-MA, n. 4013 [1013], p. 01, em 31.07-06.08.1993

O PIONEIRO, n. 409, p. 01, em 26.06-02.07.1993.

O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 406 [1006], p. 01, em 05-11.06.1993.

O PIONEIRO, n. 831, p. 05, 05. out. 1991

- O PIONEIRO, n. 830, p. 03, 28. set. 1991.
- O PIONEIRO, n. 828, p. 01, 14. set. 1991.
- O PIONEIRO, n. 826, p. 01, em 31.08.1991.
- O PIONEIRO, n. 823, p. 05, 10. 08. 1991.
- O PIONEIRO, n. 824, p. 07, 17. ago. 1991.
- O PIONEIRO, n. 822, p. 01, 03.ago. 1991.
- O PIONEIRO, n. 821, p. 05, 27.jul. 1991
- O PIONEIRO, n. 819, p. 01, 13.jul. 1991.
- O PIONEIRO, n. 818, p. 01, 06.jul. 1991
- O PIONEIRO, n. 817, p. 01, 29.jun. 1991.
- O PIONEIRO, n. 814, p. 01, em 08.06.1991.
- O PIONEIRO, n. 813, p. 01, em 03.06.1991.
- O PIONEIRO, n. 811, p. 01, 18 maio 1991.
- O PIONEIRO, n. 810, p. 01, 11 maio. 1991.
- O PIONEIRO, n. 808, p. 03, 27 abr. 1991
- O PIONEIRO, n. 806, p. 01, em 13 abr. 1991.
- O PIONEIRO, n. 804, p. 01, em 30 mar. 1991.
- O PIONEIRO, n. 797, 09 fev. 1991
- O PIONEIRO, n. 794, 19 jan. 1991.
- O PIONEIRO, n. 790,p. 05, em 22 dez. 1990
- O PIONEIRO, n. 788, p. 03, em 08 dez. 1990.
- O PIONEIRO, n. 787, p. 03, 01 dez. 1990
- O PIONEIRO, n. 755, p. 3, 09. maio. 1990.
- O PIONEIRO, n. 751, p. 04, em 15 a 30, 01. 1990.
- O PIONEIRO, n. 673, p. 4, em 22.12.1985.

- O PIONEIRO, n. 671, p. 10, 07. 12. 1985.
- O PIONEIRO, n. 656, p. 06, em 23.04.1985.
- O PRIONEIRO, n. 655, p. 04, em 01.04.1985
- O PIONEIRO, n. 643, p. 01, em 25.10.1984.
- O PIONEIRO, 05.07.1984.
- O PIONEIRO, n. 621, p. 06, em 25.01.1984.
- O PIONEIRO, n. 619, em 01.01.1984.
- O PIONEIRO, n. 616, p. 06, em 27.11.1983.
- O PIONEIRO, n. 607, em 20.08.1983.
- O PIONEIRO, n. 606, p. 3, em 14.08.1983.
- O PIONEIRO, n. 604, em 24.07.1983.
- O PRIONEIRO, 12.06.1983.
- O PRIONEIRO, 00.04.1983.
- O PIONEIRO, n.626, p. 5, em 21.03.1983.
- O PIONEIRO, n.585, p. 02, 22.12.1982
- O PIONEIRO, n.584, p. 04, 19.12.1982
- O PIONEIRO, n.581, p. 03, 07.11.1982.
- O PIONEIRO, n. 577, p. 0\_, 07.10.1982.
- O PIONEIRO, n.575, p. 06, 15.09.1982.
- O PIONEIRO, n.571, p. 02, 25.07.1982.
- O PIONEIRO, n.569, p. 04, 11.07.1982
- O PIONEIRO, n.5\_\_\_, p. 04, 29.06.1982
- O PIONEIRO, n.5\_\_\_, p. 03, 20.06.1982.
- O PIONEIRO, n. 564 (sic), p. 06, 22/23.05.1982
- O PIONEIRO, n.564, p. 06, 08/09.05.1982.

- O PIONEIRO, n. 556, de 18.02.1982.
- O PIONEIRO, n.550, p. 06, em 03.01.1982.
- O PIONEIRO, 1982
- O PIONEIRO, n.\_\_\_, p. 11, 13.12.1981
- O PIONEIRO, n.547, p. 8, 19.11.1981
- O PIONEIRO, n. 533, p. 05, em 09.08.1981
- O PIONEIRO, n. \_\_\_, em 01.07.1981
- O PIONEIRO, n. \_\_\_, p. 03, em 20.05.1981
- O PIONEIRO, n. \_\_\_, em 00.03.1981
- O PIONEIRO, n. 510, em 15.02.1981
- O PIONEIRO, n. 509, p. 6, em 11.02.1981
- O PIONEIRO, n. 470, p. 12, em 31.03.1980.
- O PIONEIRO, n. 469, p. 12, em 15.03.1980
- O PIONEIRO, n. 468, p. 12, 01. 03. 1980.
- O PIONEIRO, n. 466, p. 12, 17.02.1980.
- O PIONEIRO, n. 465, p. 12, 10. 02. 1980
- O PIONEIRO, n. 464, p. 12, em 27.01.1980
- O PIONEIRO, n. \_\_\_, em 01.09.1979
- O PIONEIRO, em 19.08.1979.
- O PIONEIRO, n. \_\_\_, em 00.07.1979.
- O PIONEIRO, n.\_\_\_\_, em 13.05.1979.
- O PIONEIRO, em 15.04.1979.
- O PIONEIRO, em 04.02.1979
- O PIONEIRO, n. 43\_, p.12, em \_\_\_.11.1978
- O PIONEIRO, n. 429, p.12, em 01.10.1978.

- O PIONEIRO, n. 427, p. 12, em 31.08.1978
- O PIONEIRO, n. 415, p. 10, 09. 04. 1978
- O PIONEIRO, n. 407, p. 02, 29. 01. 1978
- O PIONEIRO, n. 406, p. 01, 21. 01. 1978.
- O PIONEIRO, n. 405, p. 10, 15. 01. 1978.
- O PIONEIRO, n. 403, p. 14, em 01.01.1978
- O PIONEIRO, n. 397, p. 10, em 30.10.1977
- O PIONEIRO, em 09.10.1977.
- O PIONEIRO,18.09.1977
- O PIONEIRO, n. 381, p. 02, em 11.03.1977
- O PIONEIRO, n. 378, p. 06, em 31.01.1977
- O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 340, em 13.01.1977
- O PIONEIRO, n. 372, p. 08, em 24.11.1976
- O PIONEIRO, p. 12, em 01.08.1976.
- O PIONEIRO, n. 358, p. 05, em 11.07.1976.
- O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 341, em 18.01.1976.
- O PIONEIRO, Caxias-MA, n. 338, p. 15, em 25.12.1975
- O PIONEIRO, n. 317, p. 05, em 25.05.1975.
- O PIONEIRO, n. 316, p. 15, em 18.05.1975.
- O PIONEIRO, n. 314, p. \_\_, em 01.05.1975
- O PIONEIRO, n. 311, p. 10, em 16.03.1975
- O PIONEIRO, n. 303, p. 01, em 12.01.1975
- O PIONEIRO, n. 283, em 31.03.1973
- SOLTE A VOZ, DCE-UEMA, a. 1, n. 1, abr. 1989, p. 4.
- SUPLEMENTO ESPECIAL. Diálogos do Alecrim, jul./ago./set./1973.

TRIBUNA DE CAXIAS, de 20.07 a 05.08.1989.

TRIBUNA DE CAXIAS, n.\_\_\_\_, p. 03, de 05 a 31.07.1991.

VANGUARDA, Caxias-MA, a. 01, n. 03, jul. 1987.

**ATAS, OFÍCIOS, RESOLUCARTAS. DECLARAÇÕES, RELATÓRIOS, TERMOS, ETC.**

ARAÚJO, Leonice Assunção. Relatório Anual de 1991 da Biblioteca Vespasiano Ramos da UEEC/UEMA. Caxias-MA, 1991.

ASSUEMA. Associação dos Servidores da Universidade Estadual do Maranhão. Unificação – UEMA/UFMA: uma luta que já dura 12 anos... Manifesto lançado em 29.09.1988.

CURSO DE PEDAGOGIA. UEEC/UEMA. Carta. Caxias 03.06.1986. 1º Encontro de Estudantes de Pedagogia de Caxias, de 11-13.06.1986.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO. Relatório da comissão verificadora para o reconhecimento do Curso de Pedagogia ministrado em Caxias-Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA, 1990. Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

DEPARTAMENTOS DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Telegrama. 06.11.1970. Comunicando ao diretor da FFLCH da USP o falecimento de Cônego Aderson.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. UEEC/UEMA. Em 24.05.1993. Relação dos estudantes da UEEC, residentes em Teresina (PI).

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – DAT. Convocação Nº 001/92-DAT, em Caxias-MA, 03.08.1992.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. ATA DE POSSE. Na sua posse, em 26.06.1992,

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. EDITAL-001/90-DAT/UEMA). “O DAT convoca a todos para comparecer à ASSEMBLÉIA GERAL que será realizada no dia 04/07/1990...”

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. REQUERIMENTO DO REGISTO DA “CHAPA SOLUÇÃO” PARA ELEIÇÃO DO D.A.T. Em 06.05.1990

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Ata do Resultado Plebiscito de 02.05.1990, Em Caxias.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. EDITAL-001/90-DAT/UEMA).

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. CONVITE para participar da Festa da Calourada, realizada em 20/10/89.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Of. Nº 007/89. Caxias(ma), 23 de agosto de 1989

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Eleições de dezembro de 1988?

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – D.A.T.. Manifesto dos estudantes da UEMA à comunidade. Em Caxias, 09 de abril de 1987.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. UEEC/UEMA. OF./86. Teresina (PI), 01 de setembro de 1986.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES – D.A.T. MOÇÃO DE ESCLARECIMENTO emitida em 30.05.1985 sobre a federalização da UEMA

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. **Moção de repúdio aos manipuladores da natureza. Caxias**, 15 de agosto de 1985.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Ofício: 002/85, em Caxias, 06.05.1985 dirigido ao Coordenador da UEEC solicitando a recuperação do telhado da sede do D.A.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Ofício nº 001. Caxias 24.04.1985.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Convite faz aos companheiros estudantes para a colação de grau em 11 de janeiro de 1985.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. Carta de 21.12.1984. Acervo do DCE Paulo freire, 2010.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TIRADENTES. CONVITE, para a Festa de escolha **da Rainha dos Calouros a ser arealizada no dia 21 de abril de 1979, no clube Recreativo Casino Caxiense.**

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES – DCE. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA. *Propostas à Constituinte Estadua.l* Emenda Popular 171/89.

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES – DCE. A UEMA E A CONSTITUIÇÃO. Acervo do Diretório Central dos Estudantes “Paulo Freire” no CESC/UEMA. Agosto de 2010.

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMNAS DA USP. Ofício nº 4/71, São Paulo, 29/03/1971.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Ofício n. 05\_75, de 24.02.1975. Arquivo da diretoria do CESCUEMA, 2010.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO DE CAXIAS. Portaria nº 23/73, de 21 de setembro de 1973.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO DE CAXIAS. Portaria nº 13/73, de 11 de junho de 1973.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 17.12.1981. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 28.08.1981. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 03.07.1981. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 09.01.1981. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 04.12.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 18.11.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 18.08.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 02.08.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 02.05.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 04.03.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 100/80-GD. Em 30.06.1980

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Em 30.06.1980, é encaminhada RELAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS A SEREM ADQUIRIDOS EM CARÁTER DE URGÊNCIA

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 090/80-GO. Em 17.06.1980, a diretora da Faculdade passa ao presidente do Diretório Acadêmico Tiradentes equipamentos de som de propriedade do mesmo, conforme solicitação feita.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 048/80-GO. Em 28.03.1980

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 07/80. Em 24.03.1980.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Superintendência de Ensino. Faculdade de Educação de Caxias. Projeto Integrado de Funcionamento para 1980 de uma escola de 2º grau [Colégio Aluizio Azevedo].

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Diretório Acadêmico Tiradentes. Ofício n.0013/80.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício n. 07/80. Em 24.03.1980

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 08.01.1980. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 15.12.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 13.12.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 12.11.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 20.10.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 13.08.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 20.07.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 30.05.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 20.04.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 30.03.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 23.03.1979. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS A ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Termo de compromisso assinado por Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho, em São Luís, em 04 de abril de 1979.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 29.07.78. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício/GD/051/78, em Caxias, 05 de junho de 1978.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 21.01.1978. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. 1º de dezembro de 1978. Termo de convênio da FESM com o serviço cultural e de cooperação do CONSULADO GERAL DA FRANÇA em Recife,

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Ofício/GD/051/78, em Caxias, 05 de junho de 1978.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DO MARANHÃO. Faculdade de Educação de Caxias. Situação do imóvel. Caxias-MA, 19.11.1976

JOLY, Aylton Brandão; WITTER, Geraldina P.; WITTER, José Sebastião. Carta-Relatório, de 25.04.197

MAIA , Vilma Vasconcelos; JANOTTI, Aldo. Carta-relatório, de 03/04/1970.

MARQUES SERRA, Anecy Calland. Carta dirigida ao Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, em Caxias, 28.02.1972. Caxias-MA: Acervo da Direção do CESC/UEMA, 2010.

MOISÉS, Massaud. Carta-relatório, de 12/03/1970.

MONTEIRO, Douglas Teixeira; CARONI, Italo. Carta-relatório, de 04/07/1970.

PENTEADO, Antônio Rocha. Carta-relatório, de 31/07/1970

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1979.

RELAÇÃO DOS PROFESSORES NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO, desenvolvido no início da década de 1980.

ROCHA, Luís Coelho. Carta enviada à Ministra da Educação Ester Ferraz. Arquivos da Diretoria do CESC/UEMA, 2010.

SALUM, Isaac; AB'SABER, Aziz Nacib; MORAIS, Alexandre Eduardo Dias. Carta-Relatório nº 02, 26/01/1970.

SALUM, Isaac Nicolau; MORAES, Alexandre Eduardo Dias de; AB'SABER, Aziz Nacib. Carta-Relatório Nº 01, de 09 de janeiro de 1970.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO. Convênio Convênio Nº \_\_\_\_ de 26.09.1980.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO. TERMO ATITIVO AO CONVÊNIO ENTRE A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA E A FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 08.03.1971.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO. Ofício nº 03/71, de 05.03.1971. Proposta de renovação do Convênio com a USP.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO. Esclarecimentos solicitados ao Projeto Centauro para elaboração do Plano Pedagógico dos Cursos de Licenciatura em Regime Parcelado, em 1970.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO. Termo do Convênio em 24 de novembro de 1969. São Luís-MA.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO. CONVÊNIO em 24/11/1969. Em 19 de novembro o Secretário de Educação do Estado do Maranhão, Dr. José Maria Cabral Marques, manda telegrama ao Diretor Eurípedes Simões de Paula, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO. José Maria Cabral Marques. Carta de Intenção emanada da Secretaria de Educação de 09 de outubro

de 1969, dirigida à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

UEMA (A) e a Constituição. Cordel recitado e cantado em 1989, diante da Assembléia Legislativa.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Portaria nº 008/93 – COORD/UEEC. Em 17.06.1993.

UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Cursos de Pedagogia. Relatório da Comissão Verificadora para o reconhecimento do curso de Pedagogia ministrado em Caxias-Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA, 1990.

UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. OFÍCIO Nº 112/88-UEEC/UEMA. Caxias-MA, 15 de abril de 1988.

UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. Relatório - 1987. Caxias-MA, dezembro de 1987. Acervo do DCE Paulo Freire, 2010.

UNIDADE DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS. OFÍCIO Nº 123/85 – COORD. UEEC, 17.10.1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Serviço de Registro e controle Acadêmico. Declaração n. 0908/79. Em 20.03.1979.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Centro de Estudos Superiores de Caxias. Ata de colação de grau de 27.01.1995. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 01.10.1993. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 12.03.1993. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 22.05.1992. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 27.03.1992. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 25.01.1991. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 26.01.1990. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. RESOLUÇÃO Nº 003/89-CEPE/UEMA. São Luís, 01 de maio de 1989.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. OF. GR. Nº 236/89-MR. 14.04.1989. Ao Presidente da República repropendo a federalização da UEMA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 27.01.1989. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 18.08.1988. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 11.03.1988. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Resolução 61\_87, de 31.07.1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. ATA DAS ELEIÇÕES DO D.C.E. (diretório Central dos Estudantes), D.A.T. (Diretório Acadêmico Tiradentes) e A.A.U.(Associação Atlética Universitária). Em 17.12.1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 03.04.1987. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 16.01.1987. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 07.12.1986. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 07.11.1986. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Ata das eleições realizadas na Unidade de Estudos de Educação de Caxias, em 08/10/1986 para escolha da representação estudantil junto aos órgãos colegiados da UEMA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 08.10.1986. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Programa de Apoio à Educação Superior no Maranhão Criado pela CAPES/MEC e proposto à UEMA, a qual o aprovou para ser executado no período de 1986 a 1988.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 14.08.1986. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 28.02.1986. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 10.01.1986. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 03.12.1985. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 02.12.1985. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 27.09.1985. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 29.07.1985. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UEMA. RELATÓRIO SOBRE O ESTADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Elaborado, a pedido do governo estadual para dar maior respaldo ao preito da “federalização” junto ao governo federal, após o Plebiscito de 30.05.1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Ata de apuração do Plebiscito. Em 30.05.1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. SÍNTESE DOS TRABALHOS REALIZADOS EM PROL DA FEDERALIZAÇÃO DA UEMA. São Luís, 24 de maio de 1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 11.01.1985. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Relatório Pró-Federalização. 1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 30.12.1984. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 28.09.1984. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 10.08.1984. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 20.01.1984. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 19.08.1983. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 29.10.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 16.07.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 25.06.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 28.05.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 07.05.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 16.04.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 26.02.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Unidade de Estudos de Educação de Caxias. Ata de colação de grau de 05.01.1982. Acervo da Divisão de escolaridade do CESC/UEMA, 2011.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 01 – CARTA DE APRESENTAÇÃO E ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caxias-MA, 17 de março de 2010

Ilmo. Sr. Prof. Raimundo Luís Ferreira de Almeida

Diretor do Centro de Estudos Superiores de Caxias(2000-2010)

Prezado Companheiro:

Agradeço, de antemão, a gentileza com que V. Sa. concedeu-me parte de seu precioso tempo para colaborar na realização da pesquisa com o projeto intitulado: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS (1968 – 2008), em vista da confecção de minha dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí.

O objetivo é o de reconstituir a história do CESC/UEMA a partir das visões dos quatro segmentos da comunidade universitária (funcionários, alunos, professores e diretores/reitores), tendo por base fontes escritas (documentos institucionais, leis, discursos, manifestos, jornais, panfletos, placas comemorativas e de formatura, etc.), imagéticas (fotografias e plantas), monumentos (prédios, estrutura interna) e, sobretudo, orais (entrevistas).

Os dados de sua entrevista, que serão, portanto, utilizados nessa tarefa acadêmica, farão parte do acervo documental do CESC/UEMA, podendo ser consultados a qualquer tempo por quem tiver interesse, exceto se houver restrição da parte de V. Sa. Então, para efeito dessa tarefa acadêmica, V. Sa. poderá autorizar oralmente, durante a gravação, que trechos poderão ter seu nome no anonimato ou se poderá mencioná-lo em qualquer citação.

Certo de que a vossa contribuição poderá ser de muita valia para a realização do objetivo proposto e, muito mais, para que o conhecimento da história de nosso CESC nos oportunize melhor desenvolver a educação superior à altura dos desafios do tempo presente, faço meu juramento ético de guardar o sigilo solicitado e garantir a incorruptibilidade das informações a mim confiadas.

Atenciosamente

---

Roldão Ribeiro Barbosa

**APÊNDICE 02 – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O PROF. \_\_\_\_\_**

Hoje, 20 de março de 2010, entrevisto \_\_\_\_\_, em sua residência, que nasceu em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_. Foi aluno do curso de Ciências e agente administrativo na Unidade de Estudos de Educação de Caxias, de 1983 a 198\_\_\_. Depois tornou-se professor substituto ou colaborador a partir de 19\_\_\_, sendo efetivado em 1996 por força de concurso público. É Mestre (2000) em Educação pela IPLAC de Havana – Cuba. Foi assistente da diretora do CESC Prof<sup>a</sup> Isabel Dolores Leão Brito (1999-2000). É diretor do CESC/UEMA desde setembro de 2000, com mandato a cumprir até 31 de janeiro de 2010.

**I – A VIDA PREGRESSA AO CESC/UEMA**

1. Origem: lugar, data e circunstâncias do nascimento; pais, avós, que faziam, de onde vieram, grau de escolaridade, situação social.
2. Infância: onde viveu, como viveu, amigos, família, etc. Pontuar e descrever principais lembranças.
3. Adolescência: pontuar e descrever as principais lembranças.
4. Educação básica:
  - Primeiras Letras/educação infantil: onde fez, como fez, principais lembranças de escola, professores marcantes, colegas, situações, etc.
  - Primário/ensino fundamental: onde fez, como fez, principais lembranças de escola, professores marcantes, colegas, situações, etc.
  - Secundário/ginásio/normal/científico/ensino médio: onde fez, como fez, principais lembranças de escola, professores marcantes, colegas, situações, etc. **Colégio das Irmãs?**
5. Lembranças significativas da cidade de Caxias nesse período. Da Praça da Matriz. Da sua rua. Da Praça Gonçalves Dias. Do Mercado Central. Da Estação do Trem. Clubes: Cassino/União/Centro.
6. Principais lembranças de Caxias após a adolescência.

## II – OPINIÕES SOBRE A FACULDADE E A CIDADE

7. O que você fazia antes de estudar na Faculdade? Já havia prestado exame vestibular? Onde? Para qual curso? Por quê?
8. Qual a importância da criação da Faculdade de Educação de Caxias em sua vida e para a comunidade em geral?
9. Se o ensino superior não chegasse até Caxias, você teria como sair para fazê-lo em outra cidade? Por quê? E os outros jovens? Por quê?
10. Conte sobre o que você sabe da interiorização do ensino superior no Maranhão e da criação do CESC/UEMA em particular nos idos de 1968. Por que foi criada uma Faculdade em Caxias? Quem teve a iniciativa de articular tal evento, e com quem mais? Porque não surgiu antes?
11. Fale um pouco da sua vida e da vida da cidade:
  - a) antes da Faculdade;
  - b) depois da Faculdade.
12. Quais as seriam as perspectivas de futuro para você e para os demais que concluíam o ensino médio se não tivesse ocorrido a interiorização da educação superior até Caxias?
13. Ao terminar seu curso de graduação como você e seus colegas se sentiam quanto ao preparo para o mercado de trabalho?
14. O que levou Caxias a ser chamada de “princesa do sertão” ou “terra dos poetas” ou “berço da cultura” em épocas atrás, quando a maioria absoluta da população era iletrada?
15. Você considera que Caxias ainda é a “princesa do sertão”, “terra dos poetas” e “berço da cultura”?

## III – A RELAÇÃO COTIDIANA COM O CESC/UEMA

16. Diga como, quando e em que circunstâncias você se tornou funcionária da Faculdade.
17. Principais recordações da Faculdade como funcionário e como acadêmico?
18. O que mais a marcou na Faculdade como funcionário e como aluno?
19. Lembranças de outras atividades funcionais e acadêmicas das quais participou para além das atividades de trabalho e das disciplinas curriculares e da sala de aula.

20. Lembranças mais significativas do trabalho que desenvolveu e da formação que recebeu na Faculdade.
21. Descreva como você viu e como as demais pessoas viram a presença da Faculdade na comunidade caxiense.
22. Suas expectativas e sentimentos no primeiro dia na Faculdade: como aluno e como funcionário.
23. Lugar/lugares ou situações na Faculdade que lhe evocam recordações como funcionário e como aluno.
24. Algum fato lamentável em relação à Faculdade no período em que você foi aluno e funcionário?
25. Lembranças dos colegas de trabalho e de seus colegas do Curso de Ciências.
26. Os métodos de ensino e avaliação aplicados pelos professores no processo de ensino-aprendizagem.
27. Um dia muito feliz ou dias muito felizes na Faculdade como funcionário e como aluno.

#### IV – VISÃO DO FUNCIONÁRIO/ESTUDANTE/PROFESSOR/DIRETOR \_\_\_\_\_

(1983 – 2010) SOBRE AS SUCESSIVAS GESTÕES (Aluízio Bettencourt – 1983-1987; Joaquim Ribeiro – 1987-1991; Mamede Chaves – 1991-1994; Luís Faustino – 1994 – 1995; Walquíria Fernandes – 1995 – 1999; Isabel Dolores – 1999 – 2000; Raimundo Luís – 2000 – 2010).

28. Recordações de como, quando, por que e em que circunstâncias o(a) professor(a) ..... se tornou Diretor/a da/do FFPEMC/FEC/UEEC/**CESC**/FESMA/**UEMA**.

29. Descreva as principais recordações do período da gestão de .....

30. Como ..... exercia o poder na relação com professores, agentes administrativos, alunos e Diretório Acadêmico? Cite situações.

31. Como ..... desenvolvia o poder na relação com a prefeitura municipal e com o Presidente/Reitor da FESMA/**UEMA**. Cite situações.

32. Pontue ações da diretoria de ..... que manifestaram preocupação da/do FFPEMC/FEC/UEEC/**CESC**/FESMA/**UEMA** com a comunidade, em especial a educação básica.

## V – O PROF. \_\_\_\_\_ NA RELAÇÃO DIÁRIA COM O CESC/UEMA

33. Como, quando e em que circunstâncias você se tornou professor do CESC/UEMA, na primeira vez em 19\_\_ e agora no ano 200\_\_?
34. Principais recordações do exercício do magistério no CESC/UEMA.
35. O que mais a marcou no CESC/UEMA como professor?
36. Lembranças de outras atividades acadêmicas das quais participou para além das disciplinas curriculares e da sala de aula.
37. Lembranças mais significativas da formação que desenvolveu no CESC/UEMA.
38. Descreva como viu a presença do CESC/UEMA na comunidade caxiense.
39. Expectativas e sentimentos no primeiro dia de aula no CESC/UEMA como professor.
40. Lugar/lugares ou situações no CESC/UEMA que lhe evocam recordações como professor.
41. Aspectos de importância vital na formação oferecida/desenvolvida no CESC/UEMA.
42. Algum fato lamentável em relação ao CESC/UEMA nesse tempo como professor.

## VI – A GESTÃO DE \_\_\_\_\_ (2000 – 2010)

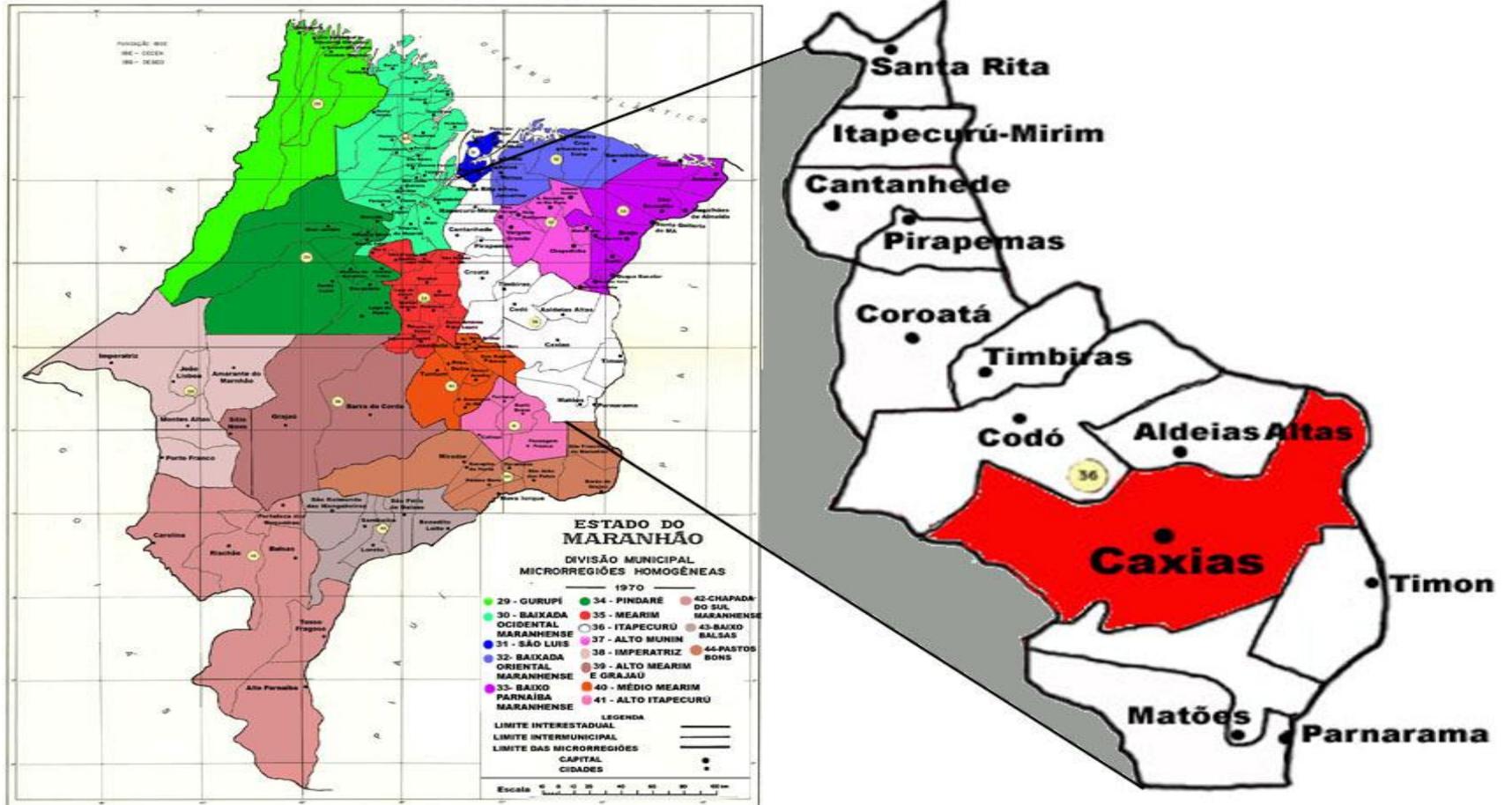
43. Como, quando, por que e em que circunstâncias você se tornou Diretor do CESC/UEMA.
44. Cite as principais recordações, boas e ruins, do período de sua gestão.
45. Destaque as realizações mais importantes da Diretoria de Raimundo Luís.
46. Como o Diretor Raimundo Luís desenvolvia o poder na relação com professores, agentes administrativos e alunos? Cite situações.
47. Como Você, enquanto diretor do CESC/UEMA, desenvolvia o poder na relação com o Prefeito municipal e Diretor/Reitor da FESMA/UEMA. Cite situações.
48. Pontue ações de sua diretoria que manifestem preocupação do CESC/UEMA com a comunidade, em especial com a educação básica.

## ANEXOS

### ANEXO 01 – MICRORREGIÕES HOMOGENIAS DO ESTADO DO MARANHÃO E SEUS RESPECTIVOS MUNICÍPIOS EM 1970.

29 – GURUPI: Gurupi, Carutapera, Godofredo Viana, Luís Domingues do Estado do Maranhão, Turiaçu; 30 – BAIXADA OCIDENTAL MARANHENSE: Alcântara, Arari, Anajatuba, Bacuri, Bequimão, Cajapió, Cajari, Cedral, Cururupu, Guimarães, Matinha, Mirinzal, Penalva, Peri-Mirim, Pinheiro, Santa Helena, São Bento, São João Batista, São Vicente Ferrer, Viana, Vitória do Mearim; 31 – SÃO LUÍS: Rosário, São José de Ribamar, São Luís; 32 – BAIXADA ORIENTAL MARANHENSE: Axixá, Barreirinhas, Humberto de Campos, Icatu, Morros, Presidente Juscelino, Primeira Cruz; 33- BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE: Anapurus, Araisos, Brejo, Buriti, Coelho Neto, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria do Maranhão, São Bernardo, Tutóia; 34 – PINDARÉ: Altamira do Maranhão; Bacabinha; Bom Jardim, Lago da Pedra, Monção, Pindaré-Mirim, Santa Inês, Santa Luzia, Vitorino Freire; 35 – MEARIM: Bacabal, Esperantinópolis, Igarapé Grande, Ipixuna, Joselândia, Lago do Junco, Lago Verde, Lima Campos, Pedreiras, Pio XII, Poção de Pedras, Santo Antônio dos Lopes, São Mateus do Maranhão; 36 – **ITAPECURU: Aldeias Altas, Cantanhede, Caxias, Codó, Coroatá, Itapecuru-Mirim, Matões, Parnarama, Pirapemas, Santa Rita, Timbiras, Timon**; 37 – ALTO MUNIN: Afonso Cunha, Chapadinha, Mata Roma, Presidente Vargas, São Benedito do Rio Preto, Urbano Santos, Vargem Grande; 38 – IMPERATRIZ: Altamira do Maranhão, Imperatriz, João Lisboa, Montes Altos, Porto Franco; 39 – ALTO MEARIM E GRAJAÚ: Barra do Corda, Grajaú, Sítio Novo; 40 – MÉDIO MEARIM: Dom Pedro, Gonçalves Dias, Governador Acher, Governador Eugênio Barros, Graça Aranha, Presidente Dutra, São domingos do Maranhão, Tuntum; 41 – ALTO ITAPECURU: Buriti Bravo, Colinas, Fortuna, Passagem Franca; 42 – CHAPADAS DO SUL MARANHENSE: Alto Parnaíba, Balsas, Carolina, Fortaleza dos Nogueiras, Riachão, Tasso Fragoso; 43 – BAIXO BALSAS: Benedito Leite, Loreto, Sambaíba, São Félix de Balsas, São Raimundo das Mangabeiras; 44 – PASTOS BONS: Barão de Grajaú, Mirador, Paraibano, Pastos Bons, São Francisco do Maranhão, São João dos Patos, Sucupira do Norte.

F



**ANEXO 02 – TERMO DO CONVÊNIO ENTRE A SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO E A FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.**

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MARANHÃO.

Termo do Convênio em 24 de novembro de 1969. São Luís-MA.

Convênio que entre si fazem o Governo do Estado do Maranhão e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Considerando a proposta formulada pelo Governo do Estado do Maranhão, através de sua Secretaria de Educação, em carta de 9 de outubro de 1969, endereçada ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; Considerando que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo tem, não apenas condições para atender à proposta formulada, mas também, por força de seus objetivos, empenho, nesse entendimento;

A secretaria da Educação do Estado do Maranhão, aqui designada simplesmente Secretaria, e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, aqui designada simplesmente Faculdade, convêm no seguinte:

Cláusula 1ª. A Secretaria, que mantém em Caxias uma Faculdade destinada a formar professores do primeiro ciclo do ensino médio, propiciará as condições necessárias para que, nessa instituição, possa lecionar uma missão de professores da Faculdade.

Cláusula 2ª. A Faculdade enviará periodicamente a Caxias, MA, para ministrar cursos em sua Faculdade, um grupo de professores especialistas nas áreas de Estudos Sociais, Letras, Ciências e Educação.

Cláusula 3ª. Esses professores lecionarão de cada vez durante 30 dias, de acordo com o escalonamento estabelecido pela Faculdade.

Cláusula 4ª. A Faculdade integrará sua missão docente com professores não apenas de alto nível científico e acadêmico, mas com comprovada experiência na formação de professores secundários.

Cláusula 5ª. A Secretaria fornecerá a cada professor uma passagem aérea (ida e volta), pagará sua hospedagem e o remunerará com uma mensalidade de NCr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros novos).

Cláusula 6ª. Durante o curso ou findo este a Faculdade receberá, para estágios supervisionados e cursos de mestrado e doutorado os candidatos a professor.

Cláusula 7ª. A secretaria fica com a responsabilidade dos ônus de transporte e estada desses candidatos.

Cláusula 8ª. Diplomados os alunos do curso e aberta, pela secretaria, concurso de títulos e provas para ingresso desses candidatos no magistério secundário e oficial do Estado do Maranhão, a Faculdade indicará pelo menos um dos seus professores para integrar cada banca de concurso.

Cláusula 9ª. Ficam à Secretaria os ônus desses concursos, inclusive as despesas de viagens e de estada do professor da Faculdade e sua remuneração, arbitrável esta, na altura própria, pela Secretaria.

Cláusula 10ª. Este convênio tem a duração de dois anos, a contar de janeiro de 1970.

Assinado por: Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. E por: Dr. José Maria Cabral Marques, Secretário de Educação e Cultura do Estado do Maranhão. (Obs.: Não há data da assinatura do convênio, mas um telegrama avisou que Prof. Eurípedes chegaria no dia 24/12/1969 para assinar o convênio).

**ANEXO 03 – DOCUMENTO PRÓ “ABSORÇÃO DA UEMA PELA UFMA”.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

COMISSÃO DO DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA UFMA PARA ESTUDOS  
SOBRE A EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NO ESTADO (ABSORÇÃO DA UEMA)

UFMA/SEDUC/UEMA

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

COMISSÃO

METODOLOGIA DE TRABALHO

1. CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

A - HISTÓRICA E LEGAL

B - ADMINISTRATIVA

C - ACADÊMICA

1. CURSOS DE GRADUAÇÃO

2. CORPO DOCENTE

3. CORPO DOCENTE

4. PÓS-GRADUAÇÃO

4.1 - PESQUISA

4.2 - CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

5. EXTENSÃO

D - CORPO ADMINISTRATIVO

E - FÍSICO

F - FINANCEIRO

G - PATRIMONIAL

2. ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

3. RECOMENDAÇÕES

4. REPERCUSSÕES

4.1 - REPERCUSSÃO ADMINISTRATIVA

4.2 - REPERCUSSÃO FINANCEIRA

4.3 - REPERCUSSÃO SOCIAL

5. SUGESTÕES

## APRESENTAÇÃO

O ensino superior no Estado do Maranhão é mantido por duas Instituições, uma Federal (UFMA) com predominância nas áreas médica, social e humana, e uma Estadual (UEMA), caracterizada pela área tecnológica.

A expansão do ensino superior no nosso Estado passará inevitavelmente por um planejamento cujas ações sobre as tradicionais áreas de atuação de cada uma das Universidades, trariam serias implicações.

Discrepâncias nos recursos utilizados para manutenção, salários e de captação, determinam as principais diferenças entre as duas Instituições. Precisamos, não de duas Universidades incompletas e de porte reduzido, mas de uma grande Universidade maranhense, que atue em todas as áreas do conhecimento, principalmente naquelas de maior interesse da comunidade.

A maneira mais lógica e sensata de alcance desta realidade seria a absorção dos cursos, corpos docente, discente e funcional e patrimônio da UEMA pela UFMA. É sob este propósito que se apresenta este trabalho.

## METODOLOGIA DE TRABALHO

Tomou-se como base o documento "Absorção da UEMA", relatório de uma comissão criada pela UFMA em 29/01/1986 resultado de análises, recomendações e repercussões que teriam o propósito do título.

Dado a qualidade do trabalho, restou-nos a atualização do item I - Caracterização das Instituições, a definição de critérios de absorção; no item 3 -Recomendações e a adequação; do item 4 - Repercussões.

Evitou-se a discussão de problemas internos das Instituições e não inerentes ao processo de absorção, voltando-se o enfoque sobre o objeto do estudo.

Optou-se porém, por criação de um anexo a este documento, onde poderiam ser expressos os anseios e as insatisfações da comunidade, decorrentes de situações anteriores e que deveriam merecer considerações por parte das autoridades competentes. Procurou-se por fim, definir critérios claros, lógicos e precisos, apoiados nas legislações que norteiam o ensino superior, atendendo ao interesse global, jamais específico de grupo ou indivíduos.

### 1 - CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

#### 2 - ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

1. INTEGRAÇÃO DA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA UEMR À ESTRUTURO DA UFMA.
2. REVISÃO E REORGANIZAÇÃO DEPARTAMENTAL NO PROCESSO DE ABSORÇÃO DA UEMA PELA UFMA.
3. REORGANIZAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO CORPO DISCENTE DA UEMA NA UFMA.
4. REDISTRIBUIÇÃO, SEGUNDO CRITÉRIOS, DOS CORPOS DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UEMA.

#### 3. RECOMENDRÇÕES

PARA A ESTRATÉGIA I - INTEGRAÇÃO DA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA UEMA À ESTRUTURA DA UFMA RECOMENDA-SE:

- 01- Extinguir a UEMA com a revogação da Lei 4.400 (de 30.12.1981) através do encaminhamento pelo Governo do Estado de Projeto de Lei à Assembléia Legislativa Estadual, no qual conste a doação de seu patrimônio à UFMA.
02. Manter no quadro de servidores do Estado os cargos e funções da UEMA para receber os professores e funcionários que optarem pela não transferencia aos quadros da UFMA.

03. Ampliar os colegiados da UFMA (DIRETOR, CONSUN, CONSEPE, CONSELHO DA ADMINISTRAÇÃO E DE CENTRO) na forma da legislação vigente.
04. Criar o Campus de Caxias, no município de Caxias e manter o Campus Paulo VI em São Luís.
05. Criar o Centro de Ciências Agrárias, que abrangerá os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, e que será localizado no Campus Paulo VI.
06. Incorporar a Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz ao Campus de Imperatriz da UFMR.
- 07- Criar as Coordenadorias dos Cursos de:
  - Administração;
  - Agronomia;
  - Medicina Veterinária;
  - Pedagogia em Caxias;
  - Letras em Caxias e Imperatriz;
  - Ciências em Caxias e Imperatriz;
  - Engenharia Civil;
  - Engenharia Mecânica.
08. Desmembrar os Departamentos de Matemática, Direito, Ciências Contábeis e Administração da UFMA.
09. Criar em São Luís, os Departamentos de:
  - Engenharia Civil;
  - Medicina Veterinária;
  - Agronomia;
  - Engenharia Mecânica.
10. Criar as Coordenadorias de Campus para os Campi de Caxias, Imperatriz e Paulo VI.
11. Criar nas Coordenadorias de Campus de Imperatriz e Caxias, Coordenação dos Cursos de Graduação.
- 12- Transformar os Departamentos existentes em Caxias e Imperatriz em Departamentos de:
  - Ciências e Estudos Sociais I e II
  - Letras e Educação I e II
- 13- Manter uma Prefeitura no Campus Paulo VI.
14. Transformar as Bibliotecas do Campus Paulo VI, de Imperatriz e de Caxias em Bibliotecas Setoriais.
- 15- Manter o Restaurante do Campus Paulo VI, adaptando-o às diretrizes da UFMA.
- 16- Proceder à incorporação do patrimônio da UEMA ao patrimônio da UFMA, após exame do inventário dos bens móveis e imóveis e semoventes.
- 17- Proceder estudos referente à situação dos imóveis cedidos a UEMA.
- 18- Avaliar os estoques de material de consumo e reposição.
- 19- Proceder estudos para inclusão no Conselho Diretor de dois titulares e respectivos suplentes indicados pelo Governo do Estado e nomeados pelo Presidentes da Republica, na forma do Art. 34, Parágrafo 1º. do Estatuto da UFMA.
- 20- Criar Colegiados de Cursos para os cursos absorvidos com respectiva composição, conforme os padrões da UFMA.
- 21- Incorporar e adequar na estrutura dos Órgão Suplementares da UFMA, o Centro de Controle de Zoonoses e o Centro de Treinamento de Irrigantes da UEMA.
- 22- Preceder a estudos de avaliação de áreas e imóveis da UEMA cedidos em comodato.
- 23- Preceder à eleição para o preenchimento dos cargos criados no processo de absorção.

PARA A ESTRATÉGIA 2 - REVISÃO E REORGANIZAÇÃO DEPARTAMENTAL NO PROCESSO DE ABSORÇÃO DA UEMA PELA UFMA - RECOMENDA-SE:

01. Desmembrar o Departamento de Matemática em:
  - Departamento de Matemática Pura;
  - Departamento de Matemática aplicada;
  - Departamento de Informática.
02. Desmembrar o Departamento de Direito em:
  - Departamento de Direito I;
  - Departamento de Direito II.
03. Desmembrar o Departamento de Ciências Contábeis e Administração em:
  - Departamento de Ciências Contábeis;
  - Departamento de Administração.
04. Redenominar o Departamento de Engenharia para Departamento de Engenharia Elétrica.
05. Redistribuir os docentes da UEMA e da UFMA de acordo com suas atividades predominantes e formações específicas nos Departamentos criados e desmembrados.
06. Absorver os Departamentos de Engenharia das Construções, de Hidráulica e Saneamento e parte do Departamento de Expressões Gráficas e Transportes da UEMA, pelo Departamento de Engenharia Civil da UFMA.
07. Absorver os Departamentos de Direito, Economia e Contabilidade e Administração da UEMA, pelos Departamentos de Direito I, Direito II Economia, Ciências Contábeis e Administração da UFMA.
08. Absorver os Departamentos de Fitotecnia e Fitossanidade, de Economia Rural e de Engenharia Agrícola e Edafologia da UEMA, pelo Departamento de Agronomia da UFMA.
09. Absorver os Departamentos de Patologia, de Zoologia e de Clínicas da UEMA, pelo Departamento de Medicina Veterinária da UFMA.
10. Redistribuir os docentes do Departamento de Química da UEMA nos Departamento de Química e Tecnologia Química da UFMA de conformidade com suas especializações e disciplinas para os quais tenham sido admitidos.
11. Lotar parte dos docentes do Departamento de Expressões Gráficas e Transportes da UEMA nos Departamentos de Artes e de História e Geociências da UFMA de conformidade com suas especializações e disciplinas para as quais tenham sido admitidos.
12. Lotar os docentes do Departamento de Engenharia Mecânica da UEMA, no Departamento de Engenharia Mecânica da UFMA.
13. Alocar as disciplinas dos cursos da UEMA, que não se enquadrarem nos Departamentos criados ou desmembrados, em outros Departamentos da UFMA, cujas áreas de conhecimentos lhes seja mais afins.
14. Redistribuir os docentes dos Departamentos de Ciências, de Estudos Sociais, de Letras, de Pedagogia e de Planejamento e Administração Educacional de Caxias, nos Departamentos de Ciências e Estudos Sociais I e de Letras e Educação I.
15. Redistribuir os docentes dos Departamentos de Ciências, de Estudos Sociais, de Letras e de Pedagogia de Imperatriz, nos Departamentos de Ciências e Estudos Sociais II e de Letras e Educação II.

**PARA A ESTRATÉGIA 3 - REORGANIZAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO CORPO DISCENTE DA UEMA NA UFMA - RECOMENDA-SE:**

01. Reestudar os currículos plenos dos cursos de graduação da UEMA ressaltando-se:
  - 1.1. Rdequacao do Primeiro Ciclo Geral de Estudos;
  - 1.2. Revisão do ementário das disciplinas para possíveis adequações às já existentes, sobretudo as disciplinas do tronco comum;
  - 1.3. Revisão das cargas horárias das disciplinas comuns, do tronco comum» dos curso de Graduação;
  - 1.4. Equivalência do valor dos créditos da UEMA aos da UFMA
  - 1.5. Revisão dos conteúdos programáticos das disciplinas dos cursos oferecidos, evitando a duplicação de enfoque para a mesma disciplina;
  - 1.6- Inclusão das matérias de Legislação Especifica, moldes da UFMA.
02. Adequar os currículos plenos dos cursos oferecidos em Caxias e Imperatriz aos já existentes em São Luis, adaptando-os, na medida do possível, às peculiaridades locais.
- 03- Proceder ao estudo dos cursos recém-plenificados para efeito de reconhecimento, uma vez que foram apenas autorizados pelo CFE(Artigos 2º. das Portarias Ministerias nºs. 501 e 502/85)
04. Manter a gratuidade do ensino aos discentes da UEMA portadores desta conquista.
05. Permanecer com os atuais Diretorios até a realização das eleições estudantis, na UFMA.
06. Considerar nos estudos de reestruturação curricular a participação dos Cordenadores de Cursos e Chefes dos Departamentos criados, assim como da representação estudantil pertinente.
07. Adequar a legislação estudantil vigente na UFMA, aos discentes oriundos da UEMA, respeitando-se os direitos adquiridos.
- OS- Aplicar as normas relativas ao Restaurante Universitário da UFMA aos comensais oriundos da UEMA.
09. Adequar as normas relativas ao Lar do Estudante à Casa dos Estudante da UEMA.
10. Adequar as normas e critérios de avaliação do rendimento escolar, adaptação curricular e aproveitamento de estudos aos discentes,próvindos da UEMA.
11. Manter os atuais monitores estagiários da UEMA aplicanda-lhes a seguir a legislação da UFMA.

**PARA A ESTRATÉGIA 4 - REDISTRIBUIÇÃO, SEGUNDO CRITÉRIOS DOS CORPOS DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UEMA - RECOMENDA-SE:**

01. Respeitar as atuais titulações(mestrado e doutorado) e regimes de trabalho de (20,40,DE) dos docentes da UEMA e enquadrá-lo em Classes e Níveis em conformidade com as legislações e seus períodos de vigência.
02. Dar o direito de optar pelos regimes de trabalho, aos docentes com vínculo nas duas Instituições.
03. Respeitar os períodos de suspensão de contratos de docentes e técnicosadministrativos.
04. Estudar a situação dos servidores da UEMA à disposição de outros órgãos.
- 05- Estudar os afastamentos para pós-graduação a fim de adaptá-los às normas da UFMA.
06. Lotar os docentes nos departamentos acadêmicos conforme suas áreas especificas de conhecimento.

07. Dar direito de opção aos docentes da UEMA, pertencentes ao Grupo de Nível Superior na UFMA, para o cargo de maior valor salarial ou acumulação com carga horária docente de 20 horas.
- 08- Absorver os servidores técnicos e administrativos de acordo com os cargos que ocupam na UEMA, enquadrando-os conforme legislação vigente, respeitando-se os fatores da progressão funcional.
09. Lotar os servidores técnicos e administrativos em órgãos similares na UFMA, no sentido de resguardar a memória da UEMA.
10. Dar direito de opção aos servidores técnicos e administrativo com vínculo nas duas Instituições pelo nível de maior valor salarial.
11. Submeter a treinamento todos os servidores técnicos administrativos com vistas a absorção da metodologia de trabalho da UFMA.
12. Criar no Plano de Cargos e Salários da UFMA, as nomenclaturas: Auxiliar Agropecuario, Tratorista e Zootecnista.
13. Desdobrar os cargos de Rgente de Portaria e Vigilância da UEMA nos empregos de Vigia e Porteiro, após análise ocupacional.
14. Criar uma comissão composta por um representante do CPPD, CPPTA, docentes e funcionários da UEMA para proceder ao enquadramento dos docentes e funcionários tecnico administrativos da UEMA nos moldes de implantação do Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos da UFMA.

### 3 – RECOMENDAÇÕES

### 4 - REPERCUSSÕES

### 5. - SUGESTÕES

Opresenta-se a seguir urna relação de sugestões levantadas pelas comunidades das duas instituições, decorrentes de problemas administrativos internos a cada urna não relacionados diretamente com o processo de absorção? mas crue necessitam de definição por parte das autoridades competentes!

- 01- Absorver os professores colaboradores e os servidores de serviços prestados, codicionando as suas admissões no quadro da UFMA à habilitação em Concurso Publico de provas e títulos.

OBS.: Algumas das páginas do documento, pertinentes a tópicos mencionados, foram extraviadas.

## **ANEXO 04 - RELATÓRIO SOBRE O ESTADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Após o Plebiscito de 30.05.1985.**

### **APRESENTAÇÃO.**

Este trabalho objetiva fornecer subsídios à solicitação de Federalização da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, feita por sua Excelência o Sr. Governador do Estado Dr. Luis Alves Coêlho Rocha, através de documento dirigido à Ministra Esther de Figueiredo Ferraz, datada de 30 de janeiro de 1984.

Composto por uma comissão de professores, alunos e funcionários, escolhida em assembléia geral realizada na Universidade no dia 30 de abril de 1985, mediante consulta à comunidade universitária em Plebiscito realizado em 30 de maio de 1985.

### **INTRODUÇÃO.**

No ano de 1966, ao se implantar em nosso Estado um novo modelo administrativo, sob a égide do então Governador Dr. José Sarney, foi observada uma grande carência de profissionais de nível superior para preenchimento dos espaços que aquele novo sistema estava a exigir.

Dessa necessidade, já em 1967, surgia a primeira célula da atual Universidade Estadual, no caso a Escola de Administração. Seguiram-se posteriormente, as Escolas de Engenharia, no ano de 1968, a de Agronomia em 1969 e a de Veterinária em 1974.

Essas Unidades, por decisão governamental, em 22 de agosto de 1972, nos termos da Lei 3.260, foram juntadas, formando a estrutura da Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM. Já sob esta nova forma jurídica foi criado o curso de Engenharia Mecânica, anexo à Unidade de Engenharia Civil, além de serem incorporados os Cursos de Educação dos municípios de Caxias e Imperatriz, estes englobando as áreas de Ciências, Letras, Pedagogia e Estudos Sociais.

Esse sistema operou até o ano de 1981, quando, pela Lei Estadual nº 4.400, de 30 de dezembro de 1983, a estrutura federacionista, foi transformada em Universidade, sob a denominação de Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Desde sua origem, ainda como escolas isoladas, durante o período de Federação e agora como Universidade, a UEMA jamais objetivou disputar espaços com a sua congênere, a Universidade Federal do Maranhão, pautando sempre a escolha dos cursos que implantaria, dentre aqueles de maior interesse para o Estado e que não colidissem com outros já implantados na área Federal.

### **SITUAÇÃO ATUAL.**

Apesar dos esforços que foram desenvolvidos pelos nossos governantes e pelos dirigentes da Universidade, nestes quase 12 anos, a nossa Instituição Estadual de Ensino Superior ainda não conseguiu atingir os seus objetivos expressos.

Com relativa facilidade pode-se identificar que a grande dificuldade que a UEMA vem sofrendo na busca dos seus objetivos decorre do caus financeiro, principalmente nos últimos 10 anos, cujos reflexos se estendem por todo o País, atingindo o Estado do Maranhão e se consubstanciando nas suas Instituições.

A educação, base do desenvolvimento de uma região, em nosso Estado tem suas conseqüências maiores, desde o ensino de primeiro grau até o ensino superior,

isso sem falar no analfabetismo, que absorveria grande parte dos recursos, fato reconhecido pelo Governo quando da solicitação feita à Ministra ESTHER FIGUEIREDO FERRAZ, em documento datado de 30 de janeiro de 1984. (Vide anexo).

Dispomos de área de aproximadamente 185,00 Hectares, de topografia plana, onde está localizado o Campus Universitário, além de instalações físicas, para salas de aula, laboratórios, bibliotecas, restaurante, hospital veterinário, área de esporte, área para plantios experimentais, centro de convenções e tudo mais necessário ao funcionamento de uma Universidade.

Se fizermos uma análise apurada dos dados levantados, mesmo reconhecendo os esforços dos nossos dirigentes, como foi no início deste item, chegaremos a uma situação dramática, começando pelas edificações mal conservadas, instalações sanitárias precárias, remuneração de professores e funcionários que não condizem com o bom desempenho de suas funções e a própria situação financeira da instituição, carente de recursos, cujos dados contidos no quadro 2.4.1, bem mostram essa realidade e que no limite do absurdo, se poderia até prever o ano em que a Universidade deixaria.

Não estamos fantasiando. Não queremos apenas resolver nossos problemas de ordem financeira. Nos preocupamos (sic) sim, com os destinos de uma instituição, apta a contribuir sobremaneira com o desenvolvimento de nossa região, carente da formação de líderes através do ensino, pesquisa e extensão.

A solução Sr. Governador, para a mudança da situação acima descrita está em vossas mãos."

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO**  
CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS – CPD/UEMA  
ALUNOS MATRICULADOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1985

CURSOS	MASC.	FEM.	TOTAL	%	CLASSIFICAÇÃO
Engenharia Civil	414	76	490	20,7	1º
Engenharia Mecânica	249	19	268	11,3	3º
Administração	164	130	294	12,4	2º
Agronomia	185	67	252	10,6	4º
Pedagogia - Caxias	15	70	85	3,6	10º
Estudos Sociais – Caxias	35	44	79	3,3	11º
Ciências – Caxias	70	45	115	4,8	9º
Letras – Caxias	28	47	75	3,2	12º
Medicina Veterinária	119	116	235	9,9	5º
Estudos Sociais – Imperatriz	38	131	169	7,1	6º
Ciências – Imperatriz	68	85	153	6,5	7º
Letras - Imperatriz	26	125	151	6,4	8º
<b>TOTAL</b>	<b>1411</b>	<b>0955</b>	<b>2366</b>	<b>100</b>	

FONTE: CPD/UEMA, 1985.

**UNIDADE DE ESTUDOS DE CAXIAS**  
ALUNOS INGRESSANTES MATRICULADOS POR CURSO DE 1977 A 1983

Cursos	Ano	Alunos Matriculados		Total Parcial	Total geral
		1º semestre	2º semestre		
PEDAGOGIA	1977	250	-	250	
	1978	28	04	32	
	1979	19	90	109	
	1980	39	06	45	
	1981	32	01	33	
	1982	15	-	15	
	1983	07	17	24	508
ESTUDOS SOCIAIS	1978	18	04	22	
	1979	30	10	40	
	1980	36	03	39	
	1981	27	01	28	
	1982	11	-	11	
	1983	-	06	06	146
CIÊNCIAS	1977	-	77	77	
	1978	18	03	21	
	1979	16	09	25	
	1980	08	14	22	
	1981	05	-	05	
	1982	16	-	16	
	1983	14	12	26	192
LETRAS	1978	17	-	17	
	1979	30	13	43	
	1980	22	06	28	
	1981	20	03	23	
	1982	13	-	13	
	1983	10	06	16	140
				TOT	998

FO  
NT  
E:  
CP  
D/

UEMA, 1985.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA**  
CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS - CPD  
PARTICIPAÇÃO DA UEMA NO TOTAL DA EDUCAÇÃO

ANOS	SEEDUC E ENT. SUPERV.	UEMA	UEMA/ SEEDUC	REALIZADO
1980	1.000.285,	90.000,	9,0	84.938,
1981	2.071.601,	175.300,	8,5	172.332,
1982	4.401.320,	335.600,	7,6	289.638,
1983	12.915.500,	1.024.000,	7,9	727.668,
1984	33.800.880,	3.191.600,	9,4	1.481.214,
1985	141.968.150	8.976.880,	6,9	4.341.324,

FONTE: CPD/UEMA, 1985.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA**  
**CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS – CPD/UEMA**  
**CORPO DOCEENTE**

UNIDADE	CATEGORIA						JORNADA/TRABALHO				
	TIT	ADJ	ASS	AUX	COL	TOT	12	20	40	DE	TOT
1 – Engenharia	24	04	04	21	-	53	02	26	25	01	54
2 – Administração	09	-	04	12	03	23	02	17	09	-	28
3 – Agronomia	14	13	07	11	03	48	06	30	09	02	47
4 - Veterinária	19	02	01	06	10	38	08	16	14	05	43
5 - Básico	21	08	12	35	10	86	19	45	22	06	92
6 - UEEC - Caxias	20	-	04	13	10	47	02	30	14	01	47
7 - UEEI - Imperatriz	20	-	-	04	12	36	01	10	24	01	36
Porcentagens (%)	37,7	8,0	9,5	30,3	14,3	331					

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA**

CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS - CPD/UEMA

QUADRO DE PESSOAL OPERACIONAL E ADMINISTRATIVO – ANO 1985

Servidores /unidade	Aux. Oper. de serv. Div.	Aux. de port. e vigilância	Artif. de eletr., carpt. Marc., de estr. e obr. metal	Ag. Administrativo Secretarias	Técnico nível médio	Técnico nível superior	Moto-rista	Total
Adm. Central	24	06	01	(2 Secret.)48	20	24	-	143
Eng <sup>a</sup> Civil e Mecânica	08+10=18	-	-	(5 Secret.)10	-	01	-	029
Medicina Veterinária	11	-	-	(6 Secret.)15	05	04	-	035
Agronomia	04	-	-	(2 Secret.)01	02	-	-	007
UEE de Caxias	08	06	-	(6 Secret.)19	03	01	-	037
UEE de Imperatriz	05	03	-	(5 Secret.)12	-	-	-	020
Administração	02	01	-	(3 Secret.)08	04	01	-	016
Prefeitura do Campus	12	38	03	01	-	03	17	074
Unid. De Est. Básicos	03	-	-	(3 Secret.)04	03	-	-	010
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>54</b>	<b>04</b>	<b>118</b>	<b>37</b>	<b>34</b>	<b>17</b>	<b>371</b>

FONTE: CPD/UEMA, 1985.

OBS.: Os Agentes de Portaria e Vigilância estão lotados na Adm. Central distribuídos nas Unidades de Ensino e ademais setores da UEMA.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA**  
**CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS – CPD**  
**REMUNERAÇÃO DE PROFESSORES - COMPARAÇÃO**  
**EM 01.07.1985**

CATEGORIA	UEMA			UFPA		OBS.
	12 HS.	20 HS.	40 HS.	T. Parcial	T. Integral	
Titular–A	461.718,	766.431,	1.532.895,	-	-	UEMA/UFPA= 31,6%
Titular–B	480.183,	797.702,	1.594.260,	-	-	
Titular–C	500.550,	828.990,	1.657.980,	-	-	
Titular–D	519.360,	862.147,	1.473.930,	2.772.308,	5.444.609,	
Adjunto–A	394.676,	655.163,	1.310.323,	2.137.802,	4.275.605,	UEMA/UFPA= 29,7%
Adjunto–B	410.463,	681.369,	1.362.736,	2.263.600,	4.527.220,	
Adjunto–C	426.881,	694.969,	1.417.244,	2.377.465,	4.754.220,	
Adjunto–D	443.960,	736.970,	1.473.930,	2.474.822,	4.949.645,	
Assistente–A	337.370,	560.035,	1.092.760,	1.569.758,	3.139.514,	UEMA/UFPA= 31,4%
Assistente–B	350.780,	582.440,	1.164.880,	1.669.774,	3.425.517,	
Assistente–C	364.897,	605.478,	1.211.500,	1.857.048,	3.714.095,	
Assistente–D	379.500,	629.960,	1.259.920,	2.000.750,	4.001.501,	
Auxiliar–A	238.390,	478.720,	957.442,	1.157.162,	2.314.324,	UEMA/UFPA= 37,6%
Auxiliar–B	299.032,	497.870,	995.735,	1.210.208,	2.420.417,	
Auxiliar–C	311.919,	517.784,	1.035.569,	1.310.836,	2.621.673,	
Auxiliar–D	324.393,	538.497,	1.076.992,	1.443.272,	2.866.543,	

OBS.: Deixamos de comparar a remuneração com a UFMA, por se tratar de uma Fundação, cujos ganhos atuais também estão gerando descontentamento e que serão majorados de 58% a partir de 1º de setembro de 85.

FONTE: CPD/UEMA, 1985.

## TRABALHOS REALIZADOS.

“As dificuldades enfrentadas ao longo de todos esses anos, embora tenham contribuído para retardar a conquista dos objetivos da Universidade, esta, através dos seus dirigentes, jamais cruzou os braços tendo desenvolvido trabalhos do maior valor, tanto no campo do Ensino, como na Pesquisa e extensão.

As Unidades de Educação de Caxias e Imperatriz, já com Licenciatura Plena, se constituíram como elo propulsor da interiorização da Universidade, contribuindo com a melhoria do ensino de primeiro e segundo grau, cujos reflexos estão se fazendo irradiar por quase todos os municípios do Estado, através de efeitos multiplicadores. (...)

Na área de capacitação de docente contamos até agora com 6 [seis] doutores, 53 [cinquenta e três] mestres e 103 [cento e três] especialistas.

Cumprindo ainda programa em outras universidade temos 34 [trinta e quatro] professores. Com as nossas limitações Sr. Governador e com todas as dificuldades que enfrentamos, temos consciência de que poderíamos realizar muito mais, contribuindo com grande parcela para o desenvolvimento de nossa região”.

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS – CPD PROFISSIONAIS GRADUADOS ATÉ 1984

ANOS UNIDADES	ATÉ 1980	1981	1982	1983	1984/1º SEM.	TOTAL
1 - Campus de São Luís	1.363	265	226	193	151	2.189
1.1 M. Veterinária	136	59	45	26	19	285
1.2 Eng. Mecânica	90	24	24	31	26	195
1.3 Eng. Civil	373	72	76	57	44	622
1.4 Administração	388	54	36	39	18	536
1.5 Agronomia	376	56	45	40	34	551
2 - UEE de Caxias	770	89	55	72	46	1.032
2.1 Pedagogia	436	33	15	24	17	525
2.2 Est. Sociais	101	28	11	06	03	149
2.3 Ciências	145	05	16	26	14	206
2.4 Letras	88	23	13	16	12	152
3 – UEE de Imperatriz	242	138	35	38	51	504
3.1 Letras	85	60	14	16	14	189
3.2 Est. Sociais	107	52	20	11	24	214
3.3 Ciências	50	26	01	11	13	101
<b>TOTAL</b>	<b>2.375</b>	<b>492</b>	<b>316</b>	<b>306</b>	<b>238</b>	<b>3.725</b>

FONTE: CPD/UEMA, 1985.

## PLEBISCITO.

“Procurou-se através de consulta à comunidade Universitária, saber do posicionamento sobre a proposta de Federalização.

Uma comissão de cinco representantes por segmento (Professores, Servidores e Alunos), a partir da Assembléia Geral realizada no dia 30 de abril do

corrente ano, desenvolveu gestões no sentido de melhor esclarecer à comunidade UEMIANA de andamento dos trabalhos, para que cada um se manifestasse espontaneamente.

Nas reuniões e debates, notou-se a grande preocupação dos três segmentos, pela manutenção de seus direitos quando da mudança da esfera Estadual para a área Federal.

O plebiscito foi realizado no dia 30 de maio do corrente ano, de forma democrática através do voto secreto, confirmando com seu resultado a grande aspiração da comunidade pela federalização”.

OBS.: Na Unidade de Estudos de Educação de Caxias – UEEC 169 = 94,94% votaram a favor da federalização, 7 = 3,93% contra e 2 = 1,13% em branco<sup>583</sup>.

<b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA</b>									
<b>PLEBISCITO – RESULTADO GERAL REALIZADO EM 30.05.85</b>									
<b>SIM, FEDERALIZAÇÃO, RESGUARDANDO O DIREITO PLENO DOS ALUNOS FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES</b>									
OPÇÕES SEGM.	TOTAL DE VOTANTES	SIM		NÃO		BRANCO		NULO	
		Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%
UNID. VET.	227	227	100	0	0	0	0	0	0
UNID. ENG.	436	431	98,85	2	0,46	0	0	3	0,69
UNID. ADM.	184	175	95,11	7	3,81	1	0,54	1	0,54
UNID. AGRON.	188	187	99,50	1	3,17	0	0	0	0
UNID. BÁSICO	63	60	95,24	2	3,17	0	0	1	1,59
UNID. ADM. GERAL	200	192	96,00	6	3,00	1	0,50	1	0,50
UNID. CAXIAS	178	169	94,94	7	3,93	2	1,13	0	0
UNID. IMPERATRIZ	285	279	97,89	5	1,76	1	0,35	0	0
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>1.761</b>	<b>1.720</b>	<b>97,67</b>	<b>30</b>	<b>1,70</b>	<b>5</b>	<b>0,28</b>	<b>6</b>	<b>0,35</b>

FONTE: Relatório final pró-federalização apresentado ao Governador Luís Rocha após 30.05.1985.

QUADRO \_\_\_\_: Resultado geral do Plebiscito em vista da federalização realizado em 30.05.1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. ATA DE APURAÇÃO DO PLEBISCITO. Em 30.05.1985.

“Aos trinta dias do mês de maio de mil novecentos e oitenta e cinco realizou-se o plebiscito em prol da federalização da UEMA nas Unidades de Estudos, Reitoria, Biblioteca e nas Unidades de Caxias e Imperatriz. (...) Em Caxias, votaram vinte e um (21) professores, vinte e oito (28) funcionários e cento e vinte nove (129) alunos, num total de cento e setenta e oito (178) votantes, onde prestaram serviços os seguintes mesários: James Dean de Oliveira Araújo – professor, Francisco Limeira

<sup>583</sup> Portanto, não houve quase resistência. Por que será? Por que pouquíssima gente chorou o fim da UEMA? O que isso significa? Será que a UEMA foi realmente pensada enquanto um projeto cultural, econômico e político?

de Oliveira – aluno e Gilberto Costa de Oliveira – funcionário. (...) Na contagem geral votaram cento e noventa e três (193) professores, trezentos e trinta e nove (339) funcionários) e mil duzentos e vinte e nove (1229) alunos com um total de mil setecentos sessenta e um (1761) votantes com o seguinte resultado: 97,67% a favor, 1,7% contra, 0,28% em branco e 0,35% nulo.(...)”.

### REIVINDICAÇÕES.

Dos debates que a comissão referida ... manteve [com] a comunidade Universitária, quando dos esclarecimentos para o plebiscito, ficou estabelecido que as reivindicações se situariam dentro dos seguintes enfoques: 1) Que a federalização ocorra preferencialmente através da transformação da estrutura Estadual para o âmbito Federal. Nesse caso os cursos que compõem a atual UEMA, passariam a formar uma nova Universidade Federal no Maranhão; 2) Que na transformação, sejam resguardados todos os direitos adquiridos pelos professores e servidores, no que diz respeito às suas categorias funcionais; 3) Que sejam garantidos aos alunos o direito de complementarem os cursos já iniciados na UEMA e na UFMA simultaneamente; 4) Que as deliberações envolvendo os interesses dos três segmentos da Universidade, sejam sempre tomadas com observância dos princípios democráticos, na sua plenitude; 5) Que a nova estrutura ofereça todos os meios possíveis para a obtenção de melhoria do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.”

## **ANEXO 05 - PROGRAMA DE APOIO À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO ESTADO DO MARANHÃO.**

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO.**

#### **RESOLUÇÃO Nº 052/86 – CONSUM-UEMA.**

Aprova Programa de Apoio à Educação Superior no Estado do Maranhão. Em 19 de agosto de 1986.

Anexo da Resolução nº 052/86-CONSUM-UEMA: PROGRAMA DE APOIO À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO ESTADO DO MARANHÃO.

#### **1 – JUSTIFICATIVA:**

“Sem prejuízo da solicitação de que o Governo Federal assumira a responsabilidade por esta Instituição torna-se necessário a implementação de um programa visando o aprimoramento do ensino superior no Estado, assim como proporcionar uma maior integração desta Universidade com a comunidade, dando condições para que esta última usufrua de benefícios, tais como a prestação de serviços, oferecimento de cursos e treinamentos.

#### **2 – OBJETIVOS:**

“Geral. – Melhorar quantitativamente o ensino, a pesquisa e a extensão em âmbito da Universidade.

“Específicos. – Fixar o pessoal docente e administrativo no campus; - Desenvolver a extensão universitária; - Apoiar os projetos de pesquisa que estão em andamento; - Aumentar a participação efetiva da UEMA na comunidade maranhense; - Intensificar o desenvolvimento dos recursos humanos; - Incentivar e apoiar grupos emergentes docentes e discentes no desenvolvimento de novas pesquisas.

#### **2 – PROCEDIMENTOS:**

“Um programa como este, pressupõe a existência de recursos capazes de gerar uma proposta imediata. Para tanto, torna-se necessário tomar medidas de caráter geral no âmbito desta Universidade tais como: Medidas preliminares – a) Conscientização geral da comunidade em relação ao programa; b) Aumento da carga geral de trabalho; c) Maior rigor no controle da frequência dos servidores e professores; d) Austeridade no cumprimento de todas as atividades da Universidade; e) Avaliação efetiva do desempenho de professores e servidores; f) Ampliação das responsabilidades das Unidades de Ensino. Coordenação: A coordenação do programa ficará a cargo de uma Comissão composta pelo Reitor, Pró-Reitores, Presidente da APRUEMA, Presidente da ASSUEMA e Presidente do DCE, sob a presidência do terceiro. (§) A Secretaria de Apoio do referido programa será exercida pela Pro-Reitoria de Planejamento. (§) Em cada Unidade de Estudos, haverá uma Coordenadoria Setorial do programa, devendo ser a mesma exercida pelo próprio coordenador da Unidade. Participação no Programa: Poderão participar deste programa os professores efetivos e colaboradores, que estejam em atividade em sala de aula, administração acadêmica, pós-graduação e estágios autorizados pela UEMA, bem como discentes e servidores administrativos em atividades na UEMA. (§) As normas complementares serão estabelecidas pela Secretaria de Apoio e apresentadas pela Coordenação do Programa. Acompanhamento e Avaliação do Programa. O acompanhamento será feito através de Relatórios Setoriais mensais, de responsabilidade dos coordenadores, devendo os mesmos encaminhar os referidos documentos à Secretaria de Apoio nos prazos por esta estabelecidos. Remuneração. Os trabalhos desenvolvidos serão remunerados conforme Plano Aprovado pela Comissão de Coordenação, não devendo ultrapassar

os limites estabelecidos nos ... deste documento. Recursos. Será criado um Fundo Financeiro destinado a receber os recursos gerados pelo Programa, além de outros a ele destinados. (§) O referido fundo terá a sua regulamentação elaborada pela Secretaria de Apoio e aprovada pela Coordenação do Programa.

**TABELA DE PAGAMENTO**  
**1 – CARGOS COMISSIONADOS**

CARGOS	REMUNERAÇÃO
Reitor	20.589,00
Vice-Reitor	19.325,27
Pró-Reitor	18.117,44

**2 – CARGOS COMISSIONADOS E FUNÇÕES GRATIFICADAS**

CARGOS	GRATIFICAÇÕES
Procurador Chefe	6.876,00
Chefe de Gabinete	6.876,00
Coordenador de Unidade	6.112,00
Prefeito de Campus	6.112,00
Assessor Técnico	5.348,00
Secretário de Órgãos colegiados	5.348,00
Chefe de departamento	5.348,00
Diretor de Divisão	4.548,00
Assistente	3.820,00
Secretária	3.056,00
Chefe de Tesouraria	2.292,00

DEDUZIDOS (Vencimento + Representação)

**3 - SERVIDORES**

NÍVEIS	VLR EM CZ\$
Nível Superior	15.019,00
Técnico Administrativo e de Serviços	10.165,44

**4 – DOCENTE DE ENSINO SUPERIOR**

CLASSE	NÍVEL	SALÁRIOS			
		PARCIAL		INTEGRAL	DEDICAÇÃO EXCLUSIVA
		12 HS	20 HS		
TITULAR	ÚNICO	4.237,06	7.061,77	14.123,58	17.654,45
ADJUNTO	04	3.787,67	6.312,79	12.625,58	15.782,00
	03	3.652,18	6.086,97	12.173,94	15.217,44
	02	3.521,53	5.056,97	11.738,46	14.673,07
	01	3.395,55	5.659,26	11.318,52	14.148,17
ASSISTENTE	04	3.274,00	5.456,82	10.913,94	13.642,07
	03	3.140,34	5.233,90	10.467,80	13.084,76
	02	3.012,00	5.020,09	10.040,18	12.550,24
	01	2.889,00	4.815,01	9.630,02	12.037,55
AUXILIAR	04	2.770,98	4.618,31	9.236,62	11.545,81
	03	2.639,01	4.398,39	8.796,78	10.996,00
	02	2.513,37	4.188,95	8.377,90	10.472,39
	01	2.393,88	3.989,47	7.978,94	9.973,69

DEDUZIDO: SALÁRIO

## **ANEXO 6 – REGULAMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE APOIO À EDUCAÇÃO SUPERIOR DO MARANHÃO.**

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO.**

#### **RESOLUÇÃO Nº 001/86-CAPES-UEMA.**

Regulamenta a participação dos professores, servidores e estudantes, no Programa de Apoio à Educação Superior no Estado do Maranhão. São Luis, 26 de agosto de 1986.

O Presidente da comissão de Coordenação do Programa de Apoio à Educação Superior do Estado do Maranhão, no uso de suas atribuições legais,

#### **RESOLVE:**

Art. 1º - A participação dos Professores, Servidores e Estudantes desta Universidade é voluntária e regida pela presente resolução.

Art. 2º - Fica estabelecido que a participação dos Professores, Servidores e Estudantes no Programa, dar-se-á mediante as seguintes normas:

I – Os Professores de 40 (quarenta) horas e de dedicação Exclusiva, serão obrigados a cumprir jornada de trabalho de 08 (oito) horas diárias em dois turnos.

II – Os Professores de 20 (vinte) horas terão que cumprir jornada de trabalho diária de 04 (quatro) horas, em um único turno.

III – Os Professores de 12 (doze) horas terão que cumprir 12 (doze) horas semanais de trabalho na Instituição.

IV – Os Servidores terão que cumprir jornada de trabalho de 08 (oito) horas diárias, dividida em 02 (dois) turnos de 04 (quatro) horas, havendo escala de serviços para aqueles que trabalhem aos sábados, sendo-lhes assegurada a respectiva compensação.

V – A inclusão dos professores, técnicos de nível superior e Estudantes no programa, dar-se-á mediante a participação em Projetos de pesquisa e extensão, aprovados pelo Departamento em que estivessem lotados os professores, os quais deverão ser encaminhados pela Comissão de Coordenação do Programa.

VI – A participação dos Estudantes dar-se-á mediante a concessão de bolsas de trabalho remunerado, com jornada de trabalho de 04 (quatro) horas diárias, dedicados voluntariamente ao Programa.

VII – Os ocupantes de cargos em comissão – função gratificada – professores de dedicação exclusiva, deverão independentemente de sua jornada diária de trabalho regular, estar disponíveis para eventuais necessidades da Instituição...

Art. 3º - A falta de dedicação aos trabalhos do Programa, bem como as faltas e atrasos consecutivos dos servidores, professores e estudantes, serão apurados pelos Chefes de Departamentos ou pelos Coordenadores Setoriais, e seu afastamento será determinado pela Comissão de Coordenação. Art. 4º Os projetos serão apresentados em modelos da Universidade e a sua execução depende da autorização da Comissão de Coordenação.

Art. 5º - Para efeito de pagamento, será conferido o tempo de elaboração dos projetos, não podendo exceder de 05 (cinco) dias, desde que sejam os mesmos aprovados.

Art. 6º Os projetos para efeito de aprovação, serão examinados pela Comissão de Coordenação, nas sextas feiras, ÀS 10:00 (DEZ) HORAS DEVENDO CADA Coordenador Setorial encaminhá-los à secretaria de Apoio em 48 (quarenta e oito) horas de antecedência.

Art. 7º - A Comissão de Coordenação poderá determinar a criação de grupos especiais de trabalho para atividades fora das atribuições das Unidades, desde que estejam nos objetivos do Programa.

Art. 8º - O não comparecimento dos professores, servidores e alunos, implica automaticamente em desconto nos valores estabelecidos para pagamento, não sendo permitido aos Chefes de Departamento e Coordenador Setorial abonar ausências.

PARÁGRAFO ÚNICO – Os descontos serão calculados à razão de 1/30 (um trinta avos) por dia de trabalho, sendo que a falta de 02 (dois) dias por semana implica na perda de 01 (um) dia de repouso remunerado e a partir de 03 (três) dias de falta, serão descontados 02 (dois) dias do referido repouso remunerado. Art. 9º - Os professores que atrasarem carga horária em sala de aula ou as informações de controle acadêmico, serão afastados do programa.

Art. 10 – Os servidores e professores à disposição de outros órgãos da Administração Pública Federal, Estadual ou Municipal não poderão participar do Programa.

Art. 11 – As dúvidas e/ou omissões decorrentes da aplicação da presente Resolução, serão de competência da Comissão de Coordenação.

COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DE APOIO À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO ESTADO DO MARANHÃO em São Luís, 26 de agosto de 1986.  
Prof. JACQUES INANDY MEDEIROS. Presidente.

#### EQUIVALÊNCIA DE PROVENTOS DE DOCENTES NA UEMA EM 1986

	Vencimen to em Cz\$	Venciment o em US\$	Equivalên cia em R\$	Equivalênci a em SM <sup>584</sup>	Equivalênci a em SM atual <sup>585</sup>
Auxiliar 1	957,00	69,14	117,53	1,19	0,23
Assistente	1.092,00	78,90	134,13	1,35	0,26
1	1.310,00	94,65	160,90	1,62	0,31
Adjunto 1	1.532,00	110,69	188,17	1,90	0,36
Titular 1					

Quadro \_\_\_\_: Equivalência de proventos de professores com 40 horas de trabalho na UEMA em 1986. MAS CONVERTIDO EM CRUZADO DE AGOSTO DE 1986.

FONTE: Relatório pró-federalização.

<sup>584</sup> SM = Salário Mínimo, de maio de 1985.

<sup>585</sup> Ano de 2010.

**COMPARATIVO DE PROVENTOS DE DOCENTES NA UEMA E NA UFPA<sup>586</sup>  
EM 1985**

	Vencimen to em Cr\$	Vencimen to em US\$	Equivalên cia em R\$	Equivalênci a em SM <sup>587</sup>	Equivalênci a em SM atual <sup>588</sup>
<b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO</b>					
Auxiliar A	957.442,0	184,12	313,00	2,87	0,61
Assistente	0	210,14	357,23	3,28	0,70
A	1.092.760,	251,98	428,36	3,93	0,83
Adjunto A	00	294,78	501,12	4,60	0,98
Titular A	1.310.323,				
	00				
	1.532.895,				
	00				
<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ</b>					
Auxiliar A	1.157.162,	222,53	378,30	3,47	0,74
Assistente	1.569.758,	301,87	513,17	4,71	1,00
A	2.137.802,	411,11	698,88	6,41	1,37
Adjunto A	2.772.308,	533,13	906,32	8,32	1,77
Titular A					

Quadro \_\_\_\_: Comparação de proventos de professores com 40 horas de trabalho na UEMA e na UFPA, em 1985.

FONTE: Relatório pró-federalização.

<sup>586</sup> Não se comparou a remuneração com a UFMA, por se tratar de uma Fundação, cujos ganhos atuais também estão gerando descontentamento e que serão majorados de 58% a partir de 1º de setembro de 85.

<sup>587</sup> SM = Salário Mínimo, de maio de 1985.

<sup>588</sup> Ano de 2010.

**ANEXO 7 – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS (1968-2002): a interiorização do ensino superior no Maranhão.

**Pesquisador responsável:** Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da Educação/Programa de Pós-graduação em Educação.

**Telefone para contato:** (86) 32220061/32219187

**Local da coleta de dados:** Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão – Caxias-MA.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos sujeitos cujos dados serão coletados em entrevista. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima ou não, conforme autorização do entrevistado, e serão mantidas no Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão – CESC/UEMA, por um período indeterminado sob a responsabilidade do seu Núcleo de Pesquisa em História da Educação.

Teresina, 09 de abril de 2010

---

Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes – C.I. 836931 - PI

## ANEXO 08 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS (1968-2002): a interiorização do ensino superior no Maranhão.

**Pesquisador responsável:** Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes

Instituição/Departamento: Centro de Ciências da Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação

**Telefone para contato (inclusive a cobrar):** 99 3521-3489

**Pesquisadores participantes:** Roldão Ribeiro Barbosa (mestrando)

**Telefones para contato:** 99 35213489

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser **esclarecido(a)** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

\_ **Descrição da pesquisa:** a pesquisa que realizei é intitulada “História e memória do Centro de Estudos Superiores de Caxias (1968-2010), a qual será apresentada na forma de dissertação no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí.

\_ **Objetivo da pesquisa:** é o de reconstituir a história do CESC/UEMA a partir das visões dos quatro segmentos da comunidade universitária (funcionários, alunos, professores e diretores), tendo por base fontes escritas (documentos institucionais, leis, discursos, manifestos, jornais, panfletos, placas comemorativas e de formatura, etc.), imagéticas (fotografias e plantas), monumentos (prédios, estrutura interna) e, sobretudo, orais (entrevistas).

\_ **Detalhamento dos procedimentos:** os dados de sua entrevista, que serão, portanto, utilizados nessa tarefa acadêmica, farão parte do acervo documental do CESC/UEMA, podendo ser consultados a qualquer tempo por quem tiver interesse. Você será entrevistado sobre o que sabe, o que viu ou ouviu do Centro de Estudos Superiores de Caxias no período pertinente à atuação que você teve nessa instituição relativo ao recorte temporal da pesquisa que é de 1968 a 2002. A entrevista será gravada e o que você disser será registrado para posterior estudo, em vista da reconstituição da História do Centro de Estudos Superiores de Caxias.

\_ **Especificação dos riscos, prejuízos, desconforto, lesões que podem ser provocados pela pesquisa, formas de indenização, ressarcimento de despesas:** como se trata de uma pesquisa em história oral, sua fala é um testemunho vivo direto ou indireto dos acontecimentos em um determinado tempo pertinentes à instituição, então você terá sempre um compromisso com a verdade, embora essa seja relativa e passível de ser contestada, inclusive em juízo, podendo advir daí processos impetrados por quem de direito. Por isso, você pode optar pelo

anonimato, se não estiver com disposição para sofrer ou provocar algum desconforto da parte de quem quer que seja. Mas você poderá retirar o anonimato daqueles dados que você julgar fora de risco, inclusive dizendo durante a gravação: “aqui pode citar meu nome e ali não”.

\_ **Descrever os benefícios decorrentes da participação na pesquisa:** Não há benefício direto dessa pesquisa para você, mas a comunidade será beneficiada, pois a pesquisa histórica ajuda produzir conhecimentos fortalecedores da identidade da instituição, bem como subsidia na elaboração das políticas da própria instituição e das políticas públicas.

\_ **Garantia de acesso:** em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, podendo telefonar para o telefone referido acima, inclusive a cobrar.

\_ **Garantia de sigilo:** *Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, caso você decida pelo anonimato na citação de dados. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, representantes do patrocinador (quando presente) Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo).*

\_ **Esclarecimento do período de participação, término, direito de retirar o consentimento a qualquer tempo.** Como se trata de uma pesquisa em história, os dados oferecidos à pesquisa em sua entrevista não serão destruídos após a pesquisa, mas farão parte do acervo documental do Centro de Estudos Superiores de Caxias, porém você pode determinar quanto tempo após a entrevista o áudio e sua transcrição poderão ser consultados por pelo público em geral. Mas esse consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo.

### **Consentimento da participação da pessoa como sujeito**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/ CPF/ n.º \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo da **reconstituição da história do Centro de Estudos Superiores de Caxias**, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS (1968-2002).” Eu discuti com o pesquisador Roldão Ribeiro Barbosa, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Local \_\_\_\_\_ e data \_\_/\_\_/2011. Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar**

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

(Somente para o pesquisador responsável pelo contato e tomada do TCLE)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Teresina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

-----  
Assinatura do pesquisador responsável

**Observações complementares**

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga - Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI

tel.: (86) 3215-5734 - email: [cep.ufpi@ufpi.br](mailto:cep.ufpi@ufpi.br) web: [www.ufpi.br/cep](http://www.ufpi.br/cep)

**ANEXO 09 - DECLARAÇÃO DE CESSÃO****UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PROJETO DE PESQUISA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS (1968-2010).

PESQUISADOR: ROLDÃO RIBEIRO BARBOSA (MESTRANDO)  
ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO DE PÁDUA CARVALHO LOPES

**DECLARAÇÃO DE CESSÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, R. G. nº \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista, para que ROLDÃO RIBEIRO BARBOSA possa usá-la integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data.

Caxias - MA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Entrevistado(a)